



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

ADRIELMA SILVEIRA FORTUNA DOS SANTOS

**DAS RUAS ÀS ORGANIZAÇÕES: EMERGÊNCIA E CONSOLIDAÇÃO
DA MILITÂNCIA À DIREITA EM SERGIPE**

São Cristóvão/SE

2020

ADRIELMA SILVEIRA FORTUNA DOS SANTOS

**DAS RUAS ÀS ORGANIZAÇÕES: EMERGÊNCIA E CONSOLIDAÇÃO
DA MILITÂNCIA À DIREITA EM SERGIPE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Sergipe, sob orientação da Prof. Dr. Wilson José Ferreira de Oliveira, como requisito final para a aprovação e obtenção do título de Doutora em Sociologia.

São Cristóvão/SE

2020

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237d Santos, Adrielma Silveira Fortuna dos
Das ruas às organizações : emergência e consolidação da militância à direita em Sergipe / Adrielma Silveira Fortuna dos Santos ; orientador Wilson José Ferreira de Oliveira. – São Cristóvão, SE, 2020.
302 f. ; il.

Tese (doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2020.

1. Sociologia. 2. Estrutura social. 3. Grupos sociais. 4. Participação política - Sergipe. 5. Direita e esquerda (Ciência política). I. Oliveira, Wilson José Ferreira de, orient. II. Título.

CDU 316.354:329(813.7)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wilson José Ferreira de Oliveira (PPGS/UFS – orientador e presidente)

Prof. Dr. Paulo Sérgio da Costa Neves (PPGS/UFS – examinador interno)

Prof. Dr. Marco Aurélio Dias de Souza (PPGS/UFS – examinado interno)

Prof. Dr. Marcelo Kunrath da Silva (PPGS/UFRGS – examinador externo)

Prof.^a Dr.^a Leticia Maria Costa da Nóbrega Cesarino (PPGA/UFSC – examinadora externa)

À minha mãe Júlia, que me socorre sempre que preciso. Ao meu pai Antônio, pelo carinho de sempre. E a todas as pesquisadoras, em especial àquelas que são mães.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Sergipe e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, pela oportunidade de realização do curso de doutorado e pela assistência durante todo o curso. A dedicação integral à realização deste trabalho não seria possível sem a bolsa de estudos, concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), para a manutenção do curso. Agradeço ainda pela continuidade da bolsa durante o período de licença maternidade, algo que foi de suma importância para a finalização deste trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Wilson J. F. de Oliveira, por tantos anos de orientação. Por ter acreditado em mim e nas minhas ideias desde os tempos de Pibic, durante a graduação. Sempre serei grata pelo convite que me fez para integrar o Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP), quando eu ainda estava no segundo período do curso de Ciências Sociais na UFS.

Aos militantes, lideranças e apoiadores de alguns movimentos sociais aqui analisados, que desde 2014 dialogam comigo e facilitaram minha entrada no campo. Sem eles, esta pesquisa teria tomado outros caminhos. Agradeço a todos eles que narraram suas histórias, suas visões de mundo, suas experiências, e que com isso pude me tornar uma pessoa mais tolerante, flexível e uma pesquisadora melhor diante do contraditório.

Ao meu esposo Adysson Fortuna, por ter me incentivado a estudar movimentos sociais à direita. Pelo amor, carinho, companheirismo e paciência que teve diante das minhas ausências.

Ao meu anjinho, André Vinícius, que, com um sorriso e uma enorme dependência de mim, me ensinou a ter calma diante da ansiedade, desespero e inquietação que a escrita deste trabalho proporcionou.

À minha querida amiga Pâmella Synthia, que sempre esteve ao meu lado, desde a graduação. Pela leitura, discussões e indicações de leituras durante a construção desta tese. Por ter me ouvido sempre que precisei falar.

Agradeço aos meus colegas do Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP), especialmente à Jonatha Vasconcellos pela amizade, pelas conversas, indicações de leituras e comentários feitos durante a escrita da tese.

Às minhas irmãs, pelo incentivo, carinho e respeito que sempre tiveram pela minha formação acadêmica.

Pesquisar ou conviver com uma determinada realidade não significa ser conivente com ela. (Parafraseando José Pinheiro Cortez, 1990).

RESUMO

Esta tese analisa o surgimento de movimentos sociais à direita e a organização de eventos de protestos por estes no estado de Sergipe, no período entre 2014 e 2019. Ela contribui com uma discussão mais abrangente que foca nos movimentos sociais e em suas dinâmicas de organização e atuação como sendo um ponto de partida para investigar quem são os atores sociais que constroem esses movimentos, quais são suas redes sociais prévias, quais são as alianças, os conflitos e as estratégias utilizadas em diferentes arenas políticas. Desta forma, foram analisadas as lógicas de organização, de entrada e as formas de ação desses movimentos e atores à direita em torno de três arenas políticas principais: a rua, a universidade e as eleições. Assim, lançamos mão de conceitos e dimensões de análise que buscam dar conta de aspectos micro, meso e macrosociológicos que envolvem nosso objeto. Os procedimentos metodológicos consistiram: na etnografia dos eventos de protestos; no levantamento de informações acerca do surgimento dos movimentos sociais à direita e dos elementos que compõem um evento de protesto (local, atores, reivindicações, repertórios, etc.), tendo como fonte jornais eletrônicos, a observação participante e as mídias sociais de alguns movimentos sociais à direita específicos. Tal levantamento resultou na construção de um banco de dados com o registro de 140 eventos de protestos; na análise dos espaços de socialização, das redes sociais prévias, do perfil social, político e militante de 28 lideranças, por meio de entrevistas semiestruturadas. Com base nos resultados encontrados, a tese que defendemos é a de que o surgimento e consolidação dos movimentos sociais à direita em Sergipe entre 2014 e 2019 só foi possível devido à articulação de três fatores: um contexto político favorável, que oportunizou a entrada de novos atores na política institucional e na política associativa; recursos de comunicação de baixo custo e de alto alcance, em especial Facebook e WhatsApp, sendo que esses reduziram riscos do engajamento individual nos movimentos sociais e em eventos de protestos; por fim, a disposição biográfica e as redes de relações prévias, que permitiram a construção de uma identidade coletiva à direita e de um sentimento de pertencimento ao grupo, bem como contribuíram para criação e sustentabilidade dos primeiros movimentos. Os resultados demonstraram que o campo dos movimentos sociais à direita é caracterizado pela imbricação ideológica, pela pluralidade e fragmentação; que as redes sociais virtuais, redes de relações prévias de determinadas lideranças, bem como as redes de apoiadores e patrocinadores foram fundamentais tanto para a criação quanto para a sustentabilidade dos movimentos sociais à direita em Sergipe; os resultados indicaram que as manifestações de junho de 2013, as eleições de 2014, de 2016 e 2018, foram eventos que geraram oportunidades e condições objetivas e simbólicas para a organização dos movimentos sociais em questão. Deste modo, esperamos que nossa pesquisa tenha evidenciado as dinâmicas locais de atuação dos movimentos sociais analisados e que isso contribua para análises comparativas e para que outros pesquisadores tenham curiosidade e interesse pelo tema que ainda carece de estudos.

Palavras-chave: Movimentos sociais de direita. Eventos de protestos. Engajamento individual. Atuação militante.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the arising of right-wing social movements and the organization of protests event by them in the Sergipe state, between 2014 and 2019. It contributes with a more comprehensive discussion that focuses on social movements and their dynamics of organization and performance as being a starting point to investigate who are the social actors that build these movements, what are your previous social networks, what are the alliances, the conflicts and the strategies uses in different political field. Thus, the logics of organization, entry and the action ways that these movements and the actors on the right-wing around the three main political field were analyzed: the street, the university and the elections. Consequently, making use of concepts and analyses that seek to account for macro, meso and micro sociological aspects that involves our main theme. The methodological procedures consisted on: the ethnography of protests events; in the survey of information regarding the appearance of the right-wing social movements and its elements that forms the protest event (place, actors, complaints, repertoires, etc.), using as source electronic newspapers, the participant observations and the social media of some persons from specific right-wing social movements. This survey resulted in the construction of a database with the register of 140 protests events; the analyses of the socialization spaces, the previous social networks, the social, political, and activist profile of 28 leaderships, through semi-structured interviews. Based on the results that were found, the dissertation we stand by is that the emergence and consolidation of the right-wing social movements in Sergipe between 2014 and 2019 it was only possible due to the articulation of three factors: a favorable political context, which gave the opportunity for the entrance of new actors in the institutional and associative politics; communication resources of lower-costs and long-range, specially Facebook and WhatsApp, which reduced the risks of individual engagement in the social movements and protests events; finally, the biographical disposition and previous relations network, that allowed the construction of a right-wing collective identity and a feeling of belonging to the group, as well as it contributed to the creation and sustainability of the first movements. The results showed that the field of right-wing movements it is characterized by the ideological overlap, by the plurality and fragmentation; that the virtual social networks, networks previous relationships of certain leaderships, as well as the supporters and sponsors network were fundamental for both creation and sustainability of the right-wing movements in Sergipe; the results indicated that the demonstrations of June 2013, the 2014, 2016 and 2018 elections, were events which generated opportunities, objective and symbolic conditions for the organization of those social movements in question. In that way, we hope our research has evidenced the local dynamics of performance of the social movements analyzed and this contributes to comparative analysis and so that other researchers have curiosity and interest in the theme still to be studied.

Keywords: Right-wing social movements. Protests events. Individual engagement. Activists activity.

RÉSUMÉ

Cette thèse analyse l'émergence des mouvements sociaux de droite et l'organisation d'événements de protestation par ceux-ci dans l'État de Sergipe au cours de la période 2014-2019. Elle contribue à une discussion plus complète qui se concentre sur les mouvements sociaux et leurs dynamiques d'organisation et d'action comme point de départ pour enquêter sur les acteurs sociaux qui construisent ces mouvements, sur leurs réseaux sociaux antérieurs, sur les alliances, les conflits et les stratégies utilisées dans les différentes arènes politiques. De cette façon, les logiques d'organisation, d'entrée et les formes d'action de ces mouvements et de ces acteurs de droite ont été analysées autour de trois grands espaces politiques : la rue, l'université et les élections. Ainsi, nous avons utilisé des concepts et des dimensions d'analyse qui cherchent à prendre en compte les aspects micro, méso et macro sociologiques qui impliquent notre objet. Les procédures méthodologiques consistaient en : l'ethnographie des événements de protestation ; la collecte d'informations sur l'apparition des mouvements sociaux de droite et les éléments qui composent un événement de protestation (local, acteurs, revendications, répertoires, etc.), en utilisant comme source les journaux électroniques, l'observation des participants et les médias sociaux de certains mouvements sociaux de droite spécifiques. Cette enquête a abouti à la construction d'une base de données avec l'enregistrement de 140 événements de protestation ; à l'analyse des espaces de socialisation, des réseaux sociaux antérieurs, du profil social, politique et militant de 28 dirigeants par le biais d'entretiens semi-structurés. Sur la base des résultats obtenus, la thèse que nous défendons est celle où l'apparition et la consolidation des mouvements sociaux de droite à Sergipe, entre 2014 et 2019, n'ont été possibles que grâce à l'articulation de trois facteurs : un contexte politique favorable, qui a permis à de nouveaux acteurs d'entrer dans la politique institutionnelle et associative ; des moyens de communication peu coûteux et de grande envergure, notamment Facebook et WhatsApp, qui ont réduit les risques d'engagement individuel dans les mouvements sociaux et les manifestations de protestation ; enfin, la disposition biographique et les réseaux de relations antérieurs, qui ont permis la construction d'une identité collective de droite et d'un sentiment d'appartenance au groupe, et qui ont contribué à la création et à la durabilité des premiers mouvements. Les résultats ont montré que le domaine des mouvements sociaux de droite est caractérisé par l'imbrication idéologique, la pluralité et la fragmentation ; que les réseaux sociaux virtuels, les réseaux de relations préalables de certains dirigeants, ainsi que les réseaux de sympathisants et de sponsors étaient fondamentaux pour la création et la durabilité des mouvements sociaux de droite à Sergipe ; les résultats ont indiqué que les manifestations de juin 2013, les élections de 2014, 2016 et 2018, étaient des événements qui ont généré des opportunités et des conditions objectives et symboliques pour l'organisation des mouvements sociaux en question. Ainsi, nous espérons que notre recherche a mis en évidence les dynamiques locales des mouvements sociaux analysés et que cela contribuera aux analyses comparatives et à la curiosité et à l'intérêt d'autres chercheurs pour le sujet qui reste à étudier.

Mots-clés: Mouvements sociaux de droite. Événements de protestation. Engagement individuel. Action militante.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quadro relativo aos campos semânticos	62
Figura 2 – Publicação do Liberte-se UFS, 2015	99
Figura 3 – Cartaz de Mesa-Redonda do Liberte-se UFS	101
Figura 4 – Publicação do Liberte-se UFS, Ação Desocupa	102
Figura 5 – Mapa mental de redes de relações da JLS	107
Figura 6 – Movimento Basta (2011)	110
Figura 7 – Movimento Basta (2012)	111
Figura 8 – Mural do Movimento Basta (2015)	113
Figura 9 – Gráfico de Seguidores da página do Movimento Conservador (2016)	136
Figura 10 – Gráfico de fãs da página do Movimento Conservador (out. a dez. 2017)	137
Figura 11 – Gráfico de dados da página do Movimento Conservador (out. a dez. 2017)	138
Figura 12 – Lista de origem dos seguidores da página Movimento Conservador (out. a dez. 2017)	139
Figura 13 – Publicação impulsionada pela página do Movimento Conservador	140
Figura 14 – Gráfico de Seguidores da página do Movimento Liberal-Conservador (2016)	141
Figura 15 – Gráfico de Seguidores da página do Movimento Liberal-Conservador (2017)	142
Figura 16 – Gráfico de dados da página do Movimento Liberal-Conservador (2017)	143
Figura 17 – Lista de origem dos seguidores da página do Movimento Liberal-Conservador (2017)	144
Figura 18 – Publicações impulsionadas pela página do Movimento Liberal-Conservador (2017)	145
Figura 19 – Mapa da espacialização dos eventos de protestos por município sergipano	155
Figura 20 – Mapa da espacialização dos eventos de protestos por bairro do município de Aracaju	158
Figura 21 – Boneco Pixuleco	179
Figura 22 – Publicação na página do MBL Sergipe	180
Figura 23 – Mesa-redonda à direita na UFS (01/04/2016)	183
Figura 24 – Público da Mesa-redonda à direita na UFS (01/04/2016)	183
Figura 25 – Confusão durante a Mesa-redonda à direita na UFS (01/04/2016)	184
Figura 26 – Cartaz Liberty Open 2019	189
Figura 27 – Rede de relações entre as lideranças	263

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ano de surgimento e posicionamento-causa	88
Gráfico 2 – Sexo e cidade das lideranças entrevistadas	220
Gráfico 3 – Idade e estado civil das lideranças entrevistadas	222
Gráfico 4 – Curso superior e IES das lideranças entrevistadas	224
Gráfico 5 – Escolaridade e profissão das lideranças entrevistadas	225
Gráfico 6 – Religião e campo ideológico das lideranças entrevistadas	227
Gráfico 7 – Função e vínculo militante das lideranças entrevistadas	227
Gráfico 8 – Participação nas manifestações de junho de 2013	229
Gráfico 9 – Participação em manifestações 2015-2016	230
Gráfico 10 – Participação em manifestações (2017-2018)	232

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conservadorismo da extrema direita na Europa e no Brasil	40
Quadro 2 – Movimentos nacionais e influenciadores	61
Quadro 3 – Movimentos sociais à direita em Sergipe	86
Quadro 4 – Posicionamento político-ideológico da JLS	104
Quadro 5 – Pautas dos movimentos anticorrupção (2014-2019)	120
Quadro 6 – Pautas do Movimento Direita Sergipana	125
Quadro 7 – Militantes/Apoiadores candidatos nas eleições de 2016	195
Quadro 8 – Militantes/Apoiadores candidatos nas eleições de 2018	196

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Eventos de Protestos por ano e cidades	156
Tabela 2 – Eventos de protestos em Aracaju por ano e bairro	160
Tabela 3 – Atores promotores	162
Tabela 4 – Repertório de ação coletiva por ano	164
Tabela 5 – Objeto de reivindicação por ano	167

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	24
ENTRADA NO CAMPO, PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ESTRUTURA DA TESE.....	27
CAPÍTULO 1 – AS BASES CONSERVADORAS DO SISTEMA POLÍTICO BRASILEIRO, JUNHO DE 2013 E AS DIREITAS COMO OBJETO DE ESTUDO.....	33
1.1 – DINÂMICA À DIREITA: ALIANÇAS, CONCILIAÇÃO E COALIZÕES NO SISTEMA POLÍTICO BRASILEIRO.....	34
1.2 – CONSERVADORISMO EM MOVIMENTO: AS BASES RECENTES PARA A AVANÇADA À DIREITA.....	58
1.3 – MOSAICO TEÓRICO: ARTICULANDO O NÍVEL MICRO, MESO E MACRO PARA O ESTUDO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS À DIREITA.....	70
CAPÍTULO 2 – “VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO”: SURGIMENTO, FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E USO DA INTERNET NOS MOVIMENTOS SOCIAIS À DIREITA.....	79
2.1 – MOVIMENTOS ESTUDANTIS À DIREITA: A UNIVERSIDADE COMO ARENA POLÍTICA.....	92
2.2 – MOVIMENTOS ANTICORRUPÇÃO E O ANTIPESTIMO COMO DISCURSO UNIFICADOR.....	108
2.3 – MOVIMENTOS BOLSONARISTAS E LIBERAIS-CONSERVADORES.....	121
2.4 – “A ÚNICA SALVAÇÃO PRA GENTE”: A INTERNET COMO RECURSO ORGANIZACIONAL.....	131
CAPÍTULO 3 – EVENTOS DE PROTESTOS, CAUSAS, REPERTÓRIOS DE AÇÃO E ELEIÇÕES.....	150
3.1 – CENÁRIO GERAL DOS EVENTOS DE PROTESTOS À DIREITA EM SERGIPE.....	154
3.2 – REPERTÓRIOS DE AÇÃO COLETIVA, REIVINDICAÇÃO E ATORES PROMOTORES.....	161

3.3 – OBSERVANDO EVENTOS DE PROTESTOS: RECURSOS, SIMBOLISMOS, SOLIDARIEDADE E EMOÇÕES.....	170
3.4 – DOS EVENTOS DE PROTESTOS ÀS ELEIÇÕES DE 2016 E 2018.....	192

CAPÍTULO 4 – “NÃO SOU MILITANTE, SOU ATIVISTA”: ENGAJAMENTO INDIVIDUAL, ATUAÇÃO MILITANTE E IDENTIDADE.....205

4.1 – ENGAJAMENTO INDIVIDUAL, CARREIRA E REDES SOCIAIS NA ANÁLISE DO MILITANTISMO.....	206
4.2 – DADOS BIOGRÁFICOS E MILITANTES: QUEM SÃO AS LIDERANÇAS À DIREITA?.....	219
4.3 – “DESPERTAR PARA A POLÍTICA”.....	235
4.3.1 – Os Puristas.....	236
4.3.2 – Os Híbridos.....	241
4.3.3 – Os Apoiadores.....	254
4.3.4 – Os Patrocinadores.....	257
4.4 – “VAMOS ENDIREITAR SERGIPE”: REDES DE RELAÇÕES E IDENTIDADE MILITANTE.....	261

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....276

REFERÊNCIAS.....283

ANEXOS297

APÊNDICES.....298

INTRODUÇÃO

A tese defendida neste trabalho é a de que o surgimento e consolidação dos movimentos sociais à direita em Sergipe só foi possível devido à congruência de três fatores: contexto político favorável, que oportunizou a entrada de novos atores na política institucional e na política associativa; recursos de comunicação de baixo custo e de alto alcance, em especial Facebook e WhastApp, estes meios reduziram riscos do engajamento individual em movimentos sociais e em eventos de protestos; por fim, a disposição biográfica e as redes sociais prévias dos atores, que permitiram a construção de uma identidade coletiva à direita e de um sentimento de pertencimento ao grupo, bem como contribuíram para a criação e sustentabilidade dos primeiros movimentos.

Desta maneira, vamos a partir de agora entender como chegamos até esta tese. Assim, o objeto desta pesquisa surgiu a partir de um conjunto de pesquisas realizadas entre 2011 e 2016 sobre movimentos sociais em Sergipe, especificamente sobre movimentos em defesa do transporte público e gratuito surgidos em 2003 e que tiveram seu auge com as manifestações de junho de 2013 e sobre movimentos estudantis universitários (SANTOS; OLIVEIRA, 2015a; SANTOS; OLIVEIRA, 2015b; SANTOS; OLIVEIRA; SANTOS, 2015). A primeira foi um trabalho monográfico sobre a emergência e as formas de representação do Movimento Não Pago, em Sergipe, entre os anos de 2000 e 2013; e a segunda, uma dissertação de mestrado sobre as transformações nas formas de organização e nas redes de sociabilidade do movimento estudantil universitário da Universidade Federal de Sergipe (UFS), entre os anos de 2000 e 2016. Tais pesquisas estão vinculadas a um conjunto de projetos desenvolvidos desde a Iniciação Científica no Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP), os quais buscaram examinar e mapear os protestos públicos ocorridos em Sergipe a partir da década de 1980, a emergência de movimentos sociais e o engajamento individual da juventude em diferentes espaços políticos. Tais estudos tiveram como objetivo apreender as transformações nas dinâmicas de mobilização e de organização nas redes sociais, e nas formas de participação política dos jovens sergipanos nas últimas décadas. (SANTOS; OLIVEIRA; SANTOS, 2015; SANTOS, 2016a, 2016b, 2016c; SANTOS, 2017). Em todas essas pesquisas era questionado quais eram os repertórios de ação utilizados pelos militantes, o que nos permitiu ter um registro substancial dos repertórios mais utilizados pelos movimentos sociais em Sergipe no período investigado, bem como verificar a atuação de movimentos autodeclarados de direita, liberal e/ou conservador no estado. Após a redemocratização, os primeiros registros encontrados da

atuação desses movimentos são aqueles que se vinculam ao movimento Juventude Conservadora de Sergipe (JCS), que surgiu em 2012 e atuava por meio de um *blog*, mas que ganhou expressividade nos anos seguintes, com as manifestações de junho de 2013 e os protestos *pró-impeachment* em 2015 e 2016.

É possível identificar uma carência de estudos nas Ciências Sociais sobre movimentos, militância e partidos de direita. Segundo Fretel (2011), que analisa os partidos políticos e a militância de direita na França, os estudos sobre esses atores ficam aquém dos estudos produzidos sobre os partidos e movimentos sociais de esquerda. Um dos desafios apontados por Fretel se relaciona com a ideia de que não há militância de direita. Isso é um equívoco para o autor, pois existe militância de direita, contudo ela tem características específicas, visto a sua formação ideológica, as trajetórias sociais dos seus militantes e a influência das instituições partidárias sobre suas formas de organização. Outro desafio apontado está restrito aos próprios interesses dos pesquisadores, que em grande parte simpatizam com os movimentos e partidos de esquerda e acabam analisando apenas eles. Deste modo, este estudo insere-se dentro de um conjunto de estudos recentes que buscaram analisar os movimentos sociais à direita e seus atores, a partir de um olhar etnográfico, priorizando metodologias qualitativas e conceitos que deem conta da identidade coletiva, das dinâmicas de organização, dos processos de socialização, etc. dos grupos estudados (BARBIERI, 2017, 2018; CORDEIRO, 2009; ROCHA, 2018, 2019; SALLES; FRANCH, 2017, 2019).

O objeto de estudo desta tese foi construído tendo como referência as pesquisas citadas anteriormente, que demonstraram uma relação entre os protestos de junho de 2013 e as manifestações *pró-impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff em 2015-2016, como ainda pesquisas nacionais e internacionais que apontam uma ausência de estudos, nas Ciências Sociais, mais sistemáticos sobre a militância à direita. Assim sendo, o objeto de estudo se constitui a partir da análise do surgimento de movimentos sociais à direita e da organização de eventos de protestos por esses movimentos em Sergipe, entre o período de 2014 e 2019. Para tanto, um conjunto de perguntas norteou nossa investigação e nossa entrada no campo, entre elas: há alguma relação entre os protestos ocorridos em 2015 e 2016 com aqueles ocorridos em junho de 2013? Quem eram os organizadores dos protestos pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff em Sergipe? Qual é a relação deles com a política partidária? Quais são suas formas de organização? Quais são as causas defendidas, seus referenciais ideológicos, seus engajamentos militantes e políticos prévios? Quais são os principais recursos utilizados? Qual o papel das mídias sociais na organização dos movimentos sociais à direita?

Esses questionamentos permitem iniciar uma investigação mais sistemática sobre como os movimentos aqui estudados fazem protesto, qual perfil biográfico das lideranças, quais seus múltiplos engajamentos, etc. Em Sergipe, assim como em outros estados, a manifestação que marca o início dos protestos pelo afastamento da ex-presidente Dilma Rousseff data de 15 de março de 2015, poucos meses depois da então presidente ter sido reeleita. Os dois movimentos que lideraram as manifestações em aproximadamente 20 estados foram o Movimento Brasil Livre e o Movimento Vem Pra Rua. O primeiro já havia feito uma manifestação no final de 2014 reivindicando liberdade de imprensa e mais investigação sobre a corrupção na Petrobrás. Esse mesmo movimento, nas eleições municipais de 2016, apoiou vários candidatos para os cargos de vereador e de prefeito, entre esses, nove conseguiram se eleger no cargo de vereador. Em Sergipe, a vereadora eleita que ganhou apoio do Movimento Brasil Livre (MBL) foi Emília Correia, do Partido Ecológico Nacional (PEN), a candidata já havia tentado se eleger em outras eleições pelo Partido Democratas (DEM).

Já o Movimento Vem Pra Rua inicialmente atuou praticamente em todas as manifestações ao lado do Movimento Brasil Livre, em 2016 os dois movimentos começam a organizar movimentos separadamente. Em relação às eleições 2016, o líder do Vem Pra Rua, Rogério Chequer, não divulgou no site do movimento e nem em entrevistas concedidas, os nomes dos ex-militantes do movimento que se candidataram e foram para a política. Apesar de o líder apoiar a transição dos ex-militantes para a política partidária, ele defende que o nome do movimento não deveria ser utilizado para propósitos partidários, por exemplo, durante a campanha eleitoral.

É possível, brevemente, perceber que o MBL e o Movimento Vem Pra Rua têm visões diferentes sobre a forma de se organizar em termos de movimento social. O primeiro tem uma política partidária mais acentuada, o que pode ser observável em seu site e nas filiações partidárias das suas lideranças. Já o segundo demonstra uma militância mais associativa, que tenta preservar a identidade de movimento social apartidário. Em Sergipe o MBL teve poucos aderentes, entre os movimentos nacionais que mais atuaram no período de 2015 a 2016 estavam principalmente os movimentos Vem Pra Rua, Muda Brasil e o Basta. Ao todo foram realizados 50 eventos de protestos naquele período, que incluíram manifestações de rua, mesas-redondas, debates, painéis, etc., promovidos também por outros movimentos locais. Assim sendo, questionamos: qual o tipo de relações estabelecidas entre esses movimentos em Sergipe? E mais, qual a dinâmica de organização estabelecida entre os movimentos locais e nacionais?

Quais são os conflitos, rupturas e dissidências que emergiram a partir desses três movimentos em Sergipe?

Em 2012 temos os primeiros registros virtuais da atuação da Juventude Conservadora de Sergipe, movimento que defende, entre outras pautas, a intervenção militar e a preservação da família nuclear. Já o ano de 2014 é marcado pelas eleições federais e também pela emergência de novos atores políticos e movimentos sociais, entre estes, destacou-se o movimento estudantil universitário Liberte-se UFS. Nesse mesmo ano, o movimento liberal intitulado Estudantes Pela Liberdade começa a se articular no estado a partir de reuniões e de eleições para coordenadores e líderes locais. Esses três movimentos, em 2015 e 2016, contribuíram para a construção de mesas-redondas e debates na UFS e na organização de manifestações de rua em bairros da Zona Sul da cidade de Aracaju. Tais eventos de protestos tiveram como pauta principal o impedimento da ex-presidente Dilma Rousseff, o combate à corrupção, o anticomunismo, o antilulismo e o antiesquerdismo. Nesse período de dois anos, emergiram vários movimentos de direita, conservadores e liberais no estado, entre esses os já citados Movimento Brasil Livre, Movimento Vem Pra Rua e Movimento Basta, e também o Movimento Brasil, Movimento Muda Brasil, Movimento Direita Sergipana, Juventude com Jair Bolsonaro, Juventude Livres, Movimento Ame ou Deixe o Brasil, Movimento Aliança Estudantil e Aliança dos Movimentos, Movimentos Anti-Dilma, etc.

É nesse contexto de emergência de atores políticos e de formas de organização, que o problema desta tese se constrói: qual a relação entre padrões de carreiras militantes, contexto político, eventos de protestos e a emergência de novas dinâmicas de organização no estado de Sergipe? Mais, precisamente, buscamos compreender os eventos de protestos, engajamentos, socializações e experiências que construíram as formas de atuação das lideranças estudadas; o peso das instituições partidárias e de outras organizações, como os *thinks tanks* liberais, na formação política-ideológica e organizacional dos movimentos sociais estudados; como se organizaram os eventos de protestos, observando seus símbolos, as mensagens transmitidas por meio deles, os discursos dos líderes, os elementos cognitivos como as músicas, as coreografias, as causas defendidas, os bastidores, suas motivações, etc.

Já em 2013 se observava a necessidade de estudar os novos atores à direita que estavam surgindo nas ruas, desta forma esta pesquisa se mostrou de suma importância, tanto em termos empíricos e sociais, quanto no que se refere às questões teórico-metodológicas no campo de estudo da Sociologia dos Movimentos Sociais e da Sociologia da Militância. Neste sentido, como já foi mencionado anteriormente, há uma necessidade, dentro daqueles campos de estudo,

de ter uma investigação mais sistemática que dê conta tanto dos aspectos estruturais, culturais e interacionais da emergência e consolidação dos movimentos sociais de direita, conservadores e liberais no Brasil a partir de 2013, quanto da análise da carreira, dos processos de socialização e engajamento individual e militante dos atores que estão engajados naqueles movimentos. Assim, observa-se tanto uma necessidade empírica de investigar quem são esses atores, quais suas experiências e história social, quais são suas demandas e seus referenciais ideológicos, políticos, etc., quanto uma urgência teórica na Ciência Social brasileira. Como já observado, há historicamente uma ausência de estudos na Sociologia dos Movimentos Sociais e da Ação Coletiva sobre a organização, as práticas, dinâmicas, repertórios de ação e perfil biográfico dos militantes e lideranças dos movimentos sociais aqui analisados.

A partir da redemocratização, houve um investimento em pesquisa sobre os movimentos temáticos surgidos na década de 80 e 90, as relações entre movimentos sociais e o Estado, os protestos desde 2003 em defesa da tarifa zero e do transporte público, contudo percebe-se a ausência de estudos sobre as mudanças nos movimentos estudantis universitários, entre essas mudanças as relacionadas à emergência de movimentos de direita, conservadores e liberais (SANTOS, 2016). Observa-se um crescente número de movimentos estudantis de direita ocupando centros acadêmicos, Diretórios Centrais dos Estudantes, bem como a formação de alianças e da atuação dos Estudantes Pela Liberdade em algumas universidades do país desde 2008. (GOBBI, 2016).

Essa ausência de estudos limita, por exemplo, a compreensão sobre as linhagens e iniciativas que marcam a origem desses movimentos com características de direita, conservadoras e liberais que aparecem na cena pública em 2013. Segundo Fretel (2011), como dito anteriormente, acerca dos partidos políticos e a militância de direita na França, os estudos sobre esses atores ficam aquém dos estudos produzidos sobre os partidos e movimentos sociais de esquerda. O autor defende que, ao estudar os partidos e movimentos sociais de direita, o olhar analítico deve ser diferenciado daquele que olhamos para os partidos e movimentos de esquerda. Para Fretel, ao estudar esses atores políticos devemos observar tanto seus múltiplos engajamentos políticos quanto os não políticos, por exemplo, as inserções em grupos religiosos. Além disso, deve-se observar aquilo que Bourdieu (1994) chama atenção, “o interesse no desinteresse” dos militantes ao afirmar que nada estão ganhando para estarem ali, que fazem por amor e por um país melhor, etc. Neste sentido, uma das contribuições desta pesquisa e que por isso também se justifica é a de fornecer uma análise empírica e teórica sobre esses movimentos pouco estudados tanto pela literatura nacional quanto internacional.

Neste sentido, esta tese contribui para o avanço teórico e metodológico na compreensão de como os próprios movimentos estudados interpretam suas ações e como a mídia televisada e os movimentos de oposição os interpretam, de como as instituições de socialização influenciam na forma que o movimento será organizado, de como transformações nas maneiras de agir coletivamente dos atores e nos recursos humanos, financeiros e de infraestrutura utilizados por eles implicam na emergência de novas dinâmicas e quadros de ação coletiva. Assim, busca-se analisar de forma combinada o nível macrológico para investigar oportunidades políticas a partir de mudanças no contexto político, nos recursos já citados e nos recursos organizacionais; o nível micrológico para investigar as interações e redes sociais dos atores, além dos quadros de interpretação a partir de uma perspectiva interacionista; e, por fim, o nível mesológico para compreender o papel das organizações nos movimentos sociais e nos protestos, como também analisar a interação entre as lideranças dos movimentos e das organizações.

De posse do conjunto de dados de pesquisas anteriormente citadas e das questões que surgiram a partir deles sobre a atuação de movimentos mais “à esquerda” e da ausência de movimentos mais “à direita”, o que ficou claro, no caso de Sergipe, é que as ondas de protestos ocorridas nos últimos seis anos contra o governo do PT foram organizadas e mobilizadas por atores com diferentes níveis de engajamento político partidário e associativo. Alguns autores afirmam que as manifestações de junho de 2013 promoveram uma abertura política para que emergissem novos atores políticos na cena pública (MATTOS, 2016; MELO, 2016). Aqui, compreendemos “novos” no sentido de que até então, na última década, não havia movimentos autodeclarados de direita, conservadores e liberais organizando eventos de protestos por todo o Brasil. Em Sergipe, entre 2014 e 2019, registramos 140 eventos de protestos organizados por movimentos sociais autodeclarados de direita, conservadores ou liberais. Com base em pesquisas desenvolvidas no LEPP, e da dissertação de mestrado, já citadas, não foram encontrados registros sobre movimentos sociais e manifestações de rua organizadas por este tipo de movimentos no estado. Os registros encontrados sobre atuação de organizações de direita se referem ao período do regime civil-militar e a partir de 2012, com a Juventude Conservadora de Sergipe. Neste sentido, buscamos investigar as transformações nas dinâmicas, nas práticas e repertórios de ação, mobilizados por esses movimentos que emergem na cena pública do estado principalmente a partir de 2013, mas que passam a disputar arenas políticas e se destacar na cena pública a partir do final de 2014.

Segundo Tatagiba (2014), diferentemente das “Diretas Já” e do “Fora Collor”, os manifestantes dos protestos de junho de 2013 não queriam participar politicamente por meio das instituições mediadoras. Exemplo disso é a lógica de cada manifestante levar o seu próprio cartaz, com a sua reivindicação individual ou coletiva (SINGER, 2013). Contudo, isso não elimina a interação desses militantes nos “bastidores” com as instituições e os agentes mediadores. As diversificações e as mudanças com relação aos ciclos anteriores podem ser observadas nos repertórios de interação, de mobilização e de organização utilizados pelos atores envolvidos nos protestos. Pode-se destacar, portanto, a mobilização via internet por meio das redes sociais *on-line*, que possibilitou uma nova forma de participação política e da criação de novos enquadramentos interpretativos.

Diante do que foi apontado até o momento, percebe-se que há transformações que precisam ser investigadas. Segundo Jasper (2016), ao observar um protesto é preciso analisar vários elementos que o constroem, entre eles estão a infraestrutura, os significados, seus atores e suas motivações, as reivindicações e os resultados. Neste sentido, entender a infraestrutura do movimento, quais foram os recursos mobilizados, quais tipos de relações foram estabelecidas entre as lideranças dos movimentos e seus apoiadores, antes, durante e depois dos protestos ocorridos entre 2015 e 2016, pode revelar qual o peso das instituições partidárias, quais foram os enquadramentos interpretativos, quem são as lideranças e os principais articuladores desses movimentos, bem como iniciar uma análise mais sistemática sobre os impactos que tais protestos tiveram para a dinâmica da política partidária e associativa de Sergipe.

A pesquisa de Tatagiba *et al.* (2015) revela que as manifestações intituladas “Fora Dilma” e/ou “Fora PT”, estão vinculadas a um conjunto de manifestações contra o PT e contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva iniciadas em 2007, que ocorreram após os escândalos de corrupção e de compra de votos de parlamentares envolvendo dirigentes do partido. Tais manifestações refletem um processo de mudanças nas dinâmicas de organização, de mobilização e de relação entre partidos políticos e movimentos sociais, e de uma inovação dos atores sociais que se manifestam, na medida em que são constituídas por atores que, tradicionalmente, não se manifestavam nos espaços públicos. De acordo com as pesquisas recentes, desde 2007 é possível observar um conjunto de atores que tem buscado desafiar a hegemonia da esquerda no que concerne às diferentes formas de manifestação da ação coletiva nos espaços públicos (TATAGIBA *et al.*, 2015; TATAGIBA, 2017; ALONSO, 2017).

É importante salientar, no que se refere a isso, que, reservadas as particularidades, o caso de Sergipe parece refletir em partes o que foi observado tanto na pesquisa de Tatagiba

(2014; 2017) quanto em outras pesquisas recentes (ALONSO, 2017; BARBIERI, 2018; ROCHA, 2018; SALLES, FRANCH, 2019; 2020). Neste sentido, em Sergipe, por um lado, houve a emergência de grupos e atores que se autoafirmavam como “ativistas políticos”, “independentes”, “apartidários” e que queriam construir uma “nova política”; por outro lado, o engajamento de atores políticos que já tinham uma longa trajetória na militância à esquerda e na política partidária. Desta maneira, alguns dos movimentos que tiveram uma atuação mais significativa no período de 2014 a 2019 em Sergipe foram: Liberte-se UFS, Movimento Brasil Livre (MBL), Movimento Direita Sergipana, Movimento Muda Brasil, Vem Pra Rua, Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro e Juventude Libertária de Sergipe. Mas, como veremos, outros movimentos emergiram ao longo daquele período. Junto com sua emergência e consolidação, observamos também as articulações entre esses movimentos sociais e partidos políticos, profissionais liberais, associações empresariais, entre outros atores que foram fundamentais para sustentabilidade e criação de alguns movimentos.

Outro dado importante é o de que uma das formas de se diferenciar e de demarcar sua oposição em relação aos movimentos sociais de esquerda que tradicionalmente se manifestavam, durante dias de semana, em espaços públicos, como praças, centro comercial de Aracaju, Câmara de Vereadores e Prefeitura de Aracaju, foi o de ocupar outros espaços públicos que se concentravam na Zona Sul da cidade, como no bairro 13 de Julho. Além disso, os protestos de rua eram realizados nos sábados e nos domingos, as camisas com as cores da bandeira do Brasil, as danças coreografadas e os bonecos infláveis gigantes também faziam parte da construção do cenário dos protestos, que demarcava sua oposição e o público que queriam atingir.

Buscaram, portanto, ocupar as avenidas dos bairros considerados de elite na cidade, em vez da cor vermelha padronizaram seus protestos com as cores da bandeira do Brasil e com as mesmas cores pintaram seus rostos, cantavam o Hino Nacional brasileiro e também rezavam o pai-nosso, produziram músicas pedindo o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Ou seja, vários elementos que buscavam representar o patriotismo, os valores cristãos e o antipetismo. Contudo, como foi possível observar no ato que ocorreu no dia 16 de agosto de 2015, no Mirante do bairro 13 de Julho, na cidade de Aracaju, as lideranças do movimento ainda carecem de competência organizacional no que se refere às manifestações de rua. Como uma liderança que estava com microfone anunciou: “*a gente ainda não sabe fazer, mas com a prática chegamos lá. Tragam a faixa maior para frente e se afastem um pouco do trio*”.

Corroborando com isso, uma das lideranças que entrevistamos argumentou que ainda falta mobilização e organização desses grupos, e ressaltou que ainda faltava aos militantes de direita a mesma dedicação e militância vista nos movimentos de esquerda. É diante disso que esta pesquisa se faz importante, pois como se busca compreender o perfil biográfico das lideranças e também como eles se organizam, será possível compreender como foi sua iniciação na militância e como eles aprenderam técnicas, conhecimentos, códigos e maneiras próprias do universo da militância e da ação coletiva de forma mais ampla (OLIVEIRA, 2005; PASSY; GIUGNI, 2001). Os trabalhos de Ibarê Dantas (1989; 1997; 2002) estão entre as poucas produções, no âmbito das Ciências Sociais, sobre a política de Sergipe que revelam a interação e as estratégias de ação dos movimentos sociais, sindicatos, movimentos estudantis, partidos políticos e o Estado, bem como da ação direta de empresários e do público em geral em ciclos de protestos. O autor demonstrou as estratégias de interação entre essas duas esferas políticas nas “Diretas Já” e com menor clareza no “Fora Collor” (DANTAS, 2002). Outro trabalho que analisou a interação entre movimentos sociais e política institucional foi o da cientista social Joana D’Arc Costa (2009), que tratou particularmente da trajetória de cinco movimentos sociais em Sergipe, observando os militantes desses movimentos que se tornaram lideranças na política partidária do Estado.

Os elementos apontados aqui evidenciam a importância desta pesquisa, pois além de fornecer um questionamento sobre qual a relação entre perfil biográfico, repertórios de ação, contexto político e redes sociais, esta tese também contribui teoricamente e metodologicamente para a compreensão dos movimentos sociais de direita, conservadores e liberais que historicamente foram pouco estudados nas Ciências Sociais brasileiras. Deste modo, cabe salientar o que Della Porta, em entrevista para Fernandes (2019), fala sobre a necessidade também de desenvolver conceitos e métodos para investigar os movimentos sociais à direita:

[...] sempre tivemos a sorte de trabalhar e fazer pesquisas empíricas sobre os movimentos sociais de que gostamos, povoados por “pessoas legais” que normalmente nos acolhem, mas agora é preciso pensar também em como atualizar não apenas o conjunto de ferramentas teóricas, mas também as ferramentas metodológicas. (FERNANDES, 2019, p. 384).

Desta forma, buscamos contribuir com os estudos que tentam entender os movimentos sociais e os eventos de protestos organizados por movimentos sociais à direita, que focam na relação entre os aspectos culturais, as interações e a construção da carreira militante, bem como os aspectos mais estruturais, como mudanças no contexto político, as oportunidades políticas, a infraestrutura dos movimentos e dos protestos organizados por eles.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para dar conta do objeto e do problema de pesquisa desta tese, mobilizamos uma literatura tanto do nível micro e macrológico quanto do nível mesológico. Sendo assim, vale ressaltar a significativa apresentação que Frédéric Sawicki e Johanna Siméant (2011) fazem sobre esses três níveis de análise: o micrológico, que observa os indivíduos e suas interações mútuas; o mesológico, que analisa o peso dos grupos e das organizações na atuação dos movimentos sociais e das manifestações de ruas; e, por fim, o macrológico, que analisa as transformações socioeconômicas, culturais e políticas. Tendo em vista os objetivos apresentados anteriormente, focamos nos aspectos culturais, organizacionais, interacionais e estruturais do objeto estudado, pretende-se, na medida do possível, articular conceitos que dialoguem ou que se complementem, mesmo que estes tenham surgidos de bases teóricas distintas. Assim, para dar conta dos aspectos macro da pesquisa, mobilizamos teóricos que estão filiados à Teoria dos Processos Políticos. Tal teoria dá ênfase aos aspectos históricos, às instituições, analisa os movimentos sociais e os protestos a partir da ideia de processo, ou seja, para compreender a emergência e consolidação de um movimento é preciso analisar sua história e contextualizá-lo politicamente e culturalmente. Os principais representantes dessa teoria são Charles Tilly e Sidney Tarrow (2007) e Doug McAdam (1982). Precisamente, utilizar-se-á a abordagem por eles elaborada: *contentious politics* (TILLY; TARROW, 2007; TARROW, 2009; SILVA, 2010). Três conceitos constroem o modelo analítico dessa abordagem: Estruturas de Oportunidades Políticas (EOP), os Repertórios de Ação e os Ciclos de Protestos (ALONSO, 2009; OLIVEIRA, 2013; SILVA, 2010; TARROW, 2009).

Assim sendo, compreendemos que as oportunidades políticas acontecem quando há mudanças nas dimensões formais e informais do ambiente político, isso possibilitaria, segundo os pioneiros desta abordagem, um aumento nas chances para grupos sociais se mobilizarem, abrindo, renovando ou criando novos canais para expressão de reivindicações (ALONSO, 2009; CEFAÏ, 2009; SILVA, 2006; TARROW, 2009). Quais foram as mudanças nas dimensões formais e informais do ambiente político em 2013 e nos anos seguintes, que oportunizaram a emergência de manifestações de direita, conservadoras e liberais? Tais mudanças podem ser observadas a partir de eventos como a Copa do Mundo e as eleições presidenciais em 2014, ou ainda, as Olimpíadas e as eleições municipais em 2016? Alguns estudos têm se atentado à análise dos megaeventos e das eleições políticas ocorridos nos últimos anos no Brasil, como

ponto de partida para analisar o aumento de manifestações organizadas em várias cidades do país por diferentes atores sociais (DAMO; OLIVEN, 2014). Além disso, podemos perceber tais mudanças quando refletimos sobre as lógicas de funcionamento do sistema político brasileiro, que historicamente é caracterizado por um sistema de alianças políticas, de arranjos conciliatórios e por coalizões partidárias, que restringem as oportunidades políticas e limitam processos democráticos, o que, consequentemente, afeta diretamente a organização de movimentos sociais. (CARVALHO, 1987; MERCADANTE, 1980; NOBRE, 2013a; 2013b; PEREIRA, 2018; SCHWARTZMAN, 2007).

Já o conceito de repertórios de ação compreende um conjunto de formas de ação política surgido em meio a conflitos em uma dada época, que, a partir de então, fica disponível para os atores sociais. É um conceito tanto estrutural quanto cultural (ALONSO, 2012; TARROW, 2009; TATAGIBA; PATERNIANI; TRINDADE, 2012). Já o conceito de ciclo de protesto refere-se a um momento de intensificação do conflito em que há uma rápida difusão da ação coletiva, passando de setores mais organizados para setores menos organizados, nos quais ocorre a combinação da participação de atores organizados e não organizados, e são criados quadros interpretativos de ação coletiva novos ou transformados, sendo um momento em que as interações entre desafiantes e autoridades são intensificadas (TARROW, 2009).

Pesquisas sobre a Frente Nacional e movimentos sociais de direita na Europa têm dado atenção, por um lado, ao peso das instituições partidárias e religiosas, bem como à dimensão moral para analisar o engajamento individual e às estratégias de ação (FRETEL, 2011); por outro lado, alguns estudos têm focado na análise dos diferentes recursos mobilizados pelos militantes, nas trajetórias sociais ou carreiras das lideranças, como, ainda, dos enquadramentos interpretativos que são examinados por meio da análise de discursos, tendo como fonte de pesquisa jornais, documentos formais e informais. (CAIANI *et al.*, 2012; SILVA; COTANDA; PEREIRA, 2017; SNOW; BENFORD; 1988). A análise de carreira investiga os eventos que fundamentam a vida de uma pessoa, a partir de um olhar processual sobre os acontecimentos que promovem reconfigurações identitárias, inserções em novas redes de relações e espaços institucionalizados, entre outros aspectos, que são pertinentes para esta pesquisa. (BORN, 2001; FILLIEULE, 2010; BECKER, 2008; GOFFMAN, 2015).

O nível micro enfatiza as interações e as práticas dos militantes nos eventos de protesto, propõe uma análise dos bastidores e dos enquadramentos interpretativos, enfatiza a análise de redes sociais e dos múltiplos engajamentos dos atores. Para tanto, mobilizamos uma literatura que emerge do interacionismo simbólico da Escola de Chicago, mas também da *contentious*

politics apresentada anteriormente (GOHN, 2007b). Assim sendo, mobilizamos os conceitos de redes sociais, carreira militante e identidade coletiva, para analisarmos as lógicas de engajamento individual e de atuação militante, bem como para entendermos quais os elementos, socializações, percepções e enquadramentos interpretativos que constroem a identidade militante à direita. (MISCHE, 1997; OLIVEIRA, 2005; PASSY; GIUGNI, 2001).

Dentro desta problemática dos enquadramentos interpretativos é observado como os atores sociais enquadram os eventos de protestos, entre esses atores estão o Estado, os meios de comunicação e os movimentos de oposição. Queremos compreender, com esta análise, como o Estado, os movimentos de oposição e os meios de comunicação enquadram os movimentos sociais de direita, conservadores e liberais e os protestos pró-*impeachment* e compreender como tais enquadramentos operaram na construção simbólica dos protestos e nas formas de mobilização das lideranças. É pertinente, para essa análise, a pesquisa de Rousiley C. M. Maia (2009) sobre a relação entre atores da sociedade civil, ação coletiva e os meios de comunicação de massa. Tal estudo contribui para compreender a relação assimétrica que há entre os movimentos sociais e os meios de comunicação de massa, na medida em que os primeiros dependem mais dos segundos para influenciar o público. Neste sentido, é importante analisar as estratégias que os atores da política contenciosa utilizam para acessar e, também, para influenciar os enquadramentos que serão produzidos pelos meios de comunicação sobre eles e sobre os eventos de protestos dos quais participam. Sobre as estratégias, um conjunto de trabalhos recentes demonstra como as mídias sociais, particularmente as redes sociais virtuais, têm sido amplamente utilizadas pelos movimentos sociais, desde 2010, para divulgar seus eventos de protestos e suas causas, o que, conseqüentemente, reduz a dependência dos movimentos sociais em relação aos meios de comunicação tradicionais, bem como investimentos financeiros e organizacionais que as lideranças dos movimentos fazem.

Por fim, o nível mesológico considera os grupos e as organizações independentes do seu grau de institucionalidade; de acordo com esta premissa serão observadas duas questões. A primeira trata de como as organizações, independentemente do grau de institucionalidade, influenciam e são influenciadas pelos militantes. Para isso, adotar-se-ão as análises de Sawicki e Siméant (2011), pois esses autores sugerem que o engajamento deve ser compreendido de forma relacional, emergindo a partir da intersecção das expectativas organizacionais e das experiências pessoais. Ainda neste sentido, será observada a noção de modelos organizacionais de Elizabeth Clemens (2010), uma vez que a autora analisa como mudanças nas redes organizacionais e institucionais influenciam na atuação dos movimentos sociais, bem como nos

repertórios organizacionais e recursos que estarão disponíveis para as lideranças mobilizarem em determinados contextos políticos, econômicos e sociais.

Dialogando com o conceito de carreira de H. Becker (2008), a análise das organizações se torna pertinente para pesquisa para compreender a profissionalização dos movimentos sociais, aquilo que Jasper (2016) chama de equipe profissional do movimento, que milita pelo movimento regularmente, que tem remuneração e tende a se profissionalizar cada vez mais na causa do movimento ao qual pertence e de outros movimentos apoiadores. Além disso, é importante também para compreender como os movimentos sociais utilizam o papel das organizações especializadas e o saber técnico dos seus militantes profissionais para gerar recursos para o movimento, para controlar suas ações e dos seus opositores, para influenciar a mídia e o Estado (idem.).

ENTRADA NO CAMPO, PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ESTRUTURA DA TESE

O primeiro contato com os movimentos à direita ocorreu quando fazíamos a pesquisa de mestrado que versou sobre a organização dos movimentos estudantis universitários de Sergipe. Essa pesquisa tomava como objeto as gestões do DCE da UFS entre o período do ano 2000 até o ano de 2015. Durante essa pesquisa, entrevistamos quatro lideranças do Movimento Liberte-se UFS, primeiro movimento estudantil de direita que disputou espaços de representação estudantil em Sergipe após o período da ditadura militar. Em 2015, começamos a acompanhar este movimento, assim como outros que foram surgindo, e construímos uma relação de confiança com uma das principais lideranças daquele movimento, que posteriormente se tornou liderança de vários outros movimentos que surgiram no estado durante o período analisado. Nomeamo-la de Liderança 01. Ela estudava na UFS e pegava a mesma linha de ônibus do transporte público que pegávamos. Foram várias as conversas que tivemos voltando da UFS e também pelo WhatsApp e pelo Facebook. Também conseguimos manter um diálogo frequente, via estes meios de comunicação, com outras duas lideranças ainda em 2015.

No final de 2015, quando surgiu a ideia de focar nos movimentos à direita e construir o projeto de doutorado sobre este tema, informamos a Liderança 01. Perguntamos o que ela achava e fomos informando sobre o processo seletivo, até quando fomos aprovadas e iniciamos a pesquisa que resultou nesta tese. A Liderança 01 fez a ponte com diversas outras, bem como começamos a participar ativamente de praticamente de todos os eventos que eles anunciavam

nas redes sociais entre o período de 2016 e 2017, principalmente. Sempre que havia oportunidade apresentávamos a proposta da pesquisa, pegávamos contatos, tentávamos voltar de ônibus ou pegar carona com alguma liderança dos grupos. Até 2017, este contato com as lideranças foi constante, de forma presencial e *on-line*. A partir de 2018 diminuímos a frequência e o contato para poder fazer a coleta de outros dados, bem como para escrita do texto de qualificação, etc. Este distanciamento era comunicado aos interlocutores. Depois das eleições federais de 2018, tentamos agendar mais algumas entrevistas, mas os militantes que aceitaram, desistiram sem explicar os motivos. Continuamos fazendo contato com nossos principais interlocutores até abril de 2020.

De modo geral, o acesso aos movimentos sociais à direita e suas lideranças foi fácil. Todavia, esta facilidade foi resultado de escolhas que foram feitas desde a graduação, quando pesquisávamos movimentos em defesa do transporte público em Sergipe. Entre essas escolhas estão: a) não participar de nenhum movimento social ou organização política, seja ela à direita ou à esquerda; b) não publicar e nem compartilhar posicionamentos políticos à esquerda e à direita nas redes sociais pessoais; c) afastar-se completamente das lideranças e de movimentos sociais à esquerda que foram objeto de pesquisas anteriores. Além dessas escolhas, fazíamos constantemente um processo de autorreflexão e de compreensão dos comportamentos que as lideranças esperavam que nós pudéssemos ter, por exemplo, usar roupas parecidas com as que eles usavam nos protestos, segurar bandeira em protesto, debater com eles sobre política, etc. Algo que também facilitou nosso acesso foi o contato com dois professores de sociologia da UFS que apoiavam os movimentos estudantis à direita na instituição, sendo que um deles tinha sido nosso professor na graduação e o outro no doutorado. Apesar desses professores nunca terem feito diretamente uma ponte entre mim e os movimentos, algumas lideranças que entrevistei os valorizavam e prestigiavam, o que me possibilitava criar diálogos em que eu falava da atuação dos professores no departamento de Ciências Sociais e nas aulas.

Outra estratégia utilizada foi a de compreender como eles me enxergavam e reforçar alguns comportamentos que eles valorizavam. Desta forma, eles achavam que eu era um ponto fora da curva, a partir do estereótipo que eles tinham sobre estudantes e pesquisadores de Ciências Sociais e de Sociologia. Compartilhei com eles que eu não consumia bebida alcoólica, que era casada e católica, que era especialista na área de empreendedorismo e que já havia participado do Conselho de Jovens Empreendedores de Sergipe, bem como que nunca tinha militado em nenhum movimento e nem me filiado a partidos políticos. Todo este compartilhamento de informações pessoais, acadêmicas e profissionais, facilitou o diálogo e

aceitação pelos grupos e algumas lideranças que acompanhei mais de perto, pois me viam como uma pessoa que poderia se engajar nos movimentos, nos partidos políticos aliados e também uma possível votante de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, uma vez em que entendiam que eu tinha um perfil que oscilava entre o conservador e liberal. Outra estratégia utilizada – e mais do que estratégia, era uma questão de ética – foi de que tentei ser verdadeira e transparente com todos os interlocutores sobre as minhas intencionalidades na participação nos eventos organizados por eles. Deste modo, nunca omiti que minha participação nos eventos, nos grupos de WhatsApp, na administração de duas páginas de Facebook de dois movimentos durante um período e nas reuniões mais reservadas, era para coletar dados para pesquisa. Também não omiti que era contra algumas causas defendidas por eles e que não votaria em Bolsonaro nas eleições de 2018.

Neste sentido, os principais desafios em estudar os movimentos sociais à direita referem-se, principalmente, à capacidade do pesquisador em “neutralizar” as suas pré-noções sobre estes grupos, deixar de lado seus preconceitos e estar aberto a ouvir verdadeiramente os atores que constroem estes movimentos. Além disso, exige do pesquisador um policiamento constante sobre o seu próprio comportamento, para que seus interlocutores não o enxerguem como um “aproveitador”, “espião” ou “infiltrado”. Um exemplo disso foi uma situação complicada que passamos em dois eventos de protestos de rua, nos quais fomos fotografadas enquanto fotografávamos os protestos. Tomei consciência disso quando a Liderança 01 nos enviou as duas fotografias (ver anexos A e B) e relatou que outras lideranças e organizadores dos protestos estavam nos investigando, pois pensavam que éramos alguém da esquerda infiltrada. Muitas lideranças que foram surgindo entre 2016 e 2017, que não eram do espaço universitário, não nos conheciam. Por sorte, a Liderança 01 explicou para as demais quem éramos e também nos colocamos à disposição dos movimentos para fazermos uma apresentação da pesquisa, mas disseram que não havia mais necessidade.

Em suma, o acesso ao campo foi possível, também, porque os movimentos e suas lideranças queriam ser ouvidos, queriam que suas ações ficassem registradas, pois isso é para eles mais uma maneira de promoverem seus movimentos, suas ideias e suas causas. Todavia, há, sem dúvida, o controle sobre as informações que irão ceder e para quem irão ceder, por isso o posicionamento crítico e autorreflexivo do pesquisador tem que ser constante. Percebi, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, que entre 2014 e 2017 foi o período mais favorável para acessar o campo dos movimentos sociais à direita em Sergipe, como já disse, eles queriam ser ouvidos e vistos. Mas outro motivo refere-se ao fato de que muitas das lideranças eram jovens

e tinham pouca experiência militante e na política partidária, ou seja, não tinham uma *expertise* militante formada e “discursos prontos” para tudo que os questionava. De 2018 até abril de 2020, percebi que algumas lideranças que havia entrevistado tinham se tornado “militantes profissionais” e aumentado o controle sobre as informações biográficas e do movimento que iriam disponibilizar.

Diante disso, a coleta de dados foi iniciada em 2016, assim que as aulas do doutorado iniciaram, em virtude da nossa proximidade com o campo e das oportunidades em coletar dados. Fizemos inicialmente uma pesquisa documental, que teve como objetivo mapear quem eram as lideranças dos movimentos sociais, dos partidos políticos e de outras organizações políticas que participaram de eventos de protestos à direita. Com isso, pudemos coletar informações a respeito dos repertórios de ação, das datas e dos locais onde ocorreram os eventos, de nomes de lideranças e militantes, etc. Criamos, a partir disso, dois bancos de dados no Access 2013, um para registrar informações de eventos de protestos e outro sobre o perfil das lideranças. Para isso, utilizamos como fontes principais jornais eletrônicos como G1 Sergipe, Infonet, Cinform, F5News, etc.; redes sociais virtuais dos movimentos, como *blog*, Facebook, Instagram; documentos produzidos pelos próprios movimentos, como estatutos, panfletos, informativos, etc.; e entrevistas semiestruturadas (para acessar o roteiro de referência ver Apêndice A) e as conversas informais.

Arelado a este mapeamento, e se utilizando da etnografia, fizemos um conjunto de observações participantes (ver Apêndice A) em eventos de protestos e em reuniões. Tivemos, ainda, várias conversas informais de forma presencial e *on-line* com lideranças e militantes, o que nos permitiu traçar um panorama mais geral do surgimento e dos principais movimentos e lideranças à direita que se destacavam no estado durante o período investigado. Além disso, estes recursos metodológicos foram fundamentais para criar um elo de confiança entre nós e os investigados, bem como para confrontar informações coletadas na pesquisa documental e nas entrevistas em profundidade.

Posteriormente, em um terceiro momento, iniciamos de forma mais sistemática a realização das entrevistas semiestruturadas. Buscamos, com isso, conhecer as lógicas processuais de engajamento individual das principais lideranças identificadas que estiveram à frente dos primeiros movimentos que surgiram, até aqueles que surgiram durante o ciclo de protestos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff entre 2015 e 2016. Em vista disso, conhecer como as diferentes esferas da vida, as redes interpessoais, os processos de identificação, de engajamento e desengajamento após determinadas situações e eventos, são fundamentais para

compreender o engajamento político e militante daqueles que organizaram e sustentaram movimentos sociais e os ciclos de protestos à direita no estado de Sergipe. Esse procedimento, articulado com os outros, permite também identificar a forma e o conteúdo das redes de relações estabelecidas entre os atores institucionalizados e os não institucionalizados, e investigar de que forma o apoio de partidos políticos, políticos partidários específicos, organizações e empresas privadas são atores-chave para a consolidação e expansão dos movimentos sociais aqui investigados.

No total, foram realizadas 28 entrevistas, entre 2015 e 2017. Registramos um total de 140 eventos de protestos, entre 2014 e 2019. Todas as informações qualitativas e quantitativas coletadas, bem como a escolha dos métodos nos permitiram chegar à tese aqui defendida. A etnografia, a observação participante e as entrevistas semiestruturadas, foram métodos fundamentais para identificar a fragmentação, a pluralidade, as rupturas e as dissidências que ocorreu no interior dos movimentos sociais investigados. Ainda é válido ressaltar que este tipo de metodologia nos permitiu acessar os bastidores e a subjetividade dos atores investigados, o que contribuiu para o nosso argumento de que o surgimento dos movimentos sociais à direita não resulta apenas de estruturas objetivas, ou seja, de mudanças no contexto político.

Organizamos a estrutura da tese a partir de uma lógica que apresente os diferentes aspectos que envolveram o surgimento e consolidação dos movimentos sociais à direita em Sergipe durante o período investigado. Deste modo, os capítulos buscaram apresentar de forma destrinchada os nossos argumentos. Assim, no primeiro capítulo apresentamos um conjunto de estudos que tomamos como base para entender a pluralidade e fragmentação nos movimentos sociais à direita analisados, bem como é abordado um conjunto de eventos e acontecimentos que foram significativos para criar um contexto político favorável para a emergência dos movimentos sociais em questão.

No segundo capítulo, apresentamos o panorama geral dos movimentos sociais à direita em Sergipe e tomamos como caso a trajetória de alguns movimentos específicos que se autodeclaravam conservadores, liberais e/ou de direita, com o intuito de compreender suas formas de organização, as dinâmicas de surgimento, a utilização das redes sociais como um recurso organizacional fundamental. Já no terceiro capítulo, nosso foco foi os eventos de protestos organizados pelos movimentos sociais investigados. Nosso objetivo foi o de compreender as transformações e a variação nas reivindicações, nos repertórios, nos locais, nos recursos, ao longo do período analisado. Para tanto, apresentamos de forma detalhada alguns eventos de protestos ocorridos em arenas políticas-chave. No capítulo 4, focamos na análise das

trajetórias de vida das 28 lideranças entrevistadas, e tomamos como base trajetórias que exemplificavam diferentes formas de entrada na militância e da construção de uma atuação militante à direita. Tivemos como foco, portanto, neste capítulo, a análise de determinados padrões de atuação militante, o engajamento individual e também a análise acerca da construção de uma identidade militante à direita. E, por fim, na conclusão ressaltamos nossos principais resultados.

Em suma, nesta tese buscamos ter um olhar amplo sobre os movimentos sociais à direita em Sergipe. Nosso esforço de combinar uma análise que desse conta de elementos macro, meso e microsociológicos tanto empiricamente quanto teoricamente teve como intuito demonstrar dimensões do objeto de estudo em tela que são pouco exploradas pela sociologia dos movimentos sociais no Brasil. Desta forma, esta tese apresenta um quadro mais geral do conjunto de movimentos sociais e atores à direita que atuam em Sergipe, mas também quem são os atores que constroem e dão sustentabilidade a esses movimentos. Esta tese mostra que existem várias direitas e que os atores que as constroem têm trajetórias de vida distintas, mas que em determinado momento se reconheceram enquanto coletividade.

CAPÍTULO 1 – AS BASES CONSERVADORAS DO SISTEMA POLÍTICO BRASILEIRO, JUNHO DE 2013 E AS DIREITAS COMO OBJETO DE ESTUDO

É fato que a literatura nacional e internacional sobre movimentos sociais não se preocupou da mesma forma com a análise dos movimentos sociais à direita como o fez com os movimentos sociais à esquerda. Como parte desta ausência de estudo, surgem várias dificuldades em torno de definir os movimentos sociais que se declaram como de direita, liberal e/ou conservador e ainda de categorizar suas ações. Entre os próprios atores que constroem os movimentos que foram analisados nesta tese, há também uma certa indefinição em como se enquadrar ideologicamente e, em alguns casos, uma falta de clareza quanto àquilo que seria pauta “estritamente” do conservadorismo, do liberalismo e da direita, porém a única certeza desses atores é que eles não são de esquerda. Este cenário revela, por um lado, que é preciso haver dentro do campo de estudos de movimentos sociais um investimento mais profundo por parte dos pesquisadores em relação aos movimentos sociais à direita, por outro, que a adesão a movimentos sociais à direita nem sempre é motivada por uma fidelidade ideológica por parte dos seus ativistas.

O argumento defendido neste capítulo é, portanto, o de que a saída dos movimentos sociais à direita dos bastidores, a partir de 2013, não está dissociada também de uma compreensão acerca de como funciona o sistema de alianças políticas e das coalizões partidárias que historicamente caracterizam o sistema político brasileiro. Assim, para dar sustentabilidade a este argumento, nós nos apoiamos nas contribuições de alguns estudos que tomaram como foco a formação e as características do Estado e do sistema político brasileiro, bem como a relação entre este e a sociedade civil. (CARVALHO, 1987; MERCADANTE, 1980; NOBRE, 2013b; PEREIRA, 2018; SCHWARTZMAN, 2007). Neste sentido, buscamos neste capítulo compreender o que é ser de direita hoje; de que forma o sistema político brasileiro, que historicamente baseia-se numa cultura política de alianças, arranjos conciliatórios e coalizões, influencia na abertura e no fechamento de oportunidades políticas para a entrada de novos atores em cena; como os níveis de análise micro, meso e macro permitem construir um mosaico teórico que possibilita um aprofundamento a respeito dos movimentos sociais à direita e todos os elementos que o formam.

Assim, o capítulo está organizado em três sessões. Na primeira buscamos apresentar alguns estudos clássicos da literatura brasileira acerca das bases políticas, econômicas, culturais e sociais das direitas no Brasil. Estes estudos permitiram fundamentar um dos argumentos desta

tese, de que a emergência dos movimentos sociais à direita no Brasil, a partir de 2013, resulta também de mudanças no contexto político. Em vista disso, refletimos sobre o processo histórico de formação da política e do Estado brasileiro, o qual combinou diferentes ideologias, entre essas o liberalismo, o conservadorismo, o anarquismo e o socialismo, bem como arranjos e rearranjos político-partidários no interior do Poder Executivo e Legislativo. Desta maneira, partimos de uma perspectiva que encara este avanço como resultante de um processo histórico em que as direitas continuaram atuando após o fim da ditadura militar, todavia esta atuação se dava mais nos bastidores e de forma institucional e menos de forma contestatória, como temos visto partir dos ciclos de protestos de 2013.

Já na segunda seção, nos preocupamos em identificar como pesquisas recentes nas Ciências Sociais têm interpretado os ciclos de protestos iniciados em 2013, os movimentos sociais à direita e seus atores. Além desses estudos trazerem elementos empíricos para compreender o nosso objeto, também nos ofereceram caminhos teóricos para problematizá-lo e nos situarmos teoricamente.

Por fim, na terceira seção, expomos algumas abordagens para o estudo dos movimentos sociais à direita aos quais nos vinculamos teoricamente e metodologicamente. Buscamos, a partir destas perspectivas, construir um mosaico teórico, para dar conta de elementos micro, meso e macro que envolvem a compreensão acerca do objeto de estudo em tela.

1.1 – DINÂMICA À DIREITA: ALIANÇAS, CONCILIAÇÃO E COALIZÕES NO SISTEMA POLÍTICO BRASILEIRO

Um dos primeiros desafios enfrentados ao estudar os movimentos de direita, liberais e conservadores no Brasil, diz respeito à própria origem e definição deles na literatura especializada. Este dilema é compartilhado por pesquisadores de várias partes do mundo (CAIANI, 2017; FRETTEL, 2011; ROCHA, 2018; SALLES; FRANCH, 2019), e constitui-se a partir de como definir os diferentes tipos de movimentos que coexistem naquilo que estamos enquadrando como movimentos sociais à direita. Outro ponto desse dilema é compreender como os próprios nativos se definem, ou seja, como estes estão se enquadrando. Desta maneira, quando pensamos nos movimentos à direita que surgiram com o ciclo de protestos de 2013, questionamos por um lado como a literatura especializada tem enquadrado esses movimentos, por outro quais são os referenciais teóricos e empíricos que servem de orientação para as

lideranças à direita? E como elas enquadram os movimentos que lideram e suas ações a partir desses referenciais teóricos e empíricos?

Neste sentido, entre os autores que buscaram conceituar o que é ser de direita e de esquerda está Norberto Bobbio (2001), com o seu livro intitulado *Direita e Esquerda*. Com seu marco de origem na Revolução Francesa (1798), a divisão direita *versus* esquerda surgiu em um momento crucial na história política francesa, durante a escrita da primeira constituição da França. Nessa ocasião os representantes políticos sentaram-se em lugares diferenciados no plenário. Segundo Bobbio: “‘Direita e esquerda’ são termos antitéticos que há mais de dois séculos têm sido habitualmente empregados para designar o contraste entre as ideologias e entre os movimentos em que se divide o universo, eminentemente conflituoso, do pensamento e das ações políticas”. (BOBBIO, 2001, p. 49). Para o autor não é possível ter um movimento que ao mesmo tempo seja de esquerda e de direita, por princípio eles são excludentes, tendo em vista que a esquerda defende o ideal de igualdade e a direita defende o individualismo, a supremacia da propriedade privada e da livre iniciativa.

Essa divisão espacial direita e esquerda naquele momento da Revolução Francesa serviu para distinguir perfis políticos-ideológicos distintos, como ainda hoje serve em determinadas situações. Podemos destacar três grupos de autores na literatura que visualizam de diferentes formas o significado da terminologia esquerda e direita na atualidade: o primeiro grupo, representado por Sader (1995), defende que os termos direita e esquerda ainda são utilizados e têm o mesmo sentido que tiveram na sua origem; o segundo grupo, em contraposição à tese de Sader, é representado por Fukuyama (1992), defendendo a tese do fim da história, o autor sustenta que a divisão direita e esquerda não faz mais sentido, nega o valor heurístico e descritivo da dicotomia; por fim o terceiro grupo, representado por Bobbio (2001), faz a defesa de que a terminologia deve ser atualizada, por acreditarem que os termos direita e esquerda atualmente representam um sentido diferente daquele da sua origem. (BOBBIO, 2001; SCHEEFFER, 2014).

Bobbio parte da tese de que é preciso atualizar o significado desta terminologia, visto as transformações sociais e a própria dinâmica da sociedade. A distinção entre direita e esquerda continua a ser usada, faz parte do vocabulário corrente da política e mesmo do dia a dia das pessoas, é uma divisão legítima. Desta maneira, a divisão direita-esquerda não deve ser descartada, pelo contrário, é preciso entender como ela está sendo enquadrada pelos atores que a utilizam. Se ainda utilizamos os termos direita e esquerda, se conseguimos nos entender

quando utilizamos, é porque eles ainda possuem algum significado sobre como compreendemos a política.

De acordo com isso, entender historicamente o que é ser de direita e o que é ser de esquerda nos permite entender os usos que são feitos dessa divisão, seja na política partidária ou na política associativa. Neste sentido, Bobbio defende três tipos de usos que podem ser feitos a partir dessa divisão: uso descritivo, uso axiológico e uso histórico:

[...] descritivo, para dar uma representação sintética de duas partes em conflito; axiológica, para exprimir um juízo de valor positivo ou negativo sobre uma ou outra das partes; histórico para assinalar a passagem de uma fase a outra da vida política de uma nação. O uso histórico, por sua vez, pode ser descritivo ou valorativo. (BOBBIO, 2001, p. 49).

Observando a história temos exemplos claros sobre esses usos: os movimentos anticomunistas e conservadores *versus* os movimentos comunistas no período do regime-civil militar no Brasil (1964-1985), os movimentos conservadores e de direita organizados por mulheres mães que lutavam contra a ameaça às tradições e em defesa da família, da pátria e da família *versus* os movimentos de resistência ao autoritarismo do regime militar da época (CORDEIRO, 2009). Recentemente, esta polarização pode ser exemplificada a partir dos movimentos conservadores e o antipetismo que surgem no final de 2013 *versus* os movimentos de caráter progressista e à esquerda do mesmo período. Desta forma, a reprodução de um imaginário à direita, em que se busca preservar o *status quo* das instituições tradicionais por meio do autoritarismo e por meio da força policial-militar, aparece de forma muito emblemática nos discursos dicotômicos de Jair Bolsonaro, em que organiza a sociedade brasileira em dois polos: “aqueles que são favoráveis a ele” *versus* “aqueles que são contra a ele”. O primeiro polo inclui “os cidadãos de bem”, os militares que representam os heróis da nação e buscam proteger as instituições tradicionais, os religiosos que são contra a união entre pessoas do mesmo sexo, contra o aborto, etc. Já no segundo polo, estão os defensores dos direitos humanos, os “esquerdopatas”, os movimentos pró-descriminalização do aborto e a favor da maioria penal, entre outros.

Desta maneira, ao analisar o posicionamento dos grupos à esquerda e à direita nas páginas do Facebook na internet, que têm como principal ícone Bolsonaro, Ribeiro (2018) concluiu que uma das concepções que orienta esses grupos é a de que: “aqueles que defendem os direitos humanos dos bandidos são os mesmos que propagam uma educação frouxa e promíscua que retira a inocência das crianças e as tornam vulneráveis aos pedófilos”. (RIBEIRO, 2018, p. 89). Neste sentido, queremos mostrar com isso que a divisão esquerda-

direita é mobilizada historicamente pelos grupos políticos e movimentos sociais para transmitir simbolicamente visões de mundo, valores, princípios, costumes e identidades coletivas, que buscam, mesmo em alguns casos às custas do autoritarismo, “proteger” o modelo de família tradicional e os papéis sociais tradicionais de homem e mulher na sociedade por meio da educação e da força militar. Débora Messenberg (2017), em seus estudos sobre a cosmovisão dos formadores de opinião à direita nos protestos de 2015, dialoga e concorda com a explicação de Bobbio (2001). A autora argumenta que a classificação direita e esquerda ainda faz sentido para compreensão da vida política. Assim coloca-se como contrária às abordagens que não veem na divisão um sentido explicativo: “colocamo-nos entre aqueles que defendem não só a atualidade e a funcionalidade desses conceitos, como sua centralidade para o entendimento da vida cotidiana e para a construção de identidades no agir político” (MESSENERG, 2017, p. 622).

Segundo Bobbio, esta forma de pensar em que elege a contradição, neste caso direita e esquerda, é um típico modo de pensar por díades, usado nos mais diversos campos do saber e da vida em sociedade. Assim, ele defende que existe dois tipos de díades: aquelas que são formadas por termos antitéticos, outras em que são complementares. A díade direita e esquerda se enquadra no primeiro tipo, uma vez que esse tipo nasce da interpretação de um universo concebido como composto por entes divergentes, que se opõem uns aos outros (BOBBIO, 2001, p. 50). O cenário que tem se construído desde as manifestações de 2013 tem exemplificado esta constatação do autor. São cenários polarizados a partir da divisão direita e esquerda, mas também entre liberais e conservadores em determinados momentos, e a aliança dos conservadores, da direita e dos liberais contra as esquerdas:

há um aglomerado ideológico mais ou menos coeso que é chamado de nova direita, na qual misturam-se ideias do conservadorismo, do libertarianismo e do reacionarismo. A essas ideias somam-se outras que remetem à apologia do eugenismo e da segregação racial que fazem com que nova direita flerte, de maneira consciente ou inconsciente, com construtos que remetem ao nazismo e ao fascismo. (CARAPANÃ, 2018, p. 34).

Com base na literatura mais recente e também da literatura clássica é possível extrair que não se pode falar em direita, mas sim em direitas, pois há em certa medida um pluralismo ideológico interno que nem sempre é coerente, mas que é característico de como as direitas atuam e se organizam no Brasil.

Michael Löwy (2015), em seu artigo intitulado *Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil*, faz uma reflexão importante sobre como analisar o crescimento da

influência conservadora sobre diferentes grupos sociais na Europa e no Brasil. Para o autor a explicação unicamente econômica, que leva em consideração os momentos de crise na economia, é insuficiente para compreender a influência desses movimentos atualmente. Ele defende que é preciso conhecer as condições históricas para poder interpretar o fenômeno. Neste sentido, ressalta que, na Europa, dois países foram marcados por governos fascistas e totalitários, a Itália fascista (1922-1943) e a Alemanha nazista (1933-1945). Apesar de não haver mais governos fascistas e totalitários no continente europeu, existe uma continuidade ideológica que ainda se faz presente em países abertamente racistas, xenófobos, antisemitas, etc. O autor cita o crescente apoio ao partido da Frente Nacional na França, os partidos abertamente neonazistas, o partido Aurora Dourada na Grécia e o partido União Democrática do Centro (UDC) na Suíça.

O que esses dois partidos têm em comum se aproxima de pautas que se tornam cada vez mais defendidas por movimentos sociais de extrema direita, conservadores, reacionários e liberais no Brasil. Assim, o Aurora Dourada e o UDC têm em comum o nacionalismo chauvinista, fazem oposição à globalização “cosmopolita” e a qualquer tipo de unidade europeia, são a favor do racismo, da xenofobia, incitam e pregam o ódio a imigrantes e ciganos, a islamofobia, o anticomunismo, defendem medidas autoritárias contra a “insegurança”, como prisão, a pena de morte, etc. Löwy (2015) ressalta que com exceção da Alemanha (a França também em menor proporção), os países da Europa não eram abertamente racistas, como está se vendo atualmente, nos exemplos citados.

A avançada conservadora, liberal e da direita em vários países da Europa e da América Latina tem se diferenciado em parte do que vimos durante a Segunda Guerra Mundial, ou do que vimos durante o regime civil-militar no Brasil, porém há continuidades ideológicas, políticas e contestatórias. Pensando o contexto da Europa, Löwy destaca que um dos pontos que torna diferente o contexto atual é que não há regimes fascistas e nazistas na Europa, como também os interesses da burguesia atualmente são outros, pois esta é extremamente favorável à globalização capitalista, neoliberal e hostil ao nacionalismo econômico, sendo este o conteúdo básico para qualquer projeto fascista ou semifascista.

Outro ponto tratado no artigo do autor, e que é de suma importância para a análise do contexto político e associativo atual do Brasil, é que a extrema direita é subestimada pela esquerda. Esta subestimação permitiu em parte o crescimento e o avanço das forças fascistas nos países europeus. Tal quadro não se distingue muito do quadro brasileiro, tendo em vista que houve uma desmobilização dos movimentos de base da esquerda radical e/ou da esquerda

moderada nos últimos anos de governos do Partido dos Trabalhadores, bem como os movimentos analisados nesta tese aparentemente não foram levados a sério no seu início, seja pelos partidos de esquerda, seja pelos movimentos sociais de esquerda ou mesmo pelos pesquisadores. Vale ressaltar o que Löwy expõe sobre isso:

A esquerda como um todo, com apenas algumas exceções, tem severamente subestimado esse perigo. Não viu a “onda marrom” vindo e, portanto, não viu a necessidade de tomar a iniciativa de uma mobilização antifascista. Para algumas correntes da esquerda que veem a extrema-direita como nada mais do que um efeito colateral da crise e do desemprego, são essas as causas que devem ser atacadas, e não o fenômeno fascista propriamente dito. Tal raciocínio tipicamente economicista desarmou a esquerda diante da ofensiva ideológica racista, xenofóbica e nacionalista da extrema-direita. (LÖWY, 2015, p. 658).

Vemos discursos, tanto de pesquisadores quanto de movimentos opositores, acusando de irracional defender o atual presidente da República, todavia em que medida estes discursos não passam apenas de uma tentativa para deslegitimar estes movimentos sociais à direita, bem como as lideranças que estão à frente? Desta maneira, é preciso interpretar os grupos que se sentem representados e que têm orientado suas ações a partir das ações e ideologias dos movimentos sociais que defendem o presidente. Esses grupos são heterogêneos: desempregados, militares, empresários, médicos, etc. “Nenhum grupo social é imune à praga marrom. As ideias da extrema-direita, em particular o racismo, contaminaram uma parte significativa não só da pequena burguesia e dos desempregados, mas também da classe trabalhadora e da juventude.” (LÖWY, 2015, p. 658).

Como explicar, portanto, o crescente aumento desses movimentos conservadores e de extrema direita? Löwy sugere que:

O primeiro elemento de explicação é o processo de globalização capitalista neoliberal — também um poderoso processo de homogeneização cultural forçada — que produz e reproduz, em escala europeia e planetária, os *identity panics* [pânicos de identidade], a obsessiva procura por fontes e raízes que leva a formas chauvinistas de religião, formas religiosas de nacionalismo, além de alimentar conflitos étnicos e confessionais (LÖWY, 2015, p. 656-657).

Quadro 1 – Conservadorismo da extrema direita na Europa e no Brasil

Brasil	Europa
Governos nacionais populistas e retórica anti-imperialista	Governos nacionalistas
Não há continuidade com a matriz ideológica do integralismo do tempo de 1930	Em vários países da Europa há continuidade ideológica com o nazismo e o fascismo
Não há partido de massa tendo como principal bandeira o racismo	Há partidos abertamente racistas
Manipulação do discurso da luta contra corrupção para justificar o poder das oligarquias tradicionais	Manipulação do discurso da luta contra corrupção para justificar o poder das oligarquias tradicionais
Ideologia repressiva, culto à violência policial, representado pela “bancada da bala” no congresso	Ideologia repressiva, culto à violência policial, luta pelo restabelecimento da pena de morte
Intolerância com as minorias sexuais, em particular os homossexuais, igrejas neopentecostais	Intolerância com as minorias sexuais, em particular os homossexuais, igrejas católicas
Apelo aos militares, intervenção militar, o saudosismo da ditadura militar	Não há equivalente na Europa

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base no texto de Löwy, 2015.

Como visto anteriormente, desde a formação do Brasil República, as ideologias combinam-se. Com base nas entrevistas e relatos de militantes, há uma combinação entre as ideologias conservadoras e liberais. Mas o que seria ser conservador, segundo a literatura que as lideranças desses movimentos recentes referenciam em entrevistas e em suas páginas no meio virtual?

Ser conservador, então, é preferir o familiar ao desconhecido, o testado ao nunca testado, o fato ao mistério, o atual ao possível, o limitado ao ilimitado, o próximo ao distante, o suficiente ao abundante, o conveniente ao perfeito, o riso presente à felicidade utópica (QUITON, 1978, p. 58 apud COUTINHO, 2014, p. 22).

A visão utópica associada à esquerda é uma ameaça à ordem social, a mudança sem propósito concreto é como mergulhar em águas escuras para o conservador. São princípios que precisam ser compreendidos ao analisar as formas de organização e as causas construídas pelos movimentos recentes. Segundo Scruton (2015, p. 52), o “conservadorismo surge diretamente da sensação de pertencimento a alguma ordem social contínua e preexistente da percepção de que esse fato é importantíssimo para determinar o que fazer”. Assim, podemos tirar como hipótese que as mudanças promovidas por governos ditos progressistas nos últimos anos, que

valorizavam e ampliavam os direitos sociais e jurídicos de homossexuais, imigrantes, de mulheres, presos, das crianças e adolescentes (pensando na maioria penal), de negros e índios, fez com que houvesse uma perda nesse sentido de pertencimento às instituições sociais por parte dos conservadores. A partir disso teríamos a segunda hipótese, a reação conservadora recente tem sua origem nessa falta de pertencimento, de reconhecimento nas instituições sociais, como, por exemplo, a família. Como resultado disso, temos os protestos iniciados em 2013 e um quadro de políticos municipais, estaduais e federais cada vez mais alinhados com as ideias de direita, conservadora e liberal.

Segundo Scruton (2015), há três características fundamentais para compreender o conservadorismo e as atitudes conservadoras: a autoridade, a obediência e a tradição. Tais aspectos são importantes quando observamos o apoio e a crença de alguns militantes que defendem a intervenção militar atualmente, bem como quando analisamos a trajetória do presidente Bolsonaro na construção de sua imagem como um mito, como o “salvador” da nação. O reconhecimento por parte dos seus seguidores, a obediência e fidelidade a ele legitimam suas ações e criam também a ideia de grupo e de pertencimento a algo maior: salvar a nação brasileira do processo de desmoralização proporcionado pela esquerda.

Vários estudos mostram como o período do regime civil-militar no Brasil foi o período de maior autoritarismo e violência praticados pelo Estado contra a sociedade, por meio das Forças Armadas e com o apoio de diversas entidades da sociedade civil (CORDEIRO, 2009). Muitos trabalhos foram produzidos sobre esse período, principalmente observando os movimentos que resistiam ao autoritarismo dos militares. Contudo, alguns trabalhos historiográficos têm questionado a história daqueles movimentos que apoiaram e defenderam o regime. Entre esses estudos, destacamos o livro de Janaína Mastins Cordeiro, intitulado *Direitas em movimento: A Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil*, no qual a autora analisa o período ditatorial mediante um ângulo diferenciado, em que investiga o apoio civil ao golpe e a participação civil na construção da ditadura. Entende a ditadura como uma construção social, que está diretamente vinculada com a sociedade e com os processos históricos que a envolvem, desta forma, sua constituição e organização ocorreram em função de referenciais nela enraizados, ela é antes de tudo o seu produto (CORDEIRO, 2009).

Cordeiro toma como objeto de estudo a Campanha da Mulher Pela Democracia (Camde), surgida em 1962 no Rio de Janeiro. Tal movimento teve papel fundamental na articulação das Marchas da Família com Deus pela Liberdade. Segundo a autora:

Tendo em vista a grandiosidade das manifestações, as marchas passaram à história como as mais significativas expressões do apoio da sociedade civil à intervenção militar. Nelas estiveram presentes os mais diversos tipos de entidades civis, as quais primeiramente se mobilizaram para pedir uma intervenção militar e, em seguida, para comemorar o sucesso desta. (CORDEIRO, 2009, p. 32).

No discurso dos grupos femininos, ressalta a autora, as mulheres surgiram na vida pública como mães, esposas e donas de casa preocupadas com a crescente infiltração comunista no país. Tal discurso foi fundamental no processo de articulação política no apoio ao golpe e depois na permanência do regime: “Ora, não há nada mais apolítico do que a palavra mãe e, portanto, esta ‘categoria’ representaria uma certa coesão social, uma aliança entre o público e o privado, em torno do projeto político encarnado pela “Revolução” (CORDEIRO, 2009, p. 34)”. A negação da política e a mobilização de palavras e categorias que socialmente são vistas como apolíticas fazem parte das estratégias de organização das direitas. Um exemplo disso são determinados recursos simbólicos utilizados nas manifestações, como fazer a oração do pai-nosso, cantar o hino nacional, dançar, são ações que em certa medida buscam descaracterizar a ação, como ação política, que tem uma intencionalidade objetiva por parte dos organizadores.

O trabalho de Cordeiro (2009) vai de encontro à maioria das pesquisas que analisam esse período da história política no Brasil, em que se busca apagar a atuação do “povo” que apoiava o regime político daquele contexto. Assim, foi importante para a autora compreender quais foram as categorias, os termos, os discursos, que serviam para unificar e mobilizar apoiadores para o regime-militar. Deste mesmo modo, se faz necessário ir além do discurso de que o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff foi um golpe e que os manifestantes emergentes são “bolsomínions” e “coxinhas”, e se questionar: quais são as categorias mobilizadoras utilizadas, por exemplo, pelos seguidores de Bolsonaro? Qual o perfil social, religioso, educacional, profissional, político, econômico e cultural desses seguidores? Quais são os grupos sociais, militantes e políticos de que eles fazem parte? Para eles o que ameaça as instituições sociais brasileiras?

Em consenso com isso, outros estudos também contribuem para refletirmos sobre o pluralismo das direitas. Um destes estudos é o de Rémond (1982), este analisa a direita na França baseando-se em uma abordagem que enfoca o processo histórico, enfatizando a diversidade sócio-histórica das formações políticas, sem deixar de lado os aspectos ideológicos comuns. O autor identifica que existe três tradições políticas distintas, com características próprias: a direita legitimista, que se relacionaria com o reacionarismo; a orleanista, que estaria relacionada ao liberalismo conservador; e a direita bonapartista, que estaria ligada a um autoritarismo de tipo plebiscitário (RÉMOND, 1982; MAITINO, 2017). Contudo, o autor

esclarece que diante das dificuldades de classificar se um grupo é mais ou menos à direita, essa classificação é antes de tudo uma distinção tipológica. Como vemos, há uma dificuldade substancial em classificar e mesmo tipificar os diferentes movimentos à direita.

Outro trabalho que confirma isso é o de Morresi (2015), sobre a democracia nos países da América Latina. Em certa medida este estudo dialoga com o trabalho de Rémond (1982), uma vez que problematiza historicamente a dificuldade de se definir conceitualmente a direita. Em seu trabalho, Morresi (2015) teve como objetivo explorar as estratégias utilizadas por novos partidos políticos, dando especial atenção para o estudo da direita na América Latina. Dito de outro modo, como a atuação da direita está sendo interpretada e caracterizada historicamente pela literatura. Para o autor, um dos primeiros passos ao estudar o campo à direita é se desprender de uma abordagem essencialista e tomá-la como um objeto relevante. O autor concluiu também que as direitas adotaram diferentes modalidades de ação em diferentes situações geo-históricas. Tal resultado nos faz questionar: quais foram e quais são as modalidades de ação utilizadas pelas direitas no Brasil?

A pluralidade e as rupturas internas das direitas podem ser compreendidas também quando buscamos entender quais são as principais características do liberalismo que orientam as práticas dos movimentos que se declaram liberais e liberais-conservadores. Neste sentido, desde a década de 90 temos um conjunto de institutos liberais que surgem no país com o propósito de difundir as ideias liberais e neoliberais, principalmente entre os jovens (MARTINS, 2009). Duas instituições são representativas, o Instituto Tancredo Neves, que estava jurisdicionado ao Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas; e o Instituto Liberal, criado em 1982 por um conjunto de empresários (GROS, 2003). Ambos tiveram um papel fundamental no processo de educar camadas da sociedade no pensamento liberal.

Em consenso com isso, queremos ressaltar os cadernos liberais publicados pelo Instituto Tancredo Neves, entre estes o organizado por Francisco Leme, intitulado *Dois modelos extremos de organização social e política*, publicado em 1998. O livro apresenta, de forma objetiva e de fácil entendimento, o modelo de sociedade dos homens livres, que seria o modelo liberal, e o modelo de sociedade dos não liberais, que seria o modelo no qual o indivíduo é controlado e submisso ao Estado e às coletividades. Nas palavras do autor:

Nas sociedades não-liberais, é próprio da ordem vigente a submissão dos indivíduos aos interesses do Estado e, em contrapartida, o pleno uso do poder coercitivo do Estado sobre os membros da comunidade, um tipo de relação que implica o controle da Nação pelo Estado. Esse tipo de organização se assemelha funcionalmente aos sistemas mecânicos, como o mecanismo de um relógio, por exemplo. Imperam a coerção e a regra da autoridade. [...] Nas sociedades liberais, predomina a autoridade

das regras e a submissão do Estado aos indivíduos, o que leva ao controle do Estado pela Nação. É o mais complexo e sofisticado entre os diferentes tipos de sistemas. É a organização social propriamente dita, fruto da interação livre e espontânea de seus membros no tempo, uma invenção anônima, multipessoal e não deliberada. (LEME, 1998, p. 35).

A sociedade dos homens livres, em contraposição a uma sociedade em que os homens estariam “presos” e coagidos pelo Estado, é apresentada como algo primordial para os indivíduos gozarem da liberdade. É importante frisar que os Cadernos Liberais eram distribuídos de forma gratuita, organizações e indivíduos podiam solicitar junto ao Instituto. São obras que ainda exercem um papel importante para uma educação e uma consciência liberal. A linguagem acessível e o pouco volume de páginas também contribuía para uma maior disseminação entre as diferentes camadas da sociedade, em especial os jovens.

Sobre isso, o Instituto Liberal teve um papel fundamental nas últimas três décadas. Martins (2009) coloca a sua criação como uma das principais iniciativas empresariais de defesa da difusão do neoliberalismo no Brasil. Desta maneira, o pensamento por trás da formação do Instituto, bem como da organização de vários movimentos sociais liberais atuais, é o hayekiano, em que se entende que o único papel do Estado é o de “fiscalizar e conceder contratos de exploração, sem maiores restrições, aos interesses privados ao invés de atuar diretamente na produção e controle de mercadorias, de serviços e de transações financeiras”. (MARTINS, 2009, p. 49). Orientados por este pensamento e de outros autores da Escola Austríaca de Economia, lideranças de movimentos sociais liberais que investigamos defendem, por exemplo, uma revisão ou o fim de algumas leis trabalhistas, que regulam as relações contratuais e financeiras entre patrão e empregados.

O entendimento acerca dos diferentes grupos liberais à direita não é fácil, diante das diferentes matrizes teóricas e das traduções e incorporações que os atores políticos fazem delas. Sobre isso, pudemos perceber desde o início deste tópico as imbricações ideológicas que permearam a formação do Estado e da política brasileira. O recente avanço das direitas na cena pública mostrou como são pulverizados os movimentos sociais que se orientam a partir de vertentes do liberalismo. De acordo com isso, Rodrigo Constantino, presidente do Instituto Liberal e fundador do Instituto Millenium, escreve o seguinte em seu livro intitulado *Confissões de um ex-libertário*:

Espero que os libertários possam abrir os olhos a tempo e adotar um viés mais conservador, dando ênfase ao aspecto cultural, para salvar o próprio liberalismo desses “liberais” modernos. A civilização ocidental corre perigo, e a liberdade não sobrevive num vácuo de valores. Ou resgatamos aquilo que está sob constante ataque

e quase perecendo, ou será a liberdade como a conhecemos que irá morrer. E pior: em nome da própria liberdade. (CONSTANTINO, 2018, p. 14).

Constantino mescla reflexões teóricas, relatos pessoais e orientações para os liberais e os libertários em seu livro. Ressaltamos a citação acima e a obra do autor, com o propósito de ilustrar as dissidências que ocorrem, bem como para reafirmar como as lideranças, principalmente de movimentos liberais, se apropriam de teóricos e de suas teorias de forma objetiva para educar jovens e outros grupos sociais no pensamento à direita desde a década de 80. Esta apropriação faz parte de suas estratégias de recrutamento, principalmente no espaço universitário.

Desta feita, a literatura geralmente tem estudado os movimentos sociais à direita pelo viés econômico, de classe, ou pela dimensão da política institucional. Apesar dos poucos estudos que tratem especificamente de movimentos sociais à direita no Brasil, há uma discussão teórica sólida, especialmente nas Ciências Políticas, na Sociologia Política e na História sobre o conservadorismo, o liberalismo e o autoritarismo no Brasil. Desta maneira, esses estudos oferecem elementos importantes para entender as relações entre Estado e sociedade civil e o sistema político partidário brasileiro, consequentemente eles oportunizam uma análise das bases históricas da política partidária e contestatória brasileira.

De acordo com isso, Simon Schwartzman (2007), em seu livro *As bases do autoritarismo no Brasil*, resgata alguns conceitos da teoria weberiana para explicar as origens do autoritarismo brasileiro e faz um conjunto de críticas às explanações marxistas que analisam este fato sob um prisma puramente economicista. O autor adota a análise do processo político para mostrar que a compreensão acerca do autoritarismo brasileiro só é possível quando entendemos as especificidades das relações estabelecidas entre o Estado e a sociedade civil. Sua investigação privilegia dois níveis de análise, o estrutural e o político. O autor não nega os fatores econômicos, contudo argumenta que em sociedades com uma base patrimonialista não há diferenças entre a esfera política e a esfera econômica. Dito de outro modo, no Estado patrimonialista ambas as esferas se misturam, são controladas, reguladas e moldadas aos interesses do Estado.

Nos sistemas patrimoniais tradicionais não havia diferença entre a esfera política e a econômica na sociedade. Para o autor, em sociedades que o Estado centraliza o poder e antecede o controle sobre diversos espaços e esferas sociais, a busca não é por fazer prevalecer uma ou outra política, ou o interesse de um grupo ou de outro, mas sim pela posse de um patrimônio de grande valor, de uma riqueza. Desta forma, ao dominar e possuir o controle sobre patrimônios

públicos de grande valor social, ou seja, que têm interferência e implicações efetivas no cotidiano social, o Estado passa a ter o controle e gera dependência não apenas de um grupo de interesses, mas de toda a sociedade.

Na perspectiva estrutural de Schwartzman (2007, p. 58), o sistema político é “entendido em um sentido restrito como a arena na qual recursos escassos são disputados por classes, grupos sociais e instituições correspondentes – tem importantes consequências para sociedade como um todo”. O autor amplia este entendimento ao aproximar os dois níveis de análises, quando apresenta uma relação íntima entre o conceito de patrimonialismo, especificamente ligado ao nível estrutural, e o conceito de “cooptação política”, ligado ao nível político. A partir da aproximação destes dois aspectos, a expressão “patrimonialismo político” é sugerida. Ao estabelecer esta relação, o autor argumenta que “o importante é ver como ela varia, como se relaciona com outras formas de participação política e como afeta o processo de mudança social e política” (SCHWARTZMAN, 2007, p. 59).

A expressão “cooptação política”, no trabalho de Schwartzman (2007, p. 58), é sugerida para referir-se: “a um sistema de participação política débil, dependente, controlado hierarquicamente, de cima para baixo”. Uma das condições necessárias para que este sistema exista “é que algumas pessoas e grupos sociais, previamente fora da arena política, tratem de participar dela e fazer-se ouvir” (SCHWARTZMAN, 2007, p. 58). Como o autor demonstra, o sistema de cooptação política é algo histórico e inerente aos governos brasileiros. Neste sentido:

No sistema de cooptação, pelo contrário, quanto mais íntima participação do líder na burocracia governamental, maior sua força política, já que terá mais recursos para manter o controle de suas bases. Aí reside a explicação das repetidas vitórias eleitorais dos partidos de governo nos regimes desse tipo, chegando muitas vezes a sistemas uni-partidários ou de partidos governamentais imbatíveis. (SCHWARTZMAN, 2007, p. 62).

Um exemplo disso, foi a entrada do PT na presidência da República em 2003. Demandas reivindicadas historicamente pelos movimentos dos trabalhadores e pelos movimentos de gays, lésbicas, bissexuais e travestis, passam a ter espaço na agenda do governo e se efetivar enquanto políticas públicas. Deste modo, foi observado que durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), várias lideranças de movimentos sociais, como do Movimento Sem Terra, foram convidadas (“cooptadas”) a participar do governo, assumindo pastas ministeriais ou outros cargos de alto escalão. Alguns podem dizer que isso é algo “natural” de ocorrer, tendo em vista que o então presidente era um militante/sindicalista e essas lideranças participavam de sua rede de contatos. Contudo, nada tem de “natural” nisso. É por meio dessas lideranças, que

antes representavam interesses de grupos sociais e articulavam reivindicações em torno de demandas como direito a terra, reforma agrária, etc., que o governo Lula passou a controlar mobilizações, movimentos sociais, oposições da sociedade civil ao seu governo, etc. e, com isso, assegurou interesses de coalizões partidárias heterogêneas que eram fundamentais para a manutenção do seu governo. Neste sentido, segundo Pereira:

[...] a literatura sobre presidencialismo de coalizão no Brasil mostra que, ao gerenciar seus subsistemas de políticas públicas, o partido que chefia o Executivo não busca apenas traduzir os seus valores em políticas públicas. Para garantir a fidelidade de sua coalizão de governo, a chefia do Executivo também deve ceder vitórias a aliados ideologicamente heterogêneos e, assim, transformar alguns de seus valores em políticas públicas. (PEREIRA, 2018, p. 227-228).

Para ilustrar isso, Pereira (2018) apresenta empiricamente como os resultados políticos conquistados pelo movimento LGBT durante os governos do PT sofreram variações. Este movimento tinha conseguido imprimir na agenda da chefia do Executivo demandas relacionadas ao combate à homofobia e outras demandas específicas às pessoas LGBT, como a garantia de direitos para casais do mesmo sexo. O autor evidencia que estas variações ocorrem simultaneamente “ao crescimento da influência da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) nas coalizões de governo do PT”. Mais precisamente, essas variações são percebidas a partir da diminuição de investimentos nas iniciativas do movimento LGBT, em um período que vai do último governo de Lula e ao primeiro mandato de Dilma Rousseff. Assim, no segundo governo Lula a Câmara dos Deputados contava com 33 parlamentares da FPE, já no primeiro Governo Dilma este número passou a ser de 70 parlamentares. Já em relação às coalizões do governo, a proporção de deputados da FPE foi de 6% (18 deputados) na primeira coalizão do governo Lula, para 11 % (34 deputados) na última coalizão do primeiro Governo de Dilma. (PEREIRA, 2018, p. 238).

Assim, para atender aos interesses dos aliados da bancada evangélica, a chefia do Executivo diminuiu o poder de ação dos defensores de políticas públicas no combate à homofobia no país. Isso ficou evidente numa declaração pública dada por Dilma Rousseff, em que ela afirmou que caso eleita não tomaria medidas relacionadas ao aborto e ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. (PEREIRA, 2018). Como resultante deste quadro de alianças com bases parlamentares conservadoras, percebe-se um fechamento de oportunidades políticas para os movimentos LGBT, e uma abertura política para movimentos sociais conservadores imprimirem suas demandas, e, por conseguinte, normatizarem seus valores por meio de ações que combatem iniciativas pedagógicas nas escolas e em material didático sobre determinadas

temáticas vinculadas a sexualidades e os novos modelos de estrutura familiar. Como veremos no capítulo 2, alguns movimentos sociais à direita tiveram como pauta o combate à “ideologia de gênero” e ao “kit gay”.

Neste sentido, uma maior ou menor participação política da sociedade civil organizada não ocorre de forma isolada e independe dos processos e da estrutura política. Desta maneira, a participação política pode ser compreendida a partir dos dois níveis de análise propostos por Schwartzman, ou seja, pelo nível estrutural e pelo nível político. Desta forma, nas palavras do autor: “O processo político [...] tem objetivos e mecanismos próprios que, embora não sejam independentes e isolados dos processos que se desenvolvem na esfera produtiva, só podem ser entendidos em sua especificidade”. (SCHWARTZMAN, 2007, p. 44). Conforme a citação, é por meio da análise do processo político e levando em consideração suas especificidades, que é possível interpretar os padrões de relacionamento entre o Estado e a sociedade brasileira. Consequentemente, é por meio da análise do processo político que iremos compreender as bases do autoritarismo brasileiro e sua continuidade. Isso não quer dizer que o autor nega fatores econômicos e culturais em sua análise, mas que a esfera política, o processo político, é o centro de sua investigação. Em consenso com isso, segundo Lamounier (2009), um dos pontos principais da análise de Schwartzman é a autonomia atribuída à esfera política. Assim, o Estado não fica à mercê dos interesses da burguesia, das elites, de grupos sociais marginalizados, etc., ele tem sua própria lógica de funcionamento em que se orienta pelos seus próprios interesses. Como vimos em Pereira (2018), esta lógica de funcionamento perpassa pela lógica das coalizões ideologicamente heterogêneas, em que o chefe do Executivo gerencia os interesses dos seus aliados, para que estes também obtenham vitórias, mesmo que isto se choque com os interesses da sua base na sociedade civil organizada e desequilibre suas relações com esta base.

Neste sentido, José Murilo de Carvalho (1987), no livro *Os bestializados*, nos oferece algumas pistas acerca das bases conservadoras, liberais e de direita no Brasil. No livro o autor trata especificamente de três temas: Estado, participação política e cidadania no Brasil. Para Carvalho, a formação do Estado e da participação política brasileira, bem como do conceito de cidadania, foi influenciada tanto pelas ideias positivistas, liberais, quanto pelo anarquismo e pelo socialismo. Nesta perspectiva, nunca houve um modelo de Estado que fosse puramente positivista, liberal ou socialista, esta questão também se aplica à participação política. Segundo o autor, essas ideologias combinam-se em determinados momentos da história política do país. Schwartzman (2007), em sua obra citada anteriormente, também afirma isso.

Carvalho (1987) ressalta que todas aquelas ideologias foram importadas da Europa, bem como a maneira e a concepção de participação política e de cidadania. Deste modo, vemos uma continuidade desta importação ideológica e também de reivindicações nas práticas dos movimentos sociais à direita. Sobre isso, vale apenas citar, ligeiramente, que alguns dos movimentos sociais liberais e de direita que foram objeto desta tese reivindicam o Estado mínimo, o armamento civil, a diminuição da maioridade penal, tendo como referência de modelo de sociedade os Estados Unidos da América (EUA), ou seja, a defesa daquelas pautas se justifica a partir da realidade de países considerados mais desenvolvidos economicamente, sem levar em consideração as especificidades e particularidades históricas, sociais e culturais de cada país, isto é, há uma continuidade de importação de ideais, ideais e práticas sociais. É importante ressaltar que tais reivindicações também fazem parte da agenda de demandas e dos valores de partidos políticos liberais e de direita e de políticos partidários que estão no Poder do Executivo e do Legislativo.

As relações entre Estado e movimentos sociais são modificadas também pelos tipos de coalizões que são formadas e pela capacidade do Poder Executivo aprovar as medidas propostas por eles. Deste modo, as relações entre o Estado e o povo, ou entre governos e o povo, também se configuram numa lógica que é influenciada por uma cultura política que parece funcionar de forma autônoma e externa aos interesses mais urgentes do povo. Neste sentido, os questionamentos elaborados por Carvalho (1987) sobre o “povo” que se manifestava na Revolta da Vacina são muito pertinentes para compreendermos o “povo” que se manifestou a “favor do Brasil” nos ciclos de protestos iniciados em 2013: que “povo” é este que propagou a causa anticorrupção? Que “povo” é este que está se manifestando a favor da intervenção militar? Que “povo” é este que se manifestava pela candidatura do então deputado Jair Bolsonaro para presidente da República em 2018? Que “povo” é esse que se considera as pessoas de bem do Brasil? Qual seu imaginário político? Qual a concepção de participação política e de cidadania que eles têm? A partir das manifestações de junho de 2013 pudemos observar diferentes “povos” participando politicamente, interpretando a sociedade e agindo de forma contestatória contra ou em defesa do Estado. Os distintos posicionamentos, os conflitos e a emergência de novos atores têm provocado transformações não apenas no associativismo brasileiro, mas também nas eleições partidárias, como as ocorridas em 2016, em que foram eleitos vários vereadores e também prefeitos que estavam vinculados aos protestos iniciados em 2015, como veremos no capítulo 3.

De acordo com isso, José Murilo de Carvalho (1987) destaca dois pontos fundamentais quando analisamos manifestações de rua. O primeiro refere-se à origem social e à identidade dos manifestantes; já o segundo refere-se às motivações deles. Qual a origem social e a identidade dos manifestantes? Quais são suas motivações? Algumas análises sobre as manifestações de junho de 2013, por exemplo, destacam a apatia política dos jovens e outros segmentos da sociedade anterior a esse período. Acredita-se que as pessoas estavam envolvendo-se politicamente por meio de outros canais de participação política, ou ainda, nenhuma causa tivesse provocado um reconhecimento e identificação que as pessoas achassem que valia a pena correr os riscos de participar de uma manifestação. Neste sentido, poucos têm sido os trabalhos que têm buscado compreender a origem social e a identidade destes atores que organizaram os protestos *pró-impeachment*. Como veremos na segunda parte deste capítulo, os *Think Tanks* e os Institutos Liberais, desde a década de 1980, têm sido um dos canais de participação política e de atuação de movimentos sociais e grupos à direita desde o período de redemocratização.

Outro estudo que é referência para entendermos as bases do conservadorismo no Brasil é o livro de Paulo Mercadante, intitulado *A consciência conservadora no Brasil*. O livro tem como objetivo fazer “uma síntese do progresso histórico brasileiro, a fim de que se possam aferir as mutações nele ocorridas” (MERCADANTE, 1980, p. 11). Em outras palavras, o autor busca compreender o processo histórico cultural, econômico, político, intelectual e também social de formação da consciência conservadora no Brasil, a partir da ideia de conciliação. A conciliação ocorre a partir da interação entre políticos positivistas, liberais, conservadores e progressistas e o Estado, que ao longo da história, em diversos eventos e momentos de conflitos e rupturas, preferiram negociar, conciliar em vez de agir de forma “rebelde”, ofensiva e contestatória.

Deste modo, forma-se uma consciência conservadora baseada mais nos arranjos políticos e nos processos conciliatórios de preservar os interesses de uma elite conservadora, liberal e positivista, mas também progressista, do que necessariamente baseada nas teorias e filosofias que poderiam fazer emergir no Brasil. Algo que não é equivalente à Europa, é que no Brasil não havia correntes partidárias claras com relação à postura conservadora, liberal, de direita, progressista, etc. (MERCADANTE, 1980). Este caráter conciliatório dos dominantes e também da população brasileira, o autor destaca como algo singular do Brasil. Em certa medida, dialogando com o trabalho de Carvalho, Mercadante ressalta as diversas correntes teóricas que influenciaram a formação do Brasil, como: o Direito Romano (formalismo jurídico), as ideias

conservadoras, o romantismo, o positivismo, o liberalismo, marxismo e o papel da *intelligentsia* brasileira em confirmar e difundir as ideias propagadas por essas correntes.

Ao analisar o papel do Poder Moderador¹ no Brasil, Mercadante (1980) expõe como a tendência conservadora no país foi legitimada e difundida por meio de documentos oficiais e da *intelligentsia* brasileira, isso fica claro quando o autor fala como foi definida a função do Poder Moderador no país. Desta maneira, a *intelligentsia* brasileira toma como referência e norte as formulações de Benjamin Constant e de outras figuras francesas. Sobre isso, assim expõe Mercadante:

Na ingenuidade de adotar uma tese de escola, o que à primeira vista parece pedantismo daquela elite latino-americana, procuravam os fundadores do Império encarnar, antes de tudo, no mecanismo da Carta, a tendência conservadora, expediente necessário para transformá-la em força social (MERCADANTE, 1980, p. 195).

De acordo com a obra de Mercadante, podemos afirmar que a visão conservadora se tornou presente de forma normatizada no pensamento social brasileiro. Isso pode ser observado historicamente a partir da atuação do poder judiciário e do legislativo, por meio da elaboração de leis e de decisões jurídicas que permitem a reprodução de comportamentos conservadores.

Sobre as formas de contestação conservadora, Mercadante suscita elementos interessantes para compreendermos a dinâmica de atuação desses movimentos na contemporaneidade. Assim, é possível interpretar que a dinâmica conservadora age de forma conciliatória, na tranquilidade, a partir de formas que perpassam mais pelo jogo de cintura nos bastidores, a partir das mediações e negociações, sem muito se apegar a questões teóricas e ideológicas, do que necessariamente por meio do confronto direto e da rebeldia: “As reações conservadoras diante dos fatores imanes e situações determinadas consistiriam em atitudes habituais, e nesta situação o pensamento tranquilamente aceita o existente, como se fosse a exata ordem das coisas e do mundo” (MERCADANTE, 1980, p. 227).

Tais constatações sobre como agem os conservadores revelam suas bases e nos permitem identificar continuidades nos dias atuais. Assim, cabe salientar que, após o regime civil-militar, considerou-se, em certa medida, que não havia militância de direita, conservadora e liberal no Brasil, na melhor das hipóteses considerava-se que ela agia nos bastidores e por intermédio de repertórios menos contestatórios, como reuniões, abaixo-assinados, petições, entre outros. Com as manifestações de junho de 2013 e os protestos de caráter antiesquerda

¹ Poder Moderador (chamado também de quarto poder) foi decretado na Constituição Brasileira de 1824 e pela Carta Constitucional portuguesa em 25 de março de 1824.

iniciados principalmente no final de 2014, pesquisadores começaram a considerar esses movimentos como sendo representativos, e não mais esporádicos e não distantes das ruas. Portanto, resta nos fazer a pergunta, suscitada por Mercadante: Quando a opinião conservadora se revolta? Sobre isso, o autor diz:

Mas o ataque ideológico de um grupo social, a prenunciar uma nova era, ou que represente interesses de grupos sociais ascendentes é que provoca no espírito conservador os tórbidos receios quanto à segurança de seu poder, dando margem a determinadas reações teóricas (MERCADANTE, 1980, p. 227).

A citação acima nos coloca novamente o questionamento sobre as relações entre sistema político, Estado e movimentos sociais. Em vista disso, é no interior do Poder Executivo, Legislativo e também do Judiciário que o controle sobre as transformações sociais, sobre o avanço de políticas democráticas e a redistribuição de recursos fundamentais ocorrem e se efetivam na sociedade. Assim, tanto Mercadante, quanto outros autores, que já apresentamos e iremos apresentar, frisam o papel que aqueles três poderes exercem sobre o desenvolvimento democrático, bem como sobre uma maior ou menor participação política da população e/ou de movimentos específicos da sociedade civil. Neste sentido, quando tentamos encontrar as raízes da revolta dos movimentos sociais à direita no Brasil atualmente, podemos afirmar que esta relaciona-se diretamente com a tentativa de controle por parte de partidos políticos e político-partidários à direita, que historicamente são contrários a determinadas transformações sociais, que ocorreram e se efetivaram principalmente durante os dois primeiros governos do PT (2003-2010), por meio da (re)distribuição de recursos (financeiros, intelectuais, materiais, etc.) na sociedade mediante programas sociais e políticas públicas. (NOBRE, 2013^a; 2016; PEREIRA, 2018). Empiricamente isso se expressa, por exemplo, no receio que as classes sociais mais abastadas têm sobre o fato das pessoas de classes menos abastadas estarem ingressando no ensino superior em universidades públicas federais, e com isso passarem a ter a possibilidade de ascender socialmente. Desta maneira, para utilizar os termos de Mercadante, na dinâmica conservadora a mudança ocorre para que se possa preservar a ordem e os interesses de uma elite dominante historicamente construída. Sobre isso, o autor acrescenta:

A forma conservadora norteia-se pela experiência do passado; parte do princípio de que tudo que existe possui um valor nominal e positivo em razão de sua existência lenta e gradual. Trata-se assim do aproveitamento do passado para uma experiência real, isto é, como se o passado se experimentasse como um presente virtual. [...] A mentalidade conservadora apresenta-se sob formas determinadas. O pensamento burocrático, por exemplo, convertendo todos os problemas políticos em questões de administração. Com o apoio nas leis, cuja a origem e desenvolvimento está fora de

seu alcance, o horizonte social do pensamento burocrático, enquadrado nessa espécie, é socialmente limitado, pois esse tipo de conservador não percebe os interesses elaborados socialmente por detrás de cada preceito jurídico. A mentalidade rígida apenas levanta sistemas de pensamentos estáticos (MERCADANTE, 1980, p. 228).

Para Mercadante, a consciência conservadora no Brasil constituiu-se tanto a partir de um contexto econômico rural, quanto a partir de uma superestrutura jurídica que tudo explicava e justificava. Assim, na dinâmica conservadora que está no fundo do sistema político brasileiro, princípios, valores e práticas conservadoras se naturalizavam por meio do processo burocrático, político e normativo, e por meio disso se mantêm a ordem e a preservação do *status quo*, demandas básicas dos conservadores. Mas quando os conservadores se revoltam? A ameaça às instituições sociais e à ordem social seria, portanto, um dos princípios para os conservadores emergirem. Nesta perspectiva, “[...] o conservadorismo será antes uma ideologia **posicional e reativa** [ao contrário de ideacional e ativa]: é perante uma ameaça concreta aos fundamentos institucionais da sociedade que a ideologia conservadora desperta, reage e se define” (COUTINHO, 2014, p. 31, grifo do autor).

Deste modo, segundo Coutinho (2014, p. 29): “O conservadorismo poderá ser assim apresentado como uma ‘ideologia de emergência’ – e no duplo sentido da expressão: porque emerge em face de uma ameaça específica de caráter radical; e porque o faz quando essa ameaça põe os fundamentos institucionais da sociedade”.

Tendo em vista as citações acima, questionamos: quais foram as ameaças que unificaram centenas de milhares de pessoas nos últimos anos em defesa da família, da nação e da religiosidade? Quais foram os fatores que provocaram esta reação conservadora no Brasil nos últimos anos? Parte da literatura tem apontado para o resgate da ameaça comunista, difundida no período do regime civil-militar, associada ao antiesquerdismo e ao antipestimo. Outros trabalhos têm apontado o crescimento da direita radical nos países da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos. Alguns outros ainda têm defendido que o racismo, o xenofobismo e a homofobia são aspectos que têm unido esses movimentos sociais à direita recentes. Tais estudos, como veremos mais adiante, jogam luz para questões importantes, contudo, nosso esforço até o momento é o de mostrar como a saída das direitas dos bastidores se relaciona com uma cultura política historicamente caracterizada pelo autoritarismo e por uma distância entre os interesses do povo e os interesses daqueles que estão no poder. (SCHWARTZMAN, 2007; CARVALHO, 1987); por um sistema de coalizões políticas suprapartidárias que influenciam diretamente a abertura e o fechamento de oportunidades políticas para que movimentos sociais à direita ou à esquerda tenham ou não suas demandas

priorizadas. (PEREIRA, 2018); por fim, como veremos agora, por uma cultura política que tem como pano de fundo a lógica do pemedebismo. (NOBRE, 2013a; 2013b).

O termo pemedebismo foi apresentado por Marcos Nobre (2013b) no seu livro *Imobilismo em movimento*. O pemedebismo é caracterizado como a cultura política que se estabeleceu nos anos 1980, e foi se firmando com a redemocratização, é resultante de arranjos políticos forjados na transição democrática, que utilizou de mecanismos de blindagens do sistema político contra as forças de transformação da sociedade. Com o fim da ditadura militar se instalava um novo modelo de sociedade que vinculava-se à democracia. Apesar das diferentes formas de desigualdade presentes no país, da sua diversidade e riqueza territorial, da sua cultura política com baixo teor democrático, o novo regime que se instaurava abria oportunidades para transformações sociais e para que novos atores sociais, silenciados outrora, se manifestassem e disputassem arenas políticas. Contudo, isso afetava os interesses das elites. Sobre tudo isso, Nobre descreve:

Com o declínio da ditadura militar, em ambiente de redemocratização, a abismal desigualdade brasileira se tornou insustentável. Uma lógica diferente de distribuição de renda, de poder, de recursos naturais e de reconhecimento social se configurou e se estabeleceu pouco a pouco a partir da década de 1980. Configurou-se um novo modelo de sociedade, internamente vinculado à democracia. Ainda que reprimida por décadas de ditadura e por uma cultura política autoritária, a população pobre e miserável não deixaria de usar o poder de sua mobilização e de seu voto para combater desigualdades de todos os tipos. Por outro lado, do ponto de vista da elite no poder, passou a ser essencial pelo menos o controle da velocidade e da amplitude de diminuição das desigualdades, especialmente, em um primeiro momento, das desigualdades de renda e de poder. Uma maneira, enfim, de controlar o passo de implantação do novo modelo de sociedade que nascia com a redemocratização. (NOBRE, 2013b, p. 4).

Assim, um dos objetivos da cultura pemedebista era bloquear e/ou diminuir a velocidade dessas transformações sociais, outro objetivo era assegurar os interesses e a posição de poder das elites. Desta feita, o sistema de blindagem dessa cultura política baseada nos arranjos e alianças revela a natureza do conservadorismo brasileiro, na perspectiva de Nobre (2013b). Neste sentido, a cultura política pemedebista, apesar de ter sido originada no PMDB, não é restrita a este partido, ela é o pano de fundo que orienta a política pós-redemocratização. Cronologicamente, Nobre apresenta três momentos do pemedebismo: o primeiro é de 1979 a 1994, período em que surge e se consolida o pemedebismo como marca característica conservadora do sistema político; segundo, 1994 a 2002, período que engloba o Plano Real até o final do segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso. Nesse período, o conservadorismo é remodelado para aceitar uma transformação na forma em que o sistema de alianças e arranjos

políticos estava sendo concebido, a lógica pemedebista passou a acomodar o sistema em dois polos, um polo liderado pelo PSDB e o outro pelo PT. Por fim, o último período compreende os dois mandatos do governo Lula (2003-2010) e a eleição de Dilma Rousseff, nesse período sobra apenas a lógica pemedebista e o PT como único condutor. (NOBRE, 2013a; 2013b).

Ao longo daqueles períodos a cultura política pemedebista passa por transformações e é forçada a se remodelar ante os acontecimentos, numa tentativa constante de blindar o sistema político e bloquear as forças de transformação social. Deste modo, para ilustrar isso e também as bases da avançada à direita dos últimos anos, destacamos o caso do Mensalão em 2005, como elemento que evidencia e introduz o PT de forma mais profunda na lógica pemedebista. (NOBRE, 2013a; 2013b). O governo Lula representou a primeira imagem do social-desenvolvimentismo, modelo de sociedade internamente vinculado à democracia, à defesa dos princípios democráticos e que teve como característica o combate às diferentes formas de desigualdade. Contudo, para assegurar este modelo custou ao governo do PT a normalização e naturalização do pemedebismo, alianças forjadas no primeiro mandato de Lula, que tiveram como objetivo garantir o seu segundo mandato, vieram a público no episódio do Mensalão. Para Nobre (2013b), o episódio do Mensalão marca uma nova fase, na qual se configura uma nova aliança do PT com o PMDB e o pemedebismo. Isso é demonstrado a partir das eleições de 2006. Neste sentido, Lula consegue se reeleger no segundo turno das eleições de 2006 com 60% dos votos, graças aos resultados dos programas sociais implementados, como o Bolsa Família, da associação da sua imagem com os grupos marginalizados da sociedade, etc., mas também por conta do pacto feito com o mesmo sistema político marginalizador ao qual sua base eleitoral se opunha. (NOBRE, 2013b).

No segundo mandato do Governo Lula e mais ainda no primeiro Governo Dilma, os custos de uma aliança com o PMDB e com o pemedebismo começam aparecer e passam a ameaçar o aprofundamento do social-desenvolvimentismo empenhado pelo PT. Um exemplo disso, que já mencionamos anteriormente, foi o retrocesso quanto à garantia dos direitos das pessoas LGBT e do combate à homofobia. Uma das iniciativas do Ministério da Educação, do início do governo Dilma, que fazia parte do combate à homofobia, foi a preparação de material pedagógico de combate à discriminação e à violência contra pessoas LGBT. O material ficou conhecido como Kit anti-homofobia, porém, após pressão da bancada evangélica, a presidente Dilma Rousseff mandou suspender a distribuição do material. Nobre (2013b) descreve da seguinte forma este episódio:

No mesmo momento, em maio de 2011, o ministro da Casa Civil, Antonio Palocci, estava enfrentando acusações públicas de evolução irregular de seu patrimônio durante o exercício do mandato de deputado federal, entre 2007 e 2010, vinculadas à compra de um apartamento de luxo em bairro nobre da cidade de São Paulo. A bancada religiosa no Congresso (composta de representantes de quase todos os partidos) imediatamente rebatizou pejorativamente o material de “kit gay” e ameaçou convocar Palocci para explicar a evolução de seu patrimônio. Ameaçou ainda obstruir a pauta da Câmara e criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar a contratação pelo ministério da ONG que elaborou a cartilha. A presidente determinou que fosse suspensa a distribuição do material. E o partido líder do condomínio pemedebista, o PT, abriu mão naquele momento de uma bandeira histórica de seu programa político. (NOBRE, 2013b, p. 6).

Como veremos nos anos seguintes, a pauta do “kit-gay” é apropriada por Jair Bolsonaro, durante sua campanha para Presidência da República nas eleições de 2018, como par de suas estratégias para deslegitimar seu principal oponente, Fernando Haddad (PT), mas também para fazer um alinhamento com a bancada evangélica, com os movimentos religiosos, tanto da Igreja Católica quanto das evangélicas, etc. Ainda a pauta do “kit-gay” foi lembrada e colocada como parte dos argumentos e narrativas dos movimentos sociais conservadores e de direita nos ciclos de protestos iniciados em 2015, que argumentavam que movimentos sociais LGBT e partidos políticos à esquerda promovem a “ideologia de gênero” nas escolas, universidades, e outros ambientes sociais. Em suma, isso evidencia como a estrutura de vetos assegurada pelos mecanismos de blindagem da cultura pemedebista passa a organizar uma abertura para o crescimento das pautas conservadoras e de direita, na medida em que o PT já não consegue gerenciar o pemedebismo sem correr o risco de perder o posto.

A cultura política pemedebista é abalada pelas Revoltas de Junho de 2013. Segundo Nobre (2013b), em nenhum momento houve a ausência de protestos, manifestações, ocupações e greves, mas foi apenas com os ciclos de protesto de 2013 que a blindagem do sistema político que vigorava foi abalada: “[...] o caráter de massa e nacional das Revoltas de Junho conseguiu por fim abrir um enorme rombo na blindagem pemedebista tão cuidadosamente construída ao longo de todo o processo de redemocratização”. (NOBRE, 2013b, p. 57). Os manifestantes de junho de 2013 lutavam pela democracia, ou seja, pela garantia aos direitos básicos, segurança, como saúde, educação, transporte público gratuito, pelo fim da corrupção, pelo fim dos privilégios, entre outras pautas que iam de encontro com toda tentativa de bloquear transformações sociais. Aquelas manifestações foram marcadas pela heterogeneidade, como veremos adiante, a pauta da corrupção, que já era reivindicada desde os escândalos do Mensalão por grupos à direita, se torna uma das principais bandeiras dos movimentos sociais à direita nos ciclos de protestos de 2014, contra os gastos com a Copa do Mundo, e em 2015 e 2016, no ciclo de protestos pelo *impeachment*.

Em suma, em vista do que foi apresentado nesta seção conclui-se que a dinâmica à direita no Brasil e a saída das direitas dos bastidores em 2013 são resultados também de uma cultura política forjada nos arranjos políticos, em pactos, nos processos de conciliação e em imbricações ideológicas, que tem como resultado blindar os interesses da elite política e de controlar e/ou bloquear as transformações sociais e o desenvolvimento mais profundo das instituições democráticas no país. Esta cultura política, nos termos de Nobre (2013a; 2013b; 2016), foi nomeada de pemedebista, sofreu variações desde seu surgimento na década de 80. Essas variações foram provocadas também pelas forças de resistência, seja à direita ou à esquerda, um exemplo disso fora as revoltas de junho de 2013, que expressou, por meio da sua heterogeneidade de pautas e atores, uma insatisfação generalizada em relação a este modelo de cultura política que não tem como prioridade os interesses da população. Nos termos de Pereira (2008), o sistema político brasileiro é apresentado por meio da ideia de presidencialismo de coalização. Esta política de coalizão tem efeitos diretos sobre a abertura e o fechamento de oportunidades políticas para que movimentos sociais tenham suas demandas priorizadas durante o determinado governo. Com base na análise desses dois atores, podemos concluir que, a partir do início do primeiro governo Dilma Rousseff, as oportunidades políticas passaram a ser abundantes para os movimentos sociais à direita imprimirem suas demandas junto ao Legislativo, Executivo e Judiciário, bem como para mostrarem-se de forma desinibida nas ruas.

Em suma, esta seção também teve como objetivo a compressão acerca do que é ser conservador, liberal e de direita atualmente. Deste modo, entendemos que o conjunto de movimentos e grupos que formam as direitas no Brasil pode ser compreendido como o conjunto de atores que se identificam com o conservadorismo, o liberalismo e o libertarianismo, estes geralmente se definem como liberal-conservador, para marcar a defesa da liberdade econômica e das instituições tradicionais. É característico desta direita o uso de formas de ação historicamente já utilizadas por elas, como o *Lobby*, as reuniões, os congressos e manifestações públicas em defesa da família, da pátria e dos princípios cristãos; a característica nova é a *expertise* e domínio sobre como utilizar os recursos tecnológicos de comunicação digital contemporâneos para propagar ideias e construir uma base sólida de simpatizantes, apoiadores e militantes; outra característica é a atuação fora dos bastidores, ou seja, na rua. Os repertórios de ação de rua e de confronto fazem parte da cartilha de repertórios dos movimentos à direita contemporâneos. Historicamente, protestos de rua, manifestações, passeatas e ocupações eram geralmente associados aos movimentos à esquerda, a partir de 2013, esse entendimento se modifica. Por fim, ser de direita atualmente não é sinônimo de fazer parte da elite econômica e

das classes mais abastadas da sociedade, os atores que compõem os movimentos recentes à direita também são oriundos das classes menos abastadas, estudaram em escolas públicas, moram em bairros periféricos, também são negros/pardos e alguns nunca tiveram nenhum engajamento político e militante prévio, como veremos de forma detalhada no capítulo 4.

1.2 – CONSERVADORISMO EM MOVIMENTO: AS BASES RECENTES PARA A AVANÇADA À DIREITA

As revoltas de junho de 2013 mostram como o funcionamento do sistema político está em descompasso com as ruas, “a sociedade alcançou um grau de pluralismo de posições e tendências políticas que não se reflete na multidão informe de partidos políticos”. (NOBRE, 2013a, p. 11-12). Desta feita, após aquelas revoltas, vários eventos de protestos surgiram no Brasil, muitos desses organizados curiosamente por movimentos autodeclarados conservadores, liberais e de direita. Supostamente, esses movimentos não tinham força organizativa diante dos movimentos sociais de esquerda e logo se dispersariam. A “direita envergonhada”, como alguns autores têm chamado a atuação da direita a partir da redemocratização, mostrou sua “cara” nas ruas. Já se observava durante os protestos de junho de 2013 os grupos pedindo a volta do regime militar e defendendo pautas que estariam mais ligadas à direita, ao liberalismo e ao conservadorismo, como a defesa contra a legalização do aborto e a diminuição do poder do Estado nas relações econômicas. Esta retomada das ruas e também dos noticiários, por parte da direita, dos conservadores e dos liberais, promoveu também uma retomada no meio acadêmico desta temática como objeto de estudo.

Um dos resultados demonstrados pela pesquisa de Santos (2016b) sobre o movimento estudantil universitário de Sergipe, foi que as lideranças à esquerda deste tipo de movimento, que atuava principalmente na UFS, subestimaram a ação dos movimentos estudantis à direita que emergiam naquele espaço em 2014, acreditando que eles não teriam força, que era um “grupo de malucos”. (SANTOS, 2016b). Esta descrença da oposição também contribuiu inicialmente para que os grupos à direita se desenvolvessem sem maiores dificuldades na universidade. Desta maneira, levando em conta tudo que apresentamos na seção anterior, isso nos faz argumentar que o crescimento do tradicionalismo comportamental, do conservadorismo político, do liberalismo econômico e do fundamentalismo religioso que temos visto nos últimos anos no Brasil é produto de um processo histórico que, por um lado, no conflito com seus opositores, conseguiu traçar estratégias de atuação no campo da cultura, principalmente ao

utilizar os recursos tecnológicos, como as redes sociais virtuais, para difundir ideias, visões de mundo, práticas sociais, etc.; por outro, numa perspectiva da teoria da privação (MENDONÇA; FUKS, 2015; CAIANI, 2017), podemos entender como uma reação a movimentos sociais e a governos à esquerda que defendem ou são simpatizantes a determinadas causas, como a descriminalização da maconha e do aborto, as pautas feministas que defendem o direito da mulher decidir sobre o seu próprio corpo e comportamentos, etc. (BIANCHI, 2015).

Percebemos que a atuação à direita, a partir do período de redemocratização até 2013, ocorria de forma tímida e utilizava estratégias menos visíveis, por exemplo, a utilização de repertórios formais e via institutos liberais. Essas formas menos visíveis podem ser identificadas a partir de discursos que valorizam a meritocracia, que incitam o racismo, o machismo, a homofobia, que estão incorporados a práticas cotidianas desses grupos e/ou estão na gênese das suas ideologias. Um exemplo concreto dessas ações menos visíveis foi a criação desde a década de 1980 de *think tanks* liberais no Brasil. O objetivo dessas organizações era “difundir as ideias e valores do livre-mercado e forjar os intelectuais da época” (BIANCHI, 2015, p. 123). Além disso, se destaca a presença de colonistas tradicionalistas e conservadores na grande imprensa, ou seja, o processo de construção de uma opinião pública mais liberal, conservadora e de direita envolve a indústria cultural, os veículos de comunicação tradicionais e os novos meios de comunicação, como as redes sociais *on-line*. Com a mesma força, percebe-se a atuação do fundamentalismo cristão que travou nas últimas décadas uma guerra contra os comunistas, as feministas e os homossexuais. Sobre isso, ressalta-se a observação que Marcos Del Roio, no prefácio do livro de Barbosa (2015), faz sobre os herdeiros do sigma, os grupos que estão situados na extrema direita do arco político:

Na verdade, o desconforto era e é com a existência de espaços de democracia que possibilitam maior visibilidade das classes subalternas, com as chamadas ações afirmativas, ou melhor, políticas governamentais compensatórias traduzidas principalmente em bolsas e quotas de toda sorte. (BARBOSA, 2015, p. 12).

Segundo o autor, esse desconforto com uma mudança na mobilidade social das classes menos abastadas se tornou mais evidente a partir dos protestos de 2013. Apesar das mobilizações em torno da causa do transporte gratuito, defendida pelo Movimento Passe Livre, desde antes dos protestos de junho de 2013, tal movimento e seus apoiadores não conseguiu desmobilizar os setores de direita, conservador e liberal que se preparava para disputar as ruas, com apoio de atores sociais previstos, como policiais militares, e também o apoio daqueles

menos prováveis, por exemplo, os desempregados. Sobre esta reflexão, destaca-se a observação de Del Roio:

O teste para a sua influência e sua capacidade de mobilizar a pequena burguesia, cada vez mais rancorosa com os pífios efeitos das políticas de compensação do governo petista, veio em 2013. A justa reivindicação de jovens estudantes pelo passe livre no transporte “público” movimentou as esquerdas de oposição, mas agitou mais ainda os neofascistas, que contavam e contam com grandes simpatias em alguns governos estaduais, em alguns partidos e principalmente nos órgãos de repressão, notadamente a Polícia Militar, e mesmo no poder judiciário, ou seja, em parte importante da burocracia do Estado (DEL ROIO, 2015, p. 14).

Outro evento, destacado pelo autor, para a guinada à direita no país se consolidar refere-se aos resultados das eleições de 2014. A vitória apertada da ex-presidente Dilma Rousseff mostrou a insatisfação e a reação de setores mais conservadores, liberais, reacionários e de direita, contra as medidas que apoiavam políticas afirmativas, uma maior regulação do mercado por meio do Estado, etc., promovidas e defendidas por governos petistas nos 13 anos que ficaram no poder. Além disso, os resultados das urnas na escolha da composição do Congresso Nacional construíram um cenário com ampla maioria conservadora e reacionária, o que deixou o Executivo sitiado desde o início (DEL ROIO, 2015; NOBRE, 2013a; 2013b; PEREIRA, 2018).

Outro aspecto, não menos importante, é o financiamento de agências norte-americanas para a difusão das ideias neoliberais, por meio da criação de projetos e institutos. Algumas práticas de mobilização e de construção para uma base alinhada às ideias neoliberais nas décadas de 1980, 1990 e 2000, ainda persistem, como veremos de forma mais detalhada no capítulo 2. Por ora vale citar algumas dessas estratégias, identificadas também por Bianchi (2015):

- a) Campanhas nas escolas;
- b) Cursos de formação de lideranças;
- c) Arregimentação da grande imprensa;
- d) Organização de jantares com personalidades da política e da cultura nacional;
- e) Realização de congressos com a presença de formadores de opinião, políticos e economistas alinhados aos ideais do liberalismo econômico;
- f) Criação de *Lobbies* e incentivo à criação de bancadas afeitas às ideias defendidas;
- g) Atuação junto às elites e às camadas médias da população.

Débora Messenberg (2017), em seu artigo intitulado *A direita que saiu do armário*, buscou analisar os aspectos subjetivos da visão de mundo dos principais formadores de opinião dos manifestantes à direita, que foram às ruas ao longo do ano de 2015. O estudo foi feito com base nas postagens emitidas pelos formadores de opinião nas redes sociais e em suas páginas pessoais no Facebook, durante o ano de 2015 e também com base em matérias de suas autorias publicadas em *blogs*, jornais e revistas, como também vídeos de suas entrevistas e *hangouts*. A originalidade do trabalho da autora reside na análise das configurações simbólico-discursivas que orientam cognitivamente e normativamente a ação de tais atores sociais.

De acordo com isso, a autora tomou como objeto empírico as manifestações dos dias 15 de março, 12 de abril e 16 de agosto de 2015, ao analisar as formas discursivas dos formadores de opinião, Messenberg (2017) permite uma problematização sobre o papel das novas tecnologias de comunicação para construção, desenvolvimento e consolidação das manifestações realizadas naqueles dias. Isso porque aqueles atores utilizaram esses meios de comunicação como seu principal recurso de divulgação e de mobilização das causas e dos ideais defendidos pelos movimentos e por lideranças. Neste sentido, Messenberg identificou inicialmente os principais movimentos sociais que deram suporte logístico e ideológico às manifestações, as suas lideranças e os outros formadores de opinião centrais, que as promoveram em seus respectivos campos de atuação: as redes sociais, o midiático e o parlamentar. Abaixo elaboramos um quadro com os resultados da classificação que autora fez:

Quadro 2 – Movimentos nacionais e influenciadores

Movimentos sociais	Lideranças dos movimentos	Jornalistas (formadores de opinião centrais)	Deputados Federais
Movimento Brasil Livre (MBL), Vem Pra Rua e Revoltados Online	Kim Kataguirí, Fernando Holiday, Rogério Chequer, Marcello Reis e Beatriz Kicis.	Olavo de Carvalho, Reinaldo Azevedo, Rachel Sheherazade, Felipe Moura Brasil e Rodrigo Constantino.	Jair Bolsonaro e Marco Feliciano.

Fonte: Quadro elaborado a partir do trabalho de Messenberg, 2017.

Algo que dialogamos com o trabalho de Messenberg se refere a interpretar os atores a partir da interpretação que eles próprios fazem das suas ações, ou seja, quais são as narrativas que os atores constroem sobre si. Apesar de não nos atermos aos discursos e sim às suas práticas de contestação por meio de determinados repertórios de ação, da construção de causas e do engajamento individual, o diálogo se faz na medida em que observamos a recorrência e a

afirmação do uso de recursos tecnológicos de comunicação para construir, realizar e consolidar a atuação de lideranças e de movimentos sociais na cena pública.

As principais construções semânticas que autora identificou estão expressas no quadro da figura abaixo:

Figura 1 – Quadro relativo aos campos semânticos

CAMPOS SEMÂNTICOS		
Campos semânticos		
Antipetismo	Conservadorismo moral	Princípios neoliberais
Ideias-força	Ideias-força	Ideias-força
<i>Impeachment</i> (Fora PT, Fora Dilma, Fora Lula)	Família tradicional	Estado mínimo
Corrupção	Resgate da fé cristã	Eficiência do mercado (privatização)
Crise econômica	Patriotismo	Livre iniciativa (empreendedorismo)
Bolivarianismo	Anticomunismo	Meritocracia
	Combate à criminalidade / aumento da violência	Corte de políticas sociais
	Oposição às cotas raciais	

Fonte: Messenberg, 2017, p. 633.

Segundo a autora o antipetismo é o campo semântico a reunir o maior número de emissões discursivas dos formadores de opinião, tanto nas postagens no Facebook, quanto nos outros meios que eles utilizam para divulgação das ideologias e pautas defendidas. Assim como outros estudos demonstram, o discurso do antipetismo tem operado a partir de uma visão maniqueísta do confronto político. A divisão entre aqueles que são as pessoas de “bem” e aqueles que representam o “mal” também foi identificado no estudo de Messenberg. Nesta perspectiva, a autora faz a seguinte consideração sobre essa visão maniqueísta:

Essa é, portanto, uma interpretação “despolitizada” da realidade, na medida em que opera o deslocamento para o plano moral daquilo que é produto da ação humana e não da ordem da natureza. Tende, por isso, a desconectar as falas do movimento histórico no qual se originam (Barthes, 1989). Fica-se, assim, na presença de indivíduos e de movimentos sociais que alimentam fobias e preocupações generalizadas, acirrando discursos que incitam à violência e à intolerância. Mostram-se fartamente preconceituosos, ratificando que as diferenças entre “nós” e “eles” são de fundo e irreconciliáveis. (MESSENBURG, 2017, p. 634).

Outro campo semântico explorado pelos formadores de opinião, segundo a autora, e que nos interessa é o campo do moralismo. Neste sentido, o presente trabalho dialoga com o da autora, uma vez que foi possível percebermos, por meio de entrevistas e de observação participante, que o discurso moral é utilizado como recurso de mobilização e de legitimação não só nas redes sociais *on-line*, mas também nos protestos de rua. Para Messenberg (2017), o discurso moralista enfatizado pelos formadores de opinião tem origem em ideias de cunho conservador, que, entre outras coisas, procuram resgatar e reafirmar os pilares da sociedade tradicional: a família, a religião e a nação. Isso fica claro quando a pesquisadora analisa os elementos discursivos, em que relata o seguinte:

Tal tríade [família, religião e nação] está fortemente entrelaçada no discurso dos formadores de opinião da direita, apesar de apresentar graus de centralidade e radicalismo distintos. Os elementos discursivos que com maior frequência se relacionam à ideia-chave de “família tradicional” são os seguintes: oposição ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, oposição ao aborto, à ideologia de gênero nas escolas, à expansão do feminismo e a concordância com a “cura gay”. (MESSENBURG, 2017, p. 637).

No trabalho da autora, o neoliberalismo é compreendido como “racionalidade”, antes do que como ideologia ou política econômica. (MESSENBURG, 2017). Os elementos discursivos estão ligados à defesa da iniciativa privada, ao livre-mercado, há uma discussão complexa e sofisticada acerca dos princípios neoliberais, etc. Como autora descreve:

No âmbito do discurso dos formadores de opinião, verificam-se níveis de complexidade e sofisticação diversos nas discussões acerca dos princípios neoliberais apontados, revelando certo desconcerto entre um maior domínio intelectual sobre o tema e a simulação de adesão a partir da repetição de “chavões” clássicos do ideário liberal. Não obstante, a lógica da concorrência e o modelo de empresa, como normas de conduta e subjetivação, encontram-se claramente expressos em suas emissões discursivas. (MESSENBURG, 2017, p. 641).

Além dos formadores de opinião apresentados por Messenberg, Jair Bolsonaro se tornou a figura mais emblemática entre os políticos partidários eleitos que representam os movimentos de direita-radical e os conservadores, que defendem o militarismo, o modelo de família heterossexual. Até 2019, também observamos que alguns movimentos liberais e libertários aderiam ao político, pois este também defendia publicamente princípios do liberalismo econômico. As ações de Bolsonaro e seus discursos se tornaram foco de vários estudos recentes na literatura das ciências sociais, em parte pela representação que ele tem junto aos movimentos à direita recentes, mas também pelo fato de que historicamente representou e representa a direita mais radical e conservadora no sistema político-partidário. Desta maneira, Bolsonaro começa a

ser construído como o “salvador da pátria” por movimentos sociais à direita já em 2015, logo após a reeleição acirrada de Dilma Rousseff. Nesse período, como já pontuado anteriormente, já havia uma abertura e uma capilaridade para a atuação das direitas em vários setores da sociedade. De acordo com isso, destacamos alguns trabalhos que têm analisado a relação entre a emergência de grupos de direita, conservadores e liberais e os discursos de Bolsonaro. Nosso esforço aqui é o de demonstrar, por meio de alguns estudos recentes, que Bolsonaro, atualmente presidente da República, é a figura mais emblemática que representa o conservadorismo da cultura política pemedebista, ou seja, o controle, o bloqueio e o sistema de alianças suprapartidárias que tem como finalidade diminuir e/ou impedir as transformações sociais e o desenvolvimento das instituições democráticas.

Desde 2011, quando ainda era deputado federal, Bolsonaro tem promovido oportunidades políticas para que movimentos sociais à direita articulem suas demandas junto aos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. Neste sentido, em um dos seus discursos na Câmara dos Deputados, em 2011, Bolsonaro argumenta: “Jovens parlamentares, este ano está sendo distribuindo um ‘kit gay’ que estimula o homossexualismo e a promiscuidade. Temos de trazer esse tema aqui para dentro, votar essa questão, e não deixar que o governo leve esse tema para a garotada”. (BOLSONARO, 11/02/ 2011)². Tal discurso evidencia na prática a articulação da ala conservadora no Legislativo.

A pesquisa de Priscilla Cabral Dibai (2017), com base na análise de declarações feitas pelo agora presidente Bolsonaro, evidenciou como seus discursos se relacionam diretamente com um Estado autoritário, repressivo e o punitivo. Desta forma, Dibai (2017, p. 2) investigou “os elementos ideológicos predominantes nos discursos do deputado federal Jair Bolsonaro, entre 1987 e 2017, de maneira a entender suas relações com categorias apontadas como constituidoras da nova direita radical”. Em seu estudo, Dibai problematiza o fenômeno do crescimento e fortalecimento recente do radicalismo de direita em democracias de todo o mundo, desde o fim do século XX, como sendo um dos resultados dos efeitos da globalização. A autora analisou as declarações do presidente Jair Bolsonaro ainda quando ele era deputado. A partir da análise de discurso, constatou que:

Os discursos de Bolsonaro sugerem desde vínculos nítidos, como a vontade de um Estado forte – autoritário, repressor e punitivo – até vinculações parciais, como no caso do nacionalismo, que ao mesmo tempo que diverge, ao aparecer necessariamente vinculado ao militarismo; converge, ao adotar a estratégia de excluir grupos, como forma de ‘limpar’ ou ‘ajustar’ o país. (DIBAI, 2017, p. 2-3).

² Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/02/bolsonaro-critica-kit-gay-e-diz-querer-mudar-alguma-coisa-na-camara.html>. Acesso em: 12 jul. 2020.

Além disso, a autora destaca que em seu discurso é possível identificar o racismo velado, a distinção feita entre imigrantes de países pobres e países ricos, a defesa de um Estado autoritário do tipo militarista, a defesa da família heterossexual e monogâmica como autoridade sagrada, na qual o Estado não pode interferir, é liberal na economia no que se refere à meritocracia. Segundo Dibai (2017, p. 4), “ele ataca grupos e constrói os inimigos da nação, a partir das estratégias de polarização ‘bem *versus* mal’ e ‘nós *versus* eles’”, como apresentado anteriormente, estas polarizações se apresentam também a partir da divisão direita *versus* esquerda.

Numa linha que dialoga com os trabalhos anteriormente apresentados, o artigo de Martin Egon Maitino, intitulado “*Direita, sem vergonha*”: *conformações no campo da direita no Brasil a partir do discurso de Jair Bolsonaro*, teve como objetivo analisar, por um lado, os discursos do então deputado Jair Bolsonaro como sendo um dos principais polos da direita no Brasil contemporâneo; por outro, entender como Bolsonaro contribui, a partir de seus discursos, para as percepções sobre o que é ser de direita no Brasil. Neste sentido, a autor analisa os tensionamentos e movimentos que o político realiza discursivamente no interior e no exterior do campo, que contribuem para conformação do que se entende por “ser de direita” e, por extensão, “ser de esquerda” no Brasil. (MAITINO, 2017, p. 5).

Pode-se dizer a partir do trabalho de Maitino (2017), Cordeiro (2009) e Scheeffter (2014), que o campo da direita no Brasil poderia ser organizado com base em alguns momentos: o varguismo durante a Segunda República; o programa de João Goulart antes do Golpe de 1964; o rechaço à ditadura militar durante a década de 1980. Deste modo, durante o período da ditadura era “positivo” ser de direita, se declarar publicamente enquanto de direita. Contudo, no pós-redemocratização partidos políticos, políticos e a maioria daqueles que defendiam e lutavam pelo regime civil-militar não queriam ter seus nomes associados à direita. A literatura tem classificado esse fenômeno como “direita envergonhada”, isto é, a direita que não se assumia como tal (MAITINO, 2017). Assim, o fenômeno da direita envergonhada teria suas raízes no desprestígio do regime civil-militar e no governo autoritário desse período. (MADEIRA; TAROUÇO, 2010; CALDEIRA NETO, 2016). Kaysel (2015, p. 68) destaca que “o apoio à ditadura era a principal baliza que definiria o pertencimento à direita”, é neste sentido que era importante se afastar do rótulo.

Pode-se dizer que nas últimas duas décadas essa direita envergonhada tem se apresentado de forma “desinibida”, os eventos de protestos que foram foco desta pesquisa

confirmam isso. Maitino (2017) relaciona essa mudança de postura da direita no Brasil com o desenvolvimento das políticas e das ideias neoliberais na década de 1990 no país. Também podemos destacar a globalização, mais especificamente a rapidez dos novos meios de comunicação na divulgação e promoção das ideias e de movimentos de direita, liberais e conservadores, uma vez que esses movimentos estão crescendo não só no Brasil, mas também em outros países da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos. Trabalhos como o de Salles e Franch (2019) apontam que a introdução de *smartphones*, *tablets*, computadores, entre outros recursos digitais que permitem o fácil acesso à informação, contribuiu para uma difusão de forma rápida e acessível das ideias liberais entre os jovens. Associando-se a isso, os programas de expansão de acesso ao ensino superior, implementados nos governos petistas, também contribuíram para um contato mais amplo com as ideias liberais por parte dos jovens. (SALLES; FRANCH, 2019).

Nos últimos anos o que se observa é que movimentos, partidos políticos e simpatizantes têm assumido sua posição de direita, conservadora ou liberal. A associação ao regime civil-militar em alguns casos tem sido até positiva, para os grupos que pedem, por exemplo, a intervenção militar. Como alguns autores colocam, “a direita passou a dizer seu nome” (CHALOUB; PERLATTO, 2016, p. 8). Contudo, Maitino (2017) ressalta que o deputado Jair Bolsonaro não fez parte desse fenômeno da “direita envergonhada”, pois ele nunca omitiu seu posicionamento de direita, sempre se assumiu, fazendo assim parte de um grupo que o autor intitula como “direita sem vergonha”. De acordo com isso, o autor enfatiza:

É provável que as interações entre a direita “sem vergonha”, representada pelo discurso de Bolsonaro e de outros líderes da “nova direita”, e a direita tradicional tenham um efeito significativo sobre o campo da direita no Brasil – seja ganhando espaço ao ter aspectos de seu discurso incorporado pela direita tradicional, seja promovendo uma cisão interna no campo. [...] O que, de fato, parece novo na “nova direita” contemporânea é sua disposição a “dizer seu nome”, abandonando os rótulos de “centro” e o discurso da “pós-ideologia”. Ao colocar-se como direita “sem vergonha”, com coragem de “dizer o que pensa”, Bolsonaro apresenta-se como exceção em meio aos políticos conservadores do *establishment* (MAITINO, 2017, p. 7).

O trabalho de Madeira e Quadros (2017), intitulado *Da “direita envergonhada” às bancadas “evangélica” e “da bala”: os caminhos da representação política do conservadorismo no Brasil*, dialoga com o de Maitino e teve como objetivo identificar como a categoria “direita” passa a ser mobilizada, reivindicada e instrumentalizada política e eleitoralmente por lideranças da Câmara dos Deputados e por candidatos em eleições proporcionais e majoritária. Neste sentido, o ser de “direita” se torna um trunfo e um recurso

político-eleitoral para mobilizar votos, para estabelecer novas alianças e coalizões políticas. Mas, também, para aproximar-se de grupos da sociedade e de movimentos sociais que podem ser atores determinantes no período da campanha política e eleitoral.

Outro conjunto de trabalhos tem ido além da análise do discurso e buscado compreender o fenômeno da avançada à direita, a partir da análise da trajetória das manifestações de rua iniciadas em 2013. Nesta mesma linha, alguns estudos tomam como marco os protestos iniciados em 2015, em torno do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Alguns autores defendem que grupos de direita, conservadores e liberais já estavam presentes nas manifestações de junho de 2013 e que em algumas regiões buscaram ser protagonistas de tais eventos. Um exemplo disso foi a atuação de Rodrigo Constantino, presidente do Instituto Liberal do Rio de Janeiro, citado anteriormente. Durante as manifestações, o ex-blogueiro da *Revista Veja* se posicionou ao alertar seus seguidores que naquele momento o Brasil precisava de um “Tea Party brasileiro, e que em hipótese alguma as manifestações poderiam se configurar em algo semelhante ao Occupy Wall Street” (MELO, 2016). Tanto Melo (2016) quanto Alonso (2017), ao analisar a emergência de movimentos de direita, conservadores e liberais, veem uma relação entre as manifestações ocorridas em 2013 e as ocorridas em 2015-2016. (SANTOS, 2017). Os autores analisam os dois contextos levando em consideração as diferenças de classe, fatores econômicos, a relação entre os organizadores e a mídia, etc.

Em consenso com estes estudos, as manifestações intituladas “Fora Dilma” e/ou “Fora PT” foram analisadas por Tatagiba *et al.* (2015). Um dos argumentos da autora é o de que tais manifestações estão vinculadas a um conjunto de manifestações contra o PT e contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva iniciadas em 2007, que ocorreram após os escândalos de corrupção e de compra de votos de parlamentares envolvendo dirigentes do partido. Tais manifestações refletem um processo de mudanças nas dinâmicas de organização, de mobilização e de relação entre partidos políticos e movimentos sociais, e de uma inovação dos atores sociais que se manifestam, na medida em que são constituídas por atores que, tradicionalmente, não se manifestavam nos espaços públicos. Os autores demonstram em seu estudo que, desde 2007, é possível observar um conjunto de atores que tem buscado desafiar a hegemonia da esquerda no que concerne às diferentes formas de manifestação da ação coletiva nos espaços públicos.

Inspirada pelo conceito de repertórios de ação de Charles Tilly, do qual compartilhamos nesta pesquisa, Alonso (2017) argumenta que os manifestantes, desde 2013, construíram estilos de ativismo e se apropriaram de repertórios de confronto disponíveis. Neste sentido, autora

classifica três ciclos de confronto entre 2013-2016: O primeiro refere-se às manifestações de junho de 2013; o segundo ciclo ocorreu em 2014; vincula-se às manifestações contra os gastos com a Copa do Mundo em 2014 e os gastos com as Olimpíadas de 2016; por fim, o terceiro ciclo de protestos ocorreu em 2015-2016, em torno das manifestações contra e pró-*impeachment* de Dilma Rousseff. A autora classifica três estilos de repertórios associados a grupos de manifestantes que foram identificados nestes ciclos: o primeiro repertório é o socialista, vinculado aos grupos de esquerda e identificado por meio do uso de bandeiras vermelhas, megafones e a partir de uma organização vertical; o segundo estilo de ativismo é o autonomista, caracterizado pela organização descentralizada, por uso de performances de direitas, pela luta por justiça global, pela luta contra o centro de poderes financeiros, etc.; o terceiro é o estilo de ativismo patriota, que resgata símbolos e pautas que estavam presentes nas manifestações pelas Diretas Já e no ciclo de protestos pelo *impeachment* de Fernando Collor em 1992. A defesa do nacionalismo, da pátria, a ética na política, são algumas das demandas características desse estilo. Os dois primeiros estilos estavam presentes principalmente no ciclo de protestos de 2013, o estilo patriota foi mais característico no ciclo de 2014 e de 2015-2016.

Esta classificação feita por Alonso (2017) é uma das primeiras tentativas de padronizar os atores que ganharam as ruas a partir de 2013. O estudo da autora insere-se em um conjunto de trabalhos recentes sobre movimentos sociais e protestos no Brasil que buscam refletir sobre o uso e efeitos de determinados repertórios de ação em situações de conflito com o Estado (TATAGIBA *et al.*, 2012). Essas pesquisas também analisam como os atores sociais se apropriam, renovam e difundem os repertórios de ação utilizados. Outros estudos focam principalmente na relação entre política institucionalizada e política não institucionalizada, para compreender como diferentes padrões oportunizam processos distintos de organização e atuação dos movimentos sociais, como, ainda, investigam as origens de mobilização dos atores e características de suas trajetórias sociais (SILVA; OLIVEIRA, 2011; SILVA; PEREIRA; SILVA, 2016). Já outras pesquisas seguem nessa mesma linha, só que ressaltando aspectos da perspectiva interacionista. Tais estudos buscam compreender a forma que as mobilizações assumiram, quais foram os enquadramentos feitos pela mídia, os *frames* e como eles operaram na mobilização da participação. A presente tese dialoga diretamente com este conjunto de trabalhos, na medida em que estes mobilizam conceitos vinculados à Teoria dos Processos Políticos, Teoria dos Novos Movimentos Sociais, do engajamento militante, etc.

Para finalizar este tópico destacamos três pesquisas que, por um lado, nos permitiram fazer comparações regionais e refletir acerca dos dados e resultados que encontramos nesta

pesquisa, por outro, por dialogar em partes, teoricamente e metodologicamente, com o que nos propomos a fazer. Desta maneira, o primeiro estudo foi a pesquisa de mestrado de Alexia Barbieri (2018), que buscou de forma etnográfica compreender o engajamento de ativistas que se autoidentificavam como liberais na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Os resultados encontrados pela autora demonstram que aqueles ativistas têm como principal objetivo difundir as ideias liberais vinculados a um liberalismo econômico e político, mesmo que inicialmente tenham se organizado em torno de pautas como a do *pró-impeachment* e da anticorrupção. Outro resultado diz respeito à forma de organização, que privilegia o espaço universitário, a organização em núcleos e células, a realização de conferências, fóruns, palestras, etc. Sobre o engajamento, a autora salienta: “O *engajamento liberal* também possui semelhanças com outras formas de *engajamento*. Mas a principal distinção do *engajamento liberal* para outros, como o político ou o social, é que seu modelo de ação está fundamentado em um modelo de mercado”. (BARBIERI, 2018, p. 119, grifo da autora).

A pesquisa de Salles e Franch (2017; 2019), sobre a juventude liberal de Campina Grande na Paraíba, apresenta resultados que dialogam com os encontrados por Barbieri (2018). Salles e Franch buscam descrever, também por meio de etnografia e entrevistas em profundidade, as trajetórias de adesão de jovens até o liberalismo, focalizando naqueles que se definem como “liberais por inteiro”. O “liberal por inteiro” é compreendido como aquele que luta por causas que vão além da agenda econômica, e vincula-se a uma agenda social, política, cultural, etc. Um dos resultados apresentados pela autora é o de que esses jovens liberais buscam diferenciar-se de liberais que apenas defendem pautas econômicas, de “liberais pela metade”, como, ainda, não querem ser vinculados como de esquerda ou de direita, buscando apresentar-se como uma via alternativa no espectro político. Em vista disso, entendemos que a pesquisa de Salles e Franch explicita por meio de dados qualitativos: a pluralidade identitária que há entre aqueles movimentos que estamos localizando como à direita, e reafirma a necessidade de metodologias qualitativas que permitam adentrar no cotidiano dos movimentos à direita e de suas lideranças.

Por fim, a tese de doutorado de Camila Rocha (2018) defende que “a formação de uma nova direita no Brasil é um amálgama ultraliberal-conservador cuja origem remonta à organização de contra-públicos digitais durante o auge do lulismo, entre 2016 e 2010”. Para chegar a esta conclusão a autora faz uma reconstrução histórica da atuação política da direita brasileira desde 1940 até 2018, atentando-se para os principais acontecimentos, como o período da ditadura militar e os ciclos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff, entre outros. A autora

realiza 30 entrevistas em profundidade e trabalho de campo exaustivo. O trabalho de Rocha (2018) revela pontos fundamentais para a compreensão da avançada à direita dos últimos anos, entre estes pontos, destacamos: o uso da perspectiva histórica para compreender a formação do pensamento e da atuação política que combina estratégias e ideologias liberais e conservadoras. Isto é algo que buscamos demonstrar a partir dos trabalhos de Carvalho (1987), Cordeiro (2009), Mercadante (1980) e Schwartzman (2007). Um outro ponto é a compreensão das redes digitais como espaços onde estes contra-públicos conseguiram se organizar, ter voz e dar voz a suas reivindicações, bem como a organização e emergência dos institutos liberais a partir da década de 80; por fim, ressaltamos a sensibilidade da autora ao tratar os movimentos à direita e seus atores a partir de um olhar que busca entender “por dentro” quem são e como agem estes atores.

1.3 – MOSAICO TEÓRICO: ARTICULANDO O NÍVEL MICRO, MESO E MACRO PARA O ESTUDO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS À DIREITA

Esta seção tem como objetivo apresentar as abordagens às quais esta pesquisa se vincula, bem como argumentar que estas perspectivas possibilitam uma interpretação mais acurada acerca dos movimentos sociais à direita e seus atores. Desta forma, a primeira abordagem vincula-se com o desenvolvimento e aprofundamento de conceitos vinculados à teoria da escolha racional, que tem como principal representante Mancur Olson. Numa nova perspectiva, os autores foram além da análise dos custos e retribuições (elementos priorizados por aquela teoria) que envolve a adesão dos indivíduos a alguma forma de ação coletiva, eles priorizaram a análise da posição social dos indivíduos. Por um lado, conforme aponta Gohn (2019), uma das vertentes desta abordagem tem priorizado a posição dos indivíduos em relação às estruturas, tal posição depende do sexo, da etnia, da renda, da escolaridade, etc. Por outro, uma vertente mais recente, e da qual o presente estudo compartilha, prioriza a análise dos múltiplos espaços de socialização dos indivíduos como sendo um elemento-chave para a participação social. Dito de outro modo, a participação social ou o engajamento militante não dependem apenas de recursos oriundos da socialização política, familiar e escolar, mas também da socialização dos indivíduos em múltiplos espaços, nos quais eles constroem redes de contatos, pertencimentos, habilidades e *expertises* que os condicionam para a participação social em alguma forma de ação coletiva. (SILVA; RUSKOWSKI, 2016; MISCHÉ, 2008; OLIVEIRA, 2010).

Ainda nesta linha, outros autores (FILLIEULE, 2001; GAXIE, 2005; SAWICKI; SIMÉANT, 2011) têm contribuído ao destacar o papel das redes de compartilhamento e de solidariedade, mas também ao priorizar que as retribuições pessoais são condicionantes para o engajamento. Tais autores retomam a análise custos *versus* benefícios, inicialmente vinculada aos estudos de Olson (GOHN, 2019). Tal abordagem é pertinente para os estudos dos movimentos sociais à direita na medida em que permite ao pesquisador analisar os indivíduos que se engajam a partir de uma perspectiva que vai além da análise de classe, de determinantes sociais e econômicos. Ainda possibilita ao pesquisador investigar em que medida as redes de sociabilidade exercem influência sobre as formas de entrada do engajamento individual, sem dispensar a análise dos custos e benefícios que os indivíduos fazem sobre sua participação.

Outra abordagem, da qual lançamos mão em vários momentos desta tese, é o da mobilização política institucional. Vinculados a esta abordagem estão os representantes da Teoria dos Processos Políticos, Charles Tilly (1978) e Sidney Tarrow (2009). Tal abordagem surgiu a partir de desdobramento, de novas leituras e especificações feitas da teoria do cálculo racional, que vinculava-se também à Teoria de Mobilização de Recursos, que tem como principais representantes John D. McCarthy e Mayer N. Zald. (ALONSO, 2009; GOHN, 2007b). A abordagem em questão focaliza os repertórios de ação de grupos e indivíduos e suas articulações dentro de macro estruturas. Desta forma, esta perspectiva defende que “a combinação de repertórios com estruturas de oportunidades políticas viabiliza que demandas ganhem a cena pública”. (GOHN, 2019).

A participação social nessa abordagem, portanto, depende das ameaças, constrangimentos, dos recursos e das oportunidades que estão em jogo, e que possibilitam a participação ou não do indivíduo. De acordo com isso, em regimes democráticos pode haver menos ameaças e riscos para os indivíduos manifestarem suas insatisfações publicamente, por outro lado, em regimes não democráticos ou com democracia reduzida, os indivíduos sofrem mais intimidações e os custos são maiores para que os indivíduos se expressem coletivamente. Todavia, o que esta abordagem nos permite compreender é que, seja em regimes democráticos ou não democráticos, os indivíduos se manifestam coletivamente, portanto, precisamos entender como os indivíduos participam, em diferentes contextos políticos, quais são os repertórios que são mobilizados, as articulações que são feitas e os recursos que são acionados.

Desta feita, vários eventos marcaram o contexto político e econômico do Brasil, particularmente os escândalos de corrupção política, de corrupção na administração pública envolvendo contratos superfaturados entre empreiteiras e órgãos públicos, estes eventos

abalaram as estruturas políticas, sociais e econômicas do país e promoveram oportunidades para que novos atores entrassem em cena. Estes acontecimentos trouxeram à tona as reflexões feitas por Marcos Otávio Bezerra (2012; 2017) acerca da relação entre corrupção e formação do Estado brasileiro. Em vista disso, a abordagem da mobilização política institucional nos oferece elementos teóricos para compreender como tais oportunidades foram aproveitadas pelos grupos à direita e por indivíduos que já estavam engajados ou eram simpatizantes das ideias liberais, conservadoras e de direita e ganham proeminência a partir de 2014. Ainda esta perspectiva é pertinente para o estudo dos movimentos à direita, uma vez que ela nos permite compreender como estes se apropriam de repertórios historicamente disponíveis, como por exemplo as passeatas e as carreatas, bem como renovam estes repertórios e constroem outros, por exemplo, buzinações, panelaços, apitações, etc.

A terceira abordagem para o estudo dos movimentos sociais à direita, da qual compartilhamos, é a que tem como foco a identidade coletiva. Tal abordagem está vinculada à Teoria dos Novos Movimentos Sociais, que tem entre os principais representantes Alberto Melucci (1996). Nesta perspectiva, o foco são os indivíduos e suas trajetórias. Desta forma, a análise da trajetória escolar, profissional, militante, política, é considerada como espaços de socialização política. Assim, “a identidade é relacional e construída, no tempo e no espaço. Ela representa a identificação do ‘nós’ e do ‘outro’, e, dentro de um conflito social, permite se autoidentificar e identificar o inimigo”. (GOHN, 2019, p. 70). Além da inserção em espaços de socialização que demarcam a trajetória e a construção de identidades coletivas, os indivíduos coletivamente lançam mão de elementos simbólicos, narrativos e materiais, para apresentar-se a partir de uma identidade coletiva, para demarcar quem são eles e quem são os outros. De acordo com isso, estudos recentes dentro do campo de pesquisa dos movimentos sociais brasileiros e dos eventos de protestos têm tido como foco a análise da identidade coletiva. Estes, particularmente, têm problematizado as diferentes dimensões – social, militante e coletiva – da identidade individual. (NAUJORKS; SILVA, 2016).

Esta abordagem é pertinente para a análise dos movimentos sociais à direita, na medida em que oferece elementos para investigar como se forma uma identidade coletiva à direita. Dito de outro modo, quais são os espaços de socialização, quais são os referenciais que orientam e constroem a visão de mundo desses indivíduos, quais são os objetos, símbolos, narrativas, lugares, entre outras coisas, que demarcam quem são eles e quem são os outros. Um exemplo disso é a dicotomia – direita *versus* esquerda – que outrora parecia já não fazer sentido para entender as dinâmicas dos movimentos sociais. De fato, não se pode tomar esta dicotomia para

compreender a pluralidade de lógicas de ação coletiva que envolve a atuação dos movimentos sociais à direita e à esquerda, principalmente a partir de junho de 2013. Todavia, é importante compreender como os movimentos sociais, sejam eles de esquerda ou de direita, se apropriam dessa dicotomia e produzem histórias sobre si e sobre o outro, que podem ser identificadas a partir de expressões públicas como “eu sou de direita”, “eles são esquerdistas”, “militante é coisa da esquerda”, “não somos nem esquerda, nem direita, somos liberais”. Associado a isso, é importante considerar uma série de pautas, características e visões de mundo que historicamente já foram enquadradas na literatura como de direita ou de esquerda (BOBBIO, 2001).

A quarta abordagem da qual compartilhamos é a do engajamento militante. Neste trabalho, vemos esta abordagem e a anterior como complementares. Como Gohn (2019) expõe, esta perspectiva tem duas vertentes, uma representada por Fillieule (2001), e outra pelos autores neomarxistas, em que estes focam nos processos de lutas sociais, lutas de classe, etc. Nós nos vinculamos à primeira vertente, que tem como base o interacionismo simbólico e propõe avaliar o engajamento dos indivíduos em suas carreiras como militantes. Um conjunto de trabalhos da literatura francesa sobre movimentos sociais à direita também tem compartilhado desta perspectiva, especialmente colocando a análise de carreira como um recurso teórico fundamental para interpretar a militância, os militantes e sua atuação em partidos políticos de direita, os movimentos católicos de direita, os movimentos de extrema direita, etc. (FRETTEL, 2011; CAIANI, 2007; HIRSCH-HOEFLER; MUDDE, 2013).

Os estudos de Manuela Caiani (2013) sobre movimentos sociais de direita e extrema direita na Europa e em outros continentes apresenta questões teóricas e empíricas interessantes para analisar os movimentos à direita no Brasil. Uma das problematizações que a autora faz é acerca do conceito de “extremismo” utilizado tanto no meio acadêmico, como fora dele. Segundo a autora, não existe ainda uma definição satisfatória, contudo é possível compreender os diferentes significados ou sentidos que são atribuídos a este termo e ao que ele se refere. Assim, o conceito refere-se geralmente a indivíduos ou grupos que advogam ou recorrem a medidas que estão além do centro moral e político da sociedade. Uma ideia central da discussão da autora é a de que nenhum grupo se define como extremista, esta rotulação é sempre atribuída por um outro grupo. Tal rotulação não é um valor neutro, ela é adotada de forma pejorativa. Outra ideia importante é a de que o extremismo varia de país para país, assumindo assim várias formas. A autora faz uma divisão, apresentando quatro tipos: a) o extremismo de esquerda; b) o extremismo de direita; c) o nacionalista; d) o religioso.

Caiani (2017) faz uma crítica que é recorrente, a de que há uma negligência por parte dos pesquisadores dos movimentos sociais com relação ao estudo dos movimentos de direita radical ou extrema direita. Em relação a isso, outro ponto é o foco e os temas analisados quando se estuda este tipo de movimento. Geralmente centralizam a análise principalmente em partidos políticos, eleições e comportamento eleitoral, deixando de lado as formas de organização não partidárias, a dimensão cultural, as interações, etc. Neste sentido, a autora argumenta ainda que os movimentos de direita radical foram examinados dentro de estudos da violência política e do terrorismo, e geralmente são e estão associados a patologias socioeconômicas ou políticas. Este foco analítico se diferencia dos estudos sobre os movimentos de esquerda radical, que tende a examinar as estratégias escolhidas pelos atores e as oportunidades contextuais de mobilização. Outra dificuldade do estudo sobre os movimentos de direita radical apontada pela autora diz respeito à variedade terminológica e à falta de definição compartilhada entre estudiosos. Essa variedade é influenciada também pela área geográfica e pelas diferentes interpretações dadas pelos pesquisadores sobre o fenômeno.

Considerando a literatura existente sobre os movimentos sociais à direita, Caiani (2017) classifica que os estudos tentam explicar o fenômeno a partir de explicações de nível macro, de nível meso e/ou de nível micro. Para seus estudos, a autora construiu sua análise e sua metodologia a partir do exame de vários estudos empíricos que ilustram a capacidade das explicações do nível macro, micro e meso na compreensão dos movimentos de direita radical. Ela utilizou métodos dos quais compartilhamos, e defendemos como sendo importantes para avançar no estudo sobre os movimentos sociais à direita. Entre esses estão análise de eventos de protestos, análise de reivindicações, observação participante, entrevistas e métodos etnográficos (geralmente usados na pesquisa do movimento social de esquerda). Neste sentido, ao articular estes diferentes níveis de análise, em especial o nível micro, é possível ter um aprofundamento sobre as motivações dos atores sociais se engajarem em movimentos de direita.

De acordo com isso, o estudo de Klandermans e Mayer (2006) realizou 157 entrevistas com ativistas de extrema direita de vários países da Europa (Alemanha, Holanda, Itália, Bélgica e França). Os autores identificaram que, desde 1980, houve um aumento do eleitorado de partidos de extrema direita na Europa, e, tendo como questão de pesquisa: “quem se junta à extrema direita e por quê?”, identificaram um conjunto de motivações que se relacionam com acontecimentos e com as disposições biográficas dos atores, bem como com uma busca por *status*, pela construção de um senso de pertencimento e de identidade coletiva. Deste modo, Klandermans e Mayer (2006) destacam, em primeiro lugar, que uma exposição a valores

tradicionais, nacionalistas ou mesmo autoritários durante a infância dos ativistas contribuiu para que estes aderissem aos movimentos/partidos de extrema direita; e, segundo, as motivações vinculam-se aos sentimentos de estigmatização, juntamente com o senso de lealdade e inclusão oferecidas pelo grupo. Neste sentido, a identidade se constrói na relação com o outro, nem sempre os ativistas que aderem aos movimentos à direita são motivados pela ideologia, por uma missão e/ou por objetivos políticos claros, mas pelo desejo de fazer parte de um grupo, de ter um novo *status*, ocupar uma nova posição social, que o distingue dos outros. Como veremos no capítulo 3, os eventos de protestos também são espaços que proporcionam aos ativistas uma atmosfera de sentimentos de solidariedade, alegria, de frustração compartilhada, de identificação de problemas comuns, etc.

Na literatura sobre movimentos sociais e na sociologia os movimentos sociais são definidos de diferentes formas a partir de bases teóricas distintas. Algo que os autores Sivan Hirsch-Hoefler e Cas Mudde (2013) problematizam é justamente como os movimentos à direita são definidos e como os à esquerda são definidos na literatura. Nesta perspectiva, os autores buscam distinguir as definições que, por um lado, destacam os movimentos sociais como agentes que promovem mudanças sociais e, por isso, tendem a ser movimentos progressistas e caracterizados como de esquerda e a preferência dos pesquisadores; por outro, daquelas definições que tendem a ter uma caracterização não neutra sobre o que identifica os movimentos de direita e os movimentos de esquerda. Exemplo disso são as definições que colocam os movimentos de direita como defensores dos objetivos e privilégios das pessoas mais favorecidas, enquanto caracterizam os movimentos de esquerda, mais progressistas, como aqueles que defendem os interesses das pessoas desfavorecidas e marginalizadas socialmente. Os autores adotam a concepção política clássica do italiano Norberto Bobbio, sobre movimento de direita e movimento de esquerda, como sendo uma visão mais neutra entre as existentes. Cabe destacar que os autores se propõem a compreender e a apontar algumas características que permitem classificar os movimentos de direita, mas não a direita no geral, mas aquela que se enquadra como de extrema direita, sendo esta já bastante diversificada.

De acordo com isso, ao analisar os movimentos de extrema direita na Europa, os autores destacam os nativistas, que basicamente são aqueles movimentos/grupos anti-imigração, que são contra qualquer forma de multiculturalismo, que se opõem também aos grupos e nativos que apoiam políticas de imigração, etc. Outro ponto central é a relação entre esses movimentos e partidos políticos. Muitos deles se organizam como partidos políticos, e são conhecidos/classificados como de direita populista, como exemplos: Uma Nação, de Pauline

Hanson; o Partido Austríaco da Liberdade (FPO), de Heinz-Christian Strache – e mais cedo o falecido Jörg Haider –; e a Frente Nacional Francesa (FN), de Jean-Marie e agora Marine Le Pen. Além do modelo de organização que privilegia a formação e a organização por meio dos partidos políticos, há os modelos que têm a rua como cenário de organização e mobilização, mesclando com a organização por meio de partidos políticos para contestar pelas vias institucionais, como é o caso do movimento inglês Liga da Defesa (EDL), em que seus membros se candidatam para eleições por intermédio do Partido da Liberdade.

A relação entre movimentos sociais de direita e religião é algo presente na maioria dos pesquisadores que investigam este tipo de movimento. A religião sempre foi um ator presente em alguns movimentos, sejam eles de esquerda (ex. movimentos orientados pela teologia da libertação) ou de direita (ex. movimentos orientados pelos dogmas sobre a concepção e preservação da vida). O ponto central que os autores trazem é a forma diversificada de organização e o amplo crescimento dos movimentos religiosos de direita. Sobre isso, cabe destacar a capacidade destes se organizarem politicamente em várias frentes e espaços sociais: partidos políticos, escolas, universidades, em eleições, manifestações de rua (ex. no Brasil, a Marcha Para Jesus), etc. Muitos desses movimentos têm como pautas principais a defesa da vida, movimentos pró-vida, a defesa da família e dos princípios cristãos que “devem” orientar esta instituição na sociedade contemporânea.

Outro ponto central da caracterização dos movimentos de direita religiosa em diferentes países é a relação entre: nacionalismo-patriotismo-religião. Isso é demasiadamente interessante, pois permite problematizar a relação entre movimentos religiosos de direita e partidos políticos, como os movimentos atuam por meio desses partidos e de parlamentares específicos influenciando na aprovação ou desaprovação de leis, de decretos, etc. Ou seja, uma das formas desses movimentos atuarem é por meio do *lobby*, da pressão via fiéis, etc. Outra ideia central defendida por Hirsch-Hoefler e Mudde (2013) é a de que nem todos os movimentos de direita têm lideranças claras, ou são guiados por um líder. Os autores apresentam alguns exemplos de movimentos europeus e americanos, como os neonazistas, os movimentos racistas, entre outros, que se configuram como os mais radicais e mortais, bem como aqueles que se organizam e se disseminam por meio de diferentes canais, como: shows, plataforma digitais, músicas, etc.

Mais um ponto central trata da análise dos movimentos intelectuais de direita, ou seja, movimentos que são formados por intelectuais e/ou pessoas que acreditam no poder das ideias sobre as ações. Os gramscianos de direita, ou seja, que defendem que a guerra tem que ser por meio dos mecanismos culturais, que formam ideologias, crenças, valores, etc. Além disso, cabe

destacar os canais de participação e organização, que normalmente ocorrem por meio de palestras, congressos, seminários, etc. As pautas giram em torno da defesa do reconhecimento na não igualdade social e jurídica, na identidade nacional, etc. Desta feita, a pesquisa de Hirsch-Hoefler e Mudde (2013) traz contribuições importantes para o estudo dos movimentos sociais à direita contemporâneos ao ressaltar a ideia de que os movimentos sociais à direita podem ser analisados como um conjunto de movimentos coexistentes que, independentemente dos objetivos específicos de cada um, compartilham de valores básicos semelhantes e têm formas organizacionais que se assemelham, e em determinadas situações se juntam em torno de campanhas comuns; ao mostrar que os movimentos sociais contemporâneos de direita combinam uma ideologia central do nativismo e do exclusivismo; ao evidenciar a ausência de estudos sobre os movimentos sociais à direita; e ao concluir que os estudos sobre os movimentos sociais à direita podem fornecer *insights* sobre as relações complexas entre movimentos sociais e partidos políticos.

Neste capítulo demonstramos que a saída dos movimentos sociais à direita dos bastidores, a partir de 2013, é resultado também das lógicas de funcionamento do sistema político brasileiro, caracterizado por uma cultura política pemedebista, que bloqueia e controla as transformações sociais e o aprofundamento das instituições democráticas, em vista dos interesses daqueles que estão no poder. Neste sentido, as manifestações de junho de 2013 expuseram a insatisfação de diferentes grupos da sociedade com este sistema político que já não representava mais os interesses da população. Entre esses grupos, estavam aqueles que se identificavam com o conservadorismo, o liberalismo, o militarismo, as pautas de direita, etc. Como vimos, os *think tanks* liberais, criados na década de 1980, são um exemplo de como movimentos e grupos à direita atuavam nos bastidores divulgando, formando e educando jovens universitários nos princípios liberais e neoliberais. Vimos também que, desde 2011, políticos partidários, como o então deputado Jair Bolsonaro, articulavam as demandas de movimentos sociais conservadores e religiosos, com o apoio da bancada evangélica, para que estas fossem priorizadas em discussões na Câmara dos Deputados e no Senado.

Bolsonaro se tornou um dos principais representantes políticos dos movimentos sociais à direita, mesmo entre alguns liberais/libertários, ele foi escolhido como o “candidato menos pior”, ou seja, “menos pior que Lula, menos pior que qualquer candidato do PT” nas eleições

de 2018. Neste sentido, definir o que é ser de direita, ainda mais em cenários tão polarizados politicamente, não é e nunca foi uma tarefa fácil para os pesquisadores. Considerando isso, neste capítulo definimos o que é ser de direita à luz da literatura apresentada e do nosso trabalho de campo, do que diziam os atores sobre eles próprios, mas vale salientar que toda definição é um enquadramento subjetivo feito pelo pesquisador, numa tentativa de tornar compreensível determinada questão. A direita se apresenta hoje de forma plural e heterogênea, uma de suas principais características é a *expertise* sobre o porquê e como utilizar os recursos tecnológicos de comunicação digital a seu favor. Desta maneira, na última seção do presente capítulo, apresentamos um mosaico teórico que articula os níveis micro, meso e macro, como sendo um modelo analítico que permite uma melhor interpretação de como e porque surgem os movimentos sociais à direita, de quem se engaja nesses movimentos, como eles se organizam e atuam em diferentes arenas políticas. Nos capítulos seguintes, este modelo analítico é operacionalizado.

CAPÍTULO 2 – “VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO”: SURGIMENTO, FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E USO DA INTERNET NOS MOVIMENTOS SOCIAIS À DIREITA

Como já demonstrado no capítulo 1, a militância à direita no Brasil é histórica. Porém esta, após a redemocratização, deixou de ocupar as ruas e passou a atuar nos bastidores, utilizando repertórios menos visíveis. Por um lado, por conta dos traumas que o regime militar tinha deixado na sociedade e diretamente na vida de algumas pessoas, e por conta disso, associar-se à direita não era apropriado; por outro, pela cultura política que se instaurou com o período de redemocratização e que foi minando publicamente as polarizações políticas em custas das alianças, arranjos e acordos políticos suprapartidários que eram feitos nos bastidores do sistema político brasileiro. Neste sentido, os ciclos de protestos ocorridos no Brasil em junho de 2013 constituíram-se como um evento que marca a emergência de grupos dissonantes do sistema político e dos seus representantes. Segundo Della Porta (FERNANDES, 2019, p. 383), “muitas vezes os oponentes da direita assumiram formas mais partidárias do que formas de movimento social, mas eles [os partidos] com certeza constantemente tentaram mobilizar também suas bases”. Deste modo, seria equivocado desconsiderar que antes de 2013 já existia uma militância e uma base à direita. Como vimos, esta base se deu no próprio processo de formação do sistema político brasileiro e das interações conciliatórias entre partidos de ideologias distintas.

A rejeição aos partidos políticos, a heterogeneidade de pautas e de grupos, o resgate de causas, como a da ética na política, lembra outros dois ciclos de protestos: o das Diretas Já (1983-1984) e o do *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Melo em 1992. (NOBRE, 2013b; GOHN, 2014; OLIVEIRA, 2020 No prelo). Muitos dos participantes das Jornadas de Junho de 2013, como se convencionou chamar, nunca haviam participado de manifestações de rua ou experimentado se opor ao Estado, partidos políticos e movimentos sociais de forma coletiva. Segundo Nobre (2013a, p. 16): “Não é de espantar que divisões políticas como aquela entre direita e esquerda apareçam como irrealis ou sem sentido. Não foi justamente o apagamento de divisões como essas o que se viu no governo do país desde a vitória de Lula, em 2002?”. Neste sentido, uma oposição clara ao governo passou a existir em 2013. Esta oposição veio da rua e disse os seus vários nomes. Assim, entre os diferentes grupos que construíram as manifestações, estavam os das direitas que passaram a reagir publicamente com maior intensidade nos anos seguintes (ALONSO, 2017; TATAGIBA, 2017). A indignação com o Estado vinha de todos os lados, todas as portas e janelas se abriram para quem quisesse

manifestar a sua insatisfação, pois não era apenas pelos 20 centavos, era contra “tudo o que está aí”. (NOBRE, 2013a, p. 5).

O fim da corrupção e dos gastos com os megaeventos esportivos foi uma das reivindicações que estavam estampadas nos cartazes levados pelos manifestantes. A pauta da corrupção, da ética na política e da fiscalização dos gastos públicos se torna parte da agenda de reivindicações dos movimentos sociais à direita. Tal agenda não é particular dos movimentos sociais à direita ou à esquerda brasileiros. Um conjunto de estudos tem demonstrado que a causa anticorrupção tem nos últimos anos ganhando uma atuação global. Movimentos sociais, organizações não governamentais, agências, fundações e outras organizações de nível internacional têm investido no combate à corrupção e em defesa da ética na política. Tais estudos demonstram que os movimentos sociais têm reagido às ameaças que a corrupção política promove no desenvolvimento das sociedades e nos processos de combate às desigualdades sociais. (DELLA PORTA, 2017a; 2017b; OLIVEIRA, 2020 No prelo).

Neste sentido, a corrupção é associada diretamente aos processos de desigualdade social e aos processos de deslegitimação da classe política. Quando se olha para o contexto econômico, os estudos têm demonstrado que as políticas econômicas neoliberais, implementadas principalmente a partir da década de 1990, influenciaram esse processo de revolta e luta por direitos civis, justiça social, combate à desigualdade social e à corrupção na política. De acordo com isso, além do Brasil, outros países tiveram protestos contra a corrupção e de insatisfação contra a elite política. Um exemplo disso concerne aos protestos de 2013 e 2014 na Bósnia e Herzegovina, analisados por Chiara Milan (2017). Desde o final de 1992-1995, o país não tinha tido grandes manifestações de rua. A autora concluiu que os protestos ocorridos em 2014, que tinham como reclamações a corrupção política, a irresponsabilidade da elite política, o descontentamento com as privatizações e com a piora nas condições de vida, se relacionavam diretamente com um ciclo de manifestações antiausteridade iniciadas no país em 2011 e que teve seu pico em 2013, com uma luta por direitos civis.

Desta forma, os ciclos de protestos de junho de 2013 no Brasil, e os dos anos seguintes, se inserem em um quadro de manifestações de rua de repercussão global iniciado com os protestos da Primavera Árabe do final de dezembro de 2010, ocorridos no Oriente Médio e no Norte da África. (GOHN, 2014). É comum a todos esses protestos a insatisfação dos manifestantes em relação ao Estado, à elite política e às medidas implementadas durante os seus governos. O crescimento da atuação das direitas em diversos países também foi algo que ocorreu a partir de 2010. Este crescimento tem sido associado também a uma maior

disponibilidade e acesso à internet por parte dos manifestantes e lideranças de movimentos e organizações à direita. Neste sentido, já nos protestos de junho de 2013 ficou claro o poder de mobilização e de difusão dos protestos via internet, por intermédio das redes sociais virtuais. Nos anos seguintes, este recurso se tornou parte fundamental no processo de organização e atuação dos movimentos sociais à direita, como pudemos observar nos ciclos de protestos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff em 2015 e 2016 e nos relatos das 28 lideranças entrevistadas.

Assim, consideramos que a internet foi um recurso fundamental para o surgimento e organização dos movimentos sociais à direita em Sergipe. Esse recurso, além de ter sido utilizado para recrutar, mobilizar e organizar eventos virtuais e presenciais, também contribuía para criar e estimular as polarizações políticas. Como veremos no decorrer do capítulo, um dos períodos em que surgiram mais movimentos à direita no estado foi nos anos que correu o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Vale salientar que desde o final de 2014, com o resultado das eleições, já havia um clima muito polarizado entre aqueles que eram a favor de Dilma Rousseff e do PT e aqueles que eram contra. Sobre isso, cabe destacar que:

a forte polarização política que marcou a disputa eleitoral, estimulada pelas denúncias de corrupção na Petrobras que eram divulgadas pela “Lava Jato” e recebiam ampla repercussão da grande mídia, possibilitou aglutinar não apenas as forças opositoras ao governo, mas principalmente, serviu de base e de novo incentivo para as organizações e grupos “antipetistas” investirem fortemente num inimigo comum: a associação entre corrupção e “PT”, colocando o “Fora PT” e o “Fora Dilma” como única forma de acabar, a curto prazo, com a corrupção no Brasil. Tais protestos demonstraram a força da mobilização do “antipetismo” que, passou também a ser associado a “antiesquerdismo”, “antipartidarismo”, “antiestatismo”, “rejeição da classe política” etc. (OLIVEIRA, 2020 No prelo, p. 12).

A rejeição à “velha política” e às instituições políticas era uma pauta que já estava nas Jornadas de Junho de 2013, contudo nos protestos mobilizados pelos movimentos à direita a partir de 2015, a “velha política” e a corrupção política são associadas quase que exclusivamente aos políticos do PT. Veremos no decorrer do capítulo que, ao longo dos últimos anos, vários movimentos que se declaravam como conservadores, liberais, anticorrupção, etc. uniram-se em torno das pautas anticorrupção, antipetismo e antiesquerdismo, mas não se deve desconsiderar as divergências que esses movimentos tinham em relação a outras pautas. Tais divergências revelam que os movimentos sociais à direita não são homogêneos e nem devem ser analisados como tal.

Portanto, o objetivo deste capítulo é analisar o surgimento dos movimentos sociais que se autodeclaravam de direita, liberal e conservador no estado de Sergipe, como estes se organizavam e utilizavam a internet como um recurso organizacional. Nosso principal

argumento neste capítulo é de que o surgimento dos movimentos sociais à direita em Sergipe resulta da ligação entre redes de sociabilidades, mudanças no contexto político e econômico, acesso de baixo custo a formas de comunicação de alto alcance, como a internet, organizações de apoio e de financiamento. Para tanto, buscamos apresentar o quadro geral de movimentos à direita que identificamos entre o período de 2012 a 2019 em Sergipe. Em seguida, a partir do primeiro tópico, focamos naqueles movimentos que tiveram uma atuação mais consistente e duradoura a partir de 2014 e que se tornaram referência de movimentos sociais à direita no estado nos anos seguintes. Na segunda parte do capítulo, tratamos de analisar como alguns movimentos utilizam a internet como sendo um recurso fundamental da e para suas ações.

Desta forma, como surgem os movimentos sociais? O que são movimentos sociais? São dois questionamentos básicos e complexos para quem se insere no campo de estudo dos movimentos sociais. A literatura nos mostra que tais movimentos sociais são um tipo de ação coletiva, que têm suas próprias características e dinâmicas de organização. Neste sentido, há diferentes explicações sobre quais são os fatores que permitem o surgimento de um movimento social, como também diferentes definições sobre o que ele é. A definição de Diani (1992) nos parece a mais coerente no contexto desta pesquisa, o autor entende movimentos sociais como “redes de interações informais entre uma pluralidade de indivíduos, grupos ou associações engajados em um conflito político ou cultural, com base em uma identidade coletiva compartilhada” (DIANI, 1992, p. 13). Para distinguir os movimentos sociais de outras formas de ação coletiva, o autor o faz a partir de três dimensões analíticas:

- presença ou ausência de orientações para o conflito com oponentes claramente identificados;
- trocas informais densas ou esparsas entre indivíduos ou organizações engajadas em projetos coletivos;
- identidade coletiva forte ou fraca entre os membros dessas redes. (DIANI; BISON, 2010, p. 221).

Com base nisso, compreendemos que os acontecimentos no contexto político, em especial as eleições de 2014, o ciclo de protestos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff e as eleições de 2018, foram eventos fundamentais para que determinados indivíduos que simpatizam com as ideias liberais, conservadoras e de direitas, bem como outros que já estavam engajados em organizações orientadas por estas ideologias, se conectassem por meio de redes organizacionais, redes informais, redes profissionais, etc. Como veremos no decorrer deste capítulo, o surgimento e a sustentabilidade de alguns movimentos que serão analisados de forma mais detalhada só são possíveis devido ao envolvimento de organizações empresariais, uma

identificação entre indivíduos que se sentiam constrangidos em espaços profissionais e acadêmicos por terem posicionamentos à direita, como, ainda, por um forte senso de indignação e de injustiça diante dos escândalos de corrupção na política e do poder da esquerda em “monopolizar” todos os espaços da sociedade, como, por exemplo, as discussões no espaço acadêmico.

O primeiro movimento social autodeclarado de direita em Sergipe a partir dos anos 2000 que identificamos foi a Juventude Conservadora de Sergipe. Este movimento surgiu em 2012, mas até o final de 2014 atuava de forma “envergonhada”, se limitando principalmente ao espaço virtual, por meio do seu *blog*. Esta condição começa a mudar a partir de 2015 com o surgimento de outros movimentos no âmbito universitário que se autodeclaravam publicamente como sendo de direita, liberal ou conservadores. De forma relacionada, os movimentos que surgem entre 2014, 2015 e 2016, contra a reeleição e posteriormente pedindo o *impeachment* de Dilma Rousseff, promovem um novo ambiente social para que os movimentos à direita, que antes atuavam de forma envergonhada, saíssem do “armário” e levantassem suas bandeiras na defesa de suas causas e demandas. (SANTOS, 2017).

Como apresentado no capítulo anterior, alguns estudos sobre movimentos liberais no Brasil demonstraram algo semelhante com o que ocorreu no estado de Sergipe. A respeito disso, Barbieri (2018) mostrou que grupos de estudo e organizações liberais começam a surgir durante e após junho de 2013. Em 2015 ocorre uma expansão desses coletivos e uma maior adesão do público a eles, tanto nos espaços presenciais quanto nos espaços *on-line*. Neste sentido, a autora atribui à conjuntura política da época o crescimento e uma maior adesão aos grupos liberais nas redes sociais virtuais e nas universidades. Outro resultado semelhante ao que encontramos no contexto sergipano é que os movimentos liberais se organizam principalmente em dois espaços: nas universidades particulares e nas universidades públicas. A autora conclui ainda que a forma de organização e os repertórios de ação utilizados pelos movimentos liberais, em sua maioria, são reuniões, encontros, fóruns, assembleias, debates, cursos, etc., algo que também constatamos ao analisar os movimentos liberais sergipanos. Por fim, vale salientar que a autora classifica o movimento liberal como tendo um perfil plural e heterogêneo nas suas práticas, em suas ações, nos seus repertórios de ação e nas suas formas de organização. (BARBIERI, 2018).

Levando em conta tais resultados, observa-se que o entendimento acerca das principais arenas políticas que os movimentos sociais à direita e suas lideranças disputam é fundamental para entender como eles se organizam, suas demandas, suas reclamações, etc. Desta forma,

classificamos três arenas políticas que foram o foco de disputa por parte dos movimentos à direita em Sergipe.

A primeira arena é a **universidade**. A história do movimento estudantil universitário de Sergipe (CRUZ, 2012; COSTA, 2009; SANTOS, 2016b; SANTOS, 2017) revela que a política estudantil representada pelo Diretório Central dos Estudantes da UFS era influenciada diretamente pela política partidária, particularmente pelos grupos políticos que disputavam a prefeitura e a Câmara de Vereadores da cidade de Aracaju. Políticos sergipanos de destaque ocuparam o cargo de presidente ou vice-presidente do DCE da UFS. Nas últimas décadas esta organização estudantil vem perdendo força política no que diz respeito ao lançamento e ao apoio a candidatos para política partidária. Contudo, como veremos, ainda é um espaço político muito disputado pelos movimentos estudantis e pelos partidos políticos que têm seus representantes no espaço universitário.

A segunda arena é a **rua**. Com o ciclo de protestos de junho de 2013, a rua ganhou novos significados. A frase “vem pra rua vem” foi incorporada tanto por movimentos à esquerda quanto à direita. Todavia, é importante destacar que os movimentos à direita são caracterizados por atuarem por meio de repertórios formais como reuniões, encontros, fóruns. Assim, no modelo organizacional à direita, o “ir para a rua” tem significados que envolve uma mudança de identidade organizacional mais profunda do que para os movimentos à esquerda, tendo em vista que muitos dos repertórios utilizados por eles já incluem a ocupação da rua. Neste sentido, a rua se tornou cada vez mais importante como arena política em disputa.

Por fim, a terceira arena trata-se das **eleições políticas**. Entre 2014 e 2019 alguns movimentos se consolidaram, bem como suas lideranças. Algumas dessas se candidataram nas eleições municipais de 2016 e nas eleições federais de 2018. Para as eleições de 2020 um grupo de movimentos, incluindo movimentos liberais e conservadores, se coligou formando um “bloco” para lançar candidatos para disputar cargos na Câmara de Vereadores do município de Aracaju.

Desta maneira, a ação política envolve tomada de decisões, debates públicos, estratégias de ação e argumentação pública, enfim, um processo de persuasão na conquista de novos aderentes à causa, ao movimento ou ao partido que apoia. O conceito de arena política, portanto, pode ser compreendido como a delimitação do espaço, do ambiente, da cena onde ocorrem as disputas políticas. (CEFAÏ, 2011). O conceito de arena pública de Daniel Cefaï nos ofereceu elementos interessantes para interpretar as três arenas indicadas anteriormente, neste sentido:

Uma arena pública surge como um lugar de produção, de circulação e de troca de argumentos. Mas os atores não inventam a partir do zero as justificações que eles dirigem ao seu público. Eles as buscam em repertórios de argumentação, típicos e recorrentes, identificáveis em outras situações de luta urbana. Por outro lado, eles também criam, dia após dia, os seus próprios argumentos, segundo os pontos estratégicos, específicos da situação local de Belleville. Retórica, direito e técnica: todos esses dispositivos contribuem para fazer emergir o bem público, permitindo aos atores que coordenem e se ajustem em ambientes, de acordo com as convenções. Esses dispositivos equipam os atores com modos convenientes de ver, de dizer e de fazer, e configuram as situações às quais eles são confrontados. (CEFAÏ, 2011, p. 20).

Deste modo, seja na rua, durante uma manifestação, em cima de um trio elétrico, ou em uma mesa-redonda na universidade, ou ainda em uma audiência pública na Câmara de Vereadores, as lideranças dos movimentos se utilizam de uma linguagem que já é reconhecida pelos seus seguidores e em parte pelos seus opositores. Para cada situação desta, aciona um tipo de linguagem que em determinado contexto assume um tom mais eloquente, em outros um tom mais passivo e formal. O fato é que é nessas arenas de disputa política que os atores colocam em prática estratégias de ação, imprimem e publicizam sua identidade coletiva por meio de portadores físicos (músicas, acessórios, palavras, vestimentas, etc.), recrutam novos membros para o movimento e avaliam sua própria atuação para ajustá-las nas próximas situações e arenas. (JASPER, 2016).

Como veremos nos tópicos a seguir, alguns movimentos surgiram ou se reconfiguraram após dissidências. Desta forma, podemos entender que cada movimento se constitui como uma arena política, onde ocorre disputa por poder, por privilégios, por oportunidades, por publicidade, etc. Assim, podemos interpretar que quando ocorre rupturas ou dissidência, ocorre uma troca de arena. Segundo Jasper (2016, p. 193, grifo do autor), “a **troca de arenas** é mais comum quando um ator se viu bloqueado numa arena, mas também ocorre quando atores calculam ter melhores chances em algum outro ambiente”. São diversas as motivações que podem fazer uma pessoa se engajar em um movimento social ou na defesa de uma causa. De acordo com Jasper (2016, p. 28, grifo do autor), “**Arenas** não são cultura, mas os lugares em que ocorre a ação estratégica, governados por regras formais e tradições informais, em que os recursos só são usados de determinadas maneiras”. Neste sentido, quando um indivíduo se engaja, este espera algum benefício, alguma retribuição pelo seu engajamento, que pode ser de ordem subjetiva (exemplo, por conta de princípios morais) ou objetiva (exemplo, por dinheiro). Deste modo, quando os atores avaliam os custos e benefícios do seu engajamento em determinado movimento, ou na defesa de uma causa, podem chegar ao resultado que trocar de arena seria menos custoso e que teriam mais chances de obter benefícios com seu engajamento. As dissidências, rupturas, trocas de arenas, também são fatores que permitem entender o

surgimento de determinados movimentos, tendo em vista que quando isto ocorre os atores se engajam em outros movimentos, ou fundam um novo movimento.

O quadro abaixo apresenta os movimentos sociais à direita que surgiram entre 2012 e 2019 em Sergipe. Deixamos de fora “movimentos” em que não encontramos registros de ações, perfil nas redes sociais virtuais e que foram citados apenas uma única vez em algumas das 28 entrevistas que fizemos. Um exemplo disso foi o “movimento” Damas de Ferro, citado por uma entrevistada. Foi um grupo composto só por mulheres, em sua maioria universitárias, criado pela entrevistada em 2016. Contudo, não encontramos registros de ações duradouras que pudessem enquadrá-lo como um movimento social ou mesmo elementos simbólicos, como logos, ícones, que representasse a identidade visual e coletiva do movimento. Outro critério utilizado foi incluir movimentos cujos membros estão inseridos em outros movimentos sociais à direita ou são apoiadores e financiadores desses movimentos. Um exemplo disso é a Rede RenovaBR, em que quatro lideranças à direita foram selecionadas e fizeram a formação política oferecida pela rede, dessas, três foram entrevistadas por nós. Para definir o posicionamento-causa central do movimento, nos baseamos nas entrevistas, nas biografias dos movimentos nas redes sociais virtuais e nas causas que defendiam em eventos de protestos.

Quadro 3 – Movimentos sociais à direita em Sergipe

Nome	Quando surgiu?	Posicionamento-causa
Juventude Conservadora de Sergipe	2012	Conservador
Movimento Basta Sergipe	2012	Anticorrupção
Movimento à Direita Brasil	2013	Conservador
Liberte-se UFS	2014	Liberal
Movimento Brasil Livre	2014	Anticorrupção
Estudantes Pela Liberdade	2014	Liberal
Movimento Muda Sergipe	2015	Anticorrupção
Movimento Ame ou Deixe o Brasil	2015	Conservador
Movimento Vem Pra Rua	2015	Anticorrupção
Núcleo Libertário de Sergipe	2015	Libertário
Movimento Luta Sergipe	2015	Conservador
Movimento Voluntários Resistentes	2015	Conservador
Movimento Nova Resistência	2015	Conservador
Movimento Conservadores de Sergipe	2015	Conservador

(continua)

(continuação)

Instituto Jackson Figueiredo	2015	Conservador
Liberte-SE	2016	Anticorrupção
Juventude Livres	2016	Liberal
Movimento Aliança Estudantil	2016	Liberal
Movimento Direita Sergipana	2016	Liberal-conservador
Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro	2016	Conservador
Instituto Liberal de Sergipe	2016	Liberal-conservador
Grupo de Estudo William Wallace	2016	Liberal
Juventude Libertária de Sergipe	2017	Libertário
Elas na Direita-Sergipe	2017	Conservador
Movimento Atitude (MOVA-SE)	2017	Liberal
Movimento Acredito	2018	Anticorrupção
Movimento Brasil 200	2018	Liberal
RenovaBR	2018	Anticorrupção
Movimento Rede Bem Querer	2018	Conservador
Grupo de Estudo Ayn Rand	2019	Liberal
Nas Ruas Sergipe	2019	Anticorrupção
Clube Liberal Silvio Romero (núcleo vinculado à JLS)	2019	Liberal/Libertário

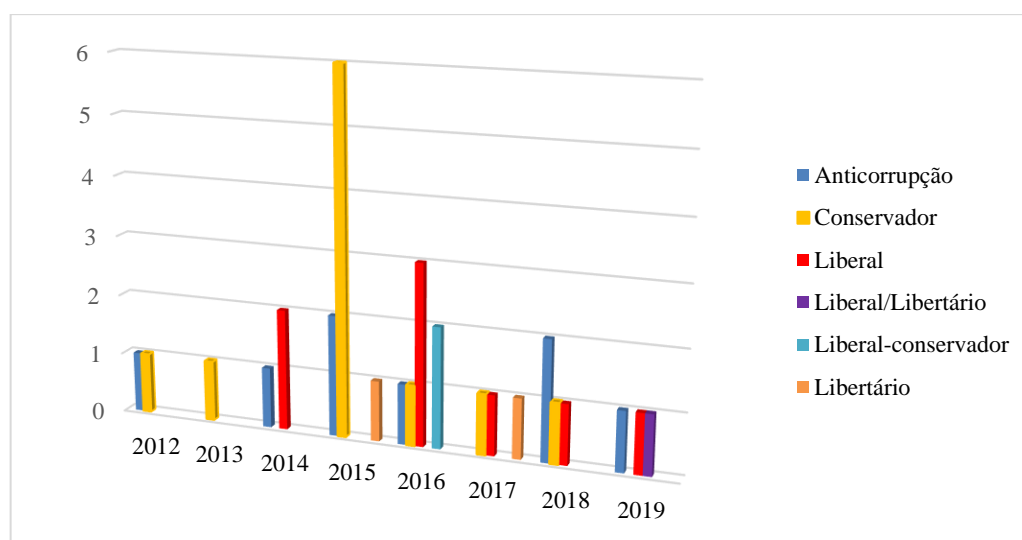
Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Como pode ser observado no quadro acima, há movimentos nacionais como o Movimento Brasil Livre, Movimento Vem Pra Rua e o Movimento Basta. Além destes movimentos que surgiram em Sergipe entre 2014 e 2016, temos movimentos nacionais mais recentes que também têm representação em Sergipe, como o Movimento Acredito, o Movimento Brasil 200 e a Rede RenovaBR, surgidos no estado no ano de 2018. Esses movimentos tiveram e têm um papel importante na expansão dos movimentos à direita no estado, por alguns fatores como o fato de algumas lideranças terem uma longa trajetória no setor público ou no setor privado, serem conhecidos no meio empresarial e/ou na política partidária, ocuparem cargos no funcionalismo público e na política partidária, estarem vinculados a associações e sociedades de representação profissional.

O gráfico a seguir apresenta o cruzamento de duas variáveis, o ano de surgimento dos movimentos apresentados no quadro anterior e o posicionamento-causa que orienta os movimentos. Fizemos o enquadramento, com base nas entrevistas semiestruturadas com as

lideranças do movimento, nos perfis nas mídias sociais (redes sociais, sites e *blogs*) e em documentos produzidos pelos movimentos (estatutos, panfletos, etc.). Deste modo, classificamos cinco categorias, que são: conservador, para aqueles movimentos que defendem a manutenção e conservação das instituições sociais tradicionais, como o modelo de família nuclear e o casamento heterossexual; liberal, aqueles movimentos que defendem menos intervenção do Estado na economia e as liberdades individuais; libertário, os que defendem a não intervenção do Estado na economia, a primazia do indivíduo e a manutenção das liberdades individuais; liberal/libertário, referente aos movimentos que seguem vertentes liberais e libertárias; liberal-conservador, que é liberal na economia, ou seja, perde menos intervenção do Estado e liberdade econômica, mas é conservador nos costumes, por exemplo, defende a conservação das instituições sociais tradicionais; e anticorrupção, sobre os movimentos que surgiram e organizaram eventos de protestos pedindo o fim da corrupção, ética na política e levantaram a bandeira anti-PT.

Gráfico 1 – Ano de surgimento e posicionamento-causa



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Conforme ilustram os dados apresentados no Gráfico 1, o período de maior emergência de movimentos à direita em Sergipe ocorreu em 2015. Dos 32 movimentos catalogados entre 2012 e 2019, nove surgiram naquele ano. Quando somamos o número de movimentos que surgiram em 2015 e 2016, temos um total de 16 movimentos, a metade do número total registrado. A maioria dos movimentos surgidos nesse período era de conservadores. Precisamente, entre 2012 e 2019 teremos o surgimento de 11 movimentos conservadores, seis destes surgiram em 2015. Quando contabilizamos os movimentos liberais e libertários, temos

um total de 11 movimentos, destes três surgiram em 2016. O surgimento dos movimentos nesse período relaciona-se diretamente com o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff iniciado em 2015, mas também com um conjunto de ações em torno de pautas contra a corrupção, encabeçada por movimentos que classificamos como anticorrupção. Entre 2012 e 2019 teremos o surgimento de oito movimentos anticorrupção, apenas em 2013 e 2017 não houve registro do surgimento deste tipo de movimento.

Compreendemos que o surgimento dos movimentos em 2014 relaciona-se com dois eventos: (i) manifestações de junho de 2013, quando novos atores entram em cena e são despertados para o engajamento político e para o ativismo virtual; (ii) eleições federais de 2014, havia um descontentamento com o governo da então presidente Dilma Rousseff. Isso fica claro na disputa acirrada entre ela e o candidato do PSDB, Aécio Neves, como já mencionado no capítulo 1. Entre as lideranças que entrevistamos, algumas trabalharam voluntariamente na campanha de Aécio Neves, não porque achavam o melhor candidato, mas por ser o “menos pior” e como uma forma de protesto contra Dilma Rousseff e os governos do PT.

Concluimos que além da conjuntura política marcada pelo processo de *impeachment* da então presidente Dilma, outros fatores também podem ter influenciado este aumento, como, por exemplo, as eleições municipais de 2016 e as eleições federais de 2018. Os protestos pró-*impeachment* também se constituíram como um espaço de pré-campanha para alguns veteranos na política sergipana e para os novos atores que queriam se lançar na política partidária. Também foi nesse período que os simpatizantes do então deputado Jair Bolsonaro começaram a organizar movimentos no âmbito virtual e posteriormente de forma presencial em prol de sua candidatura para presidente nas eleições federais de 2018. Outro fator que contribuiu para um aumento do número de movimentos nesse período, sem dúvida, refere-se às narrativas dicotômicas, nas quais criou-se os heróis (Sérgio Moro) e os vilões (Lula), “cidadãos de bem” *versus* os corruptos, os defensores das liberdades individuais *versus* o Estado que controla todos os âmbitos da vida do cidadão, etc.

Em 2018 ocorre um aumento novamente no surgimento de movimentos sociais à direita. A característica comum a esses movimentos que surgem nesse ano é a narrativa da renovação política, ou seja, que estão construindo uma política diferente da “velha política”, da política corrupta, etc. Outro ponto comum é o foco na formação política de jovens e de pessoas que já têm algum tipo de engajamento político, para disputar e ingressar na política partidária. Identificamos ainda que outra característica dos movimentos como RenovaBR, Movimento Brasil 200 e Movimento Acredito é o perfil empresarial dos seus membros. Além de suas

lideranças, apoiadores financeiros e conselheiros serem grandes empresários brasileiros e celebridades, também o público que adere a esses movimentos, pelo menos no contexto sergipano, é formado por empresários, funcionários públicos vinculados às instituições policiais e de justiça, profissionais liberais e pessoas com trajetória política. Abaixo apresentamos dois exemplos de lideranças sergipanas que estão à frente destes movimentos:

Milton Andrade é natural de Aracaju. Na capital sergipana, atua como advogado, empresário e palestrante. Além de suas ocupações profissionais, é vice-presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Aracaju e conselheiro do Centro de Apoio aos Pequenos Empreendimentos de Sergipe. Essa atuação combina com seus ideais, que estão alinhados com o empreendedorismo, a livre iniciativa e uma maior liberdade econômica para o cidadão comum. (RenovaBR, 2019).

Niully tem 30 anos e é natural de Capela, Sergipe. Advogada, especialista em Direito Penal e Processo Penal, mestranda em Direito Constitucional pela Universidade Federal de Sergipe, coordenadora Estadual da Fundação João Mangabeira e primeira secretária da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da OAB/SE. Descobriu o ativismo político na universidade, quando no terceiro período do curso de Direito foi eleita a primeira mulher presidente do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Tiradentes. Depois foi diretora da UNE, se filiou ao PSB, foi presidente da juventude do partido e depois secretária Estadual de mulheres do partido. Em 2016 enfrentou o grande desafio das urnas e se candidatou para vereadora da capital, Aracaju. Com uma turma de gente que acreditou muito em seu projeto, obteve 2024 votos e ocuparam a suplência da coligação, em uma campanha sem grana e sem padrinhos políticos. Entendeu que apesar do sistema, era possível disputar eleição e ocupar os espaços de representação tão carentes de pluralidade política. Em 2018 foi selecionada no RenovaBR e ajudou a fundar o núcleo do Acredito em Sergipe. (Movimento Acredito, 2019).

Esses três movimentos têm influenciado na construção de novos movimentos à direita em Sergipe, bem como na formação política de lideranças de outros movimentos apresentados no quadro, um exemplo disso é o fundador do Instituto Liberal de Sergipe, que foi aprovado no processo seletivo do RenovaBR em 2019 e lançou-se como pré-candidato a vereador do município de Aracaju nas eleições de 2020.

Desta maneira, segundo a perspectiva de Cefaï (2009), as organizações de movimentos sociais não são resultados apenas de estruturas objetivas que promovem condições e oportunidades políticas para que eles surjam. Seguindo uma visão pragmática e compartilhando da abordagem cultural, assim como outros autores (DIANI; BISON, 2010; JASPER, 2016; MISCHÉ, 1997; 2008), o autor entende que as organizações de movimentos sociais:

são também meios de sociabilidade, nos quais emergem ocasiões de encontro que moldam as formas de coexistência. São agenciamentos de objetos, normas e pessoas que ordenam o que os membros podem fazer, ver ou dizer. Elas constituem conjunturas práticos-sensíveis, que fixam hábitos de cooperação e de conflito e que fornecem parâmetros de experiência cognitiva e normativa. Elas são indissociavelmente vetores de concentração de capitais materiais e humanos,

incubadoras de redes de ativistas, chocadeira de empreendimentos de militância, geradores de energia simbólica, instâncias de representação coletiva. (CEFAÏ, 2009, p. 19).

Conforme a citação, podemos entender que a sociabilidade ou as redes de interações nos movimentos sociais são moldadas também pelas regras, estrutura organizativa e princípios que orientam as ações dos movimentos. Neste sentido, a interpretação acerca dos movimentos sociais, da sua origem, da sua manutenção e dos usos de determinados recursos, deve considerar que este tipo de ação coletiva tem imbricações permanentes entre redes sociais pré-existentes dos atores que a criaram, engajamentos simultâneos de suas lideranças em organizações públicas e privadas, símbolos, gramáticas e as narrativas que são carregadas de significados, que são ressignificadas diante de eventos, novas alianças, novas experiências. (CEFAÏ, 2009).

Deste modo, os dados apresentados anteriormente no quadro da Figura 1 e no Gráfico 1 mostram que houve um crescimento gradativo dos movimentos à direita em Sergipe, tendo um *boom* nos anos de 2015 e 2016, como já salientamos, isso se deve também aos eventos políticos ocorridos nesse período. Contudo, entender que o surgimento dos 32 movimentos ocorreu apenas por condições objetivas seria equivocado. Tomando como base o entendimento de Cefaï (2009) sobre organizações de movimentos sociais, nosso esforço neste capítulo também foi o de demonstrar que o surgimento dos movimentos sociais à direita é resultado ainda da congruência entre redes de sociabilidades em espaços específicos, como as universidades, um processo de identificação entre pessoas que se sentiam constrangidas e sozinhas por concordarem com pautas consideradas de direita, liberais e/ou conservadoras, e o uso da internet, em particular do Facebook, Twitter, Instagram, YouTube e WhatsApp, para praticar o ativismo virtual e também para construir redes de ativismo no âmbito local, regional, nacional e internacional.

Portanto, o capítulo está organizado da seguinte forma: na primeira parte, composta por três tópicos, focalizamos na análise detalhada de alguns movimentos apresentados no Quadro 3. Os movimentos escolhidos são casos exemplares dos movimentos estudantis à direita, dos movimentos conservadores e liberal-conservadores, e ainda dos movimentos anticorrupção no estado de Sergipe. A segunda parte inclui o último tópico deste capítulo e trata do papel das mídias sociais, em especial as redes sociais e aplicativos de comunicação como um recurso organizacional fundamental para surgimento e organização dos movimentos sociais à direita.

2.1 – MOVIMENTOS ESTUDANTIS À DIREITA: A UNIVERSIDADE COMO ARENA POLÍTICA

Em Sergipe, numa discussão simples, podemos destacar que a direita durante o regime civil-militar controlou os espaços de representação política, tanto do Estado como do associativismo estudantil, secundarista e universitário, entre outros (CRUZ, 2012; DANTAS, 2004). No pós-regime, um *boom* fez com que movimentos sociais e partidos políticos de esquerda emergissem e se consolidassem, protagonizando manifestações de rua massificadas, ocupando cargos desde a representação estudantil secundarista e universitária até a presidência da República. Em Sergipe, entre os anos de 1980 até a década de 1990, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFS foi dirigido por movimentos sociais e partidos de esquerda, mas é sabido que nesse período e também na década seguinte houve alianças entre partidos de direita e de esquerda para disputar tal espaço. (SANTOS, 2016b). Neste sentido, o DCE da UFS é um dos espaços políticos fundamentais para compreender a história política de Sergipe, os principais políticos do estado após a redemocratização foram presidentes ou participaram da diretoria da instituição, ou seja, era um espaço em que os jovens estudantes se tornavam jovens políticos partidários que se elegeram como vereadores, prefeitos, deputados estaduais e federais e governadores (SANTOS, 2016b). Todavia, entre os anos 2000 até 2015, nenhum presidente do DCE conseguiu ser eleito a cargo eletivo da política partidária, contudo a maioria continuou envolvida com a militância associativa e/ou partidária, em alguns casos ocupando cargos de presidência em partidos políticos ou sindicatos. Os espaços de representação estudantil e os diferentes movimentos estudantis que se formam dentro da universidade, para muitos jovens, são onde ocorre o primeiro contato com a política associativa e com a política partidária.

A valorização histórica do espaço universitário como espaço político não é à toa, pois este oferece estruturas de mobilização, organização e de recrutamento para movimentos sociais consolidados e emergentes, seja mediante meios institucionalizados (eleições estudantis), ou por meios informais (calouradas, encontros depois das aulas, os coletivos estudantis, entre outros). Muitas das vezes com interesses de organizações partidárias, sindicalistas e internacionais que formam “células” dentro daquele espaço, propagando, e em determinados contextos impondo, seu modelo de organização e suas pautas (SANTOS, 2016b). Mas o que isso tem a ver com a organização dos movimentos à direita em Sergipe? Até certo ponto, a existência e a consolidação dos movimentos, principalmente liberais e de direita, só se deram por conta dessa estrutura de mobilização que o espaço universitário oferece. Dito de outro

modo, além da própria estrutura física (utilização de salas, auditórios, quadro, água, entre outros), existe o recurso humano (estudantes) e o recurso intelectual, profissional e técnico (professores). Tais recursos foram acionados em boa parte dos eventos de protestos que catalogamos.

A pesquisa de Santos (2016a; 2016b) mostrou que entre os anos de 1980 e 2014 não havia relatos de organizações e movimentos estudantis de direita disputando espaço de representação estudantil na UFS. Essa história muda no final de 2014, quando surge um movimento chamado Liberte-se UFS e concorre às eleições estudantis para gestar o DCE em 2015. As ações do movimento se acentuam após os resultados das eleições federais de 2014, bem como surgem no estado e no espaço outras organizações que são consideradas pela oposição e pelos simpatizantes como movimentos de direita, conservadores e/ou liberais. (SANTOS, 2016b). A universidade, particularmente o DCE, foi o primeiro espaço de representação política que os adeptos da direita, do conservadorismo e do liberalismo disputaram, isso se justifica pela crença de que “[...] *historicamente a UFS sempre foi dominada pelos esquerdistas, marxistas*” (Fala da Liderança 01, conversa informal). Tal crença era compartilhada tanto pelos estudantes quanto pelos professores que apoiaram e participaram das ações *pró-impeachment* no âmbito universitário.

Desta forma, para compreender o surgimento dos movimentos sociais à direita, não basta entender apenas as alianças políticas, as oportunidades e ameaças promovidas pela cultura pemedebista que caracterizou o sistema político brasileiro, como demonstramos no capítulo 1, é preciso olhar também para os recursos organizacionais e culturais que os atores mobilizam para implementar suas ações coletivas. (FERNANDES, 2019; JASPER, 2016). Neste sentido, seja a organização de um protesto ou de um movimento social, os atores que estão à frente desse processo, planejam e traçam estratégias, realizam parcerias com outras organizações, produzem produtos para arrecadar fundos com a intenção de financiar suas ações, etc. Além disso, esses atores também mobilizam ou produzem referenciais simbólicos como ícones, músicas, slogans, logos, que transmitem sua identidade coletiva e demarcam quem são eles e quem são os outros. Um olhar mais acurado sobre como os movimentos sociais engajam e fazem a manutenção do engajamento dos seus aderentes revela como os movimentos vão se consolidando e criando ramificações e dissidências. Nesta perspectiva, “compreender o engajamento em uma organização supõe não apenas dar conta dos motivos e das motivações, mas também das estratégias da organização para manter e orientar essas motivações”. (SAWICKI; SIMÉANT; 2011, p. 235). Em vista disso, um dos recursos básicos para a existência e manutenção de um

movimento social é a aderência de participantes, ou seja, a disponibilidade de recursos humanos. Como veremos no decorrer desta tese, várias lideranças relataram como aquele recurso é escasso e uma das estratégias utilizadas foi o uso de outros recursos, como a internet.

Desta forma, veremos de forma detalhada agora a trajetória de dois movimentos estudantis à direita: o Liberte-se UFS e a Juventude Libertária de Sergipe.

O contexto político que marca o surgimento do movimento Liberte-se UFS, no final de 2014, foi o das manifestações de junho de 2013, as eleições presidenciais de 2014 e o surgimento de novos partidos políticos liberais nesse período nacionalmente e que começavam a construir suas bases no estado de Sergipe. Quando analisamos as entrevistas feitas com lideranças do movimento e apoiadores, encontramos duas versões que explicam as motivações do seu surgimento. A primeira versão afirma que o movimento surgiu como sendo o “braço jovem” do Partido Novo dentro da Universidade. O entrevistado que afirmou isso era um apoiador e representante do Partido Novo no estado, ele já foi militante de partidos e movimentos sociais da esquerda. Segundo ele, a estratégia de criar um movimento da universidade para ser o “braço jovem” do partido é algo que os partidos de esquerda fazem. Os movimentos sociais à direita não têm uma “tradição” e/ou “herança” vasta de repertórios de ação que sejam reconhecidos historicamente como sua característica, deste modo a imitação de experiências passadas, por parte de suas lideranças, em relação aos repertórios ou estratégias que eram utilizadas pelos partidos sociais à esquerda, era algo acionado e posto em prática na sua organização e ações. Contudo, como veremos mais adiante, nem sempre esta atitude por parte dos “veteranos” da militância e da política partidária era feita sem resistência interna.

Já a segunda versão, dada por lideranças do movimento, cuja trajetória militante é marcada pela pouca ou nenhuma participação em partidos políticos e movimentos sociais seja à esquerda ou à direita, afirma que seu surgimento não tem relação com partido políticos, mas sim com a espontaneidade e a identificação de estudantes à direita que se sentiam isolados e estavam indignados com a monopolização e a dominação dos movimentos estudantis à esquerda no espaço universitário. Esta versão evidencia, em primeiro lugar, o estilo autonomista e apartidário de atuação de jovens que já estavam presentes nas manifestações de junho de 2013; em segundo lugar, o tipo de organização que esses jovens estavam querendo construir, ou seja, uma organização estudantil que não queria ser associada a partidos políticos, que não queria ser vista como aparelhada e que rejeitava determinadas estratégias e repertórios de ação que não se enquadravam com o tipo de organização que queriam construir. Desta forma, a rejeição era antes de tudo ao modelo de parceria política que era feita historicamente entre movimentos

estudantis e partidos políticos na Universidade e aos mecanismos de apadrinhamento que os partidos políticos utilizavam para implementar suas agendas via movimento estudantil dentro da Universidade.

A partir de observações de participantes em eventos organizados pelo Liberte-se UFS em 2014 e em 2015 e do acompanhamento das redes sociais virtuais de suas lideranças, identificamos que a criação deste movimento dentro da Universidade se deu como resultado de estratégias do Partido Novo para adentrar no espaço universitário, assim confirmamos a primeira versão. Como fica claro no relato a seguir:

O movimento liberal em essência aqui em Sergipe, eu considero que Liberte-se foi o primeiro liberal mesmo. E o Liberte-se surgiu com um cidadão chamado Cadu Filho, estudante de engenharia da UFS, que num primeiro evento que eu fiz em Sergipe do Novo ele estava. Ele foi a primeira pessoa a se inscrever no Novo num evento com 15 pessoas em uma salinha para instituir o Novo em Sergipe. Ele construiu o Novo com a gente o tempo todo. É um menino extremamente inteligente ligado à Igreja Católica, inclusive, e que ajudou muito no processo de construção e ele assumiu a presidência do Novo Jovem. Quando ele assumiu a presidência do Novo Jovem estava com dificuldade de falar sobre partidos políticos dentro da universidade e a gente tem um debate interno muito grande. Apesar dele ser da Juventude, ele era o único jovem que tinha assento na executiva estadual do Novo e discutia com todo mundo sobre os projetos. Aí a gente disse: cara, a gente entra com o Novo dentro da universidade e convida as pessoas e não tem medo ou a gente pode criar um coletivo que é uma tática de guerra que a esquerda usa muito. A esquerda não entra com PT entra como levante, como articulação de esquerda, então a gente pode criar um coletivo e entrar na universidade através desse coletivo é a ideia. Ele disse: como seria o nome então?! Em uma das reuniões surgiu esse nome Liberte-se, reunião do Partido Novo, do qual ele era presidente da Juventude. Você assume esse coletivo, entra na universidade através desse coletivo e a galera automaticamente vai conhecendo o coletivo, vai se identificando com as ideias liberais e pro Novo. É uma forma de captar uma galera que não se identifica como Liberal ainda, mas que é e não sabe. Daí ele começou a fundar o Liberte-se, fez um grupo no WhatsApp, fez um grupo no Facebook. Todo mundo do Novo estava no Facebook ajudando sempre, acontece que nas últimas manifestações, teve uma manifestação que a gente fez inclusive um cemitério na 13 de julho, colocou inclusive cruzeiros. Eu comecei a perceber a postura dele, que o negócio de ser presidente do Liberte-se tinha subido à cabeça e aí eu comecei a perceber que ele ia mais pras reuniões do Liberte-se do que para a do Novo e aí eu comecei a perceber que algumas pessoas que sempre apoiavam o Novo se distanciaram do Novo e se distanciaram. (Entrevistado 22).

O Entrevistado 22 continua descrevendo que o fundador do movimento Liberte-se UFS se afastou totalmente do Partido Novo e também do próprio movimento e passou a se dedicar a movimentos religiosos da Igreja Católica. Em suma, inicialmente o Liberte-se UFS foi criado como uma estratégia do Partido Novo e se configurou como apartidário para acessar o espaço universitário, contudo sua principal liderança e novos aderentes ao movimento não concordavam com o partidarismo dos bastidores e mudaram de estratégia, optando por romper com o partido. Além do relato da liderança, que explicou a relação entre o surgimento do

Liberte-se UFS e do Partido Novo em Sergipe, também tomamos como base nossos registros etnográficos feitos em 2015, quando tivemos os primeiros contatos com lideranças à direita do movimento estudantil da UFS. Desta maneira, destacamos que no dia 26/01/2015 ocorreu naquela instituição o debate entre as chapas que concorriam à gestão do DCE naquele ano, conforme ilustra a fotografia abaixo:

Foto 1 – Debate entre chapas, DCE/UFS, 2015



Fonte: Arquivo pessoal, Debates entre Chapas, UFS, 26/01/2015.

No lado esquerdo da foto se encontram os integrantes da chapa Liberte-Se UFS, no lado direito, os componentes da chapa É Preciso Avançar. Este evento marcou o início do crescimento dos movimentos estudantis à direita em Sergipe. O debate foi noticiado em jornais locais e apesar da “insegurança”, do “despreparo” e “da “ausência” de uma trajetória militante anterior dos integrantes da chapa Liberte-se UFS, eles conseguiram uma aderência significativa dos estudantes.

A foto seguinte, agora de um outro ângulo, mostra a plateia que assistia atentamente ao debate. Houve momentos tensos, seguidos de frases como “*o choro é livre*”. Mas o que queremos destacar de fato nesta foto é a participação de representantes do Partido Novo. O que queremos mostrar é que, apesar do surgimento do Liberte-se UFS estar associado a uma rede partidária, tal surgimento e sua continuidade por um tempo só foi possível pelas redes de

amizade prévias de suas lideranças. Alguns destes já se conheciam por terem estudado na mesma escola, por terem participado brevemente de outros movimentos sociais, etc.

Foto 2 – Público no debate entre chapas, DCE/UFS, 2015



Fonte: Arquivo pessoal, Debates entre Chapas, UFS, 2015.

O discurso do apartidarismo foi algo característico entre os movimentos estudantis à direita surgidos entre 2014 e 2017. Esta característica é resultado também do perfil daqueles atores que estavam à frente desses movimentos, em sua maioria não tinham uma trajetória militante e nenhum envolvimento partidário mais denso, como mencionamos anteriormente e veremos de forma mais detalhada no capítulo 4. O discurso do apartidarismo também esteve muito presente durante os protestos *pró-impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff e também durante o de Fernando Collor de Melo em 1992. (MISCHE, 2008). Por um lado, este discurso revela a defesa de uma nova forma de relação entre partidos políticos e movimentos sociais, em que a partidarização do movimento é rejeitada por parte ou por todo o grupo; por outro lado, apresenta estratégias de ação e de representação desses movimentos a partir do mascaramento de que o movimento e as lideranças do movimento são partidários (SANTOS, 2017). Uma das estratégias utilizadas por algumas lideranças do Liberte-se UFS, para demarcar sua autonomia em relação a partidos políticos e manter o caráter apartidário do movimento, criou uma ramificação do Liberte-se UFS, chamada “Liberte-SE”. O objetivo principal dessa

ramificação era atuar na organização de eventos de protestos fora do ambiente estudantil, particularmente fizeram parte da organização dos primeiros protestos *pró-impeachment* de Dilma Rousseff. (SANTOS, 2017).

Ao conversar e acompanhar os movimentos estudantis à direita na UFS, em especial os jovens estudantes que compunham o Liberte-se UFS, percebemos que eles viviam o espaço da universidade de forma diferente dos jovens ligados ao grupo É Preciso Avançar, isso é possível ser notado nos espaços de encontro dos estudantes desses dois grupos na universidade e, ainda, como e onde são realizadas as calouradas, festividades e os eventos dos dois grupos. Como, também, no próprio relato de alguns, que mencionaram que o lugar predileto deles era a biblioteca e quando terminavam as aulas iam embora para casa ou entre os intervalos comiam alguma coisa nas lanchonetes localizadas na instituição.

No discurso da chapa É Preciso Avançar, frases como: *“a gente defende o povo brasileiro”*. Do outro lado, uma liderança da chapa Liberte-se UFS destacava: *“recebemos todos os calouros de história da mesma forma, com as suas diferenças de ideologias, os respeitamos...”*. A defesa em respeitar as diferenças ideológicas dos estudantes estava presente no discurso das duas juventudes: respeitar os gays, respeitar os estudantes que trabalham, respeitar os cotistas, respeitar as diferentes crenças religiosas, respeitar a aderência a determinado partido ou a não aderência a partido político, são questões que se apresentam como algo positivamente importante para a imagem do grupo, o respeito ao pluralismo, o exercício da democracia.

Contudo, essa noção de pluralismo se apresenta de forma diferente para os dois grupos. No primeiro, o pluralismo estava presente no que diz respeito ao posicionamento político-ideológico dos militantes que compõem o grupo, ou seja, neste debate defendiam que no grupo do Liberte-se UFS havia estudantes com posicionamentos políticos totalmente diferentes, como, por exemplo, conservadores, anarcocapitalistas, liberais e até aquelas que tinham posicionamentos considerados à esquerda. Já o segundo grupo, É Preciso Avançar, defendia que esse pluralismo estava presente na diversificação das pautas reivindicadas, mas nunca deveria estar presente na ideologia política que orienta o grupo, o que significa dizer que o grupo se orienta apenas por uma ideologia e que não tem militantes que sejam contrários a ela: *“nós se posicionamos politicamente, mostramos quem somos”*.

Entendemos que estratégia utilizada pelo Liberte-se UFS de rejeitar mecanismos de apadrinhamento partidário, adotar o discurso do apartidarismo e do pluralismo ideológico, tinha como intenção engajar estudantes e professores apoiadores que se *“sentiam isolados, sozinhos*

na universidade”, que não se sentiam representados pelo DCE e que não concordavam com a presença de movimentos sociais (ex. MST) e partidos políticos dentro da universidade. Como dito anteriormente, os atores que constroem um movimento traçam estratégias, planejam, implementam ações que possibilitem o recrutamento e a aderência de novos atores para o movimento. Deste modo, havia desde junho de 2013 um público à direita que estava disponível para se engajar em ações coletivas, tanto no espaço universitário como em outros.

A figura a seguir é de um dos posts do Liberte-se UFS no Facebook, neste post fica evidente a crítica que o movimento faz ao aparelhamento partidário e o tipo de modelo organizacional que defende.

Figura 2 – Publicação do Liberte-se UFS, 2015



Fonte: Facebook, 20/01/2015.³

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/direitaufs/photos/a.323266797863507/323266697863517>. Acesso em: 15 jan. 2016.

O modelo de organização defendido pelo Liberte-se UFS em 2014-2015 não estava dissociado das discussões sobre corrupção política, antiestatismo, antiesquerdismo, antigoverno Dilma e nem das ideias de uma economia e política mais liberais para o país. Neste sentido, “os modelos de organização compreendem tanto padrões para os arranjos de relações no interior de uma organização como conjuntos de roteiros para a ação culturalmente associados com esse tipo de organização” (CLEMENS, 2010, p. 164). Desta maneira, o movimento adotava um modelo de organização hierarquizado, no qual dividiam as funções entre os coordenadores e membros do movimento, utilizavam repertórios de ações formais, como mesas-redondas, petições, etc. Seus coordenadores defenderam que não recebiam dinheiro de partidos políticos e que eles próprios financiavam as atividades e material vinculado ao movimento. Contudo, em seu início, quando o movimento ainda tinha vínculos com o Partido Novo, houve o custeio da impressão de adesivos e outros materiais, como argumentou a Liderança 22 em entrevista.

É válido ressaltar que o Liberte-se UFS não venceu as eleições contra a única chapa concorrente, todavia obteve 889 votos e a vencedora 2195 votos. Apesar da diferença ser de 1306 votos, é preciso considerar alguns aspectos que demonstram a relevância de votos obtidos pela chapa de direita, a saber a chapa vencedora gestou o DCE no ano de 2014 e alguns de seus membros já haviam participado de diretorias anteriores, além disso, seus membros têm uma longa trajetória de militância estudantil e/ou partidária (SANTOS, 2016a; 2016b). Analisando os resultados da eleição desse mesmo grupo em 2014, eles obtiveram 1989 votos, e em 2016, 2015 votos, o que demonstra que eles mantêm um público “fiel” de votantes. Por outro lado, quando analisamos o voto das chapas que ficaram em segundo lugar nesses anos, teremos em 2014, 711 votos, e em 2016, 615 votos. Desta feita, o que queremos frisar é que o número de voto obtido pela chapa Liberte-se UFS foi relevante para as eleições estudantis da UFS, principalmente quando comparamos com as chapas de esquerda que ficaram em segundo lugar nas eleições de 2014 e 2016. Tal resultado mostrou que havia adesão estudantil ao movimento e as pautas defendidas por ele. (SANTOS, 2016a; 2016b).

No ano seguinte, em 2016, o Liberte-se UFS não conseguiu o número de pessoas necessárias para montar chapa para disputar o DCE, mas lançou chapa para disputar a gestão do conselho fiscal que fiscaliza as ações do Diretório. O dado interessante deste fato é o de que o título utilizado para identificar a chapa era “Lava Jato no DCE”, em uma clara referência à Operação Lava Jato da Polícia Federal. O seu símbolo, mascote, era o Juiz Sérgio Moro caracterizado como Superman. Apesar do movimento Liberte-se UFS não ter conseguido eleger nenhum dos seus membros para cargos na política estudantil, ele se tornou um contraponto

tanto para que os movimentos estudantis à esquerda percebessem que havia outra concepção de política estudantil na universidade e outros grupos disputando esta arena, quanto para que surgissem outras iniciativas de movimento estudantil à direita na universidade. Neste sentido, destaco o Movimento Aliança Estudantil (MAE) e o Estudantes Pela Liberdade (EPL), estes dois movimentos também tiveram uma atuação significativa, principalmente o EPL, na UFS.

Abaixo dois eventos de protestos organizado pelo Liberte-se UFS:

Figura 3 – Cartaz de Mesa-Redonda do Liberte-se UFS



Fonte: Facebook, 05/04/2015.⁴

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/direitaufs/photos/a.323266797863507/350428051814048>. Acesso em: 17 jan. 2016.

Figura 4 – Publicação do Liberte-se UFS, Ação Desocupa



Fonte: Facebook, 28/10/2016.⁵

A primeira imagem é do cartaz de divulgação da mesa-redonda “Brasil as várias faces da crise”, ocorrida em 10/04/2015, oito meses antes da instauração do processo do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. O Liberte-se UFS, junto com o MAE, o EPL e com apoio de professores criaram o Movimento Desocupa UFS, representado na segunda imagem. Este era um movimento temporário contrário às ocupações das didáticas e da reitoria por parte de coletivos de estudantes. Como em várias partes do país, as ocupações contaram com o apoio de parte dos alunos e dos professores. O movimento também atuou junto aos estudantes secundaristas, que eram simpatizantes da política estudantil à direita e contrários à greve e à ocupação das escolas. Em suma, as ocupações de 2016, segundo Gohn (2017), focalizavam duas contestações principais: eram contra a Medida Provisória da Reforma do Ensino Médio e ocupações contra a PEC 241. Ocorreram em várias partes do país, nas escolas secundaristas e nas universidades.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/direitauufs/photos/a.323266797863507/527932904063561A>. Acesso em: 17 jan. 2016.

O Liberte-se UFS ficou inativo em 2017. Parte disso se deu por conta que suas lideranças se formaram, mas também porque outras se engajaram em outros movimentos sociais à direita dentro e fora da Universidade. A página do movimento não foi inativada, mas teve seu nome modificado no ano seguinte, passou a se chamar Direita UFS em abril de 2018 e em novembro do mesmo ano passou a se chamar UFS Livres. Junto com o Movimento UFS Autônoma e o Movimento Brasil 200, o Movimento UFS Livres passou a organizar alguns eventos dentro da Universidade em 2018. É importante salientar que estas ramificações, surgidas a partir do Liberte-se UFS, foram formadas também por professores da Instituição, com o apoio de estudantes e de outros movimentos sociais que tinham vinculações partidárias, como o Movimento Brasil 200. Deste modo, não só o nome foi modificado, mas também o modelo de organização, o perfil de suas lideranças, suas demandas, seus espaços de disputa dentro da Universidade, etc. Em suma, o Liberte-se UFS quando surgiu em 2014 defendia o pluralismo ideológico no interior da sua organização, em 2018 uma de suas ramificações, o Movimento UFS Livre, demarca de forma clara sua posição ideológica, quando afirma em sua biografia no Facebook que a *“Página [é] dedicada [sic] a divulgação e informações sobre eventos de viés liberal ou conservador, atividades e assuntos relacionados [sic] a Universidade Federal de Sergipe”*.

O segundo movimento estudantil analisado nesta seção é a Juventude Libertária da Tiradentes (JLT). Esse movimento surgiu em 2017, e em 2018 ocorreu a fusão com o Núcleo Libertário de Sergipe (NLS), se tornando a Juventude Libertária de Sergipe (JLS). É um movimento estudantil liberal fundado por um estudante que na época tinha 17 anos, do curso de direito, da Universidade Tiradentes. A articulação de outros estudantes do curso de direito e de lideranças do Liberte-se UFS, do EPL e do Movimento Aliança Estudantil (MAE) da UFS, que também estudavam na Universidade Tiradentes e que já tinham uma experiência da militância estudantil, contribuiu principalmente para o seu desenvolvimento e consolidação. Neste sentido, o movimento emerge já em um contexto de crescimento dos movimentos à direita no estado de Sergipe, já não era o “pioneiro”.

Abaixo apresentamos parte de um post retirado da página do Facebook do movimento, em que este esclarece seu surgimento e seu posicionamento ideológico:

O que é a Juventude Libertária da Tiradentes? A Juventude Libertária da Tiradentes - JLT é o primeiro grupo de estudos com um viés liberal/libertário da Universidade Tiradentes (UNIT). Fundado no dia 8 de abril de 2017, a JLT é fruto das iniciativas de alguns estudantes do curso de direito que estavam cansados da doutrinação e do forte domínio que a esquerda mantinha (e ainda mantém) em nossa universidade.

Qual a ideologia da Juventude Libertária da Tiradentes?: A JLT segue uma vertente libertária individualista pautada nos ensinamentos da Escola Austríaca, nisso incluímos os minarquistas e os anarco-capitalistas, porém, conservadores clássicos, liberais clássicos e monetaristas são muito bem-vindos em nossa juventude.

Ps: Ordoliberais, Sociais-democratas, Keynesianos etc que queiram aprender mais sobre o liberalismo/libertarianismo também serão muito bem-vindos em nossas reuniões.

Ps²: Socialistas e neo-conservadores serão aceitos nas reuniões contanto que não tenham o intuito de avacalhar ou ideologizar a mesma, caso qualquer ação desse tipo seja percebida, o indivíduo que cometeu esse ato será imediatamente banido.

Qual a escola de pensamento que a Juventude Libertária da Tiradentes segue?: A JLT segue a Escola Austríaca de economia, nos pautamos mais especificamente no quadrado composto por Ludwig Von Mises, Carl Menger, Eugen Böhm-Bawerk e Friedrich Hayek, também incluímos na lista os anarco-individualistas William Godwin, Max Stirner e Lysander Spooner e os proto-austríacos Frédéric Bastiat, Jean Baptiste Say e Gustave de Molinari. Alguns membros também se pautam na escola austríaca contemporânea de Murray Rothbard e Hans-Hermann Hoppe, já outros são adeptos do objetivismo da filósofa russa Ayn Rand. Mesmo sendo adeptos da Escola Austríaca, não ignoramos os ensinamentos de outras escolas liberais/libertárias como a de Chicago e as finadas Escola Clássica Inglesa e Escola Historicista (havia liberais na mesma). (Facebook, 07/05/2017).⁶

Neste mesmo post, a JLS esclarece seu posicionamento em relação a temas político-econômicos, abaixo elaboramos um quadro que sintetiza o posicionamento do movimento em relação a vários temas.

Quadro 4 – Posicionamento político-ideológico da JLS

O que a JLS defende?	
Tema	Posicionamento
Casamento entre pessoas do mesmo sexo	Concorda
Aborto	Posição indefinida
Pena de morte	Posição indefinida
Liberação das drogas	Concorda
Redução da maioridade penal	Concorda
Privatização de todas empresas estatais	Concorda
Direito trabalhistas e previdência estatal	Discorda
Porte de arma de fogo	Concorda
Filiação dos membros a partido ou outros movimentos	Concorda
Filiação da JLS a partido político ou movimento partidário	Discorda

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

⁶ Disponível em:

<https://www.facebook.com/juvelibdesergipe/photos/a.245918339207231/257869048012160/?type=3&theater>.

Acesso em: 23 jan. 2020.

O posicionamento “indefinido” em relação ao aborto e à pena de morte ocorre pelo fato de que há entre membros do movimento pessoas que concordam e pessoas que discordam, por ser “*temas muito polêmicos*”, os dirigentes do movimento decidiram não definir um posicionamento acerca da questão. Isso é um exemplo de como os valores e os princípios dos membros do movimento podem afetar não apenas a forma de organização do movimento e suas estratégias e repertórios de ação, mas também a cultura, os valores e princípios representados pelo movimento. Desta forma, compreender como os movimentos enquadram determinados temas revela seus conectores culturais, ou seja, crenças, símbolos, linguagem e visões que são utilizados na ação para recrutar novos aderentes ao movimento, como também as interações e emoções que envolvem o enquadramento. Mas ainda revela os conflitos, as disputas, os inimigos e os aliados do movimento, ou seja, ao concordar com o porte de arma de fogo e com a redução da maioria penal, o movimento define com quem eles podem se aliar e quem são seus “inimigos”, opositores.

Segundo Tarrow:

O enquadramento interpretativo não se relaciona apenas à generalização dos descontentamentos, mas define o “nós” e “eles” na estrutura de conflito de um movimento. Utilizando identidades coletivas e moldando novas, os desafiantes estabelecem os limites de seus adeptos futuros e definem seus inimigos através de atributos e maldades reais ou imaginários. Fazem isso através do conteúdo de suas mensagens ideológicas e, da mesma forma, através das imagens que projetam de seus inimigos e aliados. Isto significa prestar atenção aos trajes que os atores coletivos portam à medida que entram em cena e também aos enquadramentos culturais de suas reivindicações. (TARROW, 2009, p. 41).

De acordo com a citação, os gestos, os símbolos culturais, as mensagens ideológicas, são portadores de significados culturais que demarcam quem são eles e quem são os outros. Esta demarcação serve tanto para “afastar” aqueles que não se identificam com tais portadores, bem como para atrair e mobilizar aqueles que se identificam. Neste sentido, quando a Juventude Libertária Tiradentes expande sua ação para além da causa estudantil, ela começa a se articular com novas redes de movimentos liberais e libertários, bem como com associações e entidades de representação empresarial. Seus eventos começam a ser enquadrados na mídia televisada e eletrônica de forma positiva, diferentemente do que ocorria em 2017. Nesse ano, durante os dias 24 e 25 de agosto o movimento organizou o primeiro Liberty Open, o evento foi composto por um conjunto de palestras e foi aberto ao público no geral, com acesso gratuito, realizado na Universidade Tiradentes. Já no primeiro dia houve conflito entre militantes de movimentos de esquerda que estavam no evento e outros participantes à direita que também acompanhavam o

evento na sala. Em resumo, os organizadores do evento – e o próprio evento – foram enquadrados como nazistas e fascistas. Este enquadramento foi reproduzido pela OAB de Sergipe e em jornais e blogs eletrônicos, a Universidade, diante disso, tentou cancelar o evento no segundo dia, mas os organizadores conseguiram burlar a decisão e o realizaram.

A seguir a Nota Oficial publicada em seu perfil no Facebook:

Nos dias 24 e 25 de agosto de 2017, jovens universitários da Unit (UNIVERSIDADE TIRADENTES) se juntaram com professores e formaram uma conferência. O LIBERTY OPEN 2017, um evento com entrada franca e livre acesso garantido a todos os que desejassem comparecer. O grupo estudantil denominado Juventude Libertária de Sergipe em parceria com o Instituto Liberal de Sergipe, cometeu o crime nefasto de expressar livremente conteúdo que desafiou o status quo dos totalitários da extrema esquerda socialista, que se sentiu ofendida por conta disso. A costumeira reação fascista da extrema esquerda fora imediata, ameaçaram verbalmente e fisicamente os organizadores, incitaram a violência contra os mesmos nas redes sociais e em grupos de WHATSAPP, foram ao evento com o intuito de tumultuar e intimidar, chutaram a cadeira de uma pessoa na platéia, ofenderam os palestrantes, cometeram inúmeras baixarias dentro de uma instituição universitária e atos inapropriados para um espaço que deveria promover a pluralidade de ideias e o respeito à livre expressão de ideias. No dia seguinte, o movimento Juventude Libertária da Tiradentes (JLT), foi surpreendido com uma "Fake News" de um jornalista que atua no portal de notícias Infonet, afirmando que o evento promoveu uma marcha NEONAZISTA. A notícia se espalhou de forma rápida e não temos dúvida alguma do envolvimento de partidos políticos e lideranças nessa empreitada autoritária que promoveu reações violentas, agressivas e difamatórias contra os organizadores do evento em redes sociais. [...]. (Facebook, 27/10/2017).⁷

O resultado final do conflito foi o de que a OAB de Sergipe lançou uma nota de retratação e os alunos envolvidos e os organizadores do evento, que eram alunos de graduação da Unit, sofreram um processo administrativo. Este conflito foi emblemático porque: a) demonstrou as disputas em torno de uma arena política (faculdades particulares) que tradicionalmente tem poucos movimentos estudantis disputando no estado de Sergipe; b) a organização política militante nas universidades particulares, por conta do seu próprio regime monetário, é mais custosa para os estudantes que desejam se manifestar e se organizar politicamente naquele espaço. Os custos da militância são maiores do que em relação às universidades públicas. Um exemplo disso foi o próprio processo administrativo que os alunos sofreram. Portanto, a tentativa de descaracterizar o evento e caracterizá-lo como um movimento nazista faz parte da dinâmica conflituosa de uma arena em disputa. Levando em conta a análise de Vunc (valor, unidade, números e comprometimento) de Tilly (2010), Jasper (2016, p. 197) salienta que “a caracterização de personagem, lembremos, é uma arena-chave, na qual os atores

⁷ Disponível em:

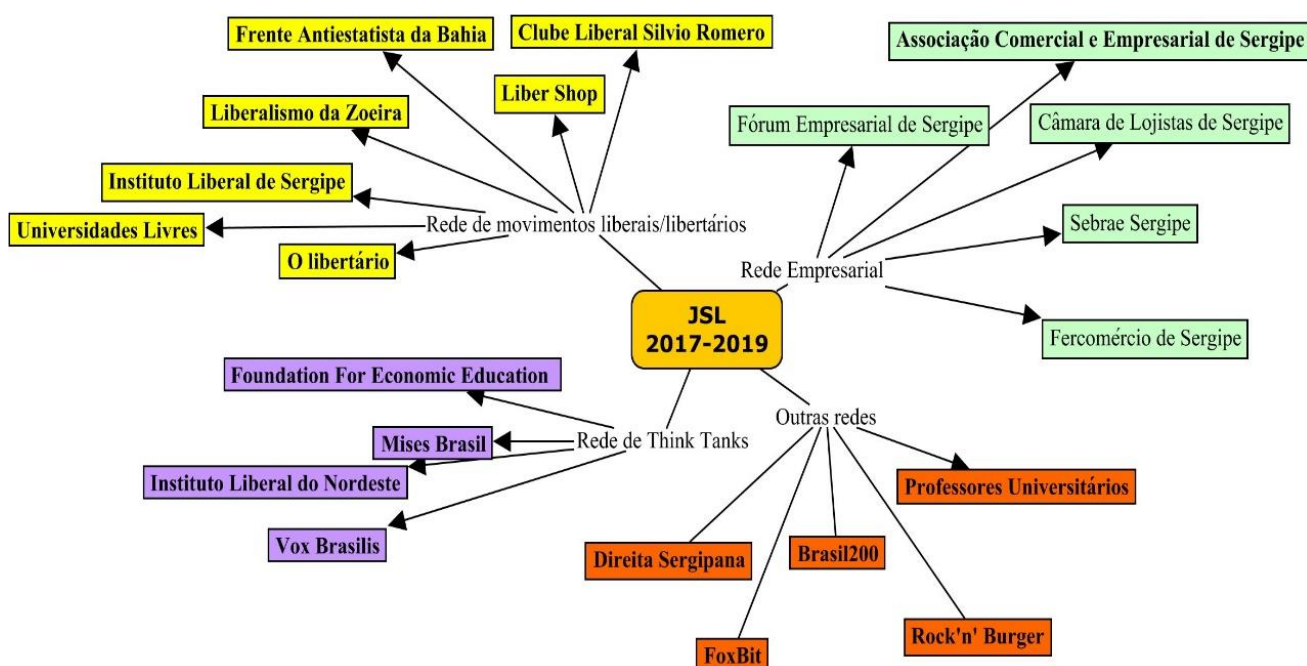
<https://www.facebook.com/juvelibdesergipe/photos/a.264654020666996/303596166772781/?type=3&theater>
Acesso em: 24 jan. 2020.

tentam apresentar-se sob uma luz favorável e mostrar seus oponentes de forma desfavorável”. Desta maneira, caracterizar os movimentos liberais e libertários como nazistas e fascistas é uma forma de deslegitimar suas ações diante da sociedade.

Como já dito anteriormente, a JLS é resultado também da fusão com o Núcleo Libertário de Sergipe. Essa fusão aumentou as redes de relacionamento e articulação do movimento, bem como configurou uma nova identidade ao movimento. Essa nova identidade intensificou o discurso pró-liberdade econômica, a não intervenção do Estado na economia e a defesa da primazia individual. Esta intensificação da identidade organizacional também foi resultante da participação do presidente do movimento em eventos liberais nacionais e internacionais. Em todos os eventos, a liderança levava a bandeira do movimento, como um símbolo que destacava o quanto o movimento tinha crescido e estava crescendo em Sergipe. Como uma estratégia para difundir o movimento, a liderança tirava fotos com palestrantes liberais reconhecidos nacionalmente e internacionalmente. Nas fotos alguns desses palestrantes também seguravam a bandeira do movimento.

O crescimento do movimento pode ser percebido a partir da sua rede de apoiadores e patrocinadores. Abaixo apresentamos as redes de organizações e movimentos que apoiaram e/ou patrocinaram em algum momento a JLS.

Figura 5 – Mapa mental de redes de relações da JLS



Fonte: Elaborado pela autora.

Concluimos que a consolidação da JLS também se relaciona com o fato do Liberte-se UFS ter ficado inativo. As lideranças deste passaram a atuar em outros movimentos como lideranças ou como apoiadores. Um desses movimentos foi a JLS, que recebeu apoio tanto de apoiadores que faziam parte da rede de apoiadores do Liberte-se UFS, como, por exemplo, os professores da UFS, quanto de lideranças do Liberte-se UFS que fundaram outros movimentos que posteriormente passaram a apoiar e realizar eventos em conjunto com a JLS. Dois exemplos disso são o Movimento Direita Sergipana e o Instituto Liberal de Sergipe, que podem ser identificados no Mapa de Redes 3. Em suma, como ilustrado, as redes da JLS envolvem organizações de representação empresarial, *think tanks* nacionais e internacionais, movimentos sociais liberais-conservadores e redes de movimentos liberais, que são orientados por diferentes vertentes do liberalismo.

Os dois movimentos estudantis à direita analisados neste tópico exemplificam como um conjunto de fatores e recursos influencia no surgimento e na consolidação de um movimento social, além disso permitiu mostrar como a universidade constitui uma arena política chave para organização e ramificação dos movimentos sócias à direita em Sergipe.

2.2 – MOVIMENTOS ANTICORRUPÇÃO E O ANTIPESTIMO COMO DISCURSO UNIFICADOR

Alguns dos movimentos antipestismo e anticorrupção já estavam presentes nas manifestações de junho de 2013. Como alguns estudos recentes demonstram, a emergência de movimentos ou de atores políticos reivindicando a causa da ética na política e contra corrupção se deu antes do contexto do processo pelo *impeachment* de Dilma Rousseff (ALONSO, 2017; ROCHA, 2018; NOBRE, 2013a; FERNANDES, 2019). Movimentos como Vem Pra Rua, Movimento Basta, Movimento Brasil Livre e Movimento Muda Brasil mobilizaram e organizaram as manifestações pelo *impeachment* em vários estados do país. Esses movimentos, organizados a partir de núcleos estaduais e municipais, tiveram representação em Sergipe. Neste sentido, o objetivo neste tópico é apresentar o histórico de surgimento do Movimento Basta Sergipe e do MBL, com foco para as arenas de disputa, o papel das redes sociais e as formas de organização.

Nesta pesquisa não tivemos como foco a variável classe social, mesmo que esta apareça em algum momento do texto, ela não foi tomada como uma categoria analítica, como faz Singer (2013) para analisar os protestos de junho de 2013. Todavia, o autor nos dá elementos

interessantes para questionar a pauta anticorrupção que esteve presente naqueles protestos. Segundo o autor, esta pauta foi defendida especialmente por grupos à direita: “A direita buscou tingir as manifestações de um sentimento anticorrupção” (SINGER, 2013, p. 33). Em vista disso, frases como “Todos contra corrupção”, “Fora Dilma”, “Fora PT”, “Fora todos eles”, já indicavam um público descontente e antipetista, mas como demonstra Alonso (2017) e o próprio Singer, nem todos que criticavam o governo diretamente eram à direita, um exemplo disso fora os “autonomistas”. Singer chama atenção que, seis meses antes da explosão das manifestações de junho de 2013, ocorreu o julgamento do Mensalão televisionado de forma ampla e massiva nos meios de comunicação. Para ele, este evento pode ter tido alguma influência sobre a organização dos protestos. Desta maneira, como alerta o autor, a pauta anticorrupção é historicamente utilizada pela oposição para confrontar o governo. Essa pauta tem uma difusão rápida e é aderida facilmente pela população de diferentes camadas sociais, afinal quem não é contra a corrupção no governo? Portanto, “a vantagem da bandeira anticorrupção é que ela penetra em todas as camadas sociais, pois flui com facilidade pelo senso comum” (SINGER, 2013, p.35).

De acordo com isso, a direita conseguiu marcar a pauta anticorrupção durante os protestos de junho de 2013. Identificamos que em Sergipe as primeiras iniciativas contestatórias com a pauta anticorrupção ocorreram em 2011. Mas como veremos a partir de agora, o desenvolvimento e o surgimento de movimentos, como o Movimento Basta, iniciam-se no campo à esquerda e passa para a direita a partir de 2013.

O movimento nacional que pede o fim da corrupção chegou a **Sergipe** e já ganhou adeptos. Nesta sexta-feira (7), a partir das 16h, eles vão realizar uma marcha do ‘Dia do Basta à Corrupção’ que sairá dos Arcos da Orla da Atalaia sentido a Passarela do Caranguejo, na capital. Cerca de 60 cidades do país vão fazer a marcha neste Dia da Independência. [...]. “Nós já fizemos duas passeatas em Aracaju e a nossa expectativa é que a adesão seja cada vez maior. Não temos uma preferência política, a intenção é promover o debate sobre a corrupção e combater esse mal que mata”, afirma César Ribeiro, coordenador do movimento. (G1 Sergipe, 07/09/2012).⁸

Desta forma, uma agenda de reivindicações em torno da causa anticorrupção e da ética na política começa a emergir no estado de Sergipe por volta do ano de 2011 com o Movimento Nacional Contra a Corrupção. Este movimento realiza um protesto na cidade de Aracaju em 15 de novembro de 2011, reivindicando pautas como tornar a corrupção um crime hediondo, voto aberto no congresso e melhorias na educação pública. Abaixo um dos cartazes de divulgação

⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2012/09/marcha-do-dia-do-basta-corrupcao-vai-ser-realizada-em-aracaju.html>. Acesso em: 14 abr. 2017.

do protesto citado, no qual é possível identificarmos, além das pautas, os espaços públicos que o movimento ocupou:

Figura 6 – Movimento Basta (2011)



Fonte: Facebook.

No ano seguinte, em 2012, o Movimento Basta, de iniciativa popular, que em Sergipe se articulava com movimentos à esquerda, como Movimento Não Pago, e partidos políticos, como PT, organizou uma série de protestos contra a corrupção. Além de utilizar como repertório de ação as manifestações e protestos de rua, as lideranças do movimento também fizeram palestras de conscientização nas escolas da capital e do interior de Sergipe. Abaixo um dos cartazes de divulgação de um dos protestos organizado nacionalmente pelo movimento, o Dia do Basta à Corrupção:

Figura 7 – Movimento Basta (2012)



Fonte: Facebook, 02/12/2017.⁹

Como podemos perceber, as cores e símbolos são semelhantes àqueles utilizados durante as manifestações pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff em 2015 e 2016. Algumas pautas se repetiram, bem como os espaços onde ocorreram os protestos pelo *impeachment*. Em 2013, durante os protestos ocorridos entre junho e julho, que ficaram conhecidos em Sergipe como “Acorda Aracaju” (SANTOS, 2016b), organizados inicialmente pelo Movimento Não Pago, o Movimento Basta também esteve presente. Abaixo uma publicação do Facebook de 27 de junho de 2013, em que uma das lideranças do movimento relembra os protestos de 2011 e comemora pelo número de pessoas que aderiram aos protestos de 2013:

Em lembrar que no dia 12 de outubro de 2011 éramos 15 pessoas indo às ruas pelo Dia do BASTA - Aracaju para lutar contra a corrupção, pela aprovação da ficha limpa, para transformar corrupção em crime hediondo, pelo fim do voto secreto parlamentar, pelo fim do foro privilegiado, por 10% do Pib para educação... era bem difícil convencer as pessoas a saírem da sua zona de conforto apesar da insatisfação geral com a situação do país. Mas enfim o povo acordou, é difícil acreditar mas muitas vitórias foram conquistadas, então galera #vempraru #acordaracaju #diadobasta

⁹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152312762825494&set=g.115751341865888&type=1&theater&ifg=1> Acesso em: 13 jan. 2020.

CONFIRMEM PRESENÇA NO 4º ACORDA ARACAJU! (Facebook, 27/06/2013, grifo do autor).¹⁰

A comunidade do Movimento Basta no Facebook foi desativada, não conseguimos identificar quando isso ocorreu. Todavia, pudemos identificar que tanto a liderança autora da publicação acima quanto outras que faziam parte do movimento em 2011, 2012 e 2013, se tornaram representantes do Movimento Basta que esteve à frente dos protestos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff em Sergipe e em vários outros estados do país. Diante disso, nos questionamos: o que este histórico mostra inicialmente sobre o surgimento dos movimentos anticorrupção e antipetismo no Estado de Sergipe? Em primeiro lugar, que a causa anticorrupção em Sergipe inicialmente era uma pauta de movimentos e partidos à esquerda, que tinha uma adesão popular, mas que tinha entre as lideranças pessoas da classe média alta. Em segundo lugar, que já em 2011, 2012 e 2013 novos espaços públicos estavam sendo apropriados por atores sociais que normalmente não se manifestavam e nem ocupavam esses espaços, como, por exemplo, os pontos turísticos do bairro de classe média alta 13 de Julho, na cidade de Aracaju. Este espaço, assim como os Arcos da Orla de Atalaia, se torna referência dos protestos pelo *impeachment* em 2015 e 2016, como veremos de forma mais detalhada no capítulo 3. Por fim, em terceiro lugar, que a trajetória do Movimento Basta é marcada por reconfigurações nas redes de relações daqueles que estiveram à frente e de uma ressignificação dos seus símbolos e discursos. Dito de outra forma, a socialização militante de algumas de suas lideranças nas manifestações organizadas em 2011 e 2012, bem como nas manifestações de junho de 2013, foi determinante para que estes mesmos atores revivessem o movimento em 2015 pedindo o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. O que torna o movimento mais à esquerda no início do seu surgimento e, posteriormente, em 2015 mais à direita é o perfil e a trajetória de vida das suas lideranças, bem como as redes de movimentos e partidos com os quais eles estabeleceram laços e que se apropriaram das pautas.

De acordo com isso, um dos símbolos do Movimento Basta em 2011, 2012 e 2013, era a palma de uma mão com cinco dedos, como representado nos cartazes anteriormente referenciados. Em 2015, este símbolo passa a ter quatro dedos em alusão ao ex-presidente Lula (PT), que tem uma deficiência em uma das mãos, como pode ser observado em um mural de recados que foi instalado em um dos protestos no Mirante do bairro 13 de Julho no dia 16 de agosto de 2015, na cidade de Aracaju.

¹⁰ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=588934701151819&set=t.100000345857968&type=3&theater>. Acesso em: 14 jan. 2020.

sociedade civil para lutar por um Brasil melhor”¹¹. Segue abaixo o trecho de uma entrevista concedida ao jornal eletrônico F5News, por um dos coordenadores do Movimento Vem Pra Rua em Sergipe:

Tirar o PT do poder não é a solução, mas é o primeiro passo para que o país volte a crescer. [...]. Será uma longa jornada até o país voltar a crescer. Seja lá quem for que assuma a presidência permaneceremos de olho e cobrando idoneidade e competência. Somos apartidários e estaremos sempre de olho. O brasileiro acordou para a política e entendeu a sua influência nas nossas vidas. (F5News, 13/03/2016).¹²

Como fica claro na declaração acima, a principal pauta do Movimento Vem Pra Rua (MVPR) em 2015 e 2016 era o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Os movimentos anticorrupção atribuíam a corrupção política no país como sendo algo resultado da gestão do ex-presidente Lula (PT) e da ex-presidente Dilma Rousseff (PT). Além disso, assim como os demais movimentos já apresentados, o MVPR enfatiza a sua dissociação com partidos políticos. Como fica evidente em outra declaração, dada pela coordenadora regional do movimento ao G1 Sergipe:

Lutamos contra a corrupção independente do partido político, queremos ter um Brasil melhor para o futuro e a oportunidade de um país onde a gente possa acreditar nos políticos e que a mentira não vença. Queremos a apuração da Operação Lava Jato, que investiga casos de corrupção na Petrobras, além de saúde de qualidade, moradia e trabalho para o povo. O Brasil precisa respeitar a Constituição em todos os seus níveis e explorar as potencialidades corretamente porque tanta riqueza acaba sendo utilizada para o pagamento de propinas ao invés de ser investida em benefícios para o povo”, afirma Lília Duarte, coordenadora regional do ‘Movimento Vem Pra Rua’. (G1 Sergipe, 15/03/2015).¹³

Os movimentos antipetismo e anticorrupção, com exceção do MBL, tiveram uma atuação ativa apenas durante os anos de 2015 e 2016, período em que ocorreram os protestos pelo *impeachment*. Outra característica era que os coordenadores destes movimentos eram adultos, que já atuavam profissionalmente e tinham estabilidade financeira, além de alguns serem conhecidos seja na política partidária, no meio empresarial e/ou em alguns espaços profissionais, como o da medicina. Com a finalização do processo de *impeachment*, os movimentos pararam de se manifestar. A coordenadora do Movimento Muda Brasil, uma das

¹¹ Disponível em: <http://www.vempraru.net/sobre-nos/>. Acesso em: 20 ago. 2016.

¹² Disponível em: https://www.f5news.com.br/politica/aracaju-anos-participam-de-ato-a-favor-do-impeachment-de-dilma_27645/. Acesso em: 25 ago. 2016.

¹³ Disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2015/03/manifestantes-fazem-ato-em-aracaju-contrapresidencia-e-corrupcao.html>. Acesso em: 26 ago. 2016.

28 lideranças que entrevistamos, conta como o Movimento chegou no estado e lamenta por ele e outros movimentos terem parado de se manifestar:

Quando surgiu toda essa problemática, não por causa de uma coisa específica de Dilma ou da Lava Jato, foi por indignação geral. Aí eu pensei assim; “Bom, está surgindo os movimentos, então a gente precisa fazer alguma coisa, não só pelo Brasil, mas que sirva para o nosso Estado também. Para que os políticos estaduais abram os olhos e vejam que Sergipe está acordado, não só para o Brasil, mas para o nosso Estado”. É como eu dizia nas reuniões, não adianta a gente querer lutar pelo Brasil se não adianta a gente não ter capacidade para lutar pelo nosso estado. [...]. Aí foi juntando os grupos, gente da UFS, gente da Unit, pessoas que não são partidárias, pessoas que eram admiradoras do PT e depois já não eram mais, se juntaram a nós também. Hoje infelizmente as pessoas se aquietaram, mas eu ainda continuo indo para as rádios debater. [...] (Entrevistada 17).

Segundo a Entrevistada 17, havia um movimento geral, chamado Movimento Brasil, que englobava tanto os movimentos anticorrupção como movimentos estudantis, movimentos liberais e conservadores. Além desses movimentos, houve a tentativa de agregar sindicatos, mas não houve êxito. Durante a entrevista, a liderança em vários momentos deixa claro que era um movimento apartidário. Outro ponto que vale destacar do relato acima é que a liderança cita os grupos da UFS e da Unit que aderiram ao movimento, seja como apoiador ou membro. Isso é importante porque reafirma a nossa tese anteriormente apresentada, de que a universidade foi e é uma arena política chave para articulação e disseminação das ideias e movimentos à direita. Ainda destacamos que a coordenadora do Movimento Muda Brasil também participou do Movimento Basta Sergipe, em 2013.

Tais informações revelam que o boom de movimentos à direita em 2015 e 2016 em Sergipe está relacionado também com um processo de indignação e de insatisfação da população em relação à corrupção na política desde 2011 e que se torna mais notório e representativo nos eventos de protestos de junho de 2013. A pauta do antipestimo, antiesquerdismo e antilula, unificou movimentos estudantis à direita, movimentos sociais liberais, movimentos conservadores, movimentos sociais religiosos em 2015 e 2016. Tal pauta não tem origem nesse período, as primeiras iniciativas neste sentido datam de 2006. Após o Mensalão de 2005, algumas comunidades antipetistas *on-line* foram criadas no Orkut em 2006, como “Eu odeio o Lula” e “Eu não acredito no Lula”. (CHAIA, 2007). Isso demonstra que tal pauta já tinha uma aderência de alguns grupos da sociedade descontentes com o governo Lula, bem como já estava sendo construída bem antes dos protestos de junho de 2013 e das manifestações *pró-impeachment* de Dilma Rousseff. (OLIVEIRA, 2020 No prelo).

O Movimento Brasil Livre foi um dos principais representantes da pauta anticorrupção, antipestismo e antiesquerdismo no estado de Sergipe. No Facebook, a página do MBL Sergipe o movimento se descreve da seguinte forma: “O Movimento Brasil Livre é uma entidade que busca mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera”¹⁴. Alonso (2017) classifica o movimento como conservador. Suas lideranças nacionais o definem como liberal. Como já mencionamos anteriormente, classificar e definir os diferentes movimentos à direita não é uma tarefa fácil. Classificamos o MBL Sergipe como um movimento anticorrupção, devido a suas pautas e ações, bem como os relatos de alguns dos seus coordenadores, nos quais pudemos perceber que a pauta anticorrupção, do antipestismo, antiesquerdismo e o *impeachment* de Dilma Rousseff norteavam as ações do movimento em Sergipe. Mas vale salientar que algumas de suas lideranças se definiam como liberais, outras como liberais-conservadores, outras como libertários, ou seja, liberais na economia e conservadores nos costumes.

O Movimento Brasil Livre surgiu oficialmente em 2014 no cenário nacional, tendo como principais representantes públicos os estudantes à época Kim Kataguirí e Fernando Holiday. Ambos, assim como Renan Santos, outro líder do movimento, eram atores desconhecidos e sem histórico de militância social. Entrevistamos um dos cofundadores do Movimento, ele descreveu o surgimento do movimento da seguinte forma:

A ideia de criar o MBL surgiu a partir das manifestações de 2013, quando veio aquele reboiço em meio àquele período de efervescência, então comecei a perceber que havia espaço para a gente levar as ideias liberais pra rua, havia espaço pra gente buscar pautar manifestações, e veio a ideia de criar um movimento que levasse ideais abertamente liberais e que buscasse pautar não só os temas ligados ao transporte público, mas temas ligados a soluções pro Brasil. Então em 2013 surgiu o MBL e com o fim das manifestações de 2013, o movimento acabou entrando em declínio, de certa maneira, e acabou renascendo em 2014 após as eleições, e aí eu convidei algumas pessoas de São Paulo, que hoje são quem basicamente está à frente do movimento pra participar, e a partir daí o movimento acabou tomando outro caminho. (Entrevistado 20).

Os protestos de junho de 2013 foram um marco para a emergência de novas formas de ação coletiva, da defesa de novas demandas e para a renovação da participação social e política do Brasil. As oportunidades políticas, promovidas em junho de 2013, possibilitaram as condições necessárias para que novos atores à direita se cruzassem e estabelecem relações e constituíssem redes de interação em torno da difusão das ideias liberais, conservadoras e de

¹⁴ Fonte: MBL Sergipe, Facebook, 11/04/2020. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/mbلسergeipe/about/?ref=page_internal.

direita. É preciso salientar que a partir de 2012 novos partidos começam a se constituir, como o Partido Novo, já mencionado na seção anterior, que inicia o processo de coleta de assinatura naquele ano e tem seu registro definitivo em 2015, e o Patriota, que inicia seu processo de criação em 2011 e tem seu registro definitivo em junho de 2012. Tais partidos políticos se tornaram em certa medida um guarda-chuva para a militância jovem à direita que estava surgindo no estado. Especialmente o Partido Novo, que utilizava a narrativa do liberalismo econômico, do livre-mercado, da diminuição do estado na economia, etc., mas também o discurso de que iriam fazer uma “nova política”, com ética e com o combate à corrupção. A partir de 2018 o apoio desses novos partidos – e de políticos específicos ligados a eles – às ações dos movimentos sociais à direita fica mais claro.

Tendo em vista este contexto e os das jornadas de junho de 2013, o surgimento do MBL em Sergipe está diretamente ligado com as relações de amizade e de militância entre o Entrevistado 22 e o Entrevistado 20. Este último foi a principal liderança do MBL no Rio Grande Sul. Como pode ser compreendido no relato do Entrevistado 22, primeiro coordenador do MBL Sergipe:

No tempo do Novo uma das pessoas que me era muito próxima era o Rodrigo Saraiva Marinho do Ceará e o Paulo do Rio Grande do Sul, que é um cientista político. Foi ele quem criou o número do Novo, foi ele quem deu a ideia do número, ele que participou da fundação. E quando ele criou o MBL junto com o Renan e o Kim, eles estavam fazendo um processo de expansão. Aí ele me ligou e perguntou se eu queria assumir o MBL aqui, que o MBL tinha um projeto de se tornar um partido Liberal mais à frente, e que a gente ia fazer diferente do que o Novo fez... Então por indicação dele, e por acreditar nele, confiar nele, resolvi aceitar aí assumir o MBL aqui, mas foi por poucos meses. Eu conheci os Livres do MBL e em poucos meses tanto Paulo como outras pessoas se desencantaram com o projeto do MBL. E aí todo mundo saiu do MBL de novo, e eu saí também, a galera toda saiu. A gente percebeu que o ambiente também não estava tão como a gente esperava. O MBL ele era, é um projeto liderado por um cara que é esquizofrênico. O Renan é um cara extremamente complicado, é um cara que centraliza tudo e tem um projeto pessoal que está acima do MBL. Acima das ideias e acima de tudo. (Entrevistado 22).

A partir do relato acima, é possível identificar a relação entre as dinâmicas de emergência dos movimentos sociais e as dinâmicas de interação entre movimentos nacionais com representações estaduais. Tais dinâmicas envolvem tanto condições objetivas quanto subjetivas. Desta forma, o surgimento do MBL em Sergipe ocorreu tanto pelas condições de abertura política para movimentos sociais à direita emergirem na cena pública a partir de 2013, quanto pelas redes sociais e de sociabilidades previamente estabelecidas entre atores políticos-chave, que tinham condições e recursos para criar o movimento, isso é exemplificado a partir das relação entre o Entrevistado 22 e o Entrevistado 20. O MBL Sergipe – mas também o

nacional – passou por algumas transformações, polêmicas, escândalos, houve dissidências e rupturas que promoveram o declínio do movimento em alguns momentos e/ou reconfiguração do modelo organizacional e das estratégias de ação do movimento. Como a literatura coloca, isso ocorre tanto por fatores externos quanto internos. Neste sentido, o MBL Sergipe ilustra bem as formas de controle e as interferências que as coordenações nacionais dos movimentos têm sobre os seus núcleos locais e sobre o modelo de organização que eles vão adotar; mas também como as lideranças locais traduzem as regras e diretrizes nacionais, configurando estratégias, demandas, formas organizativas, que nem sempre estão alinhadas com o que é adotado pelo movimento nacional.

Estas informações ficam mais evidentes no depoimento do Entrevistado 13, também ex-coordenador do MBL Sergipe:

Cheguei até a assumir um tempo a liderança do MBL aqui no estado, depois eu peguei, acabei saindo por não concordar com coisas do Nacional. Como até agora teve briga de novo também por conta disso, que eu sabia que ia acontecer em algum momento. No Nacional existe outro pensamento e decidiram querer afastar por achar que algumas pessoas estavam querendo tomar parte do MBL e tal. E estava lá apenas pra atrair seguidores ou então pra atrair militantes, né? Só que aí, saí do MBL. (Entrevistado 13).

Os conflitos nacionais em torno da direção e da patente do nome MBL também se refletiram na organização do MBL Sergipe. O movimento no estado já teve diversos coordenadores e diferentes perfis no Facebook, no Instagram e em grupos de WhatsApp. A escolha dos coordenadores inicialmente foi por relações de amizade, mas segundo o Entrevistado 13, o recrutamento dos coordenadores estaduais ocorre de forma “afrouxada”, sem controle do perfil político-ideológico das pessoas que manifestam interesse em ocupar o cargo, conforme esclarece no relato abaixo:

Então, aí a galera entrava na página do Facebook e perguntava e aí quem é o coordenador do MBL Alagoas? E aí algum, rapaz não tem não, eu quero ser. Então, tá bom. Vou anotar seu nome aqui anotava meu nome e tal tal tal. E quando tinha manifestação mandavam e-mail ou colocava o nome no grupo do Facebook. Entrava no grupo do Facebook ou do WhatsApp e a pessoa informava olha vai ter manifestação e organizava do jeito que dava. Não tinha uma instrutora, não tinha um treinamento, não tinha uma capacitação. Não! Quero ser, é. Caio Viana foi assim. O perguntou quem era e foi. (Entrevistado 22).

Em Sergipe o MBL teve diversos coordenadores estaduais, como dito anteriormente, entre estes alguns com envolvimento partidário que se candidataram nas eleições municipais de 2016 e outros que apoiaram e fizeram campanha para candidatos nesta eleição e nas eleições

federais de 2018. Outra característica do MBL local é que as lideranças que estiveram à frente também eram lideranças de outros movimentos, ou seja, articulavam uma mesma rede de apoiadores para vários movimentos. Além de pautarem o *impeachment* entre 2015 e 2016, outra demanda reivindicada em nível nacional e local foi o fim da “ideologia de gênero” e o projeto Escola Sem Partido. Sobre este último ponto, em Sergipe o movimento ganhou apoio de políticos locais e de outros movimentos, como Direita Sergipana e Instituto Liberal de Sergipe. Abaixo uma publicação do dia 15/08/2017, retirada do perfil do movimento no Facebook:

Hoje o MBL SE - Movimento Brasil Livre Sergipe com apoio do movimento Direita Sergipana protocolaram na câmara de vereadores de Aracaju, através da vereadora Emília Corrêa o projeto Escola Sem Partido, que recebeu o título de "Direito de aprender" por sugestão da mesma. O Projeto começará a tramitar nas comissões e continuaremos conversando e pressionando os demais vereadores para que apoiem o projeto. Agradecemos a vereadora Emília Corrêa - que mostrou total interesse e se dispôs a dar andamento ao projeto, ao vereador Vereador Cabo Amintas - que se comprometeu a sobrescrever e dar apoio-, e ao professor de Sociologia da UFS Rodorval Ramalho, pelo apoio e colaboração. (Facebook MBL Sergipe 15/08/2017).¹⁵

O envolvimento e a interação com políticos são feitos a partir de relações construídas previamente. Até 2019, foi possível identificar que as relações entre lideranças de movimentos liberais-conservadores e anticorrupção, em especial a Direita Sergipana, o Instituto Liberal de Sergipe (Ilise) e o MBL Sergipe, se configuraram no próprio contexto político mais recente. Como exemplo disso, foi citado que a vereadora Emília Correa, eleita pelo PEN na eleição municipal de Aracaju de 2016, recebeu apoio do MBL e de seus movimentos aliados no estado. A vereadora se tornou, portanto, uma aliada-chave não só do movimento, mas de seus aliados. Como demonstração da relação entre o movimento e ela, ressalta-se o apoio dela ao projeto Escola Sem Partido, protocolado por ela, com o nome Direito de Aprender, no dia 15 de agosto de 2017 na Câmara de Vereadores de Aracaju. Na mesma ocasião, membros do MBL e da Direita Sergipana buscaram outros políticos que possivelmente apoiariam o projeto.

Conseguiram o apoio do vereador Cabo Amintas, policial militar, eleito pela composição PSC/PSL/PTB na eleição municipal de Aracaju de 2016. Essa composição é interessante, uma vez que incluía o PSL, partido ao qual o presidente Bolsonaro estava filiado na época. O vereador demonstrou ter uma relação próxima com Bolsonaro, quando este ainda era deputado, inclusive ressaltando algumas reuniões que tiveram em Brasília. No mesmo dia em que foi protocolado o projeto, as lideranças do MBL e da Direita Sergipana também se

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/mblsergipe/posts/hoje-o-mbl-se-movimento-brasil-livre-sergipe-com-apoio-do-movimento-direita-serg/1738354869797815>. Acesso em: 16 fev. 2017.

reuniram com esse vereador, que concordou em apoiar o projeto. Além disso, o político marcou presença no evento de inauguração da sede do Movimento Direita Sergipana e do Movimento Sergipe com Bolsonaro, citado anteriormente.

Além do apoio de vereadores já conhecidos em colaborar com manifestações e movimentos à direita no estado, salienta-se o apoio de um professor da UFS, o qual se tornou uma espécie de Olavo de Carvalho para as lideranças de movimentos conservadores e liberais no estado. Neste sentido, movimentos como o MBL, e os demais citados neste tópico, conseguem emergir e se organizar a partir da combinação de estruturas de oportunidades, repertórios de ação, recursos e redes sociais prévias que deram condições para que as lideranças organizassem as manifestações pelo *impeachment* de Dilma Rousseff entre 2015 e 2016. Em resumo, as lideranças de diferentes recursos (comunicacionais, humanos, financeiros, profissionais, etc.) acessam e convencem políticos eleitos e não eleitos a apoiarem seus projetos, a mobilizar mais recursos financeiros e materiais, bem como envolver outros atores-chave para legitimar seus discursos, um exemplo disso são os professores universitários e empresários locais, etc.

Em suma, entre os movimentos anticorrupção e antipetismo, que emergiram na cena pública com maior intensidade entre 2015 e 2016, alguns se tornaram referência na defesa de determinadas causas. O quadro abaixo apresenta as principais pautas que os movimentos Vem Pra Rua, Movimento Basta Sergipe (MBS), Movimento Brasil Livre (MBL) e Movimento Muda Brasil (MMB) defenderam em Sergipe entre 2014 e 2019.

Quadro 5 – Pautas dos movimentos anticorrupção (2014-2019)

Principais pautas defendidas entre 2014-2019	MBS	MBL	MVPR	MMB
Fim do foro Privilegiado	X		X	X
Voto aberto no parlamento	X			
Corrupção crime hediondo	X			
<i>Impeachment</i> de Dilma Rousseff	X	X	X	X
Operação Lava Jato	X	X	X	X
Escola Sem Partido		X		
Fim do imposto sindical		X		
Fim do desarmamento		X		
Previdência livre		X		
Fim do STF		X		
Fim da “Ideologia de gênero”		X		

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

As únicas reivindicações que eram comuns a todos os movimentos eram a defesa da Operação Lava Jato e o *impeachment* de Dilma Rousseff. A partir de 2017, apenas o MBL continua ativo, os demais movimentos, principalmente o MBS e o MMB, pararam suas atividades. Isso se deve também ao desengajamento de algumas de suas lideranças, bem como à entrada dessas lideranças em outros movimentos. Já o VPR continua com perfil ativo no Facebook, contudo não identificamos mais ações de forma presencial. Em suma, os movimentos sociais que eram norteados principalmente pela pauta anticorrupção, antipetismo, antiesquerdismo em Sergipe, com exceção do MBL, tiveram uma atuação “limitante” principalmente ao período de *impeachment* de Dilma Rousseff, entre 2015 e 2016. O que demonstra que esses movimentos associavam e construíram publicamente a pauta da corrupção como algo quase que exclusivo e restrito aos políticos do PT.

2.3 – MOVIMENTOS BOLSONARISTAS E LIBERAIS-CONSERVADORES

Os movimentos pró-Bolsonaro começam a surgir em Sergipe em 2015, inicialmente com a criação de páginas no Facebook e posteriormente com a organização presencial. Já durante os protestos naquele ano, era possível identificar vários manifestantes com camisas em que continha a frase “Bolsonaro presidente 2018”. A utilização de vestimentas que faziam alusão à candidatura do então deputado nas eleições federais de 2018 se tornaram mais comuns e simbólicas a partir de 2016. Nesse ano, o Movimento Sergipe Com Jair Bolsonaro (MSJB) passa a fazer protesto de rua, mas desde 2015 ele já atuava de forma virtual, por meio de seu perfil no Facebook. Já a Direita Sergipana foi criada em 2016. Esses dois movimentos passam a se articular com outros, como o MBL, MBS, VPR, Liberte-SE, entre outros apresentados no Quadro 3. Os dois movimentos até 2018 compartilhavam das mesmas lideranças, dos mesmos financiadores e em certa medida tinham os mesmos objetivos.

Segundo o perfil do MSJB no Facebook, a missão do movimento é “oferecer [sic] as gerações futuras um país melhor para viver”. Na biografia do movimento, naquela mesma rede social, são evidenciadas as pautas que o movimento defende, seu posicionamento político-ideológico, bem como o enquadramento que o movimento faz acerca do então deputado Jair Messias Bolsonaro. Tal político é enquadrado como o político honesto, que tem uma trajetória “ilibada”, que preserva a vida humana, os valores da família e os princípios cristãos. Conforme a descrição abaixo:

Em Apoio ao deputado Jair Messias Bolsonaro que em seu sexto Mandado consecutivo não tem em seu currículo nenhum sinal de corrupção mesmo fazendo parte de um partido corrupto teve a coragem para denunciar o próprio partido, rejeitou 200 mil para votar em projeto que levaria a reeleição de Fernando Henrique Cardoso. Também rejeitou-se a participar do então mensalão no governo Lula, não aceitou a proposta do governo Dilma que lhe ofereceu o comando do Aeroporto internacional Tom Jobim em troca de apoio aos votos nos projetos em apoio do governo em sua última campanha para deputado. Rejeitou mais uma vez 200 mil depositado em sua conta pela JBS, Friboi, que teria interesse em seus votos no congresso, devolveu o dinheiro ao partido e foi eleito com quase Meio Milhão de votos sendo o deputado mais votado do Rio de Janeiro e o Quarto mais votado do País. Um cristão católico. Apoiado por muitos evangélicos Bolsonaro luta, Em prol da Família Brasileira, Contra o Aborto, Contra a Legalização da Maconha, contra as cotas raciais pois é uma forma explícita de Preconceito. Que direitos Humanos sirva para o cidadão de bem e não para defender bandidos. Bolsonaro A Direita Tem Cara, Nome e Apoio popular #Bolsonaro Presidente eu Apoio De Graça e vc? (Facebook Movimento Sergipe Com Jair Bolsonaro, 12/04/2020).¹⁶

O fundador do movimento MSJB era votante de candidatos do PT, inclusive de Lula e Dilma Rousseff, contudo já no primeiro mandato de Dilma Rousseff, com a crise econômica que se agravou em seu segundo mandato, sua empresa foi afetada e ele teve que fechá-la. Após este episódio, ele disse ter se tornado anti-PT e criado o movimento em 2015, já em meio aos protestos *pró-impeachment*. Segundo ele, o movimento atua e se organiza da seguinte forma:

A gente tem um processo de que não existe líder, todo mundo tem voz dentro do movimento para falar, o processo de decisão passa por todo mundo. No período que a gente tinha três grupos no WhatsApp, por exemplo, a gente convidava nos grupos, “olhe vai ter reunião em tal dia, se quiserem participar, aqueles que se empenharem vão participar de uma das coordenações”. Aí você tinha 300 pessoas em um grupo – eita não, estou ultrapassando – eram 200 pessoas em um, 150 em outro e 100 pessoas em outro. Aí no dia da reunião você chega lá e tem 15 pessoas. As mesmas 15 pessoas, chegava numa próxima reunião as mesmas 15 pessoas, ou seja, estas pessoas que estavam interessadas em participar e contribuir com o processo, ou seja, nada mais justo que aquelas 15 pessoas ser a coordenação, pra tomar decisões e ajudar na organização de eventos. Então foi isso que a gente montou. Aí depois disso veio o Blog Direita Sergipana, a página Direita Sergipana, aí veio o Instagram Direita Sergipe, isso já com outras pessoas que tinha o nome de outros movimentos que defendiam a mesma pauta. Então aí a gente disse então vamos estar juntos. O Instagram mesmo era de Bruno que era dentista, e Bruno não conhecia a gente. [Então a direita sergipana no Instagram são vocês também?] Sim. Mas naquele momento não era, era de Bruno. Só que aí a gente já tinha a logomarca, a gente já tinha TUDO. Aí ele disse, “Pronto, vou mudar o nome então, o nome vai ser este, vai levar as pautas de vocês e estamos juntos”. (Entrevistado 06).

Bruno, militante dentista que tinha domínio do perfil no Instagram Direita Sergipe, muda-se por um tempo do estado de Sergipe, mas deixa em seu lugar um casal, sendo que um dos membros do casal era seu primo. Este casal teve, segundo o Entrevistado 06, uma atuação intensa e contribuiu bastante com o crescimento do movimento. Isso demonstra que para a

¹⁶ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/BolsonaroSe/about/?ref=page_internal. Acesso em: 12 abr. 2020.

consolidação de um movimento e sua sustentabilidade é preciso, além de recursos financeiros e de oportunidades políticas, recursos humanos e formas de persuasão eficientes para convencer outros atores a aderir à causa e ao movimento, bem como para que estes atuem convencendo outras pessoas que ainda não fazem parte da rede. Além disso, o relato revela algumas dinâmicas de uso das redes sociais. Conseguir seguidores e manter seguidores nas redes sociais exige tempo e, às vezes, investimento financeiro para impulsionar postagens para alcançar mais pessoas. Como veremos no próximo tópico, assumir o domínio de uma página, seja no Instagram ou no Facebook, que já possui um certo número de aderentes e uma representatividade, foi uma estratégia importante para expandir suas demandas e sua atuação, principalmente no espaço virtual.

Já o Movimento Direita Sergipana em seu blog, de 2017¹⁷, descreve da seguinte forma seu surgimento:

O movimento Direita Sergipana surgiu em outubro de 2016 da reunião de pessoas dispostas a promover ações para divulgar o pensamento e as ideias de direita (conservadora e liberal) em Sergipe. Temos como princípios a defesa da vida, da propriedade e da liberdade, principalmente a liberdade de expressão e a liberdade econômica. Somos contra e combatemos o marxismo cultural, o politicamente correto, ideologias e partidos totalitários (socialismo, comunismo, fascismo...). Lutamos por menos impostos, por mais segurança, pela garantia da legítima defesa com direito a posse de armas pelo cidadão, por justiça para todos e pelo respeito a família e aos valores judaico-cristãos. Você que não se sente satisfeito com a censura velada do politicamente correto, com a inversão de valores na nossa sociedade, com o caos vivido na segurança pública – onde bandidos são mais valorizados e respeitados que as vítimas – devido à falta de leis mais rígidas e do cumprimento das existentes, com o trabalho sujo da mídia, com a doutrinação ideológica nas escolas e faculdades, com a ditadura das minorias, etc. VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO! Junte-se ao movimento direita sergipana. Entre em contato conosco através da nossa página no Facebook: [hÅps://www.facebook.com/DireitaSergipanaOficial/](https://www.facebook.com/DireitaSergipanaOficial/) (Blog Direita Sergipana, 27/03/2017).¹⁸

A partir dessa descrição já é possível perceber que a atuação do movimento Direita Sergipana é mais ampla e atende outras demandas e reivindicações dos grupos sociais que são seu público-alvo. Compartilham e reproduzem a narrativa do atual Presidente da República Jair Bolsonaro de que “*direitos humanos só serve para bandido*” e que as escolas e faculdades são espaços de doutrinação ideológica da esquerda comunista. Este discurso extremado, apelativo e dicotômico é uma estratégia utilizada para recrutar novos membros e seguidores nas redes sociais virtuais, bem como uma ação utilizada de forma intensa nesta arena, tanto como forma

¹⁷ Em seu novo blog, não há uma descrição sobre o seu surgimento. Tudo indica que por conta dos conflitos com o MSJB o site foi alterado e os organizadores não fizeram todas as atualizações.

¹⁸ Disponível em: <https://direitasergipana.wordpress.com/sobre/>. Acesso em: 27 mar. 2017.

de “atacar” e se opor a políticos locais, como a políticos nacionais. Este modelo é compartilhado especialmente pelos movimentos conservadores ou que se autoclassificam como conservadores-liberais que apoiam Bolsonaro. Desta feita, como já dito, o surgimento da Direita Sergipana está atrelado diretamente com o surgimento do MSJB. Neste sentido, um dos fundadores da Direita Sergipana esclarece o surgimento da relação entre os dois movimentos:

São dois movimentos diferentes. Primeiro surgiu o Movimento Sergipe Com Jair Bolsonaro que era só uma página no Facebook, mas aí depois se tornou um movimento de rua também, mas só voltado pra Bolsonaro. E eu dei a ideia de criar uma página, um movimento chamado Direita Sergipana que a gente começasse a fazer manifestação de rua em prol do armamento, que não invocasse apenas o nome de Bolsonaro, que sendo direita englobaria várias coisas. A coordenação dos dois movimentos é a mesma, mas são movimentos diferentes. O Movimento Sergipe Com Jair Bolsonaro é só para Bolsonaro e a Direita Sergipana, é a favor de Bolsonaro, mas toca mais em eventos conservadores, numa pauta mais liberal, nessas coisas assim. Tem pessoas que gostam de participar mais do Sergipe Com Jair Bolsonaro porque tem um viés mais nacionalista, aí a gente gosta de separar um pouco. (Entrevistado 05).

Apesar do Entrevistado 06 ter mencionado que “*todos têm voz no processo*”, o modelo de organização interna dos dois movimentos em questão é hierarquizado e controlado pelas suas lideranças. Um dado interessante do depoimento supracitado é o de que tem participantes que só se identificam mais com um dos movimentos, ou seja, isso revela que apesar da aliança quase simbiótica entre os dois movimentos, estes expressam identidades coletivas diferentes. Outro questionamento que fizemos ao Entrevistado 05 foi como se formaram as coordenações dos movimentos e como um membro ou simpatizante pode fazer parte da coordenação. Sobre isso ele descreve:

Eu conheci um amigo chamado João, e aí eu disse pra ele que queria montar um grupo de Bolsonaro, eu já conhecia outras pessoas, aí eu disse que não sabia se tinha aí ele disse “tem cara”, aí ele me colocou no grupo. Aí eu conheci o pessoal lá em uma manifestação na Orla, aí a partir dessa manifestação comecei a ter amizade com o pessoal, eu implementei algumas ideias, implementei algumas ideias, aí o pessoal foi colocando pra frente, aí o pessoal disse “vamos montar uma coordenação?” “vamos”. Aí montamos a coordenação do Sergipe Com Jair Bolsonaro, tinha 10 pessoas, depois algumas saíram e outras entraram. [...]. Então, aí quando uma pessoa começa a se destacar com boas ideias, agrega valor ao movimento, a gente procura conversar com essas pessoas no privado, a gente faz uma sabatina com ela via hangout, faz uma apreciação, tem um grupo de apoiadores dentro da coordenação, aí a gente se senta com a coordenação, hoje a coordenação tem 17 pessoas, aí as 17 pessoas se reúnem e em pauta se a pessoa realmente fizer algo pelo movimento e acrescente, aí nós agregamos essa pessoa ao movimento. Isso foi o que ocorreu com Waldir, ele fez aquele vídeo e se destacou, a gente falou com ele, ele disse que tinha interesse e entrar no movimento, aí fizemos uma sabatina com ele e depois agregamos ele ao movimento, na parte da coordenação. (Entrevistado 05).

O Movimento Direita Sergipana, portanto, nasceu como uma estratégia para expandir a atuação do MSJB. O primeiro queria alcançar e pautar diferentes reivindicações das direitas e não apenas atrelar sua atuação ao então deputado Jair Bolsonaro. Já o segundo tinha como foco principal as mídias sociais, em especial o Facebook, no qual em 2016 sua página tinha cerca de 20 mil seguidores e em 2019 esse número saltou para cerca de 60 mil seguidores. A formação da coordenação dos dois movimentos aconteceu pela necessidade de expandi-los e torná-los mais concretos publicamente, bem como a partir das redes de amizade e políticas entre os membros, lideranças e apoiadores. Também a transição da atuação do virtual para o presencial foi motivada pela organização de eventos de protestos de rua e em outros espaços, como na universidade.

Conforme Jasper (2016), a adesão de uma pessoa a um movimento social, a defesa de uma causa ou a participação em um protesto de rua é mais provável de ocorrer quando o convite vem de alguém em quem a pessoa confia, com quem tem uma ligação, uma afeição. Neste sentido, a primeira coordenação do movimento foi formada por pessoas que já tinham uma conexão prévia, já se conheciam por meio das redes sociais ou de manifestações de rua ou, ainda, já tinham algum elo de amizade. Desta feita, como temos tentado demonstrar, as redes constituem um elemento fundamental para a emergência dos movimentos sociais à direita. Numa perspectiva cultural das redes, entende-se que os “indivíduos têm padrões de laços emocionais sustentados por símbolos e familiaridade cognitivos” e elas “fornecem oportunidades de persuadir outras pessoas, às vezes transformando as próprias redes nesse processo”. (JASPER, 2016, p. 108).

O quadro a seguir apresenta as principais pautas defendidas pela Direita Sergipana entre o período de 2016 e 2019:

Quadro 6 – Pautas do Movimento Direita Sergipana

Principais pautas da Direita Sergipana entre 2016-2019
Menos Imposto
<i>Impeachment</i> de Dilma Rousseff
Bolsonaro Presidente
Repúdio a partidos ou ideologias totalitárias
Liberdade individual
Sergipe Livre
Respeito aos valores judaico-cristãos
Defesa da propriedade privada
Liberdade econômica
Liberdade de expressão
Em favor da família

(continua)

(continuação)

Em defesa da vida
Lutar por mais segurança
Justiça para todos

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Com o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016, tanto a Direita Sergipana como o movimento MSJB se fortaleceram e ganharam novos aderentes, patrocinadores e apoiadores. Principalmente a Direita Sergipana passou a mobilizar outras manifestações e apoiar eventos liberais, como os organizados pela Juventude Libertária de Sergipe e pelo Instituto Liberal de Sergipe. Em um dos artigos publicados em seu *blog*, em 23/11/2016, intitulado “Por que voltamos às ruas?”, revela concepções sobre o fazer política e sobre a importância do “sentimento de vitória” e de “retribuição do esforço investido” para a continuidade do movimento e do engajamento de suas lideranças:

Nos últimos anos, boa parte brasileiros vem aprendendo que o voto não é a única forma de manifestar sua opinião ou seu desagrado em relação à política. Grupos começaram a se organizar, utilizando principalmente a internet como meio, buscando formas de conseguir interferir na política de Brasília, que está sempre tão distante da vida das pessoas. Diferente dos movimentos, sindicatos e partidos de extrema-esquerda, que sempre tiveram o monopólio da mobilização e organização de movimentos civis na sociedade, os novos grupos chegaram com novas ideias e novos métodos de atuação, sempre sem o uso de violência. Como consequência dessa organização tivemos as grandes manifestações em 2015 e 2016- que resultaram no processo recente de Impeachment da presidente Dilma -, o surgimento de uma mídia alternativa, o fim do monopólio do pensamento esquerdista na sociedade e avanços como a redução do número de ministérios, a aprovação da redução da maioria penal na câmara, a prisão dos corruptos através da Operação Lava Jato, a eleição de políticos não tradicionais para cargos de prefeito nas últimas eleições, etc. (Blog Direita Sergipana, 23/11/2016).¹⁹

O declínio e total desaparecimento de alguns movimentos surgidos durante o período do *impeachment* pode ser explicado por uma falta de recursos diversificados, os quais as lideranças não dispunham. Desta maneira, movimentos como Direita Sergipana e MSJB fizeram alianças com diferentes tipos de organizações, mobilizaram diferentes atores para patrocinarem suas ações e outros que tinham potencial para se tornarem lideranças, pois necessita-se de recursos humanos para garantir a continuidade das ações quando um ou mais membros e lideranças se desengajam. Desta forma, políticos específicos, profissionais liberais, empresários e professores universitários foram convidados, mobilizados ou, mesmo de forma espontânea, aderiram aos movimentos e deram a eles sustentabilidade.

¹⁹ Disponível em: <https://direitasergipana.wordpress.com/2016/11/23/primeiropostdoblog/>. Acesso em: 28 mar. 2017.

Pensando na clássica teoria da dádiva de Marcel Mauss (2003), o dar, receber e retribuir pode explicar em certa medida o sistema de troca entre os movimentos e esses atores, pois muitos destes, principalmente os empresários envolvidos com política partidária, recebem como retribuição o apoio irrestrito e a lealdade dos jovens à frente dos movimentos. Essa retribuição foi observada a partir de um relato sobre o apoio à campanha virtual de João Tarantella a prefeito de Aracaju nas eleições de 2018, por lideranças da Direita Sergipana. Como se observou no apoio à candidatura do então deputado Jair Bolsonaro à presidência da República em 2018. Mais recentemente, uma professora universitária apoiadora dos movimentos estudantis à direita e dos movimentos *pró-impeachment* se lançou como candidata a reitora da UFS e ganhou o apoio dos movimentos à direita, bem como de empresários locais que se articulam com esses movimentos. O apoio revelou-se principalmente na divulgação da candidatura nas redes sociais dos movimentos, em reuniões em entidades empresariais, em jornais eletrônicos à direita, entre outros.

De acordo com isso, salientamos que no dia 26 de agosto de 2017 aconteceu o evento de inauguração, na cidade de Aracaju, da sede do Movimento Direita Sergipana e do Movimento Sergipe com Bolsonaro. O local era utilizado para reuniões, visitas, encontros e eventos dos dois movimentos em questão, o espaço também era “aberto” para outros movimentos aos quais as lideranças pudessem estabelecer alianças. O evento contou com a presença de vereadores, pré-candidatos às eleições de 2018, empresários que financiaram o evento, doadores etc., mas também com um número significativo de pessoas sem engajamento. O evento teve dois objetivos claros: inaugurar a sede e ganhar mais visibilidade e credibilidade no estado; e se mostrar ao assessor do então deputado de Bolsonaro no Nordeste, Julian Lemos, e à professora Dayane Pimentel, que comandava a rede de apoiadores do deputado na Bahia. Em conversas, lideranças relataram que o evento seria uma forma de mostra, para Jair Bolsonaro, que em Sergipe havia muitas pessoas mobilizadas em prol da sua candidatura para presidente em 2018. Foi um momento de festa, confraternização e, mais do que isso, de construir redes de relações e recrutamento.

O prédio, cedido pelo empresário João Tarantella, foi utilizado durante sua campanha para prefeito em Aracaju em 2016. Tarantella fez o seguinte relato para o Jornal Cinform: “Agora estamos marchando com Bolsonaro. Me filiarei ao partido em que ele se filiar. E é bom que o pessoal daqui que comanda o PEN, que pode virar Patriota, e tem Robson Viana à frente, abrace a causa de verdade” (CRISTHIAN, 2017). No dia da inauguração, observou-se uma fala muito significativa desse empresário, em que ele relatou seu descontentamento com o governo

do estado, com o prefeito de Aracaju na época, falou de sua ruptura com o PMN e enfatizou que estava disponível para Bolsonaro e que iria se candidatar a qualquer cargo que ele mandasse nas eleições de 2018, seja para deputado ou senador. Julian Lemos e Dayane Pimentel também relataram suas impressões ao Jornal Cinform: “O que estou vendo aqui em Aracaju é o que eu vejo em todo o país. É em apoio a Bolsonaro, sim. Mas é principalmente em defesa do Brasil [...]. Todo mundo quer mudança. E mudança é com Jair Bolsonaro” (CRISTHIAN, 2017). Estas declarações demonstram como ocorre o alinhamento da linguagem das lideranças de movimentos sociais, estes alinham sua linguagem com o público que querem atingir, querem persuadir. Criam narrativas e fazem enquadramento de acordo com aquele público que o assiste, que o ouve, que o lê. (SANTOS, 2017).

Os dois representantes de Bolsonaro falaram poucos minutos durante o evento de inauguração, mas enfatizaram que sua figura representa mudança e, acima de tudo, representa também a defesa dos princípios cristãos, a defesa da família e da honestidade. A dimensão moral presente no discurso da professora Dayane Pimentel também se faz constante nos discursos e na mobilização virtual dos movimentos, principalmente nos dois movimentos pró-Bolsonaro. Vale ressaltar ainda as narrativas das lideranças da Direita Sergipana ao Jornal Cinform, em que o coordenador fala: “Na verdade, se trata de um espaço que servirá de apoio para todo o estado, já que temos gente que apoia Bolsonaro em todas as 75 cidades de Sergipe. [...] Aqui não existe líder, por isso dividimos o grupo em 15 coordenações, e cada uma faz a sua parte” (CRISTHIAN, 2017).

Interessante frisar o número de coordenadorias e o caráter de horizontalidade que a liderança atribui à sua forma de organização. A partir de conversas com as lideranças do movimento, foi possível compreender que até 2017 eles ainda estavam em fase de estruturação e consolidação do modelo organizacional, e de recrutar e engajar o máximo de pessoas. A “horizontalidade”, nesse contexto, portanto, funcionava como uma estratégia para que os envolvidos se dedicassem, tivessem comprometimento, doassem recursos financeiros e tempo e se sentissem parte fundamental do movimento e uma liderança dele. Outra liderança do movimento em questão destaca que: “a nossa ideia é mobilizar. Começamos na internet, nos organizamos nos protestos entre 2015 e 2016 e agora estamos trabalhando pelo que nós acreditamos” (CRISTHIAN, 2017). A internet foi e é um recurso-chave de mobilização e sustentação do movimento, pois demanda pouco aporte financeiro, é de fácil acesso, atinge milhares de pessoas, possibilita uma rede de contatos tanto no âmbito local quanto nacional e internacional, etc.

A mobilização e a construção de uma rede de relações que envolve empresários, profissionais liberais e políticos partidários que dispõem de recursos financeiros, foi fundamental para que as lideranças dos movimentos conseguissem fazer a transição da atuação no meio virtual para a organização presencial, ou seja, para se tornar, como alguns denominaram, “movimento de rua”, de forma sustentável. Outro aspecto importante que envolve não só a construção das manifestações de rua, mas também a própria organização dos movimentos e das relações que irão estabelecer com partidos políticos ou políticos específicos, é o processo de decisão. Questões como: “Qual será a tática de ação mais efetiva?”; “Quem será responsável pela linha de frente na manifestação?”; “Quem falará com os jornalistas, com a política ou os agentes de trânsito?”; “Quem negociará com representantes do Estado?”; “Quem mediará as novas alianças com os demais movimentos?” estruturam e organizam os protestos e o movimento de forma geral. Assim como alguns membros do Liberte-se UFS, alguns coordenadores e membros da Direita Sergipana não tinham uma *expertise* militante, bem como alguns aliados. Todavia, diferente do Liberte-se UFS que foi o pioneiro a disputar arenas públicas, a Direita Sergipana contava com lideranças que já tinham se engajado em movimentos estudantis à direita e tido experiências em movimentos sociais à esquerda.

Decidir o melhor repertório é uma decisão estratégica que leva em consideração tanto as disposições individuais quanto também o contexto político, econômico e cultural. Vale ressaltar que a decisão do Movimento Direita Sergipana de apoiar Bolsonaro, e mesmo de se articular diretamente com empresários partidários, provoca, às vezes, conflitos internos no movimento e com possíveis aliados. Outro exemplo de como as decisões são estruturantes foi observado em uma reunião do Instituto Liberal de Sergipe numa discussão sobre criar o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) do instituto. Membros não pertencentes à diretoria foram contra, dizendo que era uma burocracia desnecessária, mas a decisão já estava tomada por dois motivos: primeiro, a possibilidade de conseguir mais dinheiro com doadores físicos e jurídicos para divulgar as ideias liberais; segundo, evitar problemas jurídicos quanto à transparência de tais doações. Esses conflitos podem ser observados entre os membros de movimentos mais conservadores ou liberais.

Em consenso com isso, durante os protestos *pró-impeachment* de Dilma Rousseff, movimentos como Liberte-se UFS, EPL, entre outros, tiveram de se aliar à Juventude Conservadora de Sergipe (JCS), que apoiava ideias consideradas fascistas. Tal decisão marcou a trajetória desses movimentos liberais e de direita, pois tanto para a oposição quanto para alguns simpatizantes, esta aliança era inadmissível. Em termos analíticos, é preciso pensar em

que condições são feitas alianças com esse tipo de movimento e em que medidas elas se tornam temporárias ou se consolidam. Observamos que alguns membros da JCS ficavam na linha de frente das manifestações, fazendo a segurança, pois se houvesse um confronto físico com pessoas contrárias à manifestação, eles supostamente saberiam e estariam preparados para agir. Neste sentido, vale ressaltar que a união entre movimentos como a Direita Sergipana, os membros do Ilise e a JCS girou em torno do *impeachment* de Dilma Rousseff e da candidatura de Bolsonaro em 2018. Envolver outros atores é um desafio que marca qualquer movimento social.

Para explicar o recrutamento, alguns autores destacam um alinhamento de quadros, ou seja, eles “alinham” seus respectivos “quadros” vinculando novos temas a problemas sociais com que as pessoas já se preocupam (JASPER, 2016). A isso destacam-se as pautas reivindicadas pelos movimentos, desde o *impeachment* de Dilma Rousseff, passando por reivindicações ligadas aos serviços públicos, como segurança e educação, até o repúdio à ideologia de gênero e a defesa dos princípios cristãos e da família tradicional. Tais pautas estão alinhadas a públicos específicos, em sua maioria são militares, profissionais liberais, pessoas com vinculações religiosas fortes, etc. Outro aspecto do recrutamento e da própria manutenção desses movimentos e de suas redes é a trajetória biográfica de cada militante, de cada liderança. Segundo Jasper (2016), a disponibilidade biográfica não é uma limitação estrutural, mas uma interpretação dos custos da participação.

Pensando no alinhamento de quadros, percebe-se que pode haver um desalinhamento e/ou desajuste nas estratégias de recrutamento e de organização interna desses movimentos. Um exemplo pode ser a frequência de dissidências e rupturas entre os movimentos e a falta de adesão às manifestações de rua ocorridas pós-*impeachment*. Vale ressaltar que o Ilise geralmente não organiza manifestações de rua, se organiza por meio de reuniões, palestras, debates e mesas-redondas, principalmente no âmbito universitário e escolar. Porém, o fato de que boa parte das lideranças da Direita Sergipana também faz parte do Ilise demonstra que essas lideranças buscam recrutar, mobilizar e divulgar as ideias de direita e liberais a partir de diferentes frentes de atuação.

A sustentabilidade desses movimentos, portanto, envolve tanto o recrutamento e a permanência de novos militantes quanto de apoiadores que possam suprir as necessidades financeiras, materiais, humanas e ideológicas/teóricas deles. A literatura mostra que manter uma manifestação sempre cheia de pessoas requer estímulos diversificados e um processo de identificação coletiva com demandas reivindicadas nos protestos, bem como um senso de

pertencimento ao grupo, que se constrói a partir de recursos e formas de ações diversificadas. Como ressalta Jasper (2016, p. 139), “a maioria dos protestos, contudo, não é tão empolgante assim, e requer outros incentivos. O mais importante é um senso de pertencimento e obrigação para o grupo”. A mesma lógica pode ser aplicada ao engajamento orgânico no movimento, em que os custos e os benefícios de participar são avaliados, as lideranças criam estratégias para sustentar não só suas ações nas ruas, mas também na organização interna do movimento (reuniões, divisão de atividades, autofinanciamento, financiamento externo, etc.).

Em suma, ao mobilizar o envolvimento de diferentes atores, os movimentos e organizadores de protestos mobilizam e disputam diferentes arenas políticas, neste caso: escolas, universidades, espaços públicos, instituições públicas, etc. Isso também exige compreender quem são os aliados e os rivais nessas diferentes arenas, pois ao mesmo tempo em que se percebe uma união nas direitas, como ocorreu durante os protestos *pró-impeachment*, os próprios atores revelam a fragmentação no *pós-impeachment*. Em vista disso, a disputa pelos espaços de representação política no estado não ocorre apenas entre eles e movimentos e partidos de esquerda, mas entre os próprios movimentos liberais, conservadores e de direita. Como consequência dessas alianças entre os movimentos e outros atores, observamos um conjunto de jovens se candidatando pela primeira vez a uma eleição partidária em 2016, bem como políticos já veteranos se aliando a esses movimentos recentes para conseguir apoio e visibilidade em suas campanhas, tanto presencial quanto virtualmente, como veremos no próximo capítulo.

2.4 – “A ÚNICA SALVAÇÃO PRA GENTE”: A INTERNET COMO RECURSO ORGANIZACIONAL

A internet nas últimas duas décadas se tornou um recurso-chave para a organização dos movimentos sociais contemporâneos. Desta forma, a partir da década de 2010 as mídias sociais, em particular aquelas conhecidas como mídias alternativas, se tornaram um recurso fundamental e indispensável para diferentes formas de ação coletiva. Entre essas mídias se destacam as redes sociais, como Facebook e Twitter, de forma mais recente o Instagram e o WhatsApp, que constituem meios para divulgar, mobilizar, recrutar, disputar arenas e narrativas, em torno de causas e ideias. Neste sentido, uma das contribuições daquele recurso é facilitar a difusão de ideias, repertórios e causas de forma rápida e sem fronteiras. Maria da Glória Gohn (2014) destaca, por exemplo, que esses atos de protestos de junho de 2013 no

Brasil em parte se relacionam e se diferenciam daqueles iniciados pelo mundo especialmente a partir de 2008. Entre esses podemos destacar os protestos caracterizados como Primavera Árabe, que teve seu início na Tunísia em 2010, se espalhando para o Egito, Bahrein, Iêmen, Líbia e Síria. As praças se tornaram um símbolo dessas manifestações, como a Revolução de Jasmim, ocorrida na Praça Túnis, na Tunísia em 2011 (GOHN, 2011). Na Europa podemos destacar as manifestações ocorridas entre 2011-2012 na Praça Syntagma, conhecida como Praça da Constituição, em Atenas, na Grécia. Todos esses protestos puderam ser acessados quase em tempo real por meio da internet – jornais eletrônicos, blogs, Facebook, Twitter, etc. – por pessoas que estavam em outros continentes.

Assim como as manifestações de junho de 2013 e os ciclos de protestos em 2015 e 2016, as da Grécia faziam uma crítica direta ao governo, ou melhor, à incompetência deste com relação aos gastos públicos (exemplo do Brasil, foram os gastos com a copa) e a precariedade dos serviços públicos. Uma das frases escritas em um cartaz foi “Sim à Sociedade, não ao Poder”, que traduz a indignação com aqueles que ocupam e detêm o poder de decisão na estrutura social, particularmente na estrutura política do país. Uma das frases que ficou conhecida durante as manifestações organizadas pelos movimentos antipetistas e anticorrupção foi “Nossa bandeira nunca será vermelha”. Apesar do caráter ideológico da frase, ela denota também a indignação de parte da população com o governo, que na visão dessa população o governo estava colocando os seus interesses e do seu partido acima dos interesses da nação.

Outras manifestações que ganharam as manchetes internacionais foram as ocorridas em Madri, na Espanha, em 2011, as quais ficaram conhecidas como 15M, em referência à data de início dos protestos, 15 de maio de 2011. É importante observar que “em Madri houve repressão policial, e fotos e vídeos que registraram essa violência foram divulgados pela mídia online, convidando os cidadãos à resistência pacífica. Houve ‘panelaços’ como protesto à repressão policial” (GOHN, 2014, p. 109). A repressão policial, as praças e a utilização das mídias sociais com a exploração de recursos audiovisuais são recursos materiais e simbólicos que se difundem como extensão das ações de protesto organizadas pelos movimentos, mas também como extensão do próprio movimento que pode ser acessado por milhares ou milhões de pessoas. São formas de atuação, formas de fazer protestos, são ideias, valores, que são compartilhadas nas redes sociais e nas interações face a face.

O estudo de Manuela Caiani e Patricia Kröll (2015) mostra como as direitas – em especial a extrema direita – têm utilizado a internet como um recurso para difundir suas ideias e seus repertórios de forma nacional, internacional e transnacional. Algo que nos importa nos

resultados encontrados pelas autoras é a capacidade das direitas criarem redes densas na internet que extrapolam fronteiras geográficas, culturais, etc., outro ponto é a capacidade desses movimentos converterem suas táticas de ação no espaço virtual para o “mundo real”, ou seja, *off-line*. Isso nos interessa, uma vez em que demonstraremos mais adiante que por meio do Facebook os movimentos aqui analisados se conectam com pessoas de vários países e de vários estados do Brasil. Mesmo quando estes não estabelecem interação direta, via mensagem ou videoconferência, eles estão compartilhando informações, táticas: fazem parte de uma rede virtual e isso pode ter impacto sobre como as lideranças veem sua atuação e sua capacidade de alcance.

Portanto, buscamos neste tópico compreender a concepção que os atores investigados têm sobre as mídias sociais e sobre o papel dela na organização dos movimentos sociais à direita. Sobre isso, destacamos o relato de um dos diretores da Juventude Libertária de Sergipe:

Eu vejo a mídia social como a única salvação para a gente, porque é um meio barato, eu falo mais do meio que a gente é mais presente que é Instagram e Facebook, do que a televisão, rádio e jornais que são mais caros se você for fazer divulgação. Mas eu acho que principalmente a internet, como meio que proporcionou e proporciona ainda hoje grandes revoluções, não no sentido revolucionário da coisa, mas nas mudanças de pensamento. Por exemplo em 2014, acho que aquelas grandes manifestações foram em 2014 que o MBL fez né? [aqui em Aracaju foi em 2015?] isso 2015, aquilo ali só foi possível por causa do Facebook. Os grandes movimentos de direita, libertários e etc., eles só são possíveis, a meu ver, na prática por causa da internet, por causa do alcance que a internet tem. Sem internet eu acho que não haveria não movimentos relevantes. Até para você marcar eventos, divulgar... tanto por ser um meio barato, porque na realidade quem consegue ficar na TV e nos jornais são só os movimentos mais de esquerda que ainda tem todo o aparelhamento estatal e todo dinheiro, mas a internet é um meio que a gente achou para nos divulgarmos e divulgar a ideia que a gente tem. (Entrevistado 11).

A internet é um recurso barato e que apresenta menos riscos para aqueles que se engajam no movimento social. Ela oferece às lideranças dos movimentos a possibilidade de disseminar suas ideias sem que seja preciso sair do conforto de sua casa, bem como sem que precisem se expor. Desta feita, vale destacar alguns trabalhos que têm investigado os discursos e o uso da internet pelos movimentos à direita. O artigo de Céli Pinto, intitulado *A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015)*, teve como foco analítico os discursos em três momentos distintos, o primeiro sendo as manifestações de junho de 2013; o segundo, as manifestações relacionadas à Copa do Mundo de Futebol em 2014; e o terceiro, as manifestações pelo *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff em março de 2015. A autora demonstrou que, durante o período analisado, houve um deslocamento discursivo em uma direção conservadora. As redes sociais *on-line* surgem como um elemento novo dessas

manifestações. Pinto concluiu que as redes sociais virtuais foram um dos mecanismos fundamentais para a difusão das ideias e formas de ação desses movimentos, que foram ganhando aderência das pessoas a partir da defesa da pátria, da família, da segurança pública, do armamento civil e da maioridade penal.

Dialogando com o trabalho anterior, a dissertação de mestrado de Leonardo Gaspar Salles (2017), intitulada *Nova Direita ou Velha Direita com Wi-Fi?: Uma interpretação das articulações da “direita” na internet brasileira*, propôs uma discussão interessante sobre até que ponto podemos chamar de novos os movimentos recentes autodeclarados de direita, conservadores e liberais no Brasil. Neste sentido, o autor analisa esta “nova direita” a partir de sua atuação em redes sociais na internet, identificando discursos e linhas de pensamento, os atores coletivos e individuais que fazem parte dessa rede e os nós que a constituem. Partindo de um debate mais amplo, sobre os significados históricos de esquerda e direita, com foco no Brasil, o autor pensa a validade, ou não, do rótulo de “nova” direita atribuído a estes grupos e discursos. Salles (2017) concluiu, a partir de tipologias realizadas em programas de análise de redes, que há grupos que podem ser considerados como novos, enquanto outros representam a continuidade de perspectivas já existentes há muito tempo na política brasileira.

Há na literatura um conjunto de trabalhos que têm tentando compreender como os movimentos sociais se apropriam das tecnologias digitais e utilizam nas suas práticas e dinâmicas de atuação. O trabalho anteriormente apresentado se distancia um pouco desse objeto, mas mostra como as tecnologias digitais têm sido um recurso de inovação ou renovação da direita no Brasil. Em consenso com isso, inspirado em estudos que têm considerado a análise das tecnologias digitais para compreender os ciclos de protestos recentes no Brasil, o artigo intitulado *Dos protestos às instituições: Tecnologias digitais e o Movimento Brasil Livre*, de Gobbi e Vilaça (2016), faz um estudo comparado sobre o uso das tecnologias digitais de três organizações de movimentos sociais: o Movimento Brasil Livre (MBL), o Instituto Mercado Popular (MP) e a organização Estudantes Pela Liberdade (EPL). Os autores defendem que as variações das práticas digitais das organizações são impactadas pelos atores, principalmente suas lideranças, cujas decisões tomadas em contextos específicos determinam as linhas das práticas digitais que cada organização toma (GOBBI; VILAÇA, 2016). Quanto aos resultados, os autores identificaram que as três organizações utilizavam estratégias diferenciadas no que concerne ao estilo linguístico discursivo no meio digital; que os objetivos das lideranças ao utilizarem tecnologias digitais focalizam públicos distintos. Os autores interpretaram que o objetivo do MBL ao utilizar as tecnologias digitais:

[...] era massificar o movimento liberal no Brasil, dar direção aos movimentos de rua no Brasil, mas também a derrubada do PT no curto prazo, os entrevistados do MBL deixam claro tanto o intento de se constituírem numa organização política, quanto de falar para um usuário médio da internet, seu principal meio de comunicação e conexão com o público (GOBBI; VILAÇA, 2016, p. 15).

A apropriação da internet pelas direitas como um recurso de disseminação de ideias conservadoras, liberais, libertárias, etc., não é tão recente quanto parece ser. O trabalho de Machado e Miskolci (2019), intitulado *Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira*, apresenta como desde o início da internet e do desenvolvimento de sua popularização este recurso tem sido utilizado tanto pela esquerda quanto pela direita para confrontar opositores, propagar ideias e disputar arenas. Desta forma, os autores citam o “intellectual” dos movimentos de direita Olavo de Carvalho como sendo um dos pioneiros a utilizar a internet para esses fins. Conforme citação abaixo:

Olavo de Carvalho inspirador das principais lideranças dos grupos de direita na rede, como MBL e Vem Pra Rua, e guru ideológico do governo Bolsonaro foi um dos pioneiros do ativismo de direita na internet, com suas críticas ácidas e sarcásticas a grupos e partidos progressistas. Isso o tornou alvo de ativistas de esquerda. A Indymedia servia de palco frequente para os ataques e piadas a ele dirigidos. Como resposta, Carvalho criou em 2002 sua própria rede de informação alternativa: a Mídia sem Máscara (MSM). Visando fazer frente aos meios de comunicação de esquerda, a MSM engajava uma rede de colaboradores para apresentar suas visões dos fatos a partir de uma perspectiva de direita (Patschiki, 2012). O website viria a se tornar epicentro para a tradução de análises políticas de pensadores conservadores da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos. Além disso, abordaria sob uma perspectiva moralista temas como homossexualidade, gênero, direito ao uso de armas, defesa da propriedade privada e “esquerdismo”. A MSM servia de ponta de lança para ataques à esquerda e de difusão da ideologia da direita e, em especial, dos textos de seu próprio fundador. (MACHADO, MISKOLCI, 2019, p. 419).

Olavo de Carvalho se tornou referência para maioria das 28 lideranças que entrevistamos. Dessas 28 lideranças, uma fez um dos cursos *on-line* do “guru” no início da década de 2000, outra liderança fez junto com seu marido no início da década de 2010. As lideranças dos movimentos Ilise, Direita Sergipana e professores universitários apoiadores organizaram na UFS cine debate e encontros para discutir obras de Olavo de Carvalho. Utilizaram-se principalmente do Facebook, Instagram, Twitter e WhatsApp para divulgar os eventos. Em entrevista, conversas informais e nos grupos de WhatsApp que fizemos parte, a forma debochada, a defesa do politicamente incorreto e o sarcasmo presente nos livros e obras cinematográficas de Olavo de Carvalho são características vistas como positivas. Este estilo do intellectual influenciou, principalmente, os movimentos que se declaram conservadores e

liberal-conservadores. Outros “famosos da internet” também influenciaram repertórios de ação *on-line* e a criação de conteúdos para o público *on-line*. Um exemplo disso foi o deputado estadual eleito por São Paulo Arthur do Val (Patriota) em 2018, integrante do Movimento Brasil Livre e criador do canal no YouTube intitulado MamãeFalei.

Além de identificar quem são as referências *on-line* das lideranças de movimentos sociais à direita, é preciso compreender também como as lideranças e ativistas virtuais se utilizam dos dados fornecidos pelos próprios canais de comunicação na internet que eles utilizam. Dito de outro modo, redes como Facebook e Instagram fornecem informações acerca do perfil dos usuários da página, nos quais é possível criar *personas* e direcionar de forma mais eficaz determinadas informações para determinado público. Há também diferentes estratégias disponíveis que aquelas redes disponibilizam para que os administradores das páginas alcancem mais usuários com suas publicações. Apresentaremos a seguir dois exemplos de dados fornecidos de dois movimentos sociais que analisamos²⁰.

Figura 9 – Gráfico de Seguidores da página do Movimento Conservador (2016)



Fonte: Facebook, Movimento Conservador, 01/01/2016 a 31/12/2016.

²⁰ A autora da presente tese, com autorização de duas lideranças, se tornou administradora da página do Facebook de ambos movimentos sociais, entre 2016 e 2018. Desta forma, foi possível coletar dados acerca do perfil dos usuários e de algumas estratégias utilizadas pelo movimento para alcançar mais pessoas naquela rede social. Há não revelação dos nomes dos movimentos foi uma decisão tomada pela autora para evitar qualquer forma de constrangimento e para preservar a identidade das lideranças dos movimentos.

A página do Facebook neste movimento foi criada em 2015, até o dia 30 de dezembro de 2016 este movimento tinha 12.472 seguidores em sua página. Vale destacar que é um movimento local, que sua atuação se iniciou com esta página e depois ele se torna um “movimento presencial”.

Figura 10 – Gráfico de fãs da página do Movimento Conservador (out. a dez. 2017)

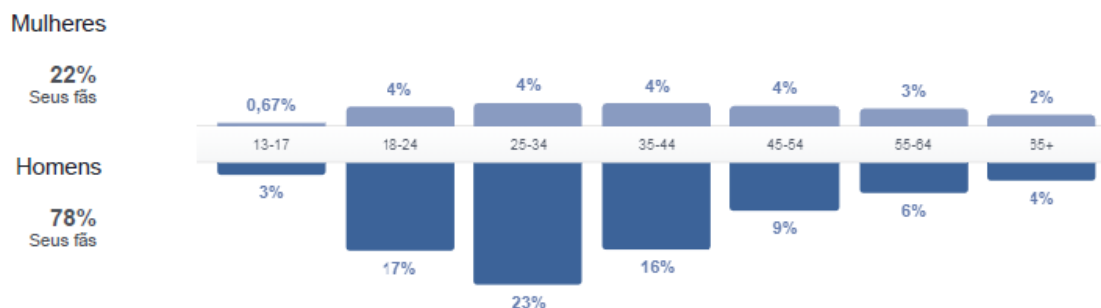


Fonte: Facebook, Movimento Conservador, 18/10/2017.

O gráfico acima mostra a mesma informação que o anterior, mas acrescenta a informação acerca da média de crescimento da página. Assim, de 2016 para 2017 o número de seguidores da página dobrou, em dezembro de 2017 a página passou a ter 24.911 usuários. O gráfico abaixo mostra um dado que foi possível identificar a partir do acompanhamento dos eventos de protestos organizados pelos movimentos e também pela identificação de suas lideranças.

Figura 11 – Gráfico de dados da página do Movimento Conservador (out. a dez. 2017)

Dados demográficos agregados de pessoas que curtiram a sua Página com base nas informações de idade e gênero disponíveis em seus perfis de usuário.



Fonte: Facebook, Movimento Conservador, material coletado no dia 18/10/2017.

Os dados apresentados no gráfico acima são de um intervalo de três meses, de outubro a dezembro de 2017. Até o período que apuramos, era possível fazer coleta de dados dos últimos 7 dias, 28 dias e três meses, dependendo da informação esses intervalos variavam. Os fãs da página são as pessoas que curtem a página. O gráfico cruza esta variável mais as de gênero e idade. Como podemos ver, 22% que são fãs da página deste movimento são mulheres e 78% dos fãs são homens. Não há uma variação significativa na faixa etária dos fãs do sexo feminino, já entre o sexo masculino predomina em primeiro lugar a faixa etária entre 25-34 anos que representa 23%; em segundo lugar, 17% está na faixa etária entre 18-24 anos; e em terceiro lugar, 16% tem entre 35 e 44 anos.

Outro dado muito importante para lideranças dos movimentos que administram a página no Facebook é de qual localidade, região, país, vêm seus seguidores e seus fãs. Este dado também é importante para os pesquisadores, pois mostra a difusão e o alcance dos movimentos por intermédio das redes *on-line*. É importante salientar que por conta da extensão dos dados, tivemos que cortar parte da lista abaixo fornecida pelo Facebook:

Figura 12 – Lista de origem dos seguidores da página do Movimento Conservador (out. a dez. 2017)

País	Seus fãs	Cidade	Seus fãs	Idioma	Seus fãs
Brasil	24.284	Aracaju, SE	2.276	Português (Brasil)	23.724
Estados Unidos da Am...	104	Rio de Janeiro, RJ	1.579	Português (Portugal)	695
Portugal	73	São Paulo, SP	1.279	Inglês (EUA)	183
Japão	21	Fortaleza, CE	523	Espanhol	42
Reino Unido	21	Manaus, AM	483	Inglês (Reino Unido)	27
Espanha	19	Salvador, BA	362	Italiano	21
Paraguai	19	Recife, PE	329	Espanhol (Espanha)	18
Itália	19	Brasília, DF	290	Francês (França)	14
Angola	12	Belo Horizonte, MG	290	Alemão	12
Bolívia	12	Curitiba, PR	271	Árabe	9
Suíça	10	Goiânia, GO	251	Sueco	2
Alemanha	10	Itabaiana, Sergipe	239	Turco	2
Canadá	9	Nossa Senhora do Soc...	233	Japonês (Kansai no Ja...	1
França	9	Porto Alegre, Rio Gran...	220	Coreano	1
Austrália	8	Maceió, AL	185	Holandês	1

Fonte: Adaptada, Facebook, Movimento Conservador, material coletado no dia 18/10/2017.

Esta lista fornece informações acerca do país, a cidade em que reside e o idioma do usuário. 104 fãs da página são dos Estados Unidos da América, depois vêm Portugal com 74 e Japão e Reino Unido com 21 fãs cada. Já sobre as cidades, 2.276 fãs são de Aracaju/SE, depois Rio de Janeiro com 1.579 e em seguida São Paulo com 1.279 fãs. É interessante destacar que outra cidade sergipana só irá aparecer novamente na décima segunda e décima terceira posição. Que são Itabaiana com 239 fãs e Nossa Senhora do Socorro com 233 fãs, respectivamente. Os idiomas que se destacam são: português brasileiro, português de Portugal, inglês e espanhol.

O gráfico a seguir mostra uma das estratégias que o Facebook dispõe para os administradores de página alcançarem mais seguidores.

Figura 13 – Publicação impulsionada pela página do Movimento Conservador



Fonte: Facebook, Movimento Conservador, 04/01/2018, coletado em 05/01/2018.

Quando o administrador da página impulsiona uma publicação ele pode delimitar o gênero, a idade e a região que ele quer alcançar. Como podemos perceber, o movimento em questão gastou 10 reais para promover a publicação. Com este valor ele conseguiu alcançar 6.369 pessoas e atingiu 3.878 de envolvimento com a publicação. O mais interessante é que o público alcançado foi de 100% do gênero masculino, com faixa etária entre 25-34 anos e entre 18-24. Estes dados mostram que os administradores não buscam ampliar o número de seguidoras mulheres e de outras faixas etárias, eles direcionam suas publicações para o perfil predominante de seguidores, ou seja, homens jovens.

A internet se tornou um repertório de ação disponível para qualquer movimento social, para qualquer militante, simpatizante, ativista, apoiador, etc., como ficou explícito com a exposição dos gráficos e lista apresentados anteriormente. Neste sentido, uma das lideranças entrevistadas definiu a internet como uma arma, conforme relato a seguir:

Acho basicamente... Internet é a arma. A gente quando começou, né, lembro o Liberte-se quando começou com grupo no Facebook tinha pouco mais de 50 likes. Com o tempo a gente saía linkando nos grupos UFS. O pessoal ia vendo e adicionando e curtindo, curtindo, curtindo, curtindo, curtindo. Quando eu menos imaginava já tinha 1.500 seguidores rapidamente. Falei assim: caramba, Fabia até comentou comigo uma vez. Como a internet, ela acaba assim, caramba. Ela acaba, né? Acaba... E até muitas vezes algumas pessoas de esquerda, que não gostavam do nosso pensamento e acabavam criticando a gente e acabavam compartilhando coisas da gente, só que criticando. Só que dentro daquele universo ali ele acaba fazendo uma propaganda nossa sem saber. E alguém acaba vendo ali e para assim: pôxa, mas

será que ele tem razão realmente? Deixa eu ler aqui. Ai acaba vendo. Pessoas que são, tipo, mais neutras na política e acaba vendo e acaba, não, mas ele tá certo. Concordo, penso assim também. Então acho que a questão da internet, principalmente. (Entrevistado 13).

O depoimento acima revela outra estratégia de ação que as lideranças dos movimentos utilizam nas redes sociais *on-line*, a de que não importa o quanto a publicação seja polêmica e duvidosa, o importante é o quanto de envolvimento ela vai gerar no Facebook, Instagram ou Twitter. Independentemente se o envolvimento seja de simpatizantes ou de opositores, eles veem de forma positiva, como uma divulgação gratuita que a oposição está fazendo para eles. Desta maneira, quando um militante de movimentos de esquerda compartilha uma publicação do seu opositor e faz comentários negativos, aquilo gera um novo conteúdo para as lideranças do movimento de direita se apropriar e compartilhar novamente em suas redes, como se fosse uma tréplica de um debate político *on-line*.

A partir de agora vamos apresentar um segundo exemplo de dados fornecidos pelo Facebook de um movimento de direita que se declara liberal-conservador. Esse movimento surgiu em 2016, ano marcado pelos protestos pró *impeachment* de Dilma Rousseff.

Figura 14 – Gráfico de Seguidores da página do Movimento Liberal-Conservador (2016)



Fonte: Facebook, Movimento Liberal-Conservador, 13/10/2016 a 31/12/2016.

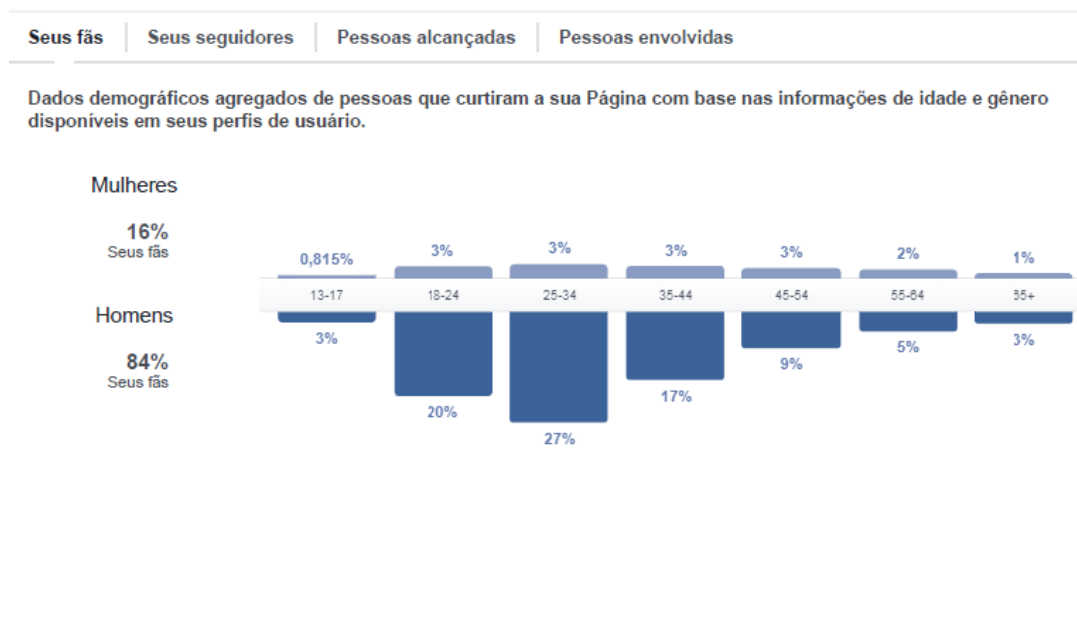
O número de seguidores do movimento em 2016 ainda era baixo, apenas 263 seguidores. Um ano depois este número aumenta milhares de vezes, como poderemos ver no gráfico seguinte.

Figura 15 – Gráfico de Seguidores da página do Movimento Liberal-Conservador (2017)

Fonte: Facebook, Movimento Liberal-Conservador, 20/10/2017.

Como podemos verificar, até dezembro de 2017 o movimento passou a ter 4.776 seguidores no Facebook. Se compararmos o número de seguidores com o do movimento anterior, há uma diferença grande, contudo se analisarmos a escala de crescimento dos dois movimentos, o segundo proporcionalmente teve um crescimento maior. A consistência dos dados e uma análise mais detalhada é algo que ainda não é feito pela maioria dos movimentos sociais que dispõe de poucos recursos financeiros para pagar analistas de dados ou outros profissionais que atuam nessa área. Entre os movimentos que foram investigados nesta pesquisa, nenhuma de suas lideranças destacou ou citou os dados fornecidos pelo Facebook. Em conversas informais, quando questionamos alguns deles, eles disseram que acompanhavam os resumos dos gráficos dados pelo próprio Facebook.

O gráfico seguinte mostra o cruzamento de três variáveis, a de gênero, a faixa etária e os fãs da página a partir do número de seguidores:

Figura 16 – Gráfico de dados da página do Movimento Liberal-Conservador (2017)

Fonte: Facebook, Movimento Liberal-Conservador, 20/10/2017.

Quando comparamos com o movimento anterior, os dados se assemelham, assim as faixas etárias prevaletentes são: 25-34 anos (27%), 18-24 anos (20%) e 35-44 anos (17%). Já em relação ao gênero dos fãs, 16% são mulheres e 84% são homens. Comparando o perfil dos seguidores dos dois movimentos em questão, temos o resultado de que o movimento liberal-conservador é menos diversificado quanto ao público do que o movimento conservador, tendo em vista que a porcentagem de homens jovens proporcionalmente é maior.

Assim, como no caso anterior, tivemos que recortar a lista fornecida pelo Facebook, por conta da sua extensão de dados.

Figura 17 – Lista de origem dos seguidores da página do Movimento Liberal-Conservador (2017)

País	Seus seguido...	Cidade	Seus seguido...	Idioma	Seus seguido...
Brasil	4.177	Aracaju, SE	853	Português (Brasil)	4.085
Estados Unidos da Am...	27	São Paulo, SP	269	Português (Portugal)	75
Japão	8	Rio de Janeiro, RJ	212	Inglês (EUA)	74
Portugal	6	Nossa Senhora do Soc...	129	Inglês (Reino Unido)	9
Paraguai	4	Fortaleza, CE	85	Espanhol	5
Reino Unido	4	Salvador, BA	77	Francês (França)	3
Bolívia	3	Belo Horizonte, MG	58	Espanhol (Espanha)	3
Emirados Árabes Unidos	2	Manaus, AM	51	Alemão	2
Bélgica	2	Curitiba, PR	49	Italiano	2
Venezuela	2	São Cristóvão, Sergipe	43	Japonês	1
Espanha	2	Porto Alegre, Rio Gran...	42	Tailandês	1
Argentina	2	Recife, PE	41		
Irlanda	2	Goiânia, GO	40		
Moçambique	2	Itabaiana, Sergipe	39		
Itália	2	Lagarto, SE	31		

Fonte: Facebook, Movimento Liberal-Conservador, 20/10/2017.

Os dados da lista também mostram uma semelhança significativa, porém tem algumas diferenças importantes. Depois do Brasil, os países onde o movimento tem mais fãs são os EUA com 27 fãs, depois Japão com oito e Portugal com seis. Já em relação às cidades, é possível identificar mais cidades sergipanas nas primeiras colocações. Depois de Aracaju/SE, a principal cidade é São Paulo/SP com 269 fãs, Rio de Janeiro/RJ com 212 e Nossa Senhora do Socorro/SE com 129 fãs. O fato de o movimento em questão ter mais cidades sergipanas entre as primeiras cidades mostra que é um movimento em que atuação no Facebook é mais “local” e que suas publicações e linguagem têm mais identificações locais, quando comparamos ao movimento anterior.

Assim como o movimento anterior, este também impulsionou publicações específicas em 2017. Como podemos verificar na figura seguinte:

Figura 18 – Publicações impulsionadas pela página do Movimento Liberal-Conservador (2017)

Promoções recentes na Página				Criar nova promoção	
A atividade dos anúncios é informada no fuso horário da sua conta de anúncios.					
	Publicação impulsionada Como dizem por aí: O peixe morre pela boca. K... Promovido por [redacted]	2.907 Pessoas alcançadas	842 Visualizações do vídeo	R\$ 3,00 Gasto de R\$ 3,00	
	Publicação impulsionada E cadê o respeito ao teto constitucional segund... Promovido por [redacted]	0 Pessoas alcançadas	0 Visualizações do vídeo	R\$ 0,00 Gasto de R\$ 2,00	
	Promoção de evento Encontro... Sexta, 12... Promovido por [redacted]	651 Pessoas alcançadas	1 Cliques no link	R\$ 2,00 Gasto de R\$ 2,00	

Fonte: Facebook, Movimento Liberal-Conservador, 20/10/2017.

Com apenas 3 reais o vídeo impulsionado alcançou 2.907 pessoas e teve 842 visualizações. Em outra publicação impulsionada, o movimento pagou 2 reais e conseguiu alcançar 651 pessoas e teve um clique no link. Estes dados demonstram como as estratégias de mobilização e recrutamento que exige recursos financeiros se tornaram menos custosas para as lideranças de movimentos sociais. Sobre isso e o papel das redes sociais virtuais como um meio de conectar as pessoas que compartilham com as ideias à direita, destacamos dois relatos de lideranças liberais e partidárias que atuaram nos protestos *pró-impeachment*:

Com o desenvolvimento das tecnologias, especialmente da tecnologia das redes sociais, que diminuíram custos de estar entrando em contato e se aproximando de pessoas por causa de valores compatíveis, e isso facilitou muito para as pessoas se encontrarem, perceberem que não estavam sozinhas e se encontrarem. (Entrevistado 20).

As redes sociais tiveram um papel essencial pra disseminar essas ideias novas, porque elas tiveram o papel de romper com o espiral do silêncio. Porque a esquerda durante muito tempo ela deu a impressão de que ela era a maioria. Mas ela não era na verdade. Ela só era a mais barulhenta, então dava a impressão de que era a maioria. E a internet deu voz a pessoas comuns que estavam caladas até então e aí elas puderam falar. Porque antes quem falava era o professor, era a imprensa, o repórter, o jornal... as pessoas comuns não tinham voz e isso dava a impressão de que todo mundo pensava daquela forma. E com as mídias sociais isso mudou sensivelmente. Porque todo mundo começou a falar. Então quando a primeira pessoa falou 'o rei está nu', aí todo mundo falou 'é mesmo, o rei está nu', isso rompeu e gerou a quebra do espiral do silêncio. Aí o movimento só fez crescer depois disso, por causa das redes sociais. Se não fossem as redes sociais não teria mudado nada, o movimento liberal não teria evoluído. O movimento liberal começou na verdade na época do Orkut, não tem mais que três ou quatro anos. O Instituto Mídias Brasil, que é um dos maiores difusores das ideias liberais da escola austríaca, que é uma das escolas liberais, ele surgiu na época do Orkut. As pessoas já conversavam sobre isso

na época do Orkut mas era muito menor. Então surgiu a ideia de fundar o instituto e hoje ele é um dos principais difusores das ideias, o papel da internet e das redes sociais foi essencial. Sem ela não teria crescido o movimento... e na minha campanha também! Até porque eu não tinha dinheiro pra contratar milhões de pessoas pra panfletar pra mim. (Entrevistada 21).

A citação acima evidencia que os militantes à direita utilizam a internet, por meio das mídias sociais (*site*, redes sociais, *blogs*, etc.), principalmente como um recurso organizacional de difusão de ideias, sejam elas liberais, conservadoras, libertárias, de direita, etc. E como já falado, esta atuação não é nova, é desde o início da década de 2000 e das comunidades do Orkut. O espaço virtual também é utilizado como um espaço de contestação e de recrutamento, e isso ficou claro com os ciclos de protestos *pró-impeachment* com as convocações *on-line* para protestos presenciais, bem como com as diversas publicações nos perfis de Facebook dos movimentos à direita contra a ex-presidente Dilma Rousseff e o PT. Em suma, todos os dados aqui apresentados, acerca das páginas do Facebook de dois movimentos que investigamos, precisam de uma análise mais aprofunda e sistemática acerca do impacto que têm sobre a organização dos movimentos no espaço virtual, ou seja, como esses movimentos utilizam estas informações para modificar e introduzir novas estratégias de mobilização e recrutamento *on-line*.

Trabalhos como os de Cesarino (2019; 2020) mostram como o aplicativo WhatsApp e as mídias sociais foram ferramentas importantes na organização das redes bolsonaristas no Brasil nos últimos anos. Nossos entrevistados também destacaram essa ferramenta como sendo um recurso fundamental para a organização dos movimentos sociais e para a redução dos custos do ativismo. Desta forma, apresentaremos a seguir três diálogos retirados de três grupos diferentes de movimentos à direita do estado de Sergipe. Os três diálogos aconteceram no ano de 2017 e em todos os grupos as lideranças tinham consciência da presença da pesquisadora e do seu objetivo no grupo. Todavia, para preservar a identidade dos militantes e dos movimentos, optamos por não nomeá-los.

Diálogo 1 – Movimento liberal-conservador

Militante 1 – *Tem um pessoal mandando mensagem pra página ou comentando lá no grupo da Direita Sergipana q querem ajudar nessa questão do Escola Sem Partido. Tô pensando em fazer um grupo apenas para isso. Pois nem todos parecem q querem fazer parte do MBL, mas querem ajudar nessa causa em específico.*

Militante 2 – *Massa, seria bom.*

Militante 3 – *Se ele pedir detalhe, vc fala q é sobre o projeto... Como é q é Rodrigo?! O nome do projeto, q Emília mudou o nome?!*

Militante 1 – *Direito de Aprender. Diz q é pra escolas e tal.*

Militante 2 – O bom tbm seria que a gente deixasse claro que não temos nada a ver com a Emília Correia, ela só protocolou. (Transcrição de diálogo em grupo do WhatsApp, 2017).

Diálogo 2 – Movimento conservador

Militante 1 – Gente, ontem resolvi reler a história e Castelo Branco fez uma limpa na época. Precisa novamente. ☺

Militante 2 – Meu maior sonho desde 2014, era uma intervenção militar, nas manifestações usava cartazes de conscientização sobre 64, e de apoio as FFAA, mas infelizmente tenho dúvidas sobre os Generais escolhidos pela Anta, e como os próprios já falaram sobre uma possível intervenção, será no último caso, ou seja uma guerra civil.

Militante 3 – E uma guerra é o q não queremos. Precisamos de medidas estratégicas e contínuas. Os estragos são imensos. Não vejo como não haver uma intervenção para mudar muita coisa. Tomara existam outras saídas. Pensemos!

Militante 2 – Sim, mas hoje uma guerra civil com o povo desarmado seria difícil de acontecer. Enquanto tiver como avançar por meios "democráticos", vamos avançar

Militante 3 – Esses infelizes desarmaram o povo. ☺

Militante 2 – Uma intervenção resolveria boa parte dos nossos problemas a curto prazo, mas é ter paciência e trabalho de formiga, para mudar isso aqui! As estratégias deles elaboradas há anos, foi muito bem planejada.

Militante 3 – Devemos usar essas armas e outras inéditas. Vamos fazendo nossa parte e livrar a geração futura dessa lástima. Cheiro! (Transcrição de diálogo em grupo do WhatsApp, 2017).

Diálogo 3 – Movimento libertário

Militante 1 – Constitucional tem seu viés garantista, intervencionista e tantos outros garantistas.

Militante 2 – Nenhum professor de Civil que eu tive foi esquerdiiiiiiiiista.

Militante 1 – Mas o professor não precisa concordar com a constituição e nem ser de esquerda

Militante 2 – Bom, se ele quer lecionar sobre Direito Constitucional ele precisa passar o viés ideológico da CF. Concordar, são outros 500. Mas a função dele é passar o que é a realidade positiva e a doutrina majoritária.

Militante 1 – Mas ela passou foi o viés DELA

Militante 2 – Rodrigo Saraiva, do Livres, ele professor de Direito Constitucional e a biografia toda dele é contestando a CF. O doutorado dela foi sobre o princípio da fraternidade na CF. Vc queria o que? Kkkkkkkk. Ela falando imposto é roubo? Kkkkkkkk

Militante 4 – Esse cara é foda. Entrevistei ele ano passado. Não sou contra professores de esquerda, mas acho que esquerdismo tem limites

Militante 5 – Propostas

Militante 3 – Confrontar professor não adianta, a menos que você tenha certa bagagem intelectual como alguns, como é o caso de Rita. Por isso, te indico que foque nas aulas de práticas: aprenda a escrever artigos para submeter nos eventos. Incomoda-se dessa forma.

Militante 6 – Eu não confrontei ninguém, apenas saí da sala

Militante 3 – Não falei que fez, só estou dizendo que evite fazê-lo, se não possuir domínio do assunto.

Militante 4 – Ei. Esse sorteio. Vai ser doq?

Militante 6 – Não podemos revelar ainda. Na hora vc descobre. (Transcrição de diálogo em grupo do WhatsApp, 2017).

A partir do exemplo dos três diálogos acima, é possível perceber que os grupos de WhatsApp funcionam também como espaços de sociabilidade e de troca de experiências, de desaafos, mas também para o tratamento de assuntos relacionados à organização de eventos e distribuição de tarefas entre os membros dos movimentos. Percebemos que entre os movimentos liberais e libertários, além do compartilhamento de links, vídeos e imagens de *sites*, Instagram, etc., há várias discussões teóricas entre os membros e as lideranças do movimento. Já entre os grupos de movimentos conservadores e liberais-conservadores, há um compartilhamento massivo de notícias de fontes secundárias, não se discute teorias, discutem assuntos mais “práticos” sobre a própria dinâmica do movimento. Todos os movimentos, possuem mais de um grupo no WhatsApp, sendo que um é geral, do qual participam tanto as lideranças e membros do movimento quanto simpatizantes. Tem um segundo grupo que é só para coordenadores do movimento, e às vezes tem outros grupos que são para coordenações ou tarefas específicas.

Em suma, vale destacar que:

Os jovens vêm se manifestando cada vez mais pelas redes sociais, na internet, usando o suporte das novas tecnologias para se organizar. Mas isso tem sido, acima de tudo, um meio, e não explica o sentido político da ação, ou melhor, o sentido pode ser conflitivo ou antagônico numa mesma rede ou entre sub-redes, como resultante transversalidade desse tipo de comunicação. Além disso, as redes virtuais divulgam, convocam e expressam posicionamentos, mas quase nunca possibilitam o aprofundamento do debate político, ainda que, em algumas situações, é no interior de sub-redes que interagem com outras sub-redes que mensagens conflitivas aquecem o debate. As redes presenciais dos MS organizados continuam tendo um papel político e pedagógico relevante e são, frequentemente, espaços para aprofundar os debates (SCHERER-WARREN, 2014, p. 420b).

Em consenso com a citação, as redes sociais virtuais são onde é possível “polemizar”, colocar informações rápidas e superficiais, nem sempre a popularidade do movimento nas redes reflete a quantidade de pessoas engajadas no movimento. Neste sentido, como já foi mencionado no decorrer do capítulo, algo que afeta a organização e continuidade dos movimentos sociais à direita é a falta de recursos humanos, de “material humano”, como algumas lideranças denominam a falta de pessoas engajadas organicamente nos movimentos. Portanto, concordando com a visão de Scherer-Warren (2014) de que as redes sociais presenciais ainda possibilitam aos movimentos e suas lideranças um processo de aprendizagem e um papel político maior sobre os rumos que o movimento toma.

Neste capítulo demonstramos que o surgimento dos movimentos sociais à direita em Sergipe insere-se em um contexto mais amplo nacional e internacional de ciclos de protestos iniciados em 2011 que tiveram como demandas a ética na política, o fim da corrupção política, a insatisfação com a elite política e contra uma cultura política que beneficia poucos às custas de uma maioria. Demonstramos ainda que os ciclos de protestos de junho de 2013 e as eleições de 2014 geraram condições e oportunidades para que os atores que se identificavam com a direita pudessem “sair do armário” e entrar em cena para disputar arenas políticas, como as universidades. Neste sentido, a frase “você não está sozinho”, dita por lideranças em entrevista e escrita em material de divulgação, revela isso, ao transmitir a mensagem de união, de coletividade e de apoio.

Também mostramos que para entender o surgimento e consolidação dos movimentos sociais à direita em Sergipe não basta apenas compreender o sistema político de alianças no Brasil e as oportunidades políticas geradas com as mudanças no contexto político. Tais elementos são fundamentais para compreensão, mas quando associados ao entendimento das redes de sociabilidades e aos recursos organizacionais mobilizados pelos atores que estiveram à frente dos movimentos. Deste modo, exemplificamos ao longo do capítulo como as redes sociais prévias das lideranças foram mobilizadas para criar e/ou trazer movimentos nacionais para o estado de Sergipe. Exemplificamos também como a internet se tornou um recurso organizacional fundamental para organização e atuação dos movimentos à direita, uma vez em que estes têm uma carência de recursos humanos orgânicos. Desta maneira, é possível afirmar que as lideranças dos movimentos à direita passam a utilizar a internet como um recurso fundamental para ampliar o seu alcance junto aos seus simpatizantes e para propagar suas causas e ideias em um ambiente considerado mais plural e democrático. Contudo, os membros destes movimentos não deixam de “sofrer” com o dilema de disporem de poucos recursos humanos, o que demonstra que o alcance virtual que se consegue nas redes sociais não se traduz em engajamento orgânico presencial.

CAPÍTULO 3 – EVENTOS DE PROTESTOS, CAUSAS, REPERTÓRIOS DE AÇÃO E ELEIÇÕES

Neste capítulo temos dois objetivos, o primeiro é analisar a variação e a frequência das formas de contestação utilizadas pelos movimentos sociais à direita para defender suas causas e difundir suas ideologias no período de 2014 a 2019; já o segundo, refere-se à compreensão da relação entre essas formas de contestação, movimentos sociais e eleições políticas. É importante ressaltar que, durante a construção deste capítulo, enfrentamos diversas dificuldades metodológicas, em especial na criação de categorias, variáveis, classificações e de acompanhamento dos movimentos sociais mapeados e de suas lideranças. Desta forma, é importante apresentar os critérios empíricos e teóricos que foram utilizados para a construção do banco de dado no Access 2013 das formas de ação utilizadas pelos diferentes movimentos sociais à direita.

De acordo com isso, lançamos mão da Teoria dos Processos Políticos, do conceito de ciclo de protestos, da noção de contestação política e do conceito de estruturas de oportunidades políticas, para construir os seguintes questionamentos: Quais são os repertórios de ação coletiva utilizados pelos movimentos sociais à direita entre 2014 e 2019? Quais são as causas defendidas por esses movimentos? Quais são os recursos utilizados para a defesa das causas, para a difusão das ideias à direita? Qual a relação entre formas de contestação, movimentos sociais e eleições políticas?

Em termos metodológicos, utilizamos a Análise de Eventos de Protestos (AEP), que nos permitiu uma melhor operacionalização das dificuldades de categorização, da escolha das variáveis, etc., do banco de dados. Vale ressaltar que a AEP é um método utilizado geralmente para analisar períodos longos, com o qual o pesquisador pode observar variações e a frequência de determinados repertórios de ação coletiva em um espaço de tempo em que ocorre mudanças significativas no contexto político (eleições, mudanças de regime, etc.). Neste sentido, apesar de não trabalharmos com períodos longos, optamos por tal método por este oferecer recursos analíticos importantes para compreender os repertórios de ação coletiva utilizados pelos movimentos sociais à direita e suas lideranças em um determinado espaço de tempo. Assim, a AEP permite quantificar frequência, duração, localização, tamanho, objeto, alvos, consequências e reações que envolve um repertório de ação coletiva do evento de protesto. (SILVA; ARAÚJO; PEREIRA, 2016).

Como já mencionado, a unidade temporal é de 2014 a 2019, os critérios para delimitação desse período foram: em 2014 surge em Sergipe o primeiro movimento social que se autodeclara à direita e passa a disputar arenas políticas em Sergipe; o período delimitado permite observar a relação entre as eleições ocorridas nos anos de 2014, 2016 e 2018 e o impacto dela no uso de determinados repertórios de ação coletivas, bem como a relação entre lideranças dos movimentos sociais e a política partidária; e, por fim, os ciclos de protestos pelo *impeachment* em 2015 e 2016. Em relação à unidade espacial, é o estado de Sergipe, contudo, como veremos no decorrer do capítulo, os eventos de protestos ocorreram majoritariamente na capital do estado, Aracaju. Assim, optamos por acompanhar um conjunto de movimentos sociais ou lideranças que se mostraram sendo os mais atuantes ao longo dos últimos seis anos, que são: as lideranças vinculadas ao movimento Liberte-SE UFS, os movimentos Juventude Libertária de Sergipe, Direita Sergipana, Sergipe Com Jair Bolsonaro, Movimento Brasil Livre e Instituto Liberal de Sergipe, alguns destes já apresentados anteriormente de forma mais detalhada. Constatamos que ao acompanhar esses movimentos e suas lideranças era possível mapear outros movimentos sociais, bem como as suas ações de protestos. Isso ocorre devido ao estabelecimento de redes sociais entre as lideranças dos diferentes movimentos, mas também às rupturas e dissidências que ocorreram, que promoveram a emergência de outros movimentos e de novas redes à direita.

Geralmente, as principais fontes adotadas pelos pesquisadores que utilizam a AEP são os jornais que tenham uma regularidade e abrangência temporal que contemple o período delimitado pelo pesquisador. (SILVA; ARAÚJO; PEREIRA, 2016). Contudo, este critério não foi viável para esta pesquisa, justamente por algumas dificuldades que os pesquisadores apontam na escolha do jornal como fonte, entre essas dificuldades destacamos as descontinuidades ou a não publicização dos eventos dos protestos, o enquadramento dado pelo jornal que nem sempre apresenta informações detalhadas, o julgamento sobre o que é ou não uma ação de protestos, entre outras. Em vista disso, utilizamos um mosaico de fontes que nos permitiu checar e confrontar as informações. Assim, catalogamos as informações em quatro *sites* de notícias e jornais: G1 Sergipe, JL Política, Infonet e Jornal Cinform; nas redes sociais, Facebook e Instagram dos movimentos sociais que tinham perfil virtual; e, por fim, nos diários de campo de observações participantes feitas nos eventos de protestos no período de 2014²¹ a 2018.

²¹ Em 2014 e 2015 a autora estava realizando a pesquisa de mestrado na qual teve o primeiro contato com os movimentos sociais à direita e realizou algumas observações participantes.

Para a seleção dos eventos de protestos, adotamos um critério que foi utilizado por outros pesquisadores brasileiros que utilizam a AEP, o de ampliação do critério de seleção dos eventos para “aprender todos os eventos de expressão pública de reivindicações e demandas coletivas, envolvendo ou não protestos”. (SILVA; ARAÚJO; PEREIRA, 2016, p. 317). Salientamos que nossa ampliação é ainda mais abrangente da que foi feita pelos autores, tendo em vista também a dificuldade de classificação e categorização das propriedades dos eventos e também por concluirmos que os repertórios de ação coletiva utilizados pelos movimentos sociais à direita não são apenas públicos, operam numa lógica institucional, formal e privada. Assim, os dados que serão apresentados neste capítulo, como nos demais, devem ser vistos como o resultado de escolhas feitas pela pesquisadora, bem como o enquadramento que esta fez, à luz de orientações teórico-metodológicas. Neste sentido, “deve destacar, portanto, o grande peso das decisões tomadas pelo pesquisador e não como um reflexo imediato de uma realidade objetiva”. (SILVA; ARAÚJO; PEREIRA, 2016, p. 317).

De acordo com isso, em termos de amostragem optamos por acompanhar semanalmente as redes sociais virtuais dos movimentos citados anteriormente, entre o período de 2016 e 2019. Em relação aos jornais, checamos uma vez por semana ou quando ocorriam manifestações de rua ou ainda quando lideranças divulgavam nas redes sociais virtuais do movimento ou em suas contas pessoais publicações naqueles jornais que escolhemos como fonte. No que se refere à delimitação das variáveis, estas estão ligadas aos objetivos propostos neste capítulo, assim o banco de dados foi formado pelas seguintes variáveis: tipo de ação, local, chamada, motivos, pauta, lideranças, organizador, fonte, condição de entrada e palestrantes.

Sobre a natureza da ação ou da reivindicação, “esta decisão está intimamente ligada à definição de objetivos de análise na pesquisa, podendo variar em graus de inclusão e exclusão; isto é, pode incluir todas as expressões públicas de demanda coletiva ou restringir a seleção de atos específicos”. (SILVA; ARAÚJO; PEREIRA, 2016, p. 319). Levando isso em conta, incluímos eventos com e sem protestos. Optamos por não incluir debates e entrevistas organizadas em canal de YouTube de algumas lideranças, contudo não desconsideramos que esta ação no espaço *on-line* configura uma ação de divulgação e difusão das ideias à direita, bem como um espaço de mobilização e de construção de redes com lideranças dos movimentos à direita de fora do estado. Optamos por não incluir esta ação por demandar um tempo maior de acompanhamento, mas também por não termos identificado, até o momento de coleta de dados, um peso significativo dessa ação na organização dos movimentos e nas disputas políticas em torno das três arenas que focalizamos: a universidade, a rua e as eleições.

Por outro lado, em 2019 incluímos a publicação em jornal como sendo um repertório de ação coletiva, ou seja, naquele ano percebemos a articulação entre empresários, intelectuais e lideranças de movimentos sociais para publicizar em veículos de comunicação opiniões políticas, denúncias e reivindicações. Ao analisar os artigos publicados, percebemos que a grande maioria das publicações tinham como pauta: crítica aos governos do PT, críticas aos políticos de esquerda locais, críticas ao socialismo e ao comunismo e a defesa das ideologias libertárias, liberais e conservadoras. Desta forma, entendemos que o artigo em jornal é um repertório de ação coletiva que emerge da disputa das lideranças dos movimentos sociais à direita e seus apoiadores em relação aos seus opositores e seus alvos, em especial movimentos sociais, partidos políticos e políticos à esquerda. Mas também emerge como um repertório de distinção em relação a outros movimentos sociais à direita. Assim,

A palavra repertório identifica um conjunto limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e postas em ação por meio de um processo relativamente deliberado de escolha. Repertórios são criações culturais aprendidas, mas eles não descendem de filosofia abstrata ou tomam forma como resultado da propaganda política; eles emergem da luta (TILLY, 1995, p. 26).

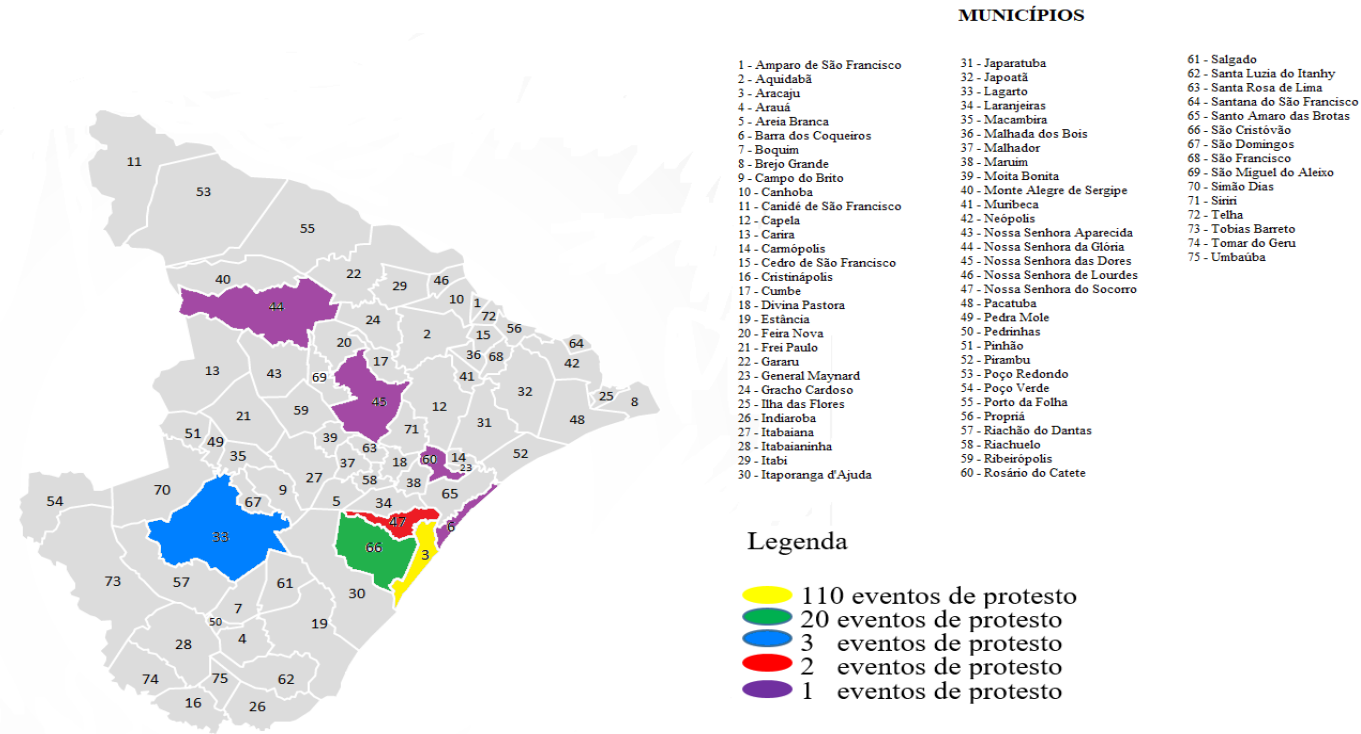
Já em relação aos atores promotores da ação, incluímos os atores coletivos como movimentos sociais e lideranças que estão vinculadas a estes, seja como coordenadores, presidentes, membros, apoiadores, patrocinadores que falam em nome do movimento ou da causa. Desta feita, tomamos como unidade de análise o repertório de ação coletiva utilizado nos protestos, esta escolha permite compreender a variação nas formas que a ação coletiva toma ao longo do tempo delimitado. (SILVA; ARAÚJO; PEREIRA, 2016). Assim, nos interessa compreender como o uso de determinados repertórios de ação coletiva relaciona-se a um contexto político específico, mas também a identidade organizacional e ideológica dos atores promotores. Como veremos no decorrer do capítulo, o repertório “manifestação de rua” foi utilizado principalmente no ciclo de protestos de 2015 e 2016 pelo *impeachment* de Dilma Rousseff, já os eventos de protestos sem protesto, que utilizam repertórios formais, como o artigo em jornal, mesa-redonda, conferência, fóruns, são utilizados geralmente por movimentos sociais liberais e libertários em espaços privados ou públicos, como universidades públicas e particulares, como também em empresas.

3.1 – CENÁRIO GERAL DOS EVENTOS DE PROTESTOS À DIREITA EM SERGIPE

Como dissemos anteriormente, nossa unidade temporal foi o período de 2014 a 2019. Entre o período de 1980 e 2013, a pesquisa de Santos (2016) mostrou que não houve organização de movimentos estudantis à direita no estado de Sergipe, contudo, a pesquisa revelou que aqueles estudantes, que também eram filiados a partidos como Democratas, integravam chapas para disputar as eleições do Diretório Central dos Estudantes na Universidade Federal de Sergipe. Este dado é pertinente, uma vez que ao estudar a política estudantil daquela instituição, é possível ter um panorama mais geral das redes de articulação entre movimentos sociais, movimentos estudantis, partidos políticos e eleições no Estado de Sergipe, em especial na cidade de Aracaju.

Neste sentido, vale salientar que o estado de Sergipe tem 75 municípios, é o menor estado do Brasil, até o ano de 2014 a população era de 2,22 milhões de habitantes. Já Aracaju, a capital, tem 39 bairros, até o ano de 2010 a população era de 571.149 habitantes. Como veremos, os eventos de protestos organizados pelos movimentos sociais de direita concentram suas atividades na capital, este dado não é uma novidade. Contudo, quando visualizamos a espacialização dos eventos em Sergipe, é possível perceber a concentração na capital como uma atuação ainda tímida em algumas outras cidades do estado. Cabe salientar, ainda, que das 28 lideranças que entrevistamos, apenas sete não residiam na capital e duas não residiam no estado. Das cidades sergipanas em que havia lideranças de movimentos à direita estão a cidade de Tobias Barreto, Itabaiana, Nossa Senhora do Socorro e Barra dos Coqueiros. Das que residiam em Aracaju, os bairros onde elas estavam localizadas eram Bugio, Atalaia, Jabutiana, Siqueira Campos, Santos Dumont, Luzia, Coroa do Meio, Jardins, 13 de Julho e Santa Lúcia. Apesar de algumas lideranças morarem em cidades circunvizinhas à capital, não há uma atuação significativa dos movimentos que elas lideram na cidade em que elas residem. Desta feita, abaixo apresentamos a espacialização dos eventos de protestos no estado de Sergipe.

Figura 19 – Mapa da espacialização dos eventos de protestos por município sergipano



Fonte: Mapa elaborado pela autora.

Dos 75 municípios, registramos eventos de protestos em oito. Chamamos atenção para dois deles, o primeiro é município de Aracaju, no qual catalogamos 110 eventos deste tipo. O segundo é o município de São Cristóvão, em que foram registrados 20 eventos. No primeiro caso, a concentração de protestos pode ser explicada tanto por ser a capital do estado e concentrar recursos humanos disponíveis para mobilização, como também por conta da rede de apoiadores, de financiadores, dos órgãos públicos e instituições privadas de ensino superior, que se encontram nesta região. Outro fator é que as manifestações ocorridas na capital têm uma probabilidade maior de se tornar notícia nos jornais eletrônicos e na mídia televisionada, podendo ter uma repercussão estadual e não apenas municipal. No segundo caso, o número significativo de eventos de protestos naquele município se deve ao fato que a UFS se encontra localizada em um dos bairros do município que faz fronteira com a capital. Todos os eventos catalogados ocorreram na instituição e não houve nenhum registro de movimentos sociais à direita ou de lideranças de movimentos que atuassem em outros espaços da região.

Na tabela a seguir, veremos que entre 2015 e 2018 não há uma variação significativa no número de eventos de protestos. Neste sentido, em 2015 foram contabilizados 21 eventos, 29 em 2016, 25 em 2017 e 19 em 2018. Em 2019 foram registrados 44 eventos de protestos, este aumento se deve a uma diversificação dos repertórios de ação coletiva, da mobilização de apoiadores e financiadores e no surgimento de movimentos sociais nesse período. Também se deve à nossa escolha metodológica de ampliar a categoria de repertórios de ação e a partir disso incluir, por exemplo, o repertório “artigo em jornal”, que aparecerá em 2019.

Tabela 1 – Eventos de Protestos por ano e cidades

Cidade	Ano						Total Geral
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	
Aracaju	2	19	22	21	17	29	110
Barra dos Coqueiros						1	1
Lagarto				2		1	3
Nossa Senhora da Glória						1	1
Nossa Senhora das Dores						1	1
Nossa Senhora do Socorro				1		1	2
Rosário do Catete					1		1
São Cristóvão		2	7	1	1	9	20
Outros						1	1
Total Geral	2	21	29	25	19	44	140

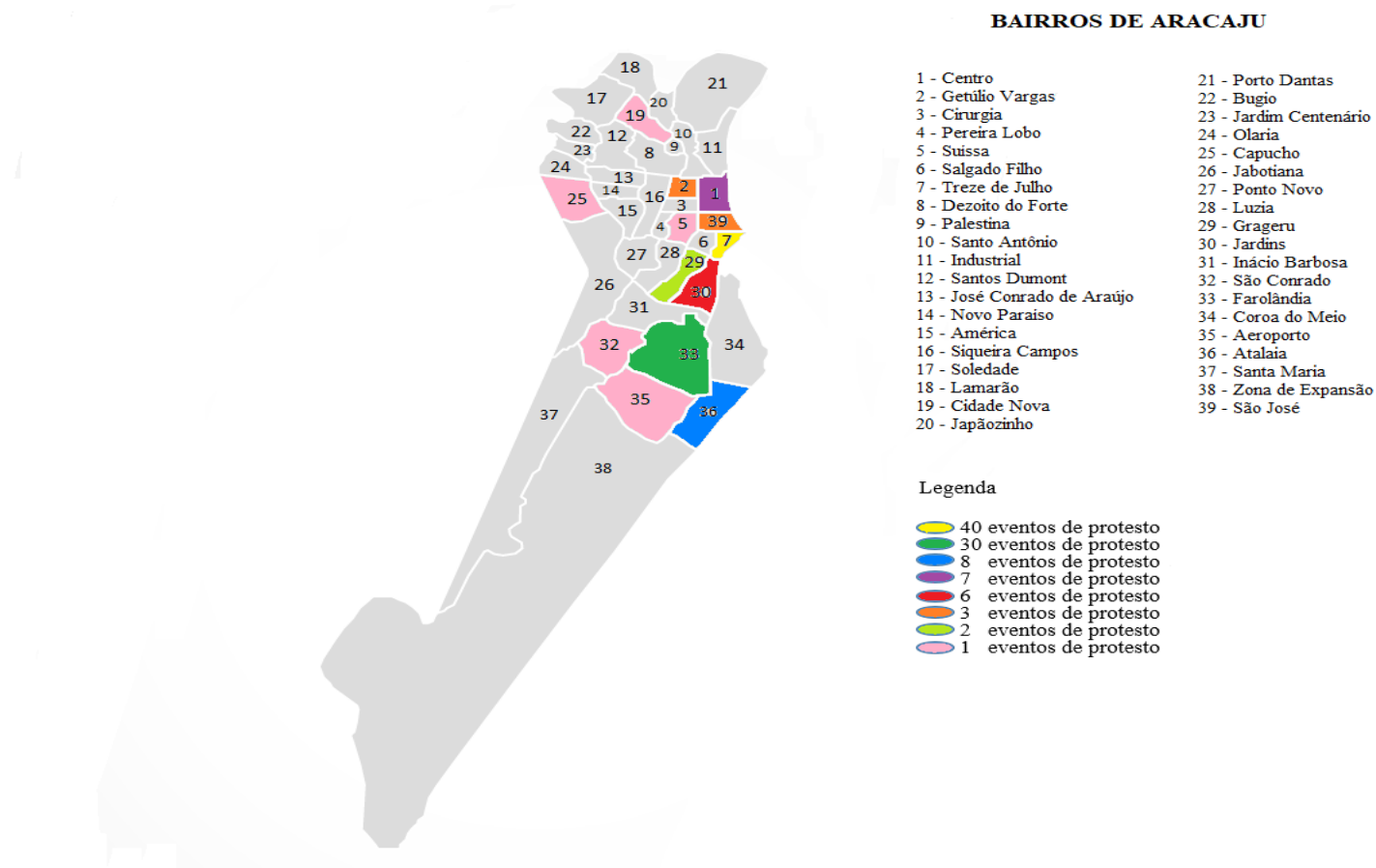
Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Como demonstrado na tabela, quando contabilizamos os protestos de 2015 e 2016 temos um total de nove eventos na cidade de São Cristóvão, estes protestos em sua maioria buscavam discutir questões do contexto político nacional, como o processo de *impeachment*, o combate à corrupção e a defesa da democracia. Em 2019 ocorreram nove eventos de protestos, é importante salientar que movimentos estudantis como o MAE, Liberte-se UFS e EPL já não estavam mais ativos nesse período. Este número se deve à atuação de movimentos sociais, principalmente do Ilise, da Direita Sergipana e da Juventude Libertária de Sergipe, cujas lideranças estiveram à frente daqueles primeiros movimentos estudantis na UFS, bem como do apoio de professores que pertencem à Universidade e também a movimentos de docentes à direita.

Como o município de Aracaju concentrou a maior parte dos dados, optamos por demonstrar a espacialização dos eventos de protestos por bairro, com o objetivo de entender quais são as arenas espaciais de disputa. Neste sentido, a escolha do local onde ocorre um protesto não é feita por acaso, há, portanto, de se avaliar os aspectos simbólicos, culturais e de infraestrutura que envolvem a decisão das lideranças organizarem um evento de protesto em um determinado bairro, local e não em outro. Desta maneira, ao analisar os movimentos sociais em questão, percebemos que a escolha do local está diretamente ligada ao que ele representa publicamente, à identidade coletiva do grupo social que o movimento social representa e às estratégias organizacionais estabelecidas pelas lideranças para confrontar seus opositores e alcançar suas demandas. Além disso, as lideranças fazem ponderações sobre a segurança, se o local é seguro ou não, se há índices altos de criminalidade em determinados dias da semana e horários, etc. As ponderações também são feitas sobre o público-alvo das manifestações, ou melhor, sobre a possibilidade do público-alvo se deslocar ou não para determinado bairro e local.

Em suma, o mapa a seguir ilustra a espacialização dos eventos de protestos por bairro no município de Aracaju:

Figura 20 – Mapa da espacialização dos eventos de protestos por bairro do município de Aracaju



Fonte: Mapa elaborado pela autora.

Conforme o mapa acima, os eventos de protestos ocorreram em bairros da zona sul da cidade. Como ilustrado no mapa, 40 eventos de protestos ocorreram no bairro de classe média alta 13 de Julho, que fica localizado na zona sul cidade. No bairro Farolândia, outro de classe média e localizado na mesma região, registramos 30 eventos de protestos. A maioria desses eventos ocorreu na Universidade Tiradentes, e foram organizados por movimentos estudantis liberais e libertários, com o apoio de outros movimentos e organizações à direita. Já no bairro Atalaia, catalogamos oito eventos de protestos, além de ser um bairro de elite localizado na zona sul, é onde se encontram alguns dos principais pontos turísticos da capital, como a Orla de Atalaia.

Análises, realizadas por pesquisadores vinculados ao Laboratório de Estudos do Poder e da Política, sobre movimento sociais em Sergipe mostram que um dos espaços que é mais ocupado pelos movimentos sociais à esquerda é o Centro da cidade de Aracaju. (SANTOS, 2014; 2016a; 2016b; SANTOS, 2017). É no bairro Centro que estão localizados os principais prédios e praças que remetem à memória política de Sergipe, como também é onde está localizada, por exemplo, a Câmara Municipal de Vereadores de Aracaju e a Assembleia Legislativa de Sergipe. Registramos apenas oito eventos de protestos neste espaço, sendo que a maioria ocorreu a partir de repertórios formais na Câmara Municipal de Vereadores. Isso evidencia e confirma dados sobre o perfil das direitas que se manifestaram em 2013 e nos ciclos de protestos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff. Um perfil mais elitista, pessoas e grupos pertencentes à classe média alta. Apesar disso, não se pode generalizar e achar que os atores engajados nos movimentos sociais à direita têm um perfil homogêneo. Como veremos de forma mais detalhada no último capítulo, as lideranças entrevistadas têm trajetórias sociais diversificadas, tanto em termos de origem social como de militância. Neste sentido, as lideranças buscavam mobilizar a classe média e a classe média alta para apoiar suas ações e participar dos protestos, a escolha dos bairros de elite e dos principais pontos turísticos para ser palco dos seus protestos de rua evidenciam isso. Além disso, as formas de pressionar o poder público utilizadas geralmente são repertórios jurídicos e virtuais, e menos performances teatrais e dramáticas, como fechamento de avenidas, queima de pneus, enterro simbólico de políticos na frente de edifícios de órgãos públicos, performances que geralmente são vistas em protestos de movimentos sociais à esquerda.

Segundo lideranças de alguns movimentos aqui analisados, a não realização de manifestações no bairro Centro se deve ao fato de que é um bairro perigoso e deserto no final de semana. É nesse bairro que se concentram órgãos públicos municipais e estaduais, bem como

edifícios históricos que representam a política sergipana e aglomerados de lojas comerciais de vários segmentos. Todavia, não era para este público do Centro comercial que as direitas sergipanas queriam falar por meio dos eventos de protestos de rua. Outra característica que se relaciona com isso é o dia escolhido pelos movimentos à direita para fazer manifestação de rua, que ocorreram em sua maioria no domingo ou no sábado no período da tarde. As lideranças justificavam esta escolha com o argumento de que eles eram trabalhadores e que não fechavam as avenidas ou não faziam queima de pneus por que eram pacíficos e respeitavam a liberdade de ir e vir das pessoas.

Tabela 2 – Eventos de protestos em Aracaju por ano e bairro

Bairros de Aracaju	Ano						Total Geral
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	
13 de Julho	1	11	8	1	4	15	40
Aeroporto					1		1
Atalaia		3	2	1	2		8
Capucho						1	1
Centro				3	1	3	7
Cidade Nova						1	1
Farolândia	1	4	8	9	5	5	30
Getúlio Vargas			2		1		3
Grageru				1	1		2
Jardins		1		4	1		6
São Conrado						1	1
São José			1	1		1	3
Suíssa				1			1
Outros		2	8	4	3	17	34
Total Geral	2	21	29	25	19	44	140

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Como ilustrado na tabela acima, no bairro 13 de Julho teremos um número significativo de protestos nos anos de 2015 e 2016, um total de 19 registros. Como já mencionado, isso é resultado das ações de movimentos que reivindicavam o *impeachment* de Dilma Rousseff, o fim da corrupção no Brasil e a prisão do ex-presidente Lula. Em 2019 catalogamos 15 eventos de protestos neste bairro, contudo, vale esclarecer que, na maioria destes eventos, foram utilizados repertórios formais, como petição e artigo em jornal. No caso de artigo em jornal, registramos onde ficava a sede do jornal no qual a liderança do movimento publicou o artigo. Neste sentido, o jornal Cinform, o principal jornal em que as lideranças à direita publicam

artigos, tem sua sede no bairro 13 de Julho. Na categoria outros, incluímos eventos de protestos que ocorreram em vários bairros de Aracaju, como, por exemplo, os painéis, ou quando não havia nenhuma informação sobre o local.

Com exceção da UFS e da Câmara Municipal de Vereadores de Aracaju, alguns espaços públicos se tornaram símbolos da atuação dos movimentos à direita no estado de Sergipe. Em 2015 destaca-se o Mirante do bairro 13 de Julho, que foi palco da maior parte dos protestos pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Outro local que se destacou foi o Parque Augusto Franco (Sementeira), também localizado naquele bairro. Os eventos organizados no Parque não tiveram um teor de confronto e de contestação, mas de organização, planejamento, de recrutamento e divulgação das ideias liberais.

3.2 – REPERTÓRIOS DE AÇÃO COLETIVA, REIVINDICAÇÃO E ATORES PROMOTORES

Criamos sete categorias de atores promotores dos eventos de protestos: primeira, movimentos sociais, que incluem movimentos como MBL, Ilise, Direita Sergipana, entre outros, cujas pautas giram em torno do combate à corrupção, *impeachment*, fiscalização dos gastos públicos, etc.; segunda, movimentos estudantis, que inclui movimentos como o Liberte-se UFS, EPL e Juventude Libertária de Sergipe, que divulgam e fazem ações em prol da defesa das ideias liberais, de direita e conservadoras no espaço universitário; terceira, movimentos estudantis, movimentos sociais, instituições apoiadoras e financiadoras, que incluem as duas categorias anteriores mais instituições que financiam ou apoiam os eventos de protestos, como o Instituto Mises Brasil e Câmara dos Dirigentes Lojistas de Aracaju; quarta, os intelectuais, que promovem eventos de protestos à direita com o apoio dos movimentos sociais e dos movimentos estudantis, ou de forma individual falam na mídia em defesa desses movimentos ou das causas defendidas por eles; quinta, movimentos sociais e partidos políticos, esta categoria inclui os partidos políticos, mas apenas quando estes fazem o evento de protestos de forma conjunta com o movimento social à direita ou com lideranças desse movimento, ou seja, não catalogamos quando o partido político é o único promotor do evento; sexta, diz respeito à categoria movimentos sociais e movimentos estudantis, em que contempla os movimentos sociais das duas primeiras categorias, contudo sem a participação e apoio de organizações apoiadoras e/ou patrocinadoras; por fim, na categoria outros, incluímos atores promotores que só apareceram uma vez, como, por exemplo, empresários à direita.

Tabela 3 – Atores promotores

Atores Promotores	Ano						Total Geral
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	
Intelectuais		6	1		1	3	11
Movimentos Estudantis	1	6	10	4		2	23
Movimentos estudantis e movimentos sociais		2	1	3	3	2	11
Movimentos Estudantis, movimentos sociais, instituições apoiadoras e financiadoras		1			2	9	12
Movimentos sociais	1	4	17	17	12	24	75
Movimentos sociais e Partidos Políticos		1			1	1	3
Outros		1		1		3	3
Total Geral	2	21	29	25	19	44	140

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Como os dados demonstram, a categoria de ator que mais promoveu protestos foi a de movimentos sociais. A partir de 2016 teremos a consolidação de movimentos sociais à direita no estado, como a Direita Sergipana, Movimento Brasil Live e o Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro, bem como o surgimento de um conjunto de movimentos em torno da causa da renovação política, do combate à corrupção e da fiscalização do dinheiro público, um exemplo disso é o Movimento Acredito, o Movimento Atitude (Mova-SE). Neste sentido, apesar de movimentos como Vem Pra Rua, Movimento Basta e Muda Brasil terem ficado inativos após o *impeachment* de Dilma Rousseff, um conjunto de movimentos que defendiam outras demandas para além do *impeachment* e do antipetismo continuaram organizando eventos de protestos.

Já em relação à categoria de movimentos estudantis, percebemos que seu poder de mobilização enfraqueceu após o *impeachment* de Dilma Rousseff, principalmente na Universidade Federal de Sergipe. Contudo, ao analisar a atuação do movimento Juventude Libertária de Sergipe, os dados demonstraram que houve um investimento de suas lideranças em incluir o movimento em uma rede nacional e internacional de movimento liberais e libertários, e que sua força de mobilização aumentou quando este passou a se articular com movimentos sociais, apoiadores e financiadores tanto nacionais quanto locais. Destacamos novamente o Instituto Mises Brasil e também a Câmara dos Dirigentes Lojistas, como

organizações liberais que, a partir do apoio material, financeiro e/ou humano, ampliaram as possibilidades de organização desse movimento no estado de Sergipe.

Dos 140 eventos de protestos, 11 foram promovidos por intelectuais. Os repertórios utilizados por essa categoria foram repertórios formais, como encontros, formação intelectual, política ou econômica ou artigos em jornais.

Por fim, registramos três eventos de protestos que foram promovidos por movimentos sociais em conjunto com um partido político. Este dado revela aquilo que se ouviu desde os protestos de junho de 2013, que foi a defesa do apartidarismo e/ou do suprapartidarismo, por parte de novos movimentos que surgiam, mas também de movimentos sociais já organizados. Todavia, é importante salientar que os partidos políticos não aparecem como atores promotores dos eventos ou mesmo como financiadores publicamente, mas a maioria dos movimentos sociais e estudantis que analisamos estabeleceu alianças com políticos partidários e/ou com partidos políticos, como veremos de forma mais detalhada no último tópico deste capítulo.

Um dos nossos objetivos foi identificar quais eram as formas de ação utilizadas pelos diferentes movimentos sociais ao longo dos últimos seis anos para defender suas demandas. Nos deparamos com uma diversidade de formas de ação, algumas que já são comuns e históricas e outras que emergiram e/ou ganharam novos sentidos diante dos contextos políticos, da ideologia liberal, conservadora e de direita dos movimentos, bem como da própria trajetória e visão de mundo dos atores sociais que lideraram os movimentos. Para nomear os repertórios, utilizamos a própria nomenclatura utilizada pelo movimento em cartazes de divulgação, em entrevistas concedidas à mídia, nas entrevistas em profundidade que fizemos, agrupamos aqueles que eram semelhantes e que apareceram apenas uma vez por ano. Após isso, utilizamos duas categorias que são mais abrangentes e utilizadas pelos pesquisadores (SILVA; ARAÚJO; PEREIRA, 2016), que são a de **repertórios institucionais** e **repertórios extrainstitucionais**. Essas duas categorias nos permitem demonstrar de forma mais detalhada diferentes níveis de repertórios de ação e do período que os atores utilizam determinados repertórios, bem como quais são os repertórios utilizados para defender determinadas causas. Assim,

Foram classificados como institucionais os repertórios: “Reuniões e Pedidos Formais a Autoridades Públicas e Privadas”, “Manifestação via Meio de Comunicação em Massa”, “Manifestação em Plenário” e “Instrumentos Jurídicos e Legais”. Foram classificados como extra-institucionais os repertórios: “Atos, Passeatas e Carreatas em Locais Públicos (Repertórios de Rua)”, “Realização de Assembléias e Eventos”, “Fechamento de Vias Públicas”, “Ocupação de Prédios e Terrenos”, “Depredação, Rebelião e Confronto Direto com as Forças de Segurança”, “Paralisações, Greves e Boicotes ao Processo de Trabalho”, “Manifestação Performática” e “Mensagem em Espaço Público”. (SILVA; PEREIRA; SILVA, 2017, p. 18, nota de rodapé 16).

Tabela 4 – Repertório de ação coletiva por ano

Repertórios de Ação Coletiva	Ano						
Repertórios institucionais	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total Geral
Artigo em jornal		6	1			13	20
Audiência pública, ofício, petição				3		6	9
Abaixo-assinado, blitz comunitária, requerimento e auditoria cidadã		1		1	1	2	5
Repertório extrainstitucionais	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total Geral
Manifestação de rua	1	3	8	3	4	3	22
Encontro			1	8	1	8	18
Palestra		1	3	5	4	3	16
Reunião aberta dos movimentos	1	4	6				11
Panelaço, buzinaço, foguetaço, apitaço		2	2		1	1	6
Conferência, fórum e congresso					1	4	5
Carreata, marreata					5		5
Mesa-redonda, debate		2	2				4
Confraternização, inauguração			1	3			4
Curso, aula, projeto				1		4	5
Ato público e passeata		2			1		3
Desocupação			3				3
Feira, oficina			2			1	3
Vigília, recepção				1	1		2
Total Geral	2	21	29	25	19	44	140

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Dos 140 eventos de protestos, 34 foram repertórios de ação institucionais. Como ilustrado na tabela, o “artigo em jornal” foi o repertório institucional mais utilizado pelos atores promotores. Só em 2019 ele aparece 13 vezes. Mencionamos anteriormente que é um repertório utilizado geralmente pelos intelectuais, mas também empresários e determinadas lideranças de movimentos o utilizam, como um recurso que também traz um status e autoridade para seu nome. O professor da UFS Rodorval Ramalho, um dos intelectuais que apoia os movimentos à direita em Sergipe, já publicava artigos no jornal Cinform contestando partidos e movimentos sociais de esquerda, bem como divulgando ideias conservadoras e de direita, mesmo antes de 2014.

Percebemos que os jornais eletrônicos se tornaram um espaço de disputa e de diversificação de repertórios a partir de 2019, quando lideranças do movimento Ilise, MBL e Direita Sergipana se articularam com a Fecomércio de Sergipe para criar um programa-piloto na rádio *on-line* da instituição, chamado PoliticandoSe. Esse programa, que era disponibilizado no YouTube²² e no Facebook, não se consolidou, contudo, as lideranças mudaram de estratégia e transformaram o PoliticandoSe numa coluna do Jornal Cinform. Este espaço do jornal já teve publicação de lideranças do RenovaBR, que já se candidatou para governador do estado de Sergipe nas eleições de 2018, lideranças do Movimento NasRuas, entre outros. Outro dado importante é o de que a editora desta coluna é representante do movimento NasRuas em Sergipe, da Rede Bem Querer e do projeto de partido Aliança Pelo Brasil. Estas informações demonstram as redes de articulação entre os diferentes promotores de eventos de protestos, bem como a valorização deste tipo de mídia pelas lideranças de movimentos à direita como um repertório de ação para difundir as ideias à direita. As outras duas categorias de repertórios institucionais juntas aparecem 14 vezes, o ano de 2019 se destaca novamente. Este dado revela que há uma diversificação após os ciclos de protestos pelo *impeachment*, como também que há movimentos que não têm a rua como principal cenário de suas ações.

Já na categoria dos repertórios **extrainstitucionais**, podemos identificar uma maior diversificação dos repertórios de ação, como também a presença de repertórios tradicionais, a exemplo das passeatas e manifestações de rua, e de repertórios que se tornaram mais recorrentes a partir dos ciclos pelo *impeachment*, por exemplo os painéis. Os dados também demonstraram que a **rua** é uma arena política que os movimentos têm disputado. Quando contabilizamos a quantidade de vezes que aparece os repertórios “manifestação”, “ato público e passeata” e “carreata, marreata”, temos um total de 32 formas de ação que têm como arena política a rua. Apesar do número expressivo, os resultados mostram que os movimentos à direita em Sergipe utilizam principalmente repertórios de ação que não têm esta arena como a principal. Assim, quando agregamos os repertórios “encontro”, “palestra”, mesa-redonda, debate”, “conferência, fórum e congresso”, “curso, aula, projeto” e “reunião aberta dos movimentos”, temos um total de 59 repertórios que não têm a rua como arena de disputa. Geralmente estas formas de ação ocorrem em universidades, hotéis, sedes de instituições privadas ou parques públicos e têm como atores promotores os movimentos estudantis e os movimentos sociais liberais e libertários. Movimentos como Muda Brasil, Movimento Basta e

²² Nosso Coordenador Prof. Elber Magno elogia dep. Dayane e critica governador da Bahia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BonSK6_L5gE. Acesso em: 15 abr. 2020.

Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro utilizavam principalmente protestos de rua. Desta forma, a rua foi uma arena política de disputa principalmente durante o processo do *impeachment* de Dilma Rousseff, contudo é possível observar que a partir de 2017 o uso do repertório manifestação de rua diminui, os movimentos passam a utilizar outras formas de ação “menos contestatórias”.

A escolha do repertório de ação depende de alguns fatores, entre estes, o objetivo que o movimento quer atingir, o alvo, o modelo de organização e as diretrizes internas e externas estabelecidas pelos movimentos e financiadores. Neste sentido, um dos primeiros movimentos sociais à direita a organizar eventos de protestos sem protestos em Sergipe, em particular na UFS, foi o movimento Estudantes Pela Liberdade. Tal movimento era vinculado e financiado pela organização americana sem fins lucrativos Students for Liberty²³, que tem atuação em diversos países. Esta relação de financiamento exigia também que os militantes do movimento fizessem determinados tipos de ações e não podiam fazer outras, como, por exemplo, manifestações de rua e envolvimento com política partidária. Isso evidencia que os repertórios de ação adotados e também os objetos de reivindicação resultam da influência que outras organizações têm sobre as decisões que as lideranças dos movimentos tomam. (CLEMENS, 2010).

Neste sentido, durante uma observação participante em uma reunião do EPL, no dia 04/02/2016, na cidade de Aracaju, o coordenador estadual do movimento informou que havia tido uma mudança de financiadores, que tinha deixado de ser institutos americanos e passado a ser institutos alemães. Nessa ocasião, o coordenador fez as seguintes recomendações para os presentes: eles não podiam ser filiados a partidos, que o movimento não podia fazer manifestações de rua, se caso quisessem organizar um debate com um político, teriam que orientar o convidado a não fazer campanha política. Nas palavras do coordenador: “*O EPL não tem posicionamento político, ele não pode ser partidário, ele é apartidário, isso tá nas regras da organização e essas regras são bastante rígidas. O EPL faz contrapontos*”. (Entrevistado 02).

Deste modo, as lideranças do EPL recebiam financiamento para passagens, livros, organização de eventos em universidades e escolas e precisavam comprovar seus gastos e ações por meio de recibos e fotografias do evento. Assim como o EPL, outros movimentos também recebem financiamento de organizações internacionais e nacionais para articular suas ações,

²³ “Students for Liberty é uma instituição libertária sem fins lucrativos com origens nos Estados Unidos e atuação internacional, com presença em 110 países. Formada em 2008, é também uma rede de grupos estudantis afiliados”. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/brazil/> Acesso em: 20 mar. 2020.

como é o caso da Juventude Libertária de Sergipe. Entre as instituições financiadoras está a Foundation for Economic Education²⁴. A JLS, assim como o EPL, só organiza eventos de protestos sem protestos, no âmbito da universidade e em espaços formais, como associações empresariais e hotéis. Desta feita, o objetivo desses dois movimentos é o de difundir as ideias liberais entre os jovens, por isso, se organizam principalmente no espaço estudantil e utilizam como repertórios de ação coletiva: mesas-redondas, aulas, cursos, conferências, fóruns, entre outros.

Em consenso com os locais escolhidos, os repertórios de ação mobilizados por esses militantes emergentes, principalmente no seio estudantil, foram diversificados e ressignificados. Os repertórios nada mais são do que as formas e meios utilizados pelas lideranças dos movimentos para organizar uma ação, seja ela contestatória, de mobilização, de recrutamento, de celebração, etc. Os repertórios são historicamente e processualmente construídos e estão disponíveis para os atores sociais (ALONSO, 2012; TARROW, 2009). Assim, determinados repertórios podem desaparecer e reaparecer no tempo, eles ainda podem ser mais característicos, ou melhor, mais utilizados por determinados grupos para a defesa de determinadas pautas.

Tivemos como objetivo também identificar qual era o objeto de reivindicação dos eventos de protestos ao longo dos anos. Agregamos as pautas quando estas se assemelhavam no que se refere aos objetivos e ao alvo.

Tabela 5 – Objeto de reivindicação por ano

Objeto de reivindicação	Ano						Total geral
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	
Defesa e divulgação das ideias liberais, conservadoras e de direita	1	1	2	8	3	13	28
Formação política, econômica e intelectual		6	4	3	2	6	21
<i>Impeachment</i>		5	8			1	14
Apoio a Jair Messias Bolsonaro			2	5	7		14
Fiscalização e controle dos gastos públicos				2	1	10	13
Antipetismo/Prisão de Lula		3	1	3	5	1	13
Defesa da educação			4	2	1	1	8

(continua)

²⁴ A Foundation for Economic Education é uma das mais antigas organizações defensoras do livre-mercado. Foi fundada nos Estados Unidos especificamente para estudar a filosofia liberal. Criada em 1946. Disponível em: <https://fee.org/>.

(continuação)

Planejamento e organização do movimento			4	1		2	7
Combate à corrupção	1	1	2	1			5
Defesa da democracia		2				1	3
Pacote anticrime e prisão em segunda instância						5	5
Acesso à leitura						2	2
Outros		3	2			2	7
Total geral	2	21	29	25	19	44	140

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Conforme ilustra a Tabela 5, entre 2014 e 2019 o objeto de reivindicação mais frequente foi a “defesa e divulgação das ideias liberais, conservadoras e de direita”, que aparece 28 vezes, e logo após a “formação política, econômica e intelectual”, que representa o total de 21 pautas. Os resultados mostram que, a partir de 2017, após o *impeachment* de Dilma Rousseff, os movimentos passam a investir na defesa das ideias à direita em oposição às ideias da esquerda em todas as esferas sociais, por meio de repertórios como “artigo de jornal”, “mesa-redonda” e “palestras”. Nesta mesma linha, as lideranças buscam formar novos militantes na ideologia à direita, por intermédio de cursos gratuitos, cursos pagos, aulas, congressos, conferências, fóruns, entre outros, que tinham como pautas principais as discussões sobre economia, política ou sobre obras do pensamento conservador, liberal e libertário.

Como apresentado anteriormente, as formas de ação que englobavam formações, palestras, congressos, aulas, etc. estão vinculadas principalmente aos movimentos liberais e libertários. Isso demonstra uma continuidade nas formas de ação desses movimentos à direita, que operam de modo “silencioso”, pouco percebido como formas de contestação, nos estudos sobre movimentos sociais. Mas, como vimos em capítulos anteriores, desde a década de 1980, há no Brasil uma forte atuação de institutos liberais no processo de circular o ideário liberal entre os jovens. Neste sentido, atualmente, destacamos o papel dos “*think tanks* ativistas” liberais, como o Instituto Mises Brasil, surgido em 2007, na formação e patrocínio de eventos que têm como principal objetivo fazer circular o ideário liberal e libertário, em especial entre os jovens, por meio dos espaços universitários. (ROCHA, 2014; 2018; BARBIERI, 2018). Neste sentido, quando juntamos os objetos de reivindicação “Defesa e divulgação das ideias liberais, conservadoras e de direita” e “Formação política, econômica e intelectual”, temos um total de 49 objetos que são reivindicados mediante formas de ação como congressos, palestras, aulas, encontros, debates, etc., ou seja, formas de ação que na prática têm como engajar jovens nos movimentos sociais à direita por meio do “conhecimento” e das ideias liberais

conservadoras e libertárias, focando principalmente nas ideias de liberdade individual, liberdade econômica e de que o Estado é ineficiente e corrupto.

Manifestações pedindo o *impeachment* de Dilma Rousseff aparecem em 2015 e 2016 e esta pauta aparece novamente em 2019, com o pedido de *impeachment* do ministro Gilmar Mendes. O “antipestismo/prisão de Lula” é um objeto de reivindicação que se mostrou constante ao longo dos últimos cinco anos, apareceu 13 vezes entre 2015 e 2019, tendo um aumento no ano de 2018. Nesse mesmo ano, também constatamos um aumento dos eventos de protestos que tinham como objeto de reivindicação o apoio ao então deputado Jair Messias Bolsonaro, como ilustrado na Tabela 5, entre 2015 e 2019 esta demanda foi reivindicada 14 vezes.

Outros dois objetos de reivindicação se tornaram significativos ao longo do período estudado. Primeiramente, a “fiscalização e controle dos gastos públicos”, objeto que aparece dez vezes. Esta pauta está diretamente ligada ao enquadramento que os movimentos fizeram sobre a defesa da Operação Lava Jato e outras ações públicas no combate à corrupção, bem como à emergência, a partir de 2017, de movimentos que têm como narrativa principal a renovação da política brasileira. O outro objeto é a “defesa da educação”, que aparece oito vezes. Este objeto está associado às manifestações organizadas por movimentos liberais e conservadores, como o MBL, que defendia o projeto Escola Sem Partido, fim da ideologia de gênero, *voucher* na educação e escolas cívico-militares.

Em suma, alguns estudos (MATTOS, 2016; TATAGIBA, 2017; ALONSO, 2017) têm demonstrado que desde junho de 2013 os espaços públicos (a rua) se tornaram arenas políticas disputadas por diferentes formas de ação coletivas, desde os movimentos mais radicais, como os grupos anarquistas, até os protestos classificados como pacíficos e ordeiros, como foram as manifestações pró-*impeachment* em 2015 e 2016 em Sergipe. Como demonstra a literatura, a escolha do repertório de ação, da pauta e do local não são feitas de forma aleatória, mas são pensadas estrategicamente, tendo como foco atingir um público específico, chamar atenção dos opositores e mobilizar novos membros para o movimento (JASPER, 2016; TARROW, 2009; TILLY, 2010). Deste modo, percebemos que os movimentos apresentados no mapa da Figura 20 e na Tabela 2 ocuparam espaços que tradicionalmente não eram foco dos movimentos de esquerda.

Desta forma, acreditamos que uma novidade das direitas que emergem a partir de junho de 2013 é a sua capacidade de se apresentar como movimento social e articular táticas de ação tradicionais do seu campo associativo, como congressos, fóruns, formações, com táticas de ação

que tradicionalmente eram do campo de ação dos movimentos sociais à esquerda, como as manifestações de rua. Articulado a isso, estas direitas buscaram apresentar-se como apartidárias ou suprapartidárias, com propostas políticas, sociais e econômicas de caráter liberal e conservador para mudanças no país. Exemplo disso, no campo da educação, foi o Projeto Escola Sem Partido, pautado pelo MBL; no campo econômico, a defesa do livre-mercado e das privatizações; no campo político, a unificação das distintas direitas em torno do *impeachment* de Dilma Rousseff, o apoio à campanha de Jair Bolsonaro e/ou de João Amoedo para a presidência da República nas eleições de 2018, etc.

Outro ponto que destacamos é a reivindicação da ética na política, do combate à corrupção na política, e na administração pública de forma mais ampla, e da renovação política. Estes objetos de reivindicação articularam diferentes direitas, entendemos nesta tese que o campo à direita é compreendido pelos movimentos sociais e pessoas que estão próximas do liberalismo e do conservadorismo, que se definem ou articulam a dicotomia direita-esquerda para se posicionar, bem como atuaram nos ciclos de protestos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff e em outros eventos de protestos que não tiveram a rua como espaço de suas ações. Neste sentido, estas diferentes direitas diversificaram os repertórios de ação a partir de 2014 como uma estratégia também de diversificar o seu público-alvo, e de ter permeabilidade em diferentes camadas da sociedade. O uso de determinados repertórios para tal feito não está dissociado de uma diversificação das suas pautas. Nesta perspectiva, as pautas anticorrupção foram um objeto de reivindicação que permitiu chegar às camadas mais populares da sociedade e ganhar sua adesão, porém não se deve perder de vista outras pautas como a diminuição do imposto, que poderia ser representada pelo o slogan “imposto é roubo”, a defesa da liberdade econômica e individual, como pautas que têm uma permeabilidade significativa entre o empresariado, os profissionais liberais e os estudantes universitários.

3.3 – OBSERVANDO EVENTOS DE PROTESTOS: RECURSOS, SIMBOLISMOS, SOLIDARIEDADE E EMOÇÕES

Nos tópicos anteriores tivemos um panorama geral das principais cidades, espaços, repertórios de ação, atores promotores e objetos de reivindicação. Este tópico, por sua vez, tem como objetivo compreender os elementos que envolvem o fazer protesto. Desta forma, tomamos como base um conjunto de características, elencadas por Jasper (2016), que envolve o fazer protesto, para interpretar os protestos à direita organizados em Sergipe. Neste sentido,

o fazer protesto envolve um conjunto de elementos culturais, políticos, organizacionais e comunicacionais que são expressados a partir das regras, de símbolos, de vestimentas, gramáticas, etc. Diante da quantidade de eventos, vamos analisar três casos ocorridos em arenas políticas diferentes. O primeiro caso trata de uma manifestação de rua com passeata ocorrida no dia 13/03/2016, no bairro Atalaia, na cidade de Aracaju. O ponto de concentração foi nos Arcos da Orla até a Passarela dos Caranguejos, iniciou às 15h00min e terminou por volta das 18h00min. O número de participantes esperados pelos organizadores foi 5 mil, após o evento os organizadores divulgaram que cerca de 10 mil pessoas tinham participado do evento. O segundo caso foi uma mesa-redonda intitulada “Mesa-Redonda: ato em defesa da justiça e pró impeachment”²⁵, ocorrida na cidade de São Cristóvão, no Bairro Roza Elze, na UFS, no dia 01/04/2016. O evento teve início às 19h00m. Não houve divulgação de número de participantes, mas faltou cadeiras para as pessoas sentarem no auditório onde ocorreu a mesa. O último evento foi um fórum intitulado “1º Fórum Sergipano de Liberdade Econômica”, realizado na cidade de Aracaju, no bairro Farolândia, na Unit, no dia 22/02/2019. Os organizadores não divulgaram o número de participantes.

Desta feita, os eventos de protestos são organizados por atores sociais que têm níveis de engajamento diferentes no interior dos movimentos sociais. Assim, tem aqueles que se engajam apenas como apoiador ou patrocinador de um único evento ou de vários; tem aqueles que são os engajados e atuam de forma orgânica e contínua no movimento e nos protestos. O nível de dedicação dos atores para fazer o protesto depende dos seus interesses individuais e coletivos. Jasper (2016) vê esta questão como um dilema que é colocado para os organizadores de protesto e chama atenção para dois dilemas internos. O primeiro diz respeito ao conjunto de regras internas que tornam possível a previsibilidade da ação, mas ao mesmo tempo restringem o que os participantes e membros podem ou não fazer. Um exemplo disso são as regras de quem pode ou não falar no microfone ou no alto-falante durante o protesto, quem pode ou não ter acesso ao trio elétrico, quem pode ou não vestir a camisa do movimento ou que foi feita específica para o protesto. Algumas regras são menos complexas, como a do uso das camisas. Neste sentido, durante o ciclo de protestos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff, houve a orientação geral dos organizadores para que quem fosse se manifestar usasse camisas verdes e amarelas, mas também os movimentos estavam vendendo camisas com o boneco pixuleco estampado, camisas do MBL, camisas de Bolsonaro para presidente, etc. Além do objetivo de criar

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5hw8RmBXumg>. Acesso em: 20 maio 2016.

simbolicamente a ideia de solidariedade entre os manifestantes, a venda das camisas também era uma forma de angariar recursos financeiros para a organização de mais protestos.

Um segundo dilema interno apontado por Jasper (2016) é o da hierarquia vertical do movimento social ou da organização. Segundo o autor, “pode ser eficiente ou agradável ter líderes fortes, mas estes por vezes substituem os objetivos de outros participantes por seus próprios objetivos”. (JASPER, 2016, p. 22). O entendimento desse dilema nos permite compreender dissidências e rupturas internas, algo que ocorre com frequência no interior dos movimentos à direita e na rede de movimentos à direita. Um exemplo disso pode ser observado na própria organização de mobilizações após as eleições de 2018, na qual não registramos mais a articulação entre os movimentos Direita Sergipana e Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro na organização de protestos de rua. O conflito de interesses em torno de candidaturas nas eleições de 2018 entre as lideranças e apoiadores que estavam à frente daqueles movimentos fez com que eles rompessem e fragmentassem ainda mais o campo das direitas em Sergipe. Estas rupturas de alianças influem diretamente na capacidade desses movimentos fazerem protestos, uma vez em que determinadas alianças implicam na mobilização de recursos financeiros, materiais, humanos, de comunicação, que sem eles a realização de eventos de protestos fica inviável.

Todo evento de protesto tem uma intencionalidade por parte daqueles que o promovem, desta forma a palavra “intencionalidade” vincula os movimentos à cultura e estratégias. (JASPER, 2016). Portanto, defendemos que a compreensão acerca do fazer protesto deve levar em conta a cultura, os aspectos culturais que estruturam e criam representações simbólicas sobre os atores, os movimentos e os objetos de reivindicação. Desta feita, ao analisar os eventos por meio da cultura precisamos observar os três elementos principais da cultura: (i) as emoções, como raiva, alegria, frustração, que são expressadas por meio de palavras, gestos, texto, etc.; (2) a cognição, que envolve as crenças, a visão de mundo, as formas que os atores utilizam para se distinguir de outros, que podem ser observadas a partir da leitura dos panfletos que são produzidos pelos organizadores dos protestos, da descrição de seus discursos, etc.; (3) por fim, a moral, diz respeito aos princípios e instituições, o que os atores definem como certo e errado, que revela seus princípios morais. Em muitos episódios, vimos a defesa, por meio de discursos e em textos publicados nas mídias sociais, da moral cristã, principalmente no que diz respeito à família. Em suma, “cognição, emoção e moral estão geralmente presentes nas ações e declarações políticas moldando constantemente umas às outras. Só as distinguimos quando analisamos esses casos concretos”. (JASPER, 2016, p. 27).

O primeiro evento de protesto que iremos apresentar é a Manifestação de Rua, ocorrida no dia 13/03/2016, na cidade de Aracaju. Abaixo algumas imagens desse protesto, que foi um dos que teve maior adesão de público dos já organizados pelas direitas no estado de Sergipe.

Foto 4 – Manifestação de rua pró-impeachment 13/03/2016



Fonte: Arquivo pessoal da autora, manifestação de rua, Arcos da Orla de Atalaia, 13/03/2016.

Foto 5 – Aderência do público: manifestação em Aracaju 13/03/2016



Fonte: Arquivo pessoal da autora, manifestação de rua, Arcos da Orla de Atalaia, 13/03/2016.

Foto 6 – Demandas além do impeachment – manifestação 13/03/2016



Fonte: Arquivo pessoal, manifestação de rua, Arcos da Orla de Atalaia, 13/03/2016.

A manifestação do dia 13/03/2016 foi uma das mais numerosas e representativas do que foi visto também em outros estados. A mobilização para o evento foi feita principalmente via Facebook, Twitter e grupos de WhatsApp dos movimentos sociais à direita. As organizações que estavam presentes foram: MBL - Sergipe, Partido Novo, Juventude Conservadora de Sergipe, Liberte-SE, Movimento Basta, Movimento Muda Brasil e Movimento Vem Pra Rua. O padrão de cor das roupas dos manifestantes era amarelo, verde e, em menor proporção, azul. O hino nacional foi cantado diversas vezes durante o protesto. Nem todos os participantes e seus organizadores eram oriundos de famílias abastadas, mas era possível identificar um padrão nas marcas das roupas que os manifestantes utilizavam e que indicam que estes faziam parte da classe média. Por exemplo, muitos dos manifestantes que observamos utilizavam tênis, camisas, calças, saias, shorts, com marcas como: Calvin Klein, Prada, Gucci, Lacoste, Dolce & Gabbana, Ralph Lauren, entre outras que indicam um determinado estilo de consumo que é associado às classes sociais mais abastadas.

Além disso, outros aspectos observados são representativos disso. Como o “desfile” de cachorros de raça na manifestação, mulheres maquiadas, usando salto alto, homens e mulheres com latas de cerveja, uso de drones, dois trios elétricos, são aspectos reveladores sobre a condição econômica dos manifestantes, sobre a percepção de alguns deles sobre o evento e sobre os diferentes níveis de engajamento no protesto. Neste sentido, havia um “clima” de festa, a manifestação era vista por alguns como um evento social do final de semana. Contudo, como

lideranças relataram, houve após esse protesto o surgimento de movimentos, como a Direita Sergipana, bem como a adesão orgânica de alguns participantes que foram despertados para política nesse evento. Porém, as manifestações subsequentes não conseguiram a adesão de tantos participantes. A manifestação também era caracterizada pela participação de diferentes gerações, desde os avós até os netos, às vezes famílias completas. Havia uma exaltação da presença das crianças e dos mais velhos, algo que era lembrado pelas lideranças que falavam no microfone. Frases como “estamos construindo um Brasil melhor para os nossos filhos! Para o futuro dos nossos filhos e netos”, foram repetidas algumas vezes durante o protesto.

A manifestação do dia 13/03/2016, também foi um dos protestos que mais articularam e uniram diferentes movimentos à direita. Um exemplo disso foi a aderência da Juventude Conservadora de Sergipe, que em outro protesto, no dia 16/08/2015, era o único movimento que participou pedindo a intervenção militar, enquanto os demais, como o MBL, estavam pedindo o “Fora PT”, “Fora Dilma”. Nesse evento, a JCS estava isolada, cerca de cinco militantes seguravam uma faixa em que tinha escrito “Intervenção Militar”. Além disso, nesse mesmo ato, alguns dos militantes do Liberte-SE, após serem questionados sobre suas relações com a JCS, disseram que não havia nenhuma relação direta, ou seja, nenhuma articulação e aderência de suas pautas.

O quadro que se apresentou na manifestação do dia 13/03/2016 foi totalmente diferente. Duas lideranças da JCS atuaram como “seguranças” do protesto. Vestiam camisas pretas com o nome “segurança” na parte de trás, com calças semelhantes às de soldados do exército e a comunicação entre eles era por meio de rádio portátil. Se antes a JCS participava dos protestos organizados pelo MBL como um movimento que apoiava e que queria acima de tudo intervenção militar e a derrubada do PT e de suas lideranças políticas, o protesto do dia 13/03/2016 mostrou que este movimento passou a participar diretamente da organização, da mobilização e aderiu, naquele momento, às pautas do MBL, deixando “de lado” a defesa pela intervenção militar naquele momento. Como prova disso, não registramos durante todo o protesto nenhuma faixa ou cartaz pedindo a volta do regime militar, nem foi falado no microfone. Isso demonstra, ainda, que em 2016 houve um alinhamento de pautas entre os diferentes movimentos à direita em Sergipe em torno da pauta do *impeachment* de Dilma Rousseff e do antipestismo.

Uma das pautas defendidas no evento de protesto em discussão foi o fim da corrupção. Vários políticos foram acusados de corrupção entre 2015 e 2016, como o então senador Aécio Neves (PSDB) e o então deputado federal Eduardo Cunha (MDB). Todavia, não só em Sergipe,

mas em outros estados, houve desde 2014 uma aliança entre os movimentos à direita para apoiar Aécio Neves como parte de uma estratégia mais ampla de impedir a reeleição de Dilma Rousseff (ROCHA, 2018). No ato de 13/03/16 havia apenas uma faixa contra as denúncias de corrupção de Aécio Neves e Eduardo Cunha, porém em nenhum momento do protesto, durante as falas no alto-falante, houve alguma declaração a respeito dos atos de corrupção de Eduardo Cunha ou de Aécio Neves, ou de qualquer outro político que não estivesse ligado ao PT ou fosse do PT. Associados a esta escolha seletiva dos políticos que devem ser cobrados dos seus atos corruptos, em 2016, duas figuras se tornaram importantes e simbolizavam o combate à corrupção, foram o “Japonês da PF” e o Juiz Sérgio Moro. Eles se tornaram “heróis” e um exemplo de pessoa incorruptível. Uma das frases mais ditas do ato era “Todo nosso apoio ao Juiz Sérgio Moro e ao Japonês da PF”, “Lula quer acabar com o bairro da Liberdade em São Paulo”. Nas manifestações subsequentes, o “Japonês da PF” foi esquecido e a popularidade do juiz Sérgio Moro cresceu ainda mais entre os movimentos sociais à direita.

De acordo com isso, podemos organizar as pautas defendidas no protesto em quatro eixos: o primeiro eixo pedia o *impeachment* da presidente Dilma, a prisão de Lula e o fim do PT; o segundo, a defesa da democracia e o fim da corrupção; no terceiro eixo estão as pautas de cunho moral, como contra a “sexualização das crianças por meio das escolas” e o fim da ideologia de gênero; por fim, no quarto eixo, o ataque ao socialismo e ao comunismo. Como podemos perceber, há pautas de cunho político, moral e ideológico, esta variação faz parte das estratégias utilizadas pelos movimentos sociais à direita para atrair a adesão de diferentes camadas da sociedade. Neste sentido, voltamos a uma pergunta mencionada anteriormente: quem não é contra a corrupção? E mais, quem não é contra a sexualização das crianças? Tais pautas penetram rapidamente e em um primeiro momento conseguem a adesão da população, sem que esta questione quem são seus promotores e suas intenções.

Um evento de protesto é repleto de significados, que são transmitidos por meio de portadores físicos, como palavras, imagens, música, artes performáticas, etc. Também os significados são transmitidos mediante portadores figurativos, como piadas, narrativas, ideologias, regras, personagens, etc. É por meio desses portadores que os organizadores dos eventos e os participantes se conectam, interagem, compartilham sentimentos e identidades comuns. Neste sentido, veremos a seguir a transcrição de alguns discursos que foram feitos durante o protesto:

Somos contra a corrupção e contra a desmoralização nacional, por isso você que está aí no seu carro e é contra, buzinaaaaar, buzina ARACAJU, VAMOS PROTESTAR!

VAMOS DIZER NÃO À CORRUPÇÃO! (Fala de militante durante o protesto de 13/03/2016).

Queremos um Brasil limpo, sem roubo, sem petralha, sem corrupção, buzinaaaa motorista e vem pra cá pro nosso movimento!!! (Fala de militante durante o protesto de 13/03/2016).

E o povo tá chegando hem, o povo tá chegando. É adesão popular, é a adesão do povo dizendo não à corrupção, é o povo dizendo que é preciso moralidade em nosso país e basta. Basta de tanta corrupção, viva o povo, viva a democracia. Fazer uma manifestação democrática dizendo não à corrupção. (Fala de militante durante o protesto de 13/03/2016).

A gente sabe que a Dilma tá querendo dar um ministério pra o Lula, mas ele não vai conseguir assumir por que nós vamos para a rua novamente, e nós vamos derrubá-los com toda força que nós temos, lembrando que a voz do povo é a voz de Deus. E enquanto nós estivermos nas ruas nós não vamos deixar que nada de mal aconteça ao nosso país. Vamos continuar nas ruas minha gente, nós somos o povo, nós somos brasileiros. A nossa camisa não será vermelha jamais, contra o comunismo. Apoio ao Juiz Sérgio Moro, apoio total à Polícia Federal, apoio total à justiça, que está fazendo desse país um país melhor, com a prisão de todos eles. (Fala de militante durante o protesto de 13/03/2016).

Olha só pessoal, olha só! Eu tenho uma coisa pra dizer, nós estamos aqui reunidos contra o PT, contra a corrupção, contra a Folha de São Paulo, contra a Venezuela dentro do Brasil, contra a intervenção do Estado na vida do cidadão, contra a sexualização das nossas crianças pelas nossas escolas, contra doutrina socialista nas escolas e universidades, e principalmente contra o comunismo. (Fala de militante durante o protesto de 13/03/2016).

As palavras são portadoras de significados variados. Por exemplo, diferentes movimentos sociais invocam a categoria povo, democracia, ação popular e corrupção, estas categorias ganham significados diferentes quando invocadas por lideranças de movimentos sociais à direita e quando utilizadas por movimentos sociais à esquerda, ou seja, é preciso compreender de que forma elas são enquadradas pelos diferentes atores. Neste sentido, ouvimos uma conversa durante o evento de protesto do dia 13/03/2016 que revela a concepção de alguns dos manifestantes têm acerca da categoria povo. Na conversa, um dos manifestantes reclamava sobre o protesto estar sendo na Orla da Atalaia e não no Mirante da 13 de Julho, ao que outro militante responde “porque na 13 de julho vai o povo e o povinho”. O bairro de Atalaia, onde ocorreu o protesto, é um dos bairros mais distantes de ser acessado por quem mora na Zona Norte, onde se situa a maioria dos bairros populares da cidade. Além da distância, há poucas opções de linhas de transporte público que fazem o trajeto entre essas duas zonas de Aracaju. Já quanto ao bairro 13 de Julho, apesar de estar situado também na Zona Sul, há mais opções de linhas de transporte público que ligam terminais de ônibus de ambas as zonas.

Desta forma, observamos um conjunto de palavras que os manifestantes e organizadores utilizam para se distinguir daqueles que eles consideram como não patriotas, não cidadãos,

como não brasileiros de verdade. Assim, além da distinção entre o “povo” e o “povinho”, outra nomenclatura que é utilizada é a das “pessoas de bem”. Esta “pessoa de bem” é enquadrada como sendo o cidadão patriótico, honesto, não corrupto, não petista, que não segue nenhuma ideologia de esquerda e que não defende “direitos humanos para bandido”. Tal enquadramento representa principalmente os movimentos à direita que estão alinhados às propostas do presidente Jair Bolsonaro. Apesar deste tipo de enquadramento não ser representativo de todas as direitas, ele unificou os diferentes movimentos no protesto do dia 13/03/2016.

A música é mais um portador físico que transmite significados de uma forma contagiante. Quando observamos as letras das músicas tocadas nos eventos de protestos, percebemos como elas anunciavam “concisos resumos de visões políticas”, como pode ser identificado nos dois exemplos a seguir:

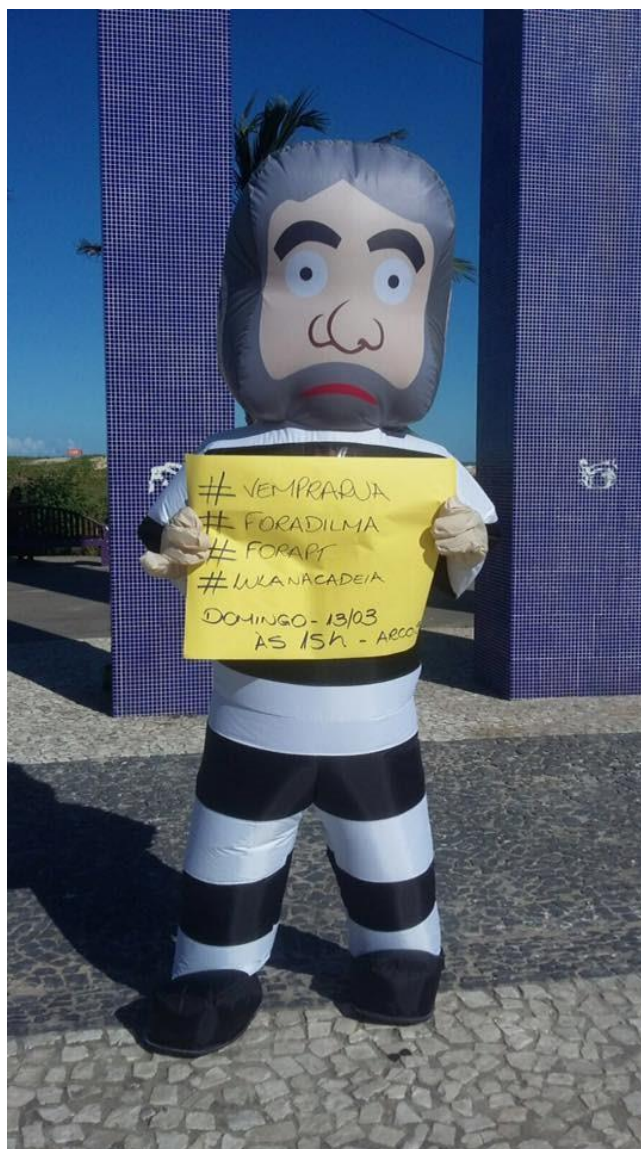
Estamos com Moro ÔÔÔ, Estamos com Moro ôôÔ, Estamos com Moro ôôÔ, Estamos com Moro ôôÔ, o Brasil conta com você. Brasileiros patriotas participem de todas as manifestações, o quanto forem necessárias, até derrubarmos o socialismo e o comunismo no Brasil. (Música tocada durante o protesto do dia 13/03/2016, autor da letra não identificado).

O Brasil é dos Brasileiros. Aprenda e ensine a cantar essa música patriótica: O povo brasileiro é honesto. O povo brasileiro é trabalhador. Brasileiro é criativo. É patriota. Brasileiro, brasileiro eu sou! O brasileiro é corajoso. O brasileiro é inteligente. Brasileiro ama o Brasil. O Brasil é dos brasileiros! Acorda e canta, Brasil: O povo quer que a Dilma caia fora! Fora! Fora! Fora! Fora! Fora! Fora! O povo quer que o Lula caia fora! Fora! Fora! Fora! Fora! Fora! Fora! Êaêaê! Fora Socialismo Comunismo! Êaêaê! Fora Dilma, Lula e PT “Dilma, devolva nossa paz...Renuncie!”. (Música tocada durante o protesto do dia 13/03/2016, autor da letra não identificado).

De forma alegre e eloquente, a mensagem de que o brasileiro é honesto, patriótico, corajoso, trabalhador, criativo, etc., é anunciada numa relação de oposição à então presidente Dilma Rousseff e ao ex-presidente Lula, os quais são vistos, por estes manifestantes, como desonestos, não patrióticos e defensores do socialismo e do comunismo. Salientamos que, enquanto pesquisadores, e refletindo sobre nossa condição no espaço do protesto, nos sentimos contagiados pela música, cantamos, e por alguns momentos fizemos parte daquele sentimento de solidariedade que a música proporcionava. Isso nos permitiu perceber que a continuidade de alguns participantes em manifestações seguintes também resulta dos momentos prazerosos que as mobilizações de rua promovem para estes. Mais do que as palavras e a imagem, a música tem o poder de envolver o manifestante por meio de diversos recursos (a letra, a melodia, a interação com outro, etc.), **assim ela** “absorve o corpo inteiro de maneiras que podem elevar a pessoa a uma atmosfera de êxtase” (JASPER, 2016, p. 69).

Além das palavras e das músicas, outros dois elementos que transmitem significados e constroem o fazer protesto são as imagens e as artes performáticas. Esses dois elementos, nos últimos anos, foram intensificados com a utilização global das tecnologias de informação e comunicação, precisamente do uso das redes sociais para mobilização de eventos de protestos. Abaixo apresentamos duas imagens, que circularam nas redes sociais dos organizadores do protesto em discussão:

Figura 21 – Boneco Pixuleco



Fonte: Facebook do MBL – Sergipe.²⁶

²⁶ Disponível em:

<https://www.facebook.com/mblsergipe/photos/a.1456446534655318/1534517700181534/?type=3&theater>
Acesso em: 14 mar. 2016.

Figura 22 – Publicação na página do MBL Sergipe



Fonte: Facebook do MBL – Sergipe.²⁷

Na primeira imagem, vemos a performance do boneco inflável Pixuleco, que é uma representação simbólica do ex-presidente Lula na condição de presidiário. O boneco Pixuleco foi criado depois do protesto de 15 de março de 2015, pelo publicitário sergipano Paulo Gusmão. Inicialmente o boneco inflável ganharia o nome de Luleco, após o termo Pixuleco surgir como uma gíria, que é sinônimo de “dinheiro roubado”, “propina e dinheiro sujo”, a criação foi nomeada de Pixuleco. Sua versão oficial tem 15 metros e apareceu em momentos específicos em protestos ocorridos pelo Brasil. Mas houve a produção de bonecos menores, em quantidade limitada, para que os manifestantes e lideranças pudessem levá-lo consigo nos protestos. Em entrevista para a *Revista Veja*, Paulo Gusmão fala:

Ele não aparece por acaso. Existe o momento certo. Alguns colegas chegaram a divulgar quando ele ia aparecer, mas não deve ser assim, pois é preciso criar expectativa. O Pixuleco vem sem aviso. Existe um comando, um pensamento, por trás dele, para definir onde, quando e como ele surge. (Paulo Gusmão, entrevista 17/02/2018, repórter **Eduardo F. Filho**).²⁸

²⁷ Disponível em:

<https://www.facebook.com/mbلسeripe/photos/a.1456446534655318/1547066112260026/?type=3&theater>. Acesso em: 14 mar. 2016.

²⁸ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/criador-diz-que-seu-pixuleco-so-perde-validade-se-lula-for-pres/>. Acesso em: 19 fev. 2019.

Esta estratégia de criar expectativa e de não banalizar a presença do boneco inflável ainda é seguida pelos movimentos, principalmente pela Direita Sergipana e o Movimento Brasil Livre, movimentos que dialogam e fazem parte da mesma rede de articulação à direita do criador do Pixuleco.

A segunda imagem faz uma associação entre o filme de terror *O chamado* e a “saída de Dilma Rousseff do poder”. Este é um exemplo de uma estratégia histórica, os movimentos sociais distorcem imagens, fazem montagens de políticos, numa tentativa de criar imagens de vilões e de heróis. Geralmente os vilões são representados como figuras aterrorizantes, fracas, frágeis, medrosas, são representações ou sensações que também são provocadas, normalmente, pelos filmes de terror. Assim, os “manifestantes gostam quando as mesmas imagens de poder são distorcidas para passar a mensagem oposta”. (JASPER, 2016, p. 66). Em suma, “as imagens visuais têm sua própria iconografia, o equivalente que pictórico dos vocabulários que dão significado às palavras. Algumas sugerem força ou fraqueza”. (JASPER, 2016, p. 67). O Juiz Sérgio Moro e o então deputado Jair Messias Bolsonaro, por exemplo, eram representados como heróis, a partir de símbolos que ressaltavam sua musculatura, de montagens de personagens de histórias de super-herói, como o personagem Superman.

A análise deste conjunto de elementos que constroem simbolicamente os protestos, que transmitem significados e geram sensações e emoções diferentes nos manifestantes, evidencia que o engajamento em movimentos sociais à direita deve ser compreendido a partir de diferentes dimensões, bem como que as manifestações de rua são espaços fundamentais para o recrutamento e adesão de militantes orgânicos. Neste sentido, os sentimentos de solidariedade, de comunidade e de união que envolvem os manifestantes durante os protestos de rua permitem que se encontre uma identificação coletiva, bem como o sentimento de pertença a algo maior. Em vista dessas constatações, concluímos que o sucesso e crescimento dos movimentos sociais à direita, principalmente a partir de 2015 com a abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, deve-se também a este processo subjetivo de identificação entre diferentes atores e grupos à direita, que outrora se sentiam isolados com suas ideias e visões de mundo conservadoras, liberais, libertárias, etc.

Isso se confirma também ao analisar os eventos de protestos ocorridos na universidade. Desta forma, o segundo evento analisado nessa sessão é a mesa-redonda “Ato em defesa da justiça e pró impeachment”, ocorrida no dia 01/04/2016. A mesa foi organizada por um professor do Departamento de Ciências Sociais, pelos movimentos Liberte-SE, Estudantes Pela Liberdade, Aliança Estudantil Libertadora (AEL) e Movimento Aliança Estudantil (MAE).

Ainda contou com o apoio das lideranças da Juventude Conservadora de Sergipe. Fizeram parte da mesa, o professor que organizou, uma professora do departamento do curso de Direito e um professor de inglês e estudante de Ciências Sociais. Em 2016, os três já se destacavam como lideranças e apoiadores dos movimentos conservadores, liberais e de direita no espaço universitário, nos anos subsequentes, este status só cresceu.

A mesa-redonda foi iniciada com o sociólogo. Como em toda mesa-redonda à direita que ele participou, ressaltou o momento como um momento histórico, como algo que nunca tinha havido na Universidade Federal de Sergipe, ou seja, uma mesa-redonda formada por conservadores e liberais defendendo um posicionamento e tendo tomadas de posição contra os movimentos sociais e partidos políticos de esquerda que se articulavam dentro e fora da UFS. Em 2015 e 2016, quando os movimentos sociais ainda estavam surgindo e se tornando “aceitáveis” nas mídias, nas universidades e nas ruas, os organizadores costumavam salientar em suas falas que estavam vivenciando um “momento histórico”, um “momento épico” e que aquilo que estavam fazendo “ficaria para história”.

O organizador da mesa atuou como mediador, antes de passar a fala para os expositores, fez considerações sobre a importância da mesa para a construção de um diálogo plural dentro da Universidade. Depois relatou os obstáculos em marcar a mesa e ainda mais de marcar no auditório do Sintufs. O obstáculo, segundo ele, foi que o presidente do sindicato recebeu pressão dos militantes da CUT para não deixar que a mesa ocorresse no auditório do Sintufs, mesmo quando os organizadores do evento já haviam reservado o espaço há um tempo. O sociólogo também compartilhou que foi pressionado e que recebeu ameaças dias antes do evento. Segundo a professora de direito, o Reitor da Universidade relatou a ela que foi pressionado para impedir que o evento ocorresse.

Ao expor as dificuldades na realização do evento de protesto na UFS, os organizadores demonstram as fragilidades e o caráter seletivo do discurso em defesa da democracia feito por movimentos sociais e movimentos estudantis no espaço universitário, bem como dos professores da instituição que são sindicalistas e atuam na militância ou na política partidária à esquerda. Neste sentido, constrói uma narrativa de que os intolerantes não são eles, os conservadores, liberais e direitistas, mas sim os esquerdistas da universidade que historicamente monopolizaram os espaços de discussão e silenciaram professores e alunos que eram contrários às ideologias socialistas e comunistas. Caracterizar os opositores como intolerantes, como antidemocráticos, autoritários e violentos é uma estratégia utilizadas pelos movimentos sociais e lideranças para envolver outros atores. Assim, “a caracterização de personagem, lembremos,

é uma arena-chave, na qual os atores tentam apresentar-se sob uma luz favorável e mostrar seus oponentes de forma desfavorável”. (JASPER, 2016, p. 197).

A seguir algumas imagens do evento de protesto:

Figura 23 – Mesa-redonda à direita na UFS (01/04/2016)



Fonte: Arquivo pessoal da autora, mesa-redonda, UFS, 01/04/2016.

Figura 24 – Público da Mesa-redonda à direita na UFS (01/04/2016)



Fonte: Arquivo pessoal da autora, mesa-redonda, UFS, 01/04/2016.

Figura 25 – Confusão durante a Mesa-redonda à direita na UFS (01/04/2016)



Fonte: Arquivo pessoal da autora, mesa-redonda, UFS, 01/04/2016.

A primeira a expor foi a professora do curso direito da UFS e advogada na área penal. Sua fala foi sobre a legalidade do *impeachment* de Dilma Rousseff. Em outras mesas-redondas de que a professora fez parte em períodos anteriores e posteriores, ela falou sobre o mesmo ponto e levou esta discussão para outros espaços, como igrejas, organizações de representação profissional e empresarial. Ressaltou, em sua fala, as possíveis irresponsabilidades administrativas que a então presidente Dilma Rousseff cometeu e que justificariam a sua retirada do poder. Durante o debate, a professora foi questionada sobre os aspectos jurídicos do *impeachment*, ao que ela respondeu que deixou de lado os aspectos jurídicos, não por que eles eram menos importantes, mas sim porque a exposição deles demandaria mais tempo do que ela dispunha no momento.

Relatou alguns dados numéricos sobre os desvios de dinheiro desde que Lula entrou no poder, falou sobre os grampos nos celulares dos funcionários do ex-presidente, das manobras feitas pela presidente Dilma Rousseff para que seu colega de partido não fosse investigado sem foro privilegiado. A professora destacou que a esquerda e o PT pediram o *impeachment* de todos os ex-presidentes após a ditadura militar, menos o do ex-presidente Lula, para ela, tal pedido não aconteceu porque o PT pode ter tido como aliados vários juristas. Outro questionamento feito à professora foi sobre a atuação do juiz Sérgio Moro, sobre os grampos telefônicos, especificamente. A professora argumentou vários aspectos legais que legitimavam a atuação e decisões do juiz, e apenas colocou como uma infelicidade a divulgação dos grampos e de outros

documentos sigilosos porque acabaria beneficiando determinados jornalistas e esses fariam a apropriação e publicização que quisessem. Mas disse que isso era “*briga de cachorro grande, então era melhor deixar isso pra lá*”.

A professora de direito, que leciona na UFS desde a década de 90, é a figura que legitimou o discurso da legalidade do *impeachment* entre seguidores e simpatizantes à direita no espaço universitário. Ela e o outro professor da mesa se tornaram os intelectuais orgânicos dos movimentos sociais conservadores e liberais do estado. Eram referenciados em rodas de conservas dos militantes, eram acionados para intervir em algum problema em âmbito institucional e em outras ações para legitimar projetos, por exemplo, o da Escola Sem Partido junto à Câmara de Vereadores. Sobre o envolvimento de outros atores e a sustentabilidade dos movimentos e de suas ações, destacamos aquilo que Tarrow (2009) coloca sobre o déficit de capital social dos movimentos:

Os movimentos frequentemente se desenvolvem no interior de instituições usando suas estruturas e ideologias para desenvolver contatos entre redes de dissidentes e empregando suas ideologias – concebidas literalmente – contra seus portadores oficiais. (TARROW, 2009, p. 172).

Uma característica comum aos três componentes da mesa é a de que em algum momento das suas trajetórias se engajaram em movimentos sociais de esquerda. Os dois intelectuais orgânicos eram petistas quando mais jovens, são vistos como dissidentes no espaço universitário, não só eles, mas um conjunto de professores da UFS que são considerados os “arrepentidos do PT”. Termo que também foi utilizado em mobilizações de rua para caracterizar políticos partidários que já tinham sido filiados ao PT. Em suma, os movimentos à direita, principalmente em 2015, 2016 e 2017, dispunham de pouco recurso humano e financeiro. Uma das estratégias utilizadas narradas por lideranças de movimentos, durante uma reunião aberta em que fizemos observação participante, era a de focar no recrutamento de: a) professores do ensino básico que era simpatizantes da direita e eram silenciados no seu espaço de trabalho; b) em professores universitários que eram de direita ou simpatizantes; c) nas pessoas que tinham perdido seu emprego por conta da crise econômica durante o governo de Dilma Rousseff; d) e em ex-petistas e/ou pessoas que já tinham tido militância em movimentos sociais de esquerda, e estavam arrependidos, diante dos escândalos de corrupção.

A última fala antes do debate foi do professor de inglês, na época estudante do curso de Ciências Sociais e liderança do movimento Estudantes Pela Liberdade e do Movimento Aliança Estudantil. Toda a fala da liderança foi construída em cima do humorismo, do deboche e do

sarcasmo. Ele disse “*Não vim para o mundo para agradar, mas para desagradar mesmo*”, deste modo, ele construiu sua fala a partir de 13 argumentos que ele classificou a partir de perfis nas redes sociais que eram contra o *impeachment* de Dilma Rousseff. Sua tentativa foi a de desconstruir os argumentos de movimentos de esquerda por meio do humor. O expositor se posicionou politicamente e ideologicamente como liberal. Durante toda a fala, em diversas vezes, ele fez perguntas aos militantes de esquerda e aos grupos anarquistas que estavam presentes, numa interação provocativa e de confronto. Ele só pontuou dez argumentos, terminou dizendo “*Eu vou terminar com 10 mesmo, porque da mesma forma que Dilma mentiu para você nas eleições em 2010, tá? Eu menti pra vocês também, tá?*”.

Fizemos a transcrição dos dez argumentos utilizados pelo expositor, destacamos dois deles abaixo:

Argumento 4: “*Golpe da elite branca e fascista*”. Bom eu não sou branco, eu estudei ciências biológicas, eu acho que a biologia já acabou com isso aí né. Existe uma raça, a raça humana. Eles ficam perdendo tempo com essa história de preto e branco, eu acho que eles esquecem um pouco da ciência. Eu li Marx, devo admitir, esse pessoal da esquerda adora fazer a luta de classes, preto contra branco, homens contra mulheres, hétero contra gay e por aí vai. O momento é que quando alguém manifesta o contrário já acusa de fascista. Eu já consigo visualizar uma pessoa aqui da esquerda, e aí eu jogo a pergunta pra vocês, não precisam responder agora, deixa pra responder no final, quando terá um momento reservado pra isso: eu gostaria de perguntar a vocês se vocês sabem o significado do termo fascismo? Eu estou aqui com o pai dos burros, o dicionário [...]. (Entrevistado 12).

Argumento 10: “*A direita fascista e raivosa quer destruir o Brasil*”. A esquerda que prega a luta de classes e é a direita que quer destruir o Brasil [...]. (Entrevistado 12).

Assim como a música, o humor nos envolve numa atmosfera que ofusca julgamentos morais, do que é certo e errado, do que é ofensivo e depreciativo. Novamente, enquanto pesquisadores, nos vimos envolvidos nessa atmosfera: rimos das piadas, do deboche, partilhamos com os organizadores e seguidores à direita daquele sentimento mútuo de que naquele momento e naquele espaço os movimentos à direita estavam marcando seu espaço na Universidade, ou seja, estavam começando a vencer algumas disputas dentro dessa arena política. Contudo, nosso envolvimento não é por acaso, há uma lógica utilizada pelos movimentos sociais e organizadores para envolver os participantes, os manifestantes. Os portadores figurativos, como as piadas, as narrativas, as ideologias, as regras e leis, os enquadramentos, as identidades coletivas, são meios para transmitir significados.

Vemos nos argumentos citados anteriormente, e nos demais que não citamos, que o professor de inglês e liderança dos movimentos estudantis utilizou de vários portadores físicos para envolver aqueles que estavam presentes no auditório. Um dos portadores figurativos foram

as “máximas e provérbios” que podem ser entendidas como “formulações concisas que moldam nosso senso comum” (JASPER, 2016, p. 73), um exemplo disso, muito utilizado pelas lideranças à direita, é a máxima “contra fatos não há argumentos”. Neste sentido, fatos são incorporados às suas narrativas, por meio de discursos simplistas de que supostamente os fatos “se sustentam por si mesmos”. As piadas, assim como o deboche, muito utilizado nos argumentos referenciados anteriormente, mas também nos perfis dos movimentos sociais à direita no Facebook, Twitter e Instagram, são sempre feitas em um tom agressivo contra opositores, contra políticos e contra aqueles que estão no poder que não são seus aliados. Uma das funções da piada e do deboche é a de destruir a reputação dos seus oponentes e de deslegitimar suas ações mediante estratégias agressivas disfarçadas de humor sarcástico e depreciativo, o uso do “politicamente incorreto” é um exemplo disso.

A mesa-redonda foi interrompida por conta de uma confusão do lado de fora, foi um dos momentos mais tensos e violentos entre os movimentos opositores que registramos no período analisado na presente tese. O pensamento comum de quem estava no auditório foi o de que provavelmente os militantes de esquerda e direita tinham começado a brigar. Mas não foi o que aconteceu, houve provocações entre movimentos sociais de esquerda e os da direita do lado de fora. Houve a tentativa de continuar o evento, mas depois se iniciou uma confusão generalizada dentro do auditório. As luzes foram apagadas, houve empurrões, ofensas verbais contra os professores e muita gritaria. Assim como o evento do dia 13/03/2016, as lideranças da Juventude Conservadora de Sergipe estavam presentes para fazer a “segurança” dos expositores e dos participantes à direita. Não conseguimos registrar por meio de fotografias e vídeos os objetos que serviriam de arma para fazer a proteção, mas durante a confusão, observamos as duas lideranças da JCS com as mãos nos bolsos e na mochila que carregavam. Quando saímos do auditório vimos um militante de esquerda com taco de sinuca e outros com varas de bambu. Houve muito xingamento, provocação e nos dois lados a frase mais entoada era: “Fascistas, fascistas, fascista”. Os professores foram escoltados pelos guardas que fazem a segurança patrimonial da UFS e pelas lideranças da JCS até o estacionamento da instituição. Em conversas com os organizadores do evento, eles relataram que uma das lideranças da JCS portava uma arma de fogo e bombas caseiras, sendo que uma delas tinha sido arremessada contra a reitoria, mas tinha falhado.

Em conclusão, este evento de protesto exemplifica como o fazer protesto envolve um conjunto de elementos simbólicos e de infraestrutura. Este último ponto inclui a comunicação, o transporte, a mídia, as redes informais, as organizações formais, os meios de financiamentos,

etc., que dão condições para que as tarefas promovidas pelos atores coletivos sejam executadas. Como vimos, desde a escolha simbólica do local, o auditório da Sintufs, do desfecho violento do evento até o pós-evento, os organizadores acionaram redes informais, a mídia, organizações jurídicas e *expertise* técnica para realizar o evento, para divulgar o ocorrido e para lidar com as consequências jurídicas resultantes de denúncias de agressão contra uma militante do movimento estudantil de esquerda durante o evento. Por fim, vale salientar que após este evento as lideranças dos movimentos destacaram a adesão de novas pessoas ao movimento, bem como reforçaram o desejo de continuar fazendo oposição aos movimentos sociais e estudantis e professores à esquerda que atuam dentro da universidade.

O terceiro evento analisado é Conferência Liberty Open, ocorrida na Universidade Federal de Sergipe, nos dias 29 e 30/09/2019. Este evento de protesto também exemplifica como os recursos de comunicação, materiais, humanos, são fundamentais no fazer protesto, bem como para que as lideranças dos movimentos continuem fazendo suas ações de protesto. Os organizadores descrevem o evento da seguinte forma:

E a maior conferência liberal/libertária de Sergipe está de volta!
É com muito orgulho que a Juventude Libertária de Sergipe em parceria com o Instituto Liberal de Sergipe anuncia a 3ª edição do Liberty Open, conferência libertária anual que reúne em todo mês de agosto os maiores do movimento libertário brasileiro aqui, em Aracaju.
Criado em 2017 pela união dos maiores movimentos Liberais do estado de sergipe, a JLS e o ILISE, o Liberty Open é a maior conferência libertária do estado de Sergipe, reunindo anualmente centenas de estudantes para verem uma série de palestras sobre Direito, Economia, Política, Filosofia e áreas afins. Já tivemos participações de grandes nomes do movimento liberal/libertário brasileiro como Rodrigo Saraiva Marinho, Francisco Razzo, Paulo Kogos, Antony Mueller, Paulo Demchuk, Rodorval Ramalho dentre outros. O intuito do evento é sempre difundir as ideias de liberdade em um estado marcado pelo estatismo, corporativismo e coronelismo da velha política.
O evento conta já com grande repercussão Brasil afora, com forte e decisivo impacto sobre os estudantes e demais presentes que direta ou indiretamente participam dele. Centenas contarão aqui com a real possibilidade de estabelecer contato com pensadores que se encontram na linha de frente da produção científica e de divulgação na área e, até mesmo, de preparar iniciativas conjuntas e processos de colaboração fundamentais para o aperfeiçoamento de suas habilidades formativas. (Facebook da JLS, 09/07/2019).²⁹

Os eventos de protestos organizados pelos movimentos sociais liberais tiveram como objetivo principal difundir e debater o ideário liberal, principalmente no espaço universitário. Neste sentido, o evento intitulado Liberty Open, ocorrido entre os dias 29 e 30 de agosto de 2019, é um exemplo de como seus organizadores alinham estratégias de difusão de uma causa,

²⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=655686704897057&set=a.245918339207231>. Acesso em: 12 fev. 2020.

as redes sociais, a mobilização de recursos e o envolvimento de outros atores ao seu movimento. O evento em análise foi promovido por dois movimentos locais, a Juventude Libertária de Sergipe e o Instituto Liberal de Sergipe, e por outros dois *think tanks*, a Foundation For Economic Education (FEE) e a Universidades Livres (UniLivres). O evento contou com o apoio de vários outros movimentos e *think tanks* liberais que patrocinam eventos no âmbito acadêmico e que divulgam o ideário liberal. Como podemos verificar em um dos cartazes de divulgação do evento:

Figura 26 – Cartaz Liberty Open 2019

Fonte: Facebook da JLS.³⁰

Inicialmente o evento seria organizado na Universidade Tiradentes, mas a instituição privada cancelou o evento e os organizadores tiveram que acionar suas redes de apoio na UFS para cadastrar o evento nesta instituição. Ao analisar o texto do cartaz acima, é possível identificar como os organizadores buscam se distinguir por meio das palavras, dos movimentos que se identificam na dicotomia direita e esquerda: “*Além da direita e da esquerda*” é uma frase que transmite muitos significados sobre como os movimentos liberais se enxergam dentro das arenas políticas. Em vários relatos das lideranças liberais que entrevistamos, houve uma busca

³⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=685496658582728&set=a.264654020666996>. Acesso em: 14 fev. 2020.

de se diferenciar da direita e da esquerda que fazem apenas protesto de rua, que levantam bandeiras de partidos políticos e de políticos partidários. Sobre isso, salientamos a fala da Entrevistada 21, liderança do movimento liberal do estado da Bahia e que participou de eventos de protestos organizados pela JLS em Aracaju:

Na verdade a gente não gosta dessa divisão direita e esquerda porque a gente acha ela muito limitada. A gente na verdade não vê uma linha reta, a gente enxerga um losango, então de um lado estaria a direita, do outro lado a esquerda, em cima a liberdade e embaixo o autoritarismo, o liberal estaria aqui no meio. [...] Na verdade os liberais às vezes concordam com a esquerda às vezes concordam com a direita, e quando eles concordam com a esquerda os conservadores chamam de esquerdista, e quando eles concordam com a direita os esquerdistas chamam eles de fascistas, de conservadores, etc. Então o conservador está ali no meio, ele quer setores. (Entrevistada 21).

Os movimentos liberais, principalmente aqueles que organizam eventos dentro do espaço universitário, acreditam que a mudança social e o processo de conscientização política só são possíveis ser feitos por meio da defesa das ideias, e para tanto é preciso fazer um trabalho de formação intelectual com as pessoas, em particular com os jovens. Isso pode ser percebido por meio dos temas do cartaz de divulgação apresentado anteriormente. A palestra de abertura do evento em análise teve como tema “Liberalismo contra racismo”, e o segundo momento, que foi um debate, teve como tema “Justiça do Trabalho: é mesmo necessária?”. Estes dois temas revelam a concepção político-ideológica dos militantes e lideranças dos movimentos liberais, que defendem a meritocracia e desconsideram razões históricas e sociais para a criação de cotas raciais. O Instituto Liberal de Sergipe já promoveu outras ações para discutir a necessidade das cotas raciais na UFS. O segundo tema relaciona-se a duas das principais pautas levantadas pelo movimento liberal e libertário em Sergipe: a diminuição ou a não intervenção do Estado na economia, no mercado e a primazia do indivíduo em relação ao coletivo. Em discussões que acompanhamos nos grupos de WhatsApp em um dos movimentos sociais liberais analisados, os membros debatiam sobre como as leis trabalhistas atrapalham as relações de trabalho entre patrão e empregado, defendiam a não existência das leis trabalhistas e propunham que patrões e empregados pudessem eles próprios criar as regras que orientariam o regime de trabalho e a remuneração.

Em consenso, as ideologias que orientam movimentos e a própria organização de um evento de protesto são um elemento-chave do fazer protesto. Quando os liberais buscam demarcar uma identidade diante dos movimentos à esquerda e à direita, estão buscando construir uma representação de si, que envolve a construção de uma identidade coletiva, mas

também a delimitação de um espaço de disputa política dentro das diferentes arenas já mencionadas. Desta forma, as ideologias são “sistemas elaborados de ideias, identidades, narrativas, enquadramentos, slogans, fatos e outros elementos que se destinam a explicar o mundo e sugerir ações”. (JASPER, 2016, p. 73). Há, por detrás de cada tema anunciado no cartaz de divulgação, uma intencionalidade e um público a ser alcançado. Esse público pode ser redes de amigos que ainda não aderiram aos movimentos, professores universitários que se sentem isolados na universidade, estudantes que estão biograficamente disponíveis para se engajar na causa e também organizações que compartilham do mesmo alinhamento de quadros.

Sobre este último ponto, é importante salientar que uma das formas de um movimento liberal se destacar e conseguir credibilidade e recursos financeiros para organizar seus eventos de protestos é conseguindo ser aceito como uma organização que faz parte de *think tanks* nacionais e internacionais, um exemplo disso é fazer parte da Rede Liberdade e/ou do Instituto Mises Brasil. Neste sentido, Barbieri (2018), ao estudar os movimentos liberais do Rio Grande do Sul, mostrou que:

As atuações locais, que não estão em evidência na mídia tanto quanto outros agrupamentos, caracterizam uma novidade dentro do movimento liberal. Elas adquiriram representatividade e protagonismo, especialmente entre jovens universitários e recém-formados. Podemos considerar que esses agrupamentos formam a “base” do movimento liberal hoje, sendo responsáveis por atingir o maior número de pessoas com projetos e ações para difusão do pensamento liberal. Os núcleos locais são sediados, muitas vezes, em universidades, possuem formação e configurações equivalentes entre si e estão em constante diálogo. Também podem integrar uma rede de conexão com institutos e organizações liberais tradicionais que possuem representação nacional e são formadas por empresários. (BARBIERI, 2018, p. 25).

A realidade encontrada pela autora ao analisar os movimentos liberais assemelha-se aos resultados encontrados na presente tese e em outros estudos que analisaram, por exemplo, os Estudantes Pela Liberdade (GOBBI, 2016). Portanto, os resultados indicam que os eventos de protestos organizados em Sergipe, principalmente no âmbito universitário, pelos movimentos liberais, são inspirados por uma rede global de movimentos, institutos, organizações nacionais e internacionais liberais, que têm como principal objetivo disseminar o ideário liberal entre jovens universitários. Como pode ser visualizado na imagem do cartaz do evento, há um conjunto de *think tanks* que apoiaram a organização. Segundo lideranças dos movimentos liberais, às vezes o apoio consiste apenas em permitir que eles utilizem a logo da organização para legitimar o evento, ou a disponibilização de palestrantes, etc., como também os organizadores contaram com o patrocínio da Vox Brasilis. Vale ainda ressaltar que a

disponibilidade de recursos e de palestrantes de diferentes estados do Brasil é algo que começa a acontecer principalmente em 2018, a partir de um investimento das lideranças da Juventude Libertária de Sergipe na construção de redes e da participação de formação política e econômica oferecidas por *think tanks* liberais, como o Instituto Mises Brasil. Antes de 2018, os recursos financeiros eram oriundos principalmente de doações de amigos e dos próprios membros e lideranças do movimento.

3.4 – DOS EVENTOS DE PROTESTOS ÀS ELEIÇÕES DE 2016 E 2018

A relação entre partidos políticos e movimentos sociais é um tema que tem sido estudado, por um lado, a partir de uma perspectiva que coloca a política contestatória dissociada da política institucional; por outro lado, a partir de uma perspectiva que defende que os movimentos sociais e partidos políticos são mutuamente constitutivos (MEZA; TATAGIBA, 2016). Neste sentido, compartilhamos desta segunda visão que está alicerçada na noção de *contentious politics* ou confronto político (MCADAM; TARROW; TILLY, 2001; TILLY, 2008). Tal noção trouxe uma renovação no campo de estudos dos movimentos sociais, ao argumentar que há um nexo constitutivo entre movimentos sociais e partidos políticos. (MEZA; TATAGIBA, 2016; TARROW, 2009; GOLDSTONE, 2004). Desta forma, entendemos que os ciclos de protestos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff e a emergência dos movimentos sociais à direita podem revelar este nexo constitutivo entre política contestatória e a política institucional, na medida em que observamos a candidatura de lideranças à direita e de organizadores dos protestos pelo *impeachment* nas eleições de 2016 e 2018. Tais candidaturas são talvez o exemplo mais latente desse nexo constitutivo, todavia outros aspectos também são reveladores de como os partidos políticos podem influenciar o surgimento de movimentos sociais, bem como os movimentos contribuem para a emergência de partidos políticos.

Para Jack A. Goldstone (2004), o protesto social e a participação política são complementares em várias formas. Neste sentido, um dos pontos destacados pelo autor é o de que geralmente as pessoas comuns associam a política institucional aos ciclos eleitorais, enquanto os protestos ocorrem durante todas as estações do ano e ao longo dos anos, ou seja, as pessoas comuns têm contato diretamente ou indiretamente com os protestos cotidianamente. A mídia televisada, e mais recentemente, as redes sociais, têm sido fundamentais para trazer a realidade dos protestos sociais para o cotidiano das pessoas. O segundo ponto tratado pelo autor é o de que na política convencional o poder de escolha das pessoas é bastante limitado,

reduzindo-se a votar em um ou outro candidato. Já na política contestatória as pessoas podem se envolver em questões específicas e explorá-las por meio de ações. O autor defende que os protestos podem moldar o comportamento dos partidos políticos, na medida em que determinados partidos são sensíveis a grupos específicos.

Já o terceiro ponto, nessa relação de complementariedade entre protesto social e participação política, é o de que os protestos e ações associativas oferecem meios contínuos para refinar e reforçar os resultados das eleições convencionais. É neste processo contínuo, portanto, que vemos as relações entre partidos políticos e movimentos sociais emergirem, seja em função de eventos de protestos ou das redes sociais das lideranças que transitam nos dois espaços políticos. Neste sentido, o quarto ponto colocado pelo autor afirma que os movimentos sociais, e não apenas os partidos, podem “afetar” o resultado de disputas eleitorais institucionalizadas. (GOLDSTONE, 2004). Os movimentos não atuam apenas como “cabos” eleitorais de determinados partidos e/ou políticos específicos, eles também podem atuar promovendo uma questão que é identificada como de um determinado partido, ou seja, o movimento pode aumentar a importância de uma questão em função da sua relação com a política institucional. Contudo, cabe salientar que o que estamos defendendo aqui não é uma relação de cooptação dos partidos em relação aos movimentos sociais, mas uma dinâmica na qual os movimentos moldam comportamentos de partidos e dos resultados de eleições em função dos seus objetivos, bem como os partidos influenciam a emergência de movimentos sociais ou disponibilizam recursos para sua sustentabilidade em razão dos seus objetivos.

Vamos elencar abaixo, de forma objetiva, alguns exemplos concretos desta dinâmica mutuamente constitutiva entre movimentos sociais, eventos de protestos, partidos políticos e eleições, percebidos a partir do nosso universo empírico:

1. Em 2014, lideranças do movimento estudantil à direita, de movimentos conservadores e antipetistas foram voluntários na campanha do senador Aécio Neves (PSDB), mesmo sem concordar com sua política, tinham como objetivo diminuir as chances de Dilma Rousseff ser reeleita.
2. Em 2014, uma liderança do movimento liberal, na época vinculada ao Partido Novo, influenciou o surgimento do movimento estudantil Liberte-se UFS, com o objetivo de ter um “braço do partido” no espaço universitário. Esta mesma liderança foi o primeiro coordenador estadual do MBL Sergipe e candidatou-se nas eleições municipais de 2016 e nas eleições federais de 2018.

3. Em 2015, o Movimento Sergipe Com Jair Bolsonaro é criado com o principal objetivo de promover as pautas defendidas pelo então deputado e atual presidente Jair Bolsonaro (Sem partido).
4. Em 2018, os movimentos aliados desde 2016, Direita Sergipana e Movimento Sergipe Com Jair Bolsonaro, rompem após disputas das suas lideranças, apoiadores e patrocinadores em torno de candidaturas nas eleições de 2018.
5. Lideranças vinculadas a movimentos sociais manifestaram apoio publicamente e produziram conteúdo *on-line* para contribuir com a campanha de Jair Bolsonaro à presidência da República em 2018.
6. Nas eleições de 2016 e 2018, alguns movimentos sociais analisados publicaram nos seus grupos de WhatsApp e nas suas redes sociais os candidatos que eles apoiavam e/ou que estavam em acordo com o que eles defendiam.
7. A publicização no Instagram da filiação de determinadas lideranças de movimentos sociais à direita a partidos políticos, por exemplo, ao Patriotas, ao PSL, ao Partido Novo, etc.
8. Em 2019, surge o “Blocão da Direita”, formado pela união de movimentos liberais, conservadores e de direita, para lançar candidatos e influenciar as disputas eleitorais nas eleições de 2020.

Além dos exemplos acima, elaboramos dois quadros a partir de dados disponibilizados no site do Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe³¹, no site Gazeta do Povo³² Sergipe e das informações coletadas nas entrevistas semiestruturadas e nas observações participantes, que ilustram a relação entre política contestatória e política contenciosa. Neste sentido, verificamos aquelas lideranças e apoiadores de movimentos sociais e dos ciclos *pró-impeachment* de 2015 e 2016 que se candidataram nas eleições de 2016 e 2018. É importante ressaltar que a maioria nunca havia se candidatado antes, bem como outras lideranças que já haviam se candidato em eleições anteriores, não o fizeram nas duas eleições em discussão. Isso indica que diferentes fatores influenciam para candidatura de uma liderança de movimento social ou de protestos sociais, entre estes fatores, ressaltamos a avaliação que as lideranças fazem das ameaças e das oportunidades, tanto na esfera coletiva quanto na esfera individual.

³¹ Disponível em: <http://www.tre-se.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2016>. Acesso em: 13 fev. 2017.

³² Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/apuracao/resultados-eleicoes-2016-primeiro-turno-se/>. Acesso em: 13 fev. 2017.

Quadro 7 – Militantes/Apoiadores candidatos nas eleições de 2016

Militante/apoiador candidato	Movimento Social	Eleições municipais Aracaju 2016	Situação	Votos
Henrique Santos	Liberte-se UFS, MBL - Sergipe, MAE, participou dos ciclos de protestos pró- <i>impeachment</i> .	Vereador (PSDC)	Suplente	113
Hebert Pereira	Movimento Atitude – (Mova-se), organizou eventos de protestos.	Vereador Rede Sustentabilidade	Suplente	1.514
Prof. ^a Avilete	Movimento Luta Sergipe, organizou eventos de protestos.	Vereadora (PSC)	Suplente	144
Saulo Vieira	Liberte-SE, Juventude Livres, Advogados pela Liberdade, MBL – Sergipe, RenovaBR, organizou manifestações pró- <i>impeachment</i> .	Vereador (PSL)	Suplente	2.099
João Tarantella	Direita Sergipana e Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro, organizou manifestações pró- <i>impeachment</i> .	Prefeito PMN	Não eleito	25.715 (3º lugar)

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Em 2016, identificamos apenas cinco lideranças que estavam diretamente vinculadas a movimentos sociais e à organização de eventos de protestos entre o período de 2014 e 2018 em Sergipe. Uma dessas lideranças foi o candidato a prefeito e empresário João Tarantella. Ele já

havia se candidatado em outras eleições para o cargo de vereador, mas não foi eleito. Nas eleições de 2016, o político ganhou a simpatia dos movimentos à direita por se declarar contra a “velha política”. Durante sua campanha ganhou apoio do movimento Direita Sergipana e Sergipe Com Jair Bolsonaro, estes dois movimentos passaram a fazer campanha voluntária para o político. Apesar de não ter sido eleito, ele ficou em terceiro lugar para o cargo, o que deu mais notoriedade a ele diante dos movimentos à direita. Os candidatos a vereadores, Hebert Pereira e Saulo Vieira, também tiveram uma votação expressiva para o cargo de vereador do município de Aracaju. A característica comum a estes três políticos, que tiveram uma votação significativa, é uma carreira marcada pelo envolvimento na política partidária e/ou na política contestatória, especialmente em movimentos sociais estudantis.

Nas eleições federais de 2018, como veremos no Quadro 8, o número de candidatos aumenta. Neste sentido, vale salientar que quando fizemos a pergunta para qual cargo as lideranças se candidatariam caso adentrassem na política partidária, os cargos mais indicados foram o de deputado federal e deputado estadual. Estes cargos são mais “valorizados”, pois segundo as lideranças eles permitem fazer mudanças significativas e efetivas na sociedade. Contudo, percebemos que além desta valorização há também um certo investimento, pessoal e de apoiadores, para preparar uma liderança de movimento social para ela lançar-se candidata há um desses cargos. Dito de outro modo, a liderança de movimento e seus aliados avaliam as ameaças, como, por exemplo, “manchar” sua imagem ante os militantes e simpatizantes do movimento que lidera; e avaliam as oportunidades, por exemplo, o apoio de elites políticas e empresariais que poderiam não ter em outra eleição.

Quadro 8 – Militantes/Apoiadores candidatos nas eleições de 2018

Militante candidato	Movimento Social	Eleições 2018	Situação	Votos
Thiago De Jesus	Apoiador de eventos de protesto.	Deputado Estadual (PSL)	Não eleito	1.995
Hebert Pereira	Movimento Atitude – (Mova-se).	Deputado Federal (Rede)	Não eleito	6.994
Saulo Vieira	Liberte-SE, Juventude Livres, Advogados pela Liberdade, MBL – Sergipe, RenovaBR.	Deputado Estadual (PMN)	Não eleito	4.095

(continua)

(continuação)

Jáfia Andrade Santos	Direita Sergipana e Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro.	Deputada Estadual (PSL)	Não eleita	1.593
Waldir Vianna	Direita Sergipana e Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro.	Deputado Estadual (PSL)	Não eleito	5.948
Messias Cavalcante	Direita Sergipana.	Deputado Estadual (PSL)	Não eleito	1.563
Douglas Heans	Vinculação com a Direita Sergipana.	Deputado Estadual (PSL)	Não eleito	1.045
Adriana Mallezan	Apoiadora dos movimentos liberais, palestrante.	Deputado Federal (Partido Novo)	Não eleito	3.557
Aurélio Lima Barreto	Apoiador dos movimentos liberais e integrante do Movimento Basta.	Deputado Federal (Partido Novo)	Não eleito	2.597
Peter Costa	Organizador de protestos pró- <i>impeachment</i> , apoiador dos movimentos pró-intervenção militar.	Deputado Federal (PSL)	Não eleito	1.410
Marcus Aurélio	Direita Sergipana e Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro.	Deputado Federal (PSL)	Renunciou	Não se aplica
Milton Andrade	Apoiador dos movimentos liberais, palestrante.	Governador (PSL)	Não eleito	35.111
João Tarantella	Direita Sergipana e Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro.	Governador (PSL)	Indeferido	Não se aplica

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Como apresentado no quadro acima, 13 pessoas vinculadas aos movimentos à direita se candidataram nas eleições de 2018. Sendo que o candidato João Tarantella teve a sua candidatura indeferida, e Marcus Aurélio renunciou. O indeferimento da candidatura de Tarantella e a renúncia de Marcus, ambos liderança do movimento Direita Sergipana, promoveram rupturas internas no movimento e também o rompimento da aliança com o Movimento Sergipe Com Jair Bolsonaro. Nas eleições de 2016, vimos que os cinco candidatos concorreram a partir de bandeiras partidárias diferentes; em 2018, dos 13 candidatos, nove se candidataram pelo PSL, dois pelo Partido Novo, um pelo PMN e um pela Rede

Sustentabilidade. O partido predominante foi o PSL, o que se vincula diretamente com o então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro, que se candidatou por aquele partido, bem como com as redes de movimentos conservadores e de direita que fizeram campanha para o político mesmo antes do período de campanha. O Partido Novo, que não permitiu que candidatos do nordeste se candidatassem nas eleições municipais de 2016, lançou dois candidatos em 2018, Adriana Mallezan e Aurélio Lima Barreto, que são apoiadores e palestram em eventos organizados pelos movimentos liberais.

Os dados dos quadros, bem como os exemplos objetivos apresentados anteriormente, revelam contradições, ou melhor, uma relação contraditória com a defesa do apartidarismo que os movimentos fazem nos eventos de protesto. Desde as manifestações pelo *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Melo, em 1992, a narrativa do apartidarismo é algo recorrente nos discursos públicos de movimentos sociais e nos eventos de protestos que eles organizam. Mais recentemente, alguns movimentos têm levantado a bandeira do suprapartidarismo, mas todos buscam criar narrativas que não os colocam como partidários. Neste sentido, a posição adotada pelas lideranças desses movimentos é a de que eles não são partidários, mas que os seus membros têm a liberdade para se filiar a algum partido político ou a se candidatar em eleições.

A partidarização dos movimentos sociais e o aparelhamento político têm sido discutidos por pesquisadores de movimentos sociais. Um estudo interessante que vale ser destacado é o de Ann Mische (2008) sobre o movimento estudantil do Brasil na década de 1990. Ela acompanhou movimentos estudantis com vinculações partidárias distintas e observou suas relações. Um dos resultados encontrados foi que movimentos que se diziam apartidários tinham vinculações densas com partidos políticos, porém tais vinculações não apareciam durante os protestos, eram ocultadas, pois a relação entre movimentos sociais e partidos políticos tinha sido abalada por conta dos acontecimentos políticos de 1992. Tal contexto não é muito distante do que foi visto no ciclo de protestos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff e nos protestos seguintes. Contudo, é importante ressaltar que movimentos como Direita Sergipana e Movimento Sergipe Com Jair Bolsonaro, apesar de defenderem o apartidarismo, não mascaravam seu apoio a políticos partidários.

Além disso, a candidatura de lideranças de movimentos sociais em eleições envolve também o processo de fortalecimento do movimento por elas liderados, bem como de sua imagem como ativista político e social diante da sociedade. Diante de tudo que já foi apresentado neste capítulo e no capítulo 2, afirmamos que os movimentos sociais à direita

contribuíram para “modelar” as eleições de 2016 e principalmente de 2018 em Sergipe, ao lançar candidatos que nunca tinham se candidatado antes, ao estabelecer alianças com novos partidos, como o Partido Novo, ao confrontar políticos profissionais, ao utilizar principalmente as plataformas digitais para apoiar candidatos e aumentar a importância de questões como liberação do porte de arma, diminuição da maioria penal, fim da corrupção, criminalização do aborto, etc.

Em consenso com isso, vários são os exemplos empíricos que revelam a relação recíproca entre movimentos sociais e eleições. Buscando contribuir com a perspectiva que ver a política contestatória e a política institucional como mutuamente constitutivas, McAdam e Tarrow (2011) criam o conceito de confronto eleitoral, tal conceito pode ser entendido como:

o conjunto de relações recorrentes entre movimentos e eleições que definem a dinâmica dos movimentos e o resultado das eleições. Podemos distinguir cinco processos nesse sentido: eleições como uma tática do movimento, mobilização eleitoral pró-ativa e reativa por grupos de movimento, impacto a longo prazo de mudanças em “regimes eleitorais” sobre padrões de mobilização e desmobilização dos movimentos sociais, e aquilo a que chamamos de “polarização partidária induzida por movimentos. (MCADAM; TARROW, 2011, p. 25).

O primeiro processo, as eleições como tática do movimento, permite perceber como os movimentos lançam mão das eleições como uma forma de atingir seus objetivos. Dentro das táticas e estratégias utilizadas pelos movimentos para defender e promover suas causas, mas também para dar sustentabilidade e expandir seu movimento, as eleições aparecem como uma opção para tal fim. Apesar de nenhum político vinculado aos movimentos à direita ter sido eleito, nas eleições de 2016 e 2018, temos um conjunto de lideranças de movimentos sociais que chegaram ao poder por meio das eleições, exemplo: Fernando Holiday (DEM), coordenador nacional do MBL, eleito nas eleições municipais de São Paulo para o cargo de vereador; Kim Kataguirí, coordenador nacional do MBL, eleito para deputado federal de São Paulo nas eleições de 2018; Arthur Durval, fundador do movimento de base *on-line* Mamãe Falei e integrante do MBL, foi eleito deputado estadual de São Paulo nas eleições de 2018. Estes casos são emblemáticos e ilustram como as eleições fazem parte das estratégias e táticas de contestação dos movimentos sociais, ou seja, não é apenas uma busca por cargos políticos institucionais, mas também uma busca por imprimir suas pautas, suas ideias, seus projetos, de uma forma mais ampla.

O segundo ponto é a mobilização eleitoral proativa. A relação entre os movimentos Direita Sergipana, Sergipe Com Jair Bolsonaro e a campanha em prol da candidatura de Bolsonaro à presidência nas eleições de 2018 é um exemplo típico deste processo que “ocorre

quando grupos de movimentos tornam-se mais ativos no contexto de uma campanha eleitoral”. (MCADAM; TARROW, 2011, p. 28). Podemos citar como exemplo também o próprio ciclo de protestos *pró-impeachment* de Dilma Rousseff entre 2015 e 2016, seus resultados modelaram as eleições municipais e federais de 2016 e 2018. Em algumas cidades e estados a influência foi vista de forma mais contundente, como em São Paulo, que pode ser definido como o centro das maiores manifestações *pró-impeachment* e anticorrupção, em outras menos, como o caso de Sergipe, que as lideranças de movimentos sociais não conseguiram chegar ao poder por meio das eleições.

O terceiro processo é o da mobilização reativa e “envolve uma escalada de protestos na sequência de uma eleição contestada”. (MCADAM; TARROW, 2011, p. 28). Este tipo de processo é mais comum de ocorrer em países não democráticos, nos quais a intimidação de eleitores e de fraudes eleitorais são mais difundidas. Os autores colocam, ainda, que eleições contestadas são catalisadores de protestos em países não democráticos. (MCADAM; TARROW, 2011, p. 28). De forma semelhante, as denúncias de corrupção política foram um catalisador de eventos de protestos nos últimos anos no Brasil. Movimentos sociais e ativista políticos, neste sentido, promoveram-se em torno da causa anticorrupção, a exemplo dos movimentos já citados MBL, Vem Pra Rua, Movimento Basta, Movimento Muda Brasil, entre outros.

O quarto processo diz respeito aos regimes eleitorais e à trajetória de longo prazo das tendências de movimentos, que podem ser compreendidos como “os processos graduais de mobilização e desmobilização desencadeados por mudanças duradouras nas tendências eleitorais”. (MCADAM; TARROW, 2011, p. 28). Neste ponto, o autor argumenta que a consolidação de um regime eleitoral duradouro está diretamente relacionada com os grupos sociais que o apoiam e que contribuem para sua estabilidade. Neste sentido, vale ressaltar que:

O início e a consolidação de um regime eleitoral duradouro condicionam as perspectivas para uma mobilização bem sucedida de todos os grupos na sociedade. Isso é verdade por razões tanto substantivas quanto psicológicas: substantivas porque aqueles com quem o partido no poder tem dívidas eleitorais podem esperar ter mais acesso institucional e receptividade do que os grupos da oposição, o que incentiva a mobilização; e psicológicas, porque estar à margem da política tende a desmoralizar e, eventualmente, levar à desmobilização. (MCADAM; TARROW, 2011, p. 29).

Com base nisso, podemos concluir que parte do êxito dos movimentos sociais à direita em imprimir eventos de protestos desde 2014 no Brasil relaciona-se também com um enfraquecimento e/ou uma fragmentação dos movimentos sociais à esquerda no apoio aos governos de Dilma Rousseff principalmente. Isso se mostrou de forma clara nos ciclos de

protestos de 2013, quando foi evidenciado o descontentamento com vários serviços públicos, com a corrupção na política, entre outros aspectos já mencionados nos capítulos 1 e 2. Desta maneira, abre-se um conjunto de janelas de oportunidades para os movimentos sociais à direita, uma vez que não se tinha uma base forte e organizada de movimentos sociais apoiando e dando sustentabilidade no campo associativo e partidário ao governo de Dilma Rousseff.

Por fim, o último processo apontando por McAdam e Tarrow (2011) é o da polarização partidária induzida por movimentos. A polarização política em torno do *impeachment* de Dilma Rousseff, impulsionada pelos casos de corrupção política, mas também em torno do atual presidente da República Jair Bolsonaro, tem tido efeitos não apenas sobre as eleições, mas também sobre aspectos ideológicos dos partidos políticos. Neste sentido, vemos rupturas partidárias ocorrendo no interior de partidos políticos e movimentos sociais. O caso mais emblemático foi a saída do presidente Jair Bolsonaro do PSL, o que promoveu novas coalizões e novas alianças políticas institucionais, bem como um realinhamento dos movimentos sociais à direita e de seus aliados em âmbito nacional e local. Também vemos em outro polo, movimentos sociais liberais buscando se distanciar de movimentos conservadores e de direita que se articulam às redes de movimentos bolsonaristas. Esses movimentos liberais também têm se esforçado para expandir a atuação de partidos liberais, em especial o Partido Novo, como ainda dar apoio às candidaturas de empresários que apoiam as ideias liberais. Em Sergipe, podemos citar, como exemplo, o apoio indireto da Juventude Libertária de Sergipe aos candidatos do Partido Novo, uma vez em que os convida para palestrar nos eventos organizados por eles, bem como ao empresário e candidato político Milton Andrade, que também atua como palestrante em eventos de protestos liberais. Em suma, como vimos, movimentos sociais e partidos políticos são mutuamente constitutivos. Os movimentos sociais são influenciados pelas dinâmicas específicas das eleições e dos partidos políticos, bem como estes são modelados pelos movimentos sociais que atuam frequentemente durante todo o ano e ao longo dos anos, reforçando questões específicas, que em determinados casos são “apropriadas” pelos partidos políticos.

Portanto, uma das maneiras dos movimentos sociais ampliarem seu acesso a instrumentos que possibilitam a defesa de suas causas e a promoção de mudanças sociais ou a conservação do *status quo*, é ampliando seu acesso à política institucional e fazendo alianças com políticos partidários e elites. Neste sentido, o período analisado nesta tese foi marcado por crises políticas e econômicas, estas geraram incertezas não apenas em investidores econômicos internacionais, mas também no interior dos partidos políticos e dos movimentos sociais. De

acordo com isso, momentos de crise são períodos que promovem o fechamento e abertura de oportunidades políticas, que às vezes são aproveitadas pelos movimentos sociais e partidos políticos para ampliarem seus acessos, para envolver novos aliados, como as elites, bem como para buscar influenciar os resultados eleitorais. Assim sendo, “as divisões entre as elites não apenas incentivam os grupos com poucos recursos a assumirem os riscos da ação coletiva: elas encorajam os segmentos da elite que estão fora do poder a assumirem o papel de ‘defensores do povo’”. (TARROW, 2009, p. 108).

Desta feita, observamos que os movimento sociais e suas lideranças passam a assumir novos desafios quando se aliam a políticos partidários e algumas elites empresariais. Segundo Tarrow (2009, p. 108), “os desafiantes são encorajados à ação coletiva quando têm aliados que podem atuar como amigos nos tribunais, como garantias perante a repressão ou como negociadores aceitáveis ao seu favor”. Um exemplo disso é o conjunto de advogados que auxiliam as lideranças desses movimentos quando são processados ou denunciados pelas lideranças de movimentos opositores, como, ainda, os recursos de infraestrutura que as elites aliadas disponibilizam para os movimentos sociais e para suas lideranças.

Neste capítulo tivemos como foco central a análise dos eventos de protestos organizados pelos movimentos sociais à direita em Sergipe entre os anos de 2014 e 2019, bem como a relação entre as formas de contestação, movimentos sociais e eleições políticas. Buscamos inicialmente compreender a variação e a frequência das formas de contestação utilizadas pelos movimentos durante aquele período, com o intuito de compreender como aquelas duas variáveis se relacionavam com determinados acontecimentos, como o *impeachment* de Dilma Rousseff, uma ampliação das redes de apoiadores e financiadores dos movimentos e suas lideranças, etc. Em um segundo momento, buscamos compreender como os movimentos sociais à direita investigados e suas lideranças se relacionavam com a política partidária, para tanto tomamos com base empírica principal as lideranças de movimentos sociais à direita ou apoiadores/financiadores desses movimentos que foram candidatos nas eleições de 2016 e 2018.

Concluimos que o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff foi um acontecimento que unificou os distintos movimentos à direita em Sergipe em torno dessa pauta. Influenciou também numa variação no tipo de repertório utilizado por esses movimentos, como, por

exemplo, um aumento do repertório “manifestação de rua” exclusivamente no ano 2016, vale destacar que este tipo de repertório tradicionalmente não é utilizado pelos movimentos aqui analisados e por movimentos sociais à direita de modo geral. Com o *impeachment* de Dilma Rousseff consolidado e as eleições de 2018, houve dissidência e rupturas nos movimentos sociais, a exemplo da aliança entre o Movimento Direita Sergipe e Sergipe Com Jair Messias Bolsonaro, este novo quadro possibilitou também uma variação nos repertórios, tendo em vista que as lideranças desses movimentos passaram a se organizar em “blocos de direita”, a fazer alianças com partidos ou políticos partidários, bem como com empresários e sociedades empresariais. Um exemplo é uma utilização maior de repertórios institucionais a partir de 2019, como petições, artigos de jornal, auditoria-cidadã, etc. Tais repertórios de ação são mais característicos da atuação dos movimentos sociais à direita, o que demonstra que estes movimentos atuam principalmente em uma lógica de bastidores e também a partir de canais de comunicação tradicional.

Outro resultado diz respeito aos recursos materiais e organizacionais que os movimentos dispunham. Concluimos que movimentos sociais, como a Juventude Libertária Tiradentes, só passam a dispor de mais recursos quando conseguem inserir-se em uma rede nacional e internacional de organizações liberais que incentivam movimentos de jovens alinhados às mais variadas correntes do liberalismo em diferentes partes do mundo. Um exemplo deste tipo de organização é o Instituto Mises Brasil. Sobre a questão dos recursos, ressaltamos uma das conclusões de Camila Rocha (2018) que é representativa do que também concluimos ao estudar os movimentos sociais em questão:

a suposta disponibilidade de fartos recursos materiais e organizacionais não explica o sucesso das direitas na opinião pública e sua capacidade de mobilizar uma quantidade significativa de pessoas para protestar contra governos de esquerda. Muitos outros fatores devem ser levados em consideração e dizem respeito à percepção de ameaças e oportunidades por parte da militância, a consolidação de laços de identidade comuns, mobilização de afetos e uso de redes sociais, sendo que, em determinadas circunstâncias, tais fatores foram mais importantes do que a posse de recursos abundantes. Afinal, como explicar o sucesso de Jair Bolsonaro em reunir em torno de si mais de 20% das intenções de voto para as eleições presidenciais de 2018 a despeito de contar com recursos materiais e organizacionais pífios em comparação com outros concorrentes? Não siga o dinheiro, siga a militância. (ROCHA, 2018, p. 52).

Neste sentido, concluimos que a participação nos eventos de protesto e, posteriormente, o engajamento nos movimentos sociais à direita envolvem diferentes fatores, entre esses uma identificação coletiva e um espírito de solidariedade entre indivíduos que não se sentiam representados por outros movimentos sociais e/ou partidos políticos. Neste sentido, atuação dos

movimentos e suas lideranças à direita no ciclo de protestos pró-*impeachment*, na campanha de Jair Bolsonaro em 2018, bem como a candidatura de algumas lideranças que não tinham uma trajetória política partidária anterior, demonstra, entre outras coisas, que estes atores buscavam também construir espaços em que se sentissem culturalmente e politicamente representados. Inúmeras vezes observamos, no processo de construção de um evento de protesto e em conversas informais, a dedicação de tempo, o desgaste emocional, psicológico e financeiro de jovens lideranças dos movimentos sociais que emergiram entre 2014 e 2017, isso nos mostrou que as motivações desses jovens se relacionavam diretamente com a construção de espaços em que eles pudessem expor suas ideias sem serem criticados, regulados e classificados como fascistas. Desta forma, o espaço virtual, como a rede social Facebook, se apresentava como um espaço democrático, sem regulação direta e com recursos técnicos em que eles podiam construir esse espaço e compartilhar as propostas, os princípios, os eventos dos movimentos sem restrições.

CAPÍTULO 4 – “NÃO SOU MILITANTE, SOU ATIVISTA”: ENGAJAMENTO INDIVIDUAL, ATUAÇÃO MILITANTE E IDENTIDADE

O objetivo deste capítulo é examinar as lógicas de engajamento individual e de atuação militante, a partir da análise de trajetórias de vida, carreiras militantes e de redes sociais. Nosso argumento neste capítulo, que se liga à problemática mais geral desta tese, é o de que os atores investigados tiveram um peso significativo para a emergência e consolidação dos movimentos sociais à direita no estado de Sergipe. Ao analisar suas disposições biográficas, os espaços de socialização e suas redes de relações, pudemos entender que alguns dos investigados possuíam *expertise* militante, organizavam-se previamente na internet, estavam inseridos em redes militantes e partidárias que foram fundamentais para organização das primeiras iniciativas de movimentos sociais autodeclarados à direita a partir de 2014. Para tanto, tomamos estudos que, a partir de uma dimensão microsociológica, têm compreendido as lógicas de engajamento individual, os processos de socialização e de recrutamento, as retribuições da militância e os processos de desengajamento (FILLIEULE, 2001; 2003; OLIVEIRA, 2005; SAWICKI, SIMÉANT, 2011).

Desta maneira, buscamos neste capítulo seguir os atores para entender suas interações, os eventos que foram importantes para o seu engajamento, os seus múltiplos engajamentos, entre outros elementos. Segundo Sawicki e Siméant (2011), as pesquisas que priorizaram a dimensão micro:

[...] dão lugar às “variações individuais”, aos “acasos” biográficos ligados a encontros ou a acidentes, aos contextos locais, à dinâmica própria decorrente da participação na vida de um grupo ou de uma organização. A consideração das experiências complementa aquela das disposições (SAWICKI; SIMÉANT, 2011, p. 222).

Acreditamos que ao considerar as experiências dos atores e suas disposições biográficas na análise do militância à direita, é possível compreender também a heterogeneidade de perfis sociais e a pluralidade ideológica que caracterizam os movimentos sociais à direita. Há, na literatura dos movimentos sociais, vários estudos que têm buscado compreender as lógicas de engajamento em movimentos sociais, partidos políticos e mesmo a busca em compreender os motivos pelos quais as pessoas se engajam em protestos e se tornam ativistas de uma determinada causa (NAUJORKS; SILVA, 2016; MELO, 2014; OLIVEIRA, 2005; 2008). Mas poucos são os estudos, na literatura nacional e internacional, que têm investigado de forma mais profunda e sistemática os processos de socialização, as trajetórias sociais, o engajamento

individual e as experiências de vida das pessoas que se engajam em movimentos sociais de direita, liberais e conservadores. Neste sentido, queremos também com os dados apresentados neste capítulo chamar atenção para a necessidade de novos estudos que consigam aprofundar a análise e o debate sobre a dimensão micro dos movimentos sociais à direita.

Para elaboração deste capítulo foram utilizados como fontes de informação: entrevistas semiestruturadas, conversas informais, observação participante, diário de campo, fonte secundárias, a saber, entrevistas que as lideranças e apoiadores concederam e foram publicadas em sites jornalísticos, publicações que as lideranças fizeram nas suas próprias mídias e nas mídias dos movimentos em que estão vinculadas. Deste modo, nosso ponto de partida são os próprios relatos das lideranças, sobre suas experiências na militância, nos movimentos, no convívio familiar, escolar, do que as motivou a se engajar em movimentos sociais, em protestos e manifestações de rua, etc.

O capítulo está organizado da seguinte forma: no primeiro tópico, trataremos de três noções e de conceitos que estão associados a elas quando aplicados à interpretação dos movimentos sociais, são elas: engajamento individual, carreira e redes sociais. No segundo tópico, apresentaremos alguns dados biográficos e militantes dos atores investigados. No terceiro tópico, analisaremos como as 28 lideranças investigadas se conectam e a quais redes de movimentos estão conectadas.

4.1 – ENGAJAMENTO INDIVIDUAL, CARREIRA E REDES SOCIAIS NA ANÁLISE DO MILITANTISMO

A problemática que está posta neste capítulo é a de que a análise da carreira das lideranças é fundamental para compreender como se dá o processo de engajamento individual em movimentos sociais à direita, bem como a construção de uma identidade militante à direita. Tal problemática levanta questões que nos permitiram demonstrar o como e o porquê a emergência e a consolidação de movimentos sociais à direita em Sergipe relacionam-se também com as biografias dos atores investigados. Desta forma, levantamos as seguintes questões: como uma pessoa se engaja em movimentos sociais à direita? Quais são suas motivações? Pelos quais processos de socialização ela passou? Em quais redes ela está inserida? Quais são suas inserções profissionais, escolares, militantes e partidárias? Tais questões incitam uma análise relacional acerca das situações, dos contextos, das relações e dos motivos que fazem com que um indivíduo se engaje em um determinado movimento.

De acordo com isso, a noção de carreira e de redes sociais tem sido apontada como uma das alternativas na sociologia do militantismo para analisar o engajamento em movimentos sociais e partidos políticos de direita. (FRETEL, 2011). Estes conceitos permitem demonstrar como o engajamento individual em um determinado movimento é marcado por eventos, acontecimentos e contextos sociais, bem como por experiências pessoais vivenciadas cotidianamente pelo indivíduo e ainda por processos de socialização específicos e reconfigurações e contradições de identidades estabelecidas. Assim, estes conceitos possibilitam uma compreensão relacional de aspectos microssociológicos, por exemplo, as interações entre lideranças e seguidores dos movimentos à direita; de aspectos no nível mesossociológico, como exemplo, o papel das organizações apoiadoras e financiadoras de protestos e eventos à direita; e de elementos macrossociológicos, como as manifestações nacionais de 2013 e a crise política que tomou forma nos anos seguintes no Brasil.

Desta feita, outro aspecto importante diz respeito àquilo que Moreno e Almeida (2009) destacam como “identidade de posição social”, ou seja, quais os atributos sociais comuns a estas lideranças à direita que os colocam em posições sociais semelhantes, comuns, e criam processos de identificação e, em certa medida, definem suas ações no interior dos movimentos sociais. Como veremos a partir da caracterização mais geral do perfil social das lideranças e de forma mais detalhada a partir dos relatos, podemos imputar que esta identidade de posição social, entre as lideranças, pode ser observada: a) a partir de eventos políticos que tiveram algum impacto em sua trajetória militante, política, como as manifestações pelo *impeachment* de Fernando Collor de Melo em 1992 e o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016; b) uma educação religiosa e/ou participação como líder em movimentos religiosos na Igreja, como Encontros de Casais Com Cristo, Grupo de Jovens, etc.; c) em alguns casos, frustraram-se com sua dedicação e confiança em governos do PT; d) no caso das lideranças nascidas entre o final da década de 1980 e anos 2000, suas inserções militantes e políticas são marcadas pelo uso da internet como um dos recursos principais para o seu engajamento; e) crítica à universidade pública, mesmo entre aqueles que são oriundos dela; f) descrença em políticas públicas, como Bolsa Família e o sistema de cotas raciais. Estes são alguns dos pontos que foram identificados como sendo comuns aos atores entrevistados e que se relacionam com os processos de engajamento nos movimentos sociais e na defesa de causas à direita.

Quando tomamos a trajetória de jovens nascidos no final da década de 1990 e início dos anos 2000, percebemos que muitos dos que utilizavam massivamente a internet, as mídias digitais para se divulgarem e promoverem seus movimentos e seus eventos de protesto, tinham

acabado de sair do ensino médio e entrado no ensino superior. E como já ressaltado em capítulos anteriores, a universidade se constitui como uma arena política de disputa fundamental. Desta maneira, em âmbito nacional, destacam-se os rostos de jovens como Kim Kataguiri e Fernando Holiday, do Movimento Brasil Livre; em âmbito local, alguns dos entrevistados nesta pesquisa, que representam o movimento Direita Sergipana e a Juventude Libertária de Sergipe. Desta forma, a compreensão acerca dos itinerários familiar, militante, escolar, político e profissional das lideranças é um ponto de partida para compreender as transformações de status, a inserção em novos espaços sociais, a construção de novas redes de contatos e de novas identidades.

De acordo com isso, as manifestações de rua iniciadas em 2013 e a crise política brasileira dos anos seguintes foram acontecimentos singulares para emergência de novos atores políticos no militância à direita no Brasil. Neste sentido, é preciso compreender como eram estes eventos e em que momento eles marcaram os itinerários das lideranças aqui estudadas, bem como de que modo construíram tipos de carreiras nos movimentos sociais à direita e dentro da sua rede de apoiadores. Desta forma, busca-se compreender como “mudanças institucionalizadas” ou “acidentes biográficos” provocam reconfigurações na carreira de lideranças, resultando na construção de uma nova identidade social e identidade militante. (FILLIEULE, 2010; NAUJORKS; SILVA, 2016; POLLETA; JASPER, 2001; GUTIERREZ, 2020).

A análise de história de vida e os estudos com enfoque biográfico aparecem inicialmente nos estudos de Thomas e Znaniecki, no livro *The Polish Peasant in Europe and America* (1918). Nas últimas décadas este tipo de análise tem sido muito utilizado por pesquisadores de movimentos sociais, geralmente associado ao conceito de carreira, de socialização e de redes sociais. (SANTOS; OLIVEIRA; SANTOS, 2015; MARINHO, 2017; OLIVEIRA, 2008; 2010). Esta análise coloca em debate questões essenciais na Sociologia, como, por exemplo, a relação entre estrutura social e ação individual. Muitos estudos têm apresentado como as regras, as normas, as instituições e padrões culturais se relacionam com as escolhas individuais e as biografias individuais na padronização de trajetórias de vida em uma sociedade ou em um determinado contexto, organização ou movimento social. (BORN, 2001; MELO, 2014). Neste sentido, o pesquisador, ao analisar um conjunto de relatos de indivíduos pertencentes a um movimento social, por exemplo, precisa apreender quais acontecimentos, eventos, elementos biográficos e contextos são importantes para compreender o padrão ou padrões de carreiras militantes daquele grupo.

Desta forma, quando analisamos quais foram os eventos e acontecimentos comuns que marcaram a carreira dos atores investigados e como estes tiveram impactos sobre a construção de novas identidades, de novas experiências e novas inserções em espaços profissionais, militantes, políticos, entre outros, isso possibilita identificar padrões biográficos e de engajamento individual. Desta feita, ao analisar as trajetórias de lideranças e apoiadores de movimentos sociais à direita, percebe-se que praticamente todos, em alguma fase de suas vidas, tiveram um contato direto ou indireto com movimentos sociais e/ou partidos políticos à esquerda, como ainda, em alguns casos, o contato com a militância e a política partidária se deram a partir de redes de familiares, amigos e/ou colegas de trabalho. Como demonstraremos mais adiante, o sentimento de frustração em relação aos governos do PT foi importante para um processo de conversão à direita.

Quem dará uma forma e lógica aos acontecimentos, eventos e experiências relatadas pelo pesquisado em uma entrevista é o pesquisador. Ao narrar acontecimentos de sua vida ou informações biográficas, provocado pelos questionamentos do entrevistador, o pesquisado faz uma seleção daqueles eventos, momentos e experiências, que conforma uma representação que faz de si mesmo. Deste modo, o pesquisador deve apreender por meio da representação que o indivíduo faz de si mesmo, mas não somente com base nela, as instituições reguladoras (sistema escolar, família, mercado de trabalho, etc.) que estruturam sua trajetória e que tiveram impacto para sua entrada no engajamento. (BORN, 2001). Assim, o relato do pesquisado é uma “porta de entrada” para entender as condições objetivas e subjetivas no curso de sua vida que resultaram na sua adesão a determinadas causas e movimentos sociais à direita.

Em suma, um dos principais críticos à noção de história de vida e dos estudos biográficos foi o sociólogo Pierre Bourdieu. O autor defendia que os estudos com “enfoque biográfico” deveriam ser transformados em “estudos de trajetórias”, em oposição direta aos estudos de um dos principais representantes do método de história de vida, Daniel Bertaux. (GUÉRIOS, 2011). A crítica reside na crença que esta análise tem um caráter abstrato, uma vez em que para ele a análise não considera os aspectos estruturais que criam disposições e influenciam na construção de trajetória e na identidade social. Sobre isso, vale destacar a crítica e a comparação que Bourdieu faz:

A análise crítica dos processos sociais mal analisados e mal dominados que atuam, sem o conhecimento do pesquisador e com sua cumplicidade, na construção dessa espécie de artefato socialmente irrepreensível que é a “história de vida” e, em particular, no privilégio concedido à sucessão longitudinal dos acontecimentos constitutivos da vida considerada como história em relação ao espaço social no qual eles realizam, não é em si mesmo um fim. Ela conduz à construção da noção de

trajetória como séries de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (BOURDIEU, 1996, p. 189).

O conceito de trajetória de Bourdieu defende que as experiências dos indivíduos não ocorrem no vácuo, e sim que estas são o resultado da sua relação com as estruturas sociais e das condições materiais e simbólicas de existência. Neste sentido, o conceito de trajetória de Bourdieu permite pensar a trajetória de forma relacional e vinculada a um campo social, o autor a define como uma:

Diferentemente das biografias comuns, a *trajetória* descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário, tendo ficado claro que é apenas na estrutura de um campo, isto é, repetindo, relacionalmente, que se define o sentido dessas posições sucessivas, publicação em tal ou qual revista, ou por tal ou qual editor, participação em tal ou qual grupo etc. (BOURDIEU, 1996, p. 71-72, grifo do autor).

A perspectiva de Bourdieu notadamente se opõe ao conceito de carreira. O foco do autor são as posições ocupadas pelos agentes em um campo social determinado ao longo do tempo. Sua análise baseia-se em três conceitos fundamentais: *habitus*, campo e capital social. Sendo o ponto central de sua análise a compreensão acerca da relação entre as estruturas objetivas (dos campos sociais) e as estruturas incorporadas (*habitus*). Esta análise de Bourdieu, como ele mesmo argumenta, rompe “com algumas noções patenteadas que foram introduzidas no discurso acadêmico sem maiores cuidados (‘sujeito’, ‘motivação’, ‘ator’, ‘papel’, etc.) [...]” (BOURDIEU, 1996, p. 10). Dito de outra forma, se opõe à abordagem interacionista.

Desta forma, nos filiamos a um conjunto de trabalhos que tem tomado como base o conceito de carreira de Howard Becker, para investigar os itinerários dos atores, as suas formas de entrada na militância, as condições objetivas e subjetivas do engajamento, etc. Na Sociologia este conceito ganha um enfoque diferenciado a partir dos trabalhos de Everett Hughes, ligado à Escola de Chicago, em 1930. Também está ligado aos trabalhos desenvolvidos pelos sociólogos Howard Becker, Hans Gerth, Charles Wright Mills e Anselm Strauss. Neste sentido, a análise de carreira, na perspectiva interacionista, traz uma questão clássica na Sociologia, a relação entre indivíduo e sociedade, focando em duas dimensões da vida humana: por um lado a dimensão objetiva (status, posições, etc.), por outro, a dimensão subjetiva (interações, ações, interpretações que o indivíduo faz de si mesmo, etc.). Segundo Hughes:

Em sua dimensão objetiva, uma carreira é “uma série de novos status e ofícios definidos claramente... típicas sequências de posição, realizações, responsabilidade, e mesmo de aventura... Subjetivamente, uma carreira é a perspectiva em movimento na qual a pessoa vê sua vida como um todo e interpreta o significado de seus vários atributos, ações e as coisas que acontecem com ele” (HUGHES, 1937, p. 409-410 in BECKER, 1966, p. 102 apud FILLIEULE, 2010, p. 4).

Em consenso com a citação acima, Fretel (2011) defende a noção de carreira como um conceito que complementa a análise das instituições de socialização. Pode ser compreendida como “uma análise sobre a história social dos indivíduos, as histórias coletivas, nas quais, eles estão inseridos, bem como os efeitos cumulativos e cruzados dessas histórias sobre seu destino individual” (FRETTEL, 2011, p. 342). É uma noção que permite dialogar com os diferentes níveis de análise, como o mesológico, uma vez em que foca no papel e na relação entre instituições, organizações e movimentos sociais e suas lideranças.

A riqueza analítica do conceito em questão pode ser vista nos trabalhos de Howard Becker (2008), sobre carreiras desviantes, e nos trabalhos de Erving Goffman (2015), sobre doentes mentais, em que ele desenvolve o conceito de carreira moral. Esses trabalhos, assim como de outros autores que aperfeiçoaram a noção, mostram como os relatos biográficos são indicadores, por um lado, de uma sequência de posições que os indivíduos ocupam ao longo de sua vida na sociedade e de redes de relações que estabelecem, por exemplo, na escola, na família, na igreja, etc. Por outro lado, revelam as reconstruções que os indivíduos fazem de suas experiências e de visões de si mesmo, vinculando-se a diversos mundos sociais, esferas de vida e formas identitárias. (PASSY; GIUGNI, 2000; 2001; MISCHÉ, 1997, 2008).

Neste capítulo, foi dado um enfoque especial ao conceito de carreira moral, conceito de carreira militante e de carreira ativista, tendo em vista que eles nos permitem explicar, entre outras coisas, como as posições ocupadas em diferentes espaços de militância e de ativismo, pelas lideranças dos movimentos aqui investigados, foram importantes no processo de engajamento individual e coletivo em causas e movimentos conservadores, liberais e de direita. Vale ressaltar que estas diferentes posições se referem, por exemplo, à participação em movimentos sociais e partidos de esquerda, à esfera familiar e a uma socialização político-ideológica anterior, contrária às ideias político-ideológicas à direita.

Outro destaque refere-se às redes sociais estabelecidas ao longo de suas vidas, de um lado algumas deixaram de ser acionadas, ocasionando rupturas e reconfigurações nas redes de relações. De outro lado, laços “adormecidos” foram “acordados” para a construção de uma nova rede, bem como se estabeleceram novos contatos, novas redes de relações, em torno de uma

nova identidade alinhada a um contexto mais amplo de acontecimentos políticos, econômicos, sociais e profissionais. Desta forma, como se configura uma carreira militante? Está-se adotando aqui a perspectiva de carreira militante de Olivier Fillieule (2010), que entende:

Uma abordagem de carreira consequentemente envolve considerar as duas dimensões essenciais da identidade social: de uma perspectiva diacrônica, a *transformação de identidades* e os mecanismos sociais operantes nessas transformações; e de uma perspectiva sincrônica, a *pluralidade de lugares nos quais os atores sociais devem estar envolvidos* (FILLIEULE, 2010, p. 4, grifo do autor, tradução livre).

De forma complementar, a definição de Goffman nos ajuda a avançar na explicação. O autor destaca a ambivalência do conceito de carreira. Em suas palavras:

Uma vantagem do conceito de carreira é sua ambivalência. Um lado está ligado a assuntos íntimos e preciosos, tais como, por exemplo, a imagem do eu e a segurança sentida; o outro lado se liga à posição oficial, relações jurídicas e um estilo de vida, e é parte de um complexo institucional acessível ao público. Portanto, o conceito de carreira permite que andemos do público para o íntimo, e vice-versa, entre o eu e sua sociedade significativa, sem precisar depender manifestamente de dados a respeito do que a pessoa diz que imagina ser. (GOFFMAN, 2015, p. 111-112).

Em relação ao conceito de carreira moral, Goffman argumenta:

A carreira moral de uma pessoa de determinada categoria social inclui uma sequência padronizada de mudanças em sua maneira de conceber os eus – entre os quais se coloca, de maneira importante, o seu próprio. [...]. Ao notar as experiências morais e as posições pessoais, podemos obter um traçado relativamente objetivo de assuntos que são relativamente subjetivos. [...] Cada carreira moral, e, atrás dela, cada eu, se desenvolve dentro dos limites de um sistema institucional, seja um estabelecimento social – por exemplo, um hospital psiquiátrico – seja um complexo de relações pessoais e profissionais. Portanto, o eu pode ser visto como algo que se insere nas disposições que um sistema social estabelece para seus participantes. Neste sentido, o eu não é uma propriedade da pessoa a que é atribuído, mas reside no padrão de controle social que exercido pela pessoa e por aqueles que a cercam. Pode-se dizer que esse tipo de disposição social não apenas apoia, mas constitui o eu. (GOFFMAN, 2015, p. 142).

Em vista da citação referenciada, a construção do eu e de como a pessoa percebe a si mesma e se representa na sociedade é resultado, assim, de processos de socialização institucional. A partir de agentes, das relações que o indivíduo estabelece no espaço institucional, como ainda das regras, normas, diretrizes que orientam o comportamento e as interações da pessoa, ela interioriza ideologias, modos de agir, de pensar, etc. Desta forma, adota-se o conceito de carreira moral, tal como Goffman o descreve, para compreender: o processo de desenvolvimento da carreira moral das lideranças estudadas, entendendo que ela se desenvolve dentro dos limites institucionais e das redes de relações em que elas estão

inseridas; adota-se este conceito também para dar conta da relação entre processos de socialização, redes sociais, transformações de identidades e construção da carreira militante e ativista. De forma complementar, segundo Fillieule ao analisar o processo e o método de socialização institucional, é preciso levar em consideração três dimensões de análise: a aquisição de “Know-how” e “sabedoria” (recursos); uma visão de mundo (ideologia); e a reestruturação de redes de sociabilidade em relação à construção de indivíduos e identidades coletivas (redes sociais e identidades).

Em consenso com isso, para compreender a carreira de militantes de movimentos à direita, é necessário entender as transformações de identidades e os mecanismos sociais operantes nessas transformações ao longo de suas vidas. Dito de outro modo, o pesquisador precisa compreender a partir dos relatos biográficos (em entrevista, em conversas, em relatos textuais publicados pelo nativo, etc.) os eventos, acontecimentos e fatos que implicaram em uma reconfiguração ou transformação de identidades já estabelecidas anteriormente. Um exemplo disso é o casamento como um mecanismo social que altera o *status* do indivíduo na sociedade. Este assume uma nova identidade social e um conjunto de papéis associados àquela instituição. Na militância, alguns relatos de militantes e lideranças mostram como muitos casamentos são desfeitos ou feitos a partir do engajamento em um determinado movimento social ou em outras formas de ação coletiva. Quando há convergência ideológica e política, os casamentos costumam se manter, bem como os engajamentos dos cônjuges na militância, quando isso não ocorre, o casamento tende a se desfazer, bem como o engajamento de um ou de ambos na organização em que eram participantes.

Ainda considerando as contribuições de Fillieule, o autor desenvolve a noção de carreira ativista, inspirado pelo interacionismo simbólico, adota-se sua perspectiva nesta tese. Contudo, se faz necessário, diante dos dados empíricos, uma diferenciação entre carreira militante e carreira ativista. Essa diferenciação está muito mais circunscrita às interpretações que foram feitas a partir das visões que os nativos têm sobre o que é ser ativista e o que é ser militante, do que necessariamente a construções teóricas já empenhadas por pesquisadores e anteriormente apresentadas. Assim, segundo Clare Saunders, o ativismo pode ser compreendido como “a ação que os movimentos empreendem para desafiar algum elemento existente do social ou sistema político e, assim, ajudar a cumprir os objetivos dos movimentos”. (SAUNDERS, 2013, p. 2). O ativista pode agir a partir de uma ampla gama de ações diferentes, desde de um repertório de ação formal até uma ação de sabotagem. Vale salientar que um ativista nem sempre é membro de um movimento social ou partido político, seu ativismo se constrói a partir da defesa de uma

causa, sua fidelidade, seu comprometimento, a construção de redes de relacionamentos e a busca por apoiadores, ocorre a partir de sua adesão e engajamento à causa.

Segundo Sawicki e Siméant (2011, p. 201), o engajamento militante pode ser entendido “como toda forma de participação duradoura em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa”. Neste sentido, para o indivíduo ser considerado um militante, sua participação em um movimento social, partido político ou outra forma de ação coletiva exige uma continuidade, um compromisso, um investimento de recursos pessoais, às vezes técnicos, profissionais, escolares, financeiros, etc., para a defesa ou a promoção de uma causa. Assim, “o engajamento individual é a possibilidade de converter uma identificação com as causas e os objetivos de uma determinada organização, que se constrói a partir dos quadros culturais dos atores, em uma ação inscrita em uma duração”. (SILVA; RUSKOWSKI, 2016, p. 192).

Como será visto em tópicos seguintes, algumas lideranças dos movimentos à direita se definem como ativistas políticos e não como militantes. Se apresentam em suas redes sociais, biografias e nas entrevistas como ativistas, outros se definem ou aceitam ser chamados de militantes. Por ora, vale esclarecer que esta percepção sobre si se relaciona com disputas políticas por espaço e estratégias de representação política a partir da construção de uma nova identidade. Neste sentido, o termo militante – e o que ele representa – estaria associado e era representativo dos movimentos de esquerda, enquanto o termo ativista representaria uma categoria mais neutra, independente e individual.

A compreensão acerca dos processos de desengajamento individual também é uma questão que mereceu reflexão neste trabalho e que pode ser analisada a partir da sociologia da militância e da sociologia das carreiras militantes. Desta forma, a “sociologia da militância se voltou para a análise das interações que presidem à adoção e, sobretudo, à estabilização em uma linha de ação militante” (SAWICKI; SIMEÁNT, 2011, p. 212). Isso quer dizer que o compartilhamento de ideias e de *habitus* comuns não é suficiente e nem determinante para que o indivíduo se engaje em um movimento, sendo às vezes as redes sociais prévias e as interações que os indivíduos têm em um determinado contexto, suficientes para o seu engajamento e permanência no movimento.

De acordo com isso, percebeu-se que a carreira militante e política da maioria dos entrevistados é marcada por processos de engajamento e desengajamento em movimentos ou partidos políticos de esquerda. Verificar este processo de desengajamento em movimentos e partidos de esquerda até o engajamento em movimentos à direita é fundamental para interpretar: como os recursos, habilidades, redes de contatos, foram descartados, reconvertidos e/ou

renovados no novo engajamento; como se relaciona com o modelo de organização e atuação implementado pelos movimentos à direita; como se estabeleceram os processos de rupturas e de alianças que influenciaram no engajamento na defesa de uma causa e no engajamento de um movimento.

Outro ponto em que a análise da sociologia de carreira militante e de carreira ativista é útil é que permite interpretar a pluralidade de mundos sociais e de submundos em que os atores estão inseridos. Esta inserção em vários mundos e submundos sociais tem processos de socialização diferentes e são regidos por normas muitas vezes distintas, que são internalizadas pelos atores e que podem entrar em conflitos e gerar tensões em determinadas situações, contextos e espaços. Salienta-se, portanto, o conceito de esfera de vida trabalhado por Florence Passy e Marco Giugni (2000). Segundo os autores, “a vida de cada um de nós é composta de esferas de vida, que podem ser definidas como ‘regiões’ distintas embora relacionadas na vida de um indivíduo, cada uma com suas próprias bordas, lógica e dinâmica”. (PASSY; GIUGNI, 2000, p. 121).

De acordo com a reflexão até agora feita sobre o conceito de carreira, a noção de esfera de vida compõe este conjunto de argumentos teóricos que possibilitam interpretar a relação entre diferentes aspectos da dimensão objetiva e da dimensão subjetiva do indivíduo que influenciam na sua adesão a causas e a movimentos sociais. Desta forma, segundo Passy e Giugni:

Uma esfera de vida tem ambos, um lado objetivo e um lado subjetivo. Seu lado objetivo é representado pelo pertencimento individual a um grupo e pelas relações sociais que emergem deste pertencimento. O conceito de redes sociais, como tem sido usado na literatura sobre movimentos sociais, captura muito desse aspecto das esferas de vida. Entretanto, a importância heurística do conceito de esferas de vida reside em seu lado subjetivo, que reflete a percepção que os atores sociais têm da sua imersão em grupos ou redes (PASSY; GIUGNI, 2000, p. 121).

Um exemplo disso refere-se aos conflitos que são gerados pela falta de sincronia entre a esfera familiar e a esfera militante. As lideranças entrevistadas, em sua maioria, relataram que seus pais não incentivavam suas ações, que as vezes nem conversavam sobre o assunto e que não tinham nenhuma participação política e/ou que eram contrários ao seu posicionamento político. Alguns pais, em caso de ativistas e militantes que ainda não tinham independência financeira e/ou que eram menores de idade, proibiram ou aconselharam a não participar de manifestações de rua. Neste sentido, estes fatos demonstram como é significativo o pesquisador perceber os ajustes, desajustes e ajustamentos que ocorreram e possibilitam o engajamento ou desengajamento dos militantes e ativistas em relação a uma determinada causa ou movimento

social. Assim, “o ajuste ou, ao contrário, o desajuste entre esfera de amigos, familiar, profissional e militante condicionam as chances de se permanecer ou não engajado, ou até de aumentar a intensidade do engajamento”. (SAWICKI; SIMEÁNT, 2011, p. 216).

O termo “redes sociais” nos últimos anos tem sido associado quase exclusivamente para referir-se às plataformas virtuais de relacionamento na internet, como Facebook e Instagram (GODECHOT, 2015). Mas além dessa utilização, o termo também é designado nas Ciências Sociais para nomear um conjunto de métodos e análises que tentam dar conta das relações sociais. Segundo Godechot (2015, p. 270): “uma rede social, como as ‘redes altermundialistas’ ou as ‘redes dos alunos de uma grande escola’, reenvia a um grupo afim pouco burocratizado, mas que tem, no entanto, uma existência coletiva em razão da malha de relações vinculando seus membros”. Isso nos permite refletir sobre a malha de relações que vincula membros de movimentos sociais de direita, liberais e conservadores no estado de Sergipe, bem como a vinculação deles com outros tipos de organizações.

Já pra Gohn (2007a), é por meio das redes sociais que os atores atuam, sejam as redes familiares, profissionais, locais ou mesmo virtuais. Para a autora, “as redes são estruturas da sociedade contemporânea globalizada e informatizada. Elas atuam segundo objetivos estratégicos e produzem articulações com resultados relevantes para os movimentos sociais [...]” (GOHN, 2007a, p. 15). Em consenso a isso, as redes sociais virtuais têm se tornado um recurso indispensável para os movimentos sociais e para suas lideranças se apresentarem e se representarem para seus seguidores e potenciais seguidores, como já mencionamos nos capítulos anteriores.

Vários pesquisadores da análise dos movimentos sociais destacam o papel das redes sociais no processo de engajamento e adesão a uma causa. Recentemente, os estudos têm levado em conta o papel das redes sociais virtuais como espaço de socialização e disputa política. Neste sentido, além das teias de relações que são constituídas e estabelecidas a partir dos espaços institucionalizados tradicionais, o pesquisador deve levar em consideração as redes sociais digitais como sendo um espaço de socialização em que as pessoas criam vínculos e identificações a partir de quadros culturais e narrativas que são reproduzidas, compartilhadas e reforçam identidades no espaço virtual, que podem ser suficientes para que elas se tornem simpatizantes de um movimento e/ou de uma causa. Desta feita, as redes sociais virtuais constituem-se como mais um “mundo social” (FILLIEULE, 2001) em que os atores sociais estão inseridos e que tem processos de socialização próprios, no qual lideranças de movimentos sociais constroem autobiografias, perfis militantes, contestam opositores e alimentam sua

comunidade de apoiadores com conteúdos variados (pessoal, social, partidário, militante, religioso, acadêmico, profissional, etc.), que representam uma multiplicidade de “mundos sociais” em que elas estão inseridas. Dito de outro modo, o processo de engajamento em um movimento social envolve uma interdependência entre os diferentes “mundos sociais” e identidades em que os atores sociais estão inseridos. No espaço virtual, esta interdependência e a mobilização de diferentes identidades ficam claras quando analisamos o perfil virtual das 28 lideranças entrevistadas. Por meio de textos, fotos e/ou vídeos, ressaltam sua identidade profissional, militante, religiosa, civil, acadêmica, etc.

Desta forma, é fundamental compreender as múltiplas inserções dos atores, bem como suas vinculações prévias e o peso delas para o engajamento. Segundo Oliveira:

A vinculação anterior a redes sociais tem um papel destacado para a adesão e a continuidade do engajamento em distintos tipos de militância, na medida em que ela influencia tanto no recrutamento dos novos militantes quanto na conformação de suas concepções de mundo, na medida em que se constitui num espaço prévio de socialização, de formação das organizações e dos princípios ideológicos que elas defendem. [...] Os laços anteriores com organizações ou indivíduos somente encorajam o ativismo quando eles reforçam a identificação do potencial recruta com uma particular identidade e ajudam a estabelecer uma forte ligação entre tal identidade e o “movimento” em questão (OLIVEIRA, 2005, p. 69).

Com base na citação acima, é feito o seguinte questionamento: como se constitui uma rede de estudantes universitários liberais, conservadores e/ou de direita? Em relação à rede de movimentos estudantis que se autodeclararam liberais, notamos que esta foi constituída por meio da convergência de um conjunto de fatores em um determinado tempo e espaço, a partir: da entrada no ensino superior entre os anos de 2014 e 2015; da escolha do curso superior, na qual as áreas eram afins, exemplo, Direito e Ciências Econômicas; das leituras de obras de autores liberais; de redes previamente estabelecidas, eles já se conheciam ou tinham amigos em comum desde o ensino básico, sendo que alguns estudaram nas mesmas escolas ou na mesma rede de ensino (particular ou pública); da participação ativa de alguns nas redes sociais virtuais e em outros canais de divulgação de conteúdo, por exemplo o YouTube. Assim, “estando integrados em redes, os indivíduos se encontram numa estrutura de interações que lhe permite definir e redefinir seu quadro de interpretações do mundo”. (PASSY 1998, p. 63 apud OLIVEIRA, 2005).

Em suma, as noções de carreira e redes sociais e demais conceitos que estão associados a elas, como o de esfera de vida e o de socialização, nos permitem superar as abordagens centradas exclusivamente na posição de classe como fator determinante para o engajamento

individual e militante. Desta maneira, a abordagem da sociologia da carreira militante é uma alternativa – especialmente quando se trata de movimentos sociais à direita – que possibilita uma interpretação para além de estereótipos já consagrados no senso comum e na literatura a respeito dos membros daqueles movimentos. Ao colocar as interações, os processos de socialização e as redes sociais como determinantes da ação coletiva é possível entender como as lideranças e apoiadores à direita se enxergam, se representam e estão integrados a determinadas redes de sociabilidades que foram determinantes para o seu engajamento e adesão aos movimentos que lideram. Assim, segundo Oliveira:

A análise de carreiras possibilita introduzir a perspectiva processual e sequencial nas análises do engajamento individual e investigar de forma interligada os aspectos vinculados às condições sociais de origem dos militantes, bem como os que decorrem da multiplicidade de inserções que convergem para o seu engajamento, nos colocando numa posição intermediária entre as abordagens centradas exclusivamente na posição de classe e as que fazem das redes sociais o determinante da ação coletiva. (OLIVEIRA, 2010, p. 50).

Não menos importante, é preciso refletir sobre o conceito de recompensas. Fillieule (2010) define recompensas como os benefícios materiais ou simbólicos que as pessoas pensam que recebem por seu compromisso. O autor define quatro características principais das recompensas: primeira, as recompensas são de ordem objetiva e subjetiva, nem sempre são percebidas pelos atores; segunda, as recompensas podem ser percebidas antes do compromisso e perseguidas depois, bem como durante o curso do engajamento; terceiro, os custos costumam ser confundidos com benefícios; quarto, as recompensas variam de acordo com a evolução dos contextos e experiências individuais, das transformações e renegociações de identidades. Assim, nem sempre os benefícios do engajamento estão claros para as pessoas que resolvem, às vezes por influência da rede de amigos, assumir um compromisso com um movimento social. Além disso, ao pensar que as recompensas também são de ordem subjetiva, avançamos na discussão sobre a concepção utilitarista do engajamento.

No próximo tópico, iremos adentrar nas trajetórias das 28 lideranças entrevistadas, apresentando alguns dados objetivos acerca do seu perfil social e da apresentação mais detalhada da trajetória de algumas lideranças exemplares. Apesar das lideranças terem autorizado a utilização dos verdadeiros nomes, optou-se pela preservação de sua identificação, como uma forma também de preservar a liberdade do pesquisador diante de um contexto político brasileiro ainda polarizado. Assim, quando nos referirmos aos 28 entrevistados utilizaremos a palavra entrevistado ou apenas a letra E mais uma numeração, também utilizamos a palavra liderança mais a numeração.

4.2 – DADOS BIOGRÁFICOS E MILITANTES: QUEM SÃO AS LIDERANÇAS À DIREITA?

As lideranças estão presentes em quase todas as formas de organização social e de movimentos sociais (JASPER, 2016). Elas são aquelas pessoas que “fazem as coisas acontecer”, “fazem o movimento crescer”, “dão o sangue pelo movimento”, ou seja, elas ocupam um papel central no desenvolvimento e continuidade do movimento. Uma das fragilidades dos movimentos sociais à direita analisados foi a falta de recursos humanos que atuassem organicamente no movimento. Neste sentido, em 2015, quando iniciamos um contato mais próximo com jovens universitários engajados em movimentos estudantis de direita, constatamos que alguns deles estavam vinculados a outros espaços e iniciativas de movimentos sociais à direita no estado, ocupando também posições de liderança. Isto nos mostrou que alguns desses jovens eram atores-chave para a consolidação daqueles movimentos, bem como que estes já eram reconhecidos como referência e liderança dos movimentos sociais à direita em Sergipe.

Isso ficou evidente nos anos seguintes, com a série de protestos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff e durante a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, quando aquelas lideranças, jovens vinculados a movimentos como o MBL e Liberte-se UFS, passaram a dar entrevistas em jornais televisionados, jornais eletrônicos, rádios, etc. Desta maneira, os líderes decisivos “ocupam posições oficiais ou gozam do respeito informal que lhes permite mobilizar recursos, exigir a atenção dos outros e falar em nome da organização”. (JASPER, 2016, p. 147). De acordo com isso, as lideranças de um movimento são figuras fundamentais para compreendermos a trajetória dos movimentos sociais aos quais estão vinculadas, bem como entender como os recursos e redes individuais são utilizados em prol da ação coletiva em que estão engajadas. São as lideranças que traçam estratégias, que guiam os membros dos movimentos, que direcionam os discursos, que constroem as narrativas, que em determinados casos provocam rupturas e dissidências para construir outros movimentos. (MELUCCI, 1996). Desta maneira, “as lideranças são elemento-chave para construir e manter a identidade coletiva de um grupo, para gerar inovações assim como para articular o movimento em suas conexões e redes”. (GOHN, 2007b, p. 163).

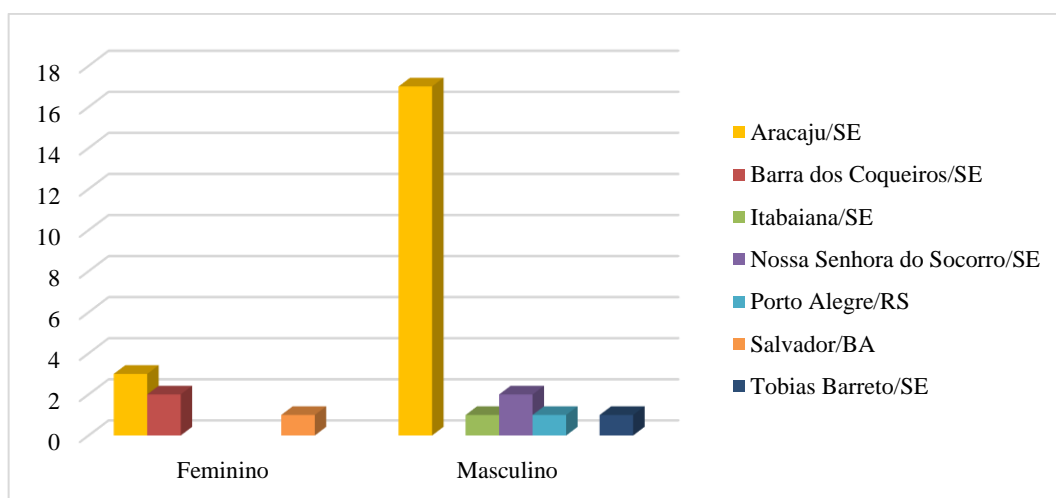
Desta feita, compreender o perfil das lideranças, militantes e simpatizantes dos movimentos sociais à direita, tem sido um desafio para os pesquisadores desde junho de 2013.

Em vista disso, alguns relatórios de pesquisa e artigos têm buscado entender o perfil dos militantes, dos manifestantes à direita e dos eleitores do presidente Jair Bolsonaro. (ROCHA, 2014, 2016, 2019; BARBIERI, 2018; SANTOS, TANSCHUIT, 2019; KALIL, 2018). A faixa etária, a classe social e a raça são alguns dos indicadores que podem ser encontrados, principalmente nas pesquisas de opinião feitas durante os protestos *pró-impeachment* de Dilma Rousseff. Assim, as 28 lideranças entrevistadas, nesta pesquisa, permitem até certo ponto demonstrar alguns dos perfis de militantes e padrões de engajamento dos atores que se envolvem naquele tipo de movimento.

As lideranças entrevistadas se constituem como atores-chave em diferentes momentos e espaços para a emergência, desenvolvimento e consolidação dos movimentos sociais à direita em Sergipe, ao mobilizar e investir múltiplos recursos individuais (conhecimentos técnicos, financeiros, redes sociais, profissionais, etc.) e coletivos (militantes, políticos, organizacionais, etc.) na sua atuação naqueles movimentos. Buscamos, a seguir, fazer a caracterização geral a partir dos dados coletados com as entrevistas semiestruturadas que foram orientadas a partir de três eixos: o primeiro dizia respeito ao engajamento militante e político; o segundo, à trajetória escolar, familiar e cultural; o terceiro, à percepção dos atores sobre os movimentos sociais à direita e sobre o que é ser de direita, liberal ou conservador.

O primeiro gráfico demonstra em quais cidades/estados que os atores em questão residem. Das 28 lideranças entrevistadas, duas residem fora do estado de Sergipe. Estas foram entrevistadas por terem influenciado de forma direta e indireta o surgimento, desenvolvimento e sustentabilidade de movimentos sociais liberais no estado.

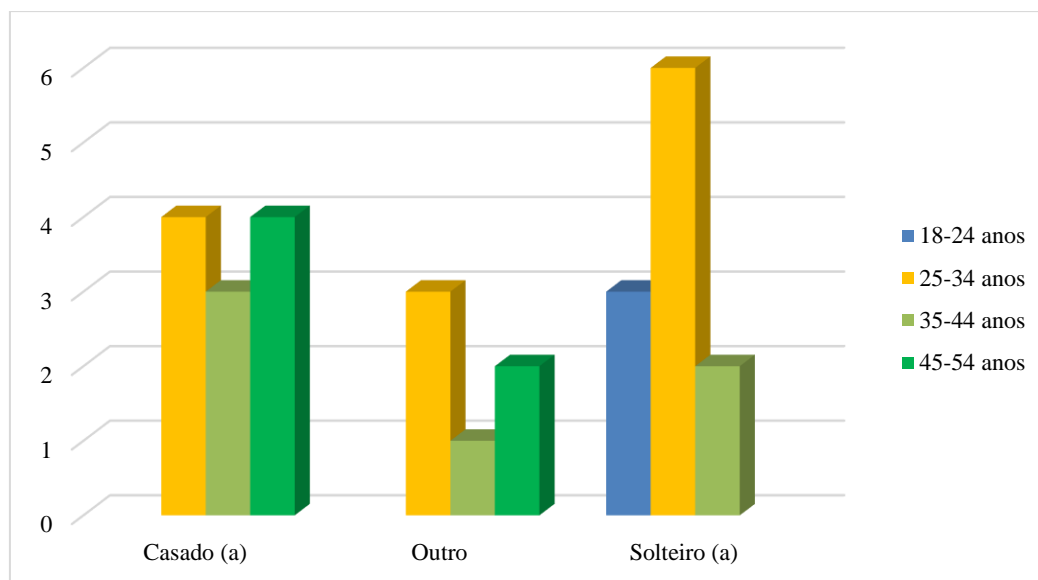
Gráfico 2 – Sexo e cidade das lideranças entrevistadas



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Das 28 lideranças entrevistadas, seis são do sexo feminino e 22 do sexo masculino. Em relação às cidades em que residem, 20 são residentes na cidade de Aracaju, capital de Sergipe, duas delas residem na cidade de Nossa Senhora de Socorro, duas no município de Barra dos Coqueiros, uma no município de Itabaiana e uma na cidade de Tobias Barreto, todas cidades sergipanas. Realizamos 2 entrevistas com lideranças do movimento liberal, que se destacam na militância e na política partidária liberal nacional, principalmente a partir do ano de 2014 e das manifestações pró-*impeachment* de Dilma Rousseff. Uma é residente na cidade de Salvador, no estado da Bahia, e a outra reside na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Tais dados reafirmam o que demonstramos no capítulo anterior: o de que a cidade de Aracaju concentra ações e as redes de articulação dos movimentos sociais à direita, porém há uma expansão para as cidades do interior. Observamos que as lideranças que residem em cidades circunvizinhas ou mais distantes da capital investem suas ações nesta região inicialmente e, posteriormente, começam a fazer ações e articular redes em suas cidades natais, por exemplo, entrevistas em rádio locais, apoio a políticos específicos, organização de eventos de protestos. Outro fato que observamos é que o contato entre lideranças residentes em Aracaju com as de outras cidades se deu por meio de espaços comuns em que estão inseridas: universidade, redes sociais virtuais, participação prévia em movimentos sociais ou partidos políticos, escola, entre outros. A respeito do sexo, a predominância de lideranças do sexo masculino é uma característica dos movimentos sociais à direita. Este dado também encontramos ao analisar o sexo dos seguidores de duas páginas do Facebook de dois movimentos aqui investigados, como apresentado no capítulo anterior.

O próximo gráfico apresenta a idade e o estado civil. Como pode ser visto, mais da metade dos entrevistados têm entre 18 e 34 anos, o que demonstra que as lideranças à direita são predominantemente jovens e nascidas entre o final da década de 1980 e o início dos anos 2000.

Gráfico 3 – Idade e estado civil das lideranças entrevistadas

Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Como ilustra o gráfico acima, três pessoas têm entre 18 e 24 anos, todos solteiros. Este grupo teve seu primeiro contato com a militância e/ou a política partidária a partir do ano de 2010, três eventos foram os mais citados: manifestações de junho de 2013; eleições presidenciais de 2014; manifestações pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Além desses três, a universidade aparece como espaço do “despertar” para política, para militância. Quando a entrevista foi realizada, muitos tinham acabado de entrar na universidade, outros já tinham cursado alguns semestres, mas ainda faltava alguns anos para a formatura. Alguns deles fundaram movimentos estudantis de viés liberal e/ou conservador, já outros participaram como coordenadores desses movimentos.

A faixa etária de 25 a 34 anos representa 13 pessoas do grupo. Engloba dois grupos de lideranças: um grupo de lideranças que já teve em sua carreira diferentes experiências de engajamento e estão inseridos em mais de um movimento, e outro grupo que teve seu primeiro engajamento duradouro em movimentos sociais a partir do ciclo de protestos das manifestações de junho de 2013 e do *impeachment* de Dilma Rousseff. Se combinarmos esta faixa com a anterior, teremos um total de 16 lideranças, dessas nove são solteiras e apenas uma é do sexo feminino.

Já a faixa etária entre 35 e 44 anos corresponde a um grupo de cinco pessoas. O último grupo, a faixa etária que vai de 45 a 54 anos, é representado por seis pessoas. Nestes dois últimos grupos, estão principalmente aquelas lideranças que têm um forte envolvimento com partidos políticos, que atuam como apoiadores e patrocinadores de movimentos sociais à direita e

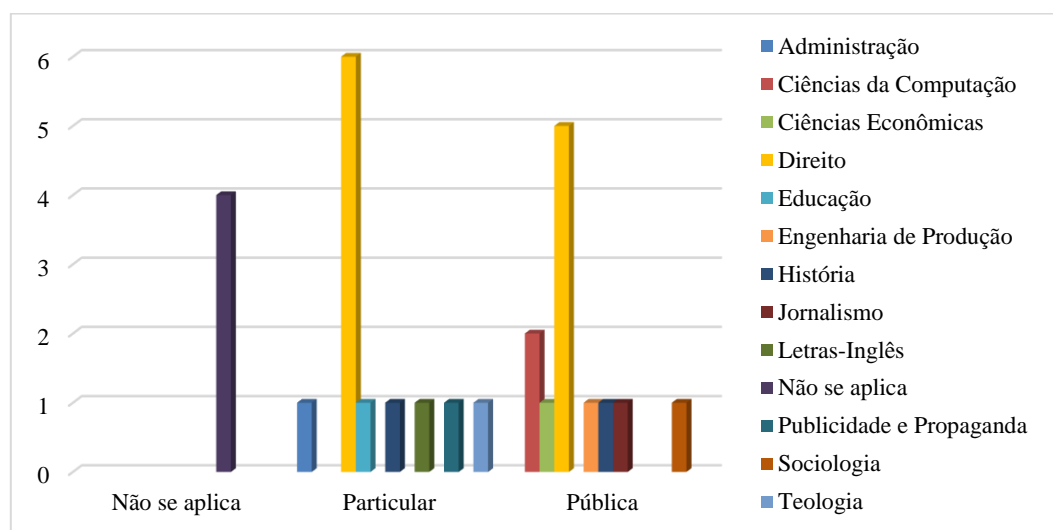
atuaram na promoção da pauta do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Em relação ao estado civil, das 28 lideranças, dez são casadas, 11 são solteiras e sete responderam “outros”, que agrega as respostas “namoro”, “noivado” e “morando junto”.

Estas duas variáveis são bastantes significativas, pois elas demarcam papéis sociais e momentos específicos da vida do indivíduo, que revela mecanismos de entrada na militância. A este respeito, chamamos atenção para o estado civil de solteiro, que é mais significativo nas duas primeiras faixas etárias e que também se relaciona diretamente com o período de entrada de algumas lideranças no ensino superior e no mercado de trabalho. E para o status de casado, que é mais significativo nas duas últimas faixas etárias e relaciona-se a um momento da carreira das lideranças em que elas já estão inseridas no mercado de trabalho, já estão estabilizadas financeiramente e, em alguns casos, já constituem família. Segundo Turner:

Quando nos comportamos em um status, tomamos consciência de normas e outros sistemas de símbolos; e então moldamos esse comportamento de formas que preencham nossas necessidades e personalidades, assim como particularidades de uma situação. (TURNER, 1999, p. 49).

Assim, as lideranças solteiras, em determinadas situações e contextos, mobilizam comportamentos e sistemas de símbolos que se diferenciam daqueles que são mobilizados entre as lideranças casadas. Neste sentido, percebemos que entre as lideranças solteiras há um investimento maior de tempo e na carreira de militante e ativista político à direita. Em contrapartida, entre os casados das duas últimas faixas etárias, os principais recursos disponibilizados para os movimentos sociais à direita são o recurso intelectual e o financeiro. Cabe salientar dois casos interessantes, o da Liderança 05, que estava em um relacionamento sério, mas por conta do seu envolvimento com a militância acabou rompendo o namoro; e o caso da Liderança 12, que conheceu sua esposa durante eventos de movimentos à direita. Em suma, determinadas condições objetivas implicam determinados comportamentos das lideranças em relação às funções e investimentos que elas irão disponibilizar para o(s) movimento(s) aos quais estão vinculadas.

O gráfico a seguir apresenta os dados referentes ao curso superior e o tipo de instituição de nível superior em que os entrevistados estudaram.

Gráfico 4 – Curso superior e IES das lideranças entrevistadas

Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

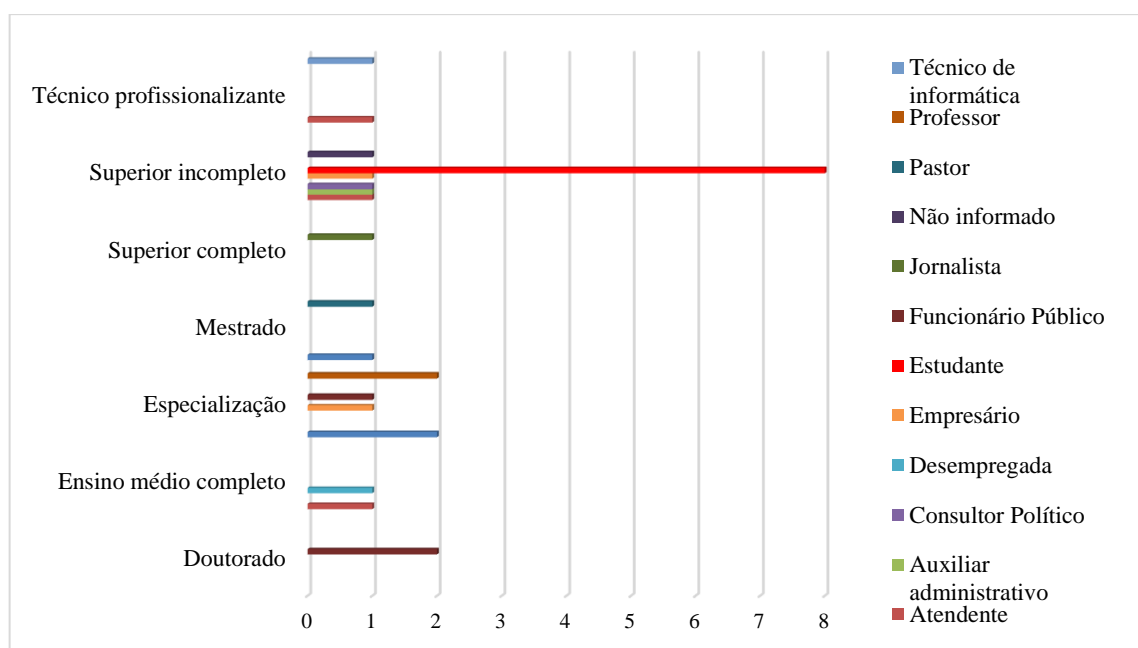
Alguns dos entrevistados tinham mais de uma graduação, por exemplo, tinham cursado administração em universidade pública e direito em universidade particular. Para construção do gráfico, classificamos a formação que o entrevistado priorizou na hora de definir sua profissão, bem como a instituição em que cursou. Além disso, estas duas variáveis são significativas para compreender narrativas e motivações das lideranças. Sobre isso, foi comum entre os entrevistados o argumento de que nas universidades públicas há um monopólio das organizações de esquerda e que não há uma pluralidade de ideias. As universidades particulares são vistas como ainda sendo menos monopolizadas pelas organizações de esquerda e como um espaço mais plural e democrático para se organizar. Desta forma, a universidade particular passa a ser foco de disputa entre as organizações à direita e entre estas e os movimentos sociais à esquerda.

Assim, dos 28 entrevistados, 24 possuem ensino superior completo ou incompleto, destes 12 cursaram ou estavam cursando em instituição de ensino superior particular e 12 em instituição de ensino superior pública. Esta variável da instituição é particularmente significativa para a análise de movimentos sociais à direita, tendo em vista que suas lideranças argumentam que as instituições públicas de ensino são “dominadas” por movimentos sociais, partidos políticos e docentes de esquerdas, e que, por conta disso, a organização dos movimentos nesses espaços é mais difícil. Neste sentido, observamos que as IES particulares passam a se constituir também como um espaço de disputa, principalmente entre os movimentos estudantis liberais à direita e os movimentos estudantis à esquerda.

Em relação aos cursos, o que mais se destaca é o curso de Direito, 11 lideranças cursavam ou já eram formadas neste curso. Em uma pesquisa realizada com lideranças de movimentos estudantis universitários à esquerda na Universidade Federal de Sergipe, os cursos que mais prevaleceram foram Direito, Comunicação Social e Serviço Social (SANTOS, 2016). Foi comum – tanto nesta pesquisa, quanto na realizada anteriormente – as lideranças destacarem que a formação em Direito contribui na militância por oferecer uma base teórica e um conhecimento sobre as leis. Além disso, o conhecimento técnico adquirido com o curso é utilizado como um recurso, principalmente em situações de conflitos que envolvem opositores e a polícia. A construção de petições, abertura de processos, a defesa de lideranças e de membros do movimento são atividades atribuídas aos membros do movimento ou apoiadores que são advogados ou estão cursando Direito.

O próximo gráfico apresenta os dados referentes à escolaridade e profissão dos entrevistados.

Gráfico 5 – Escolaridade e profissão das lideranças entrevistadas



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

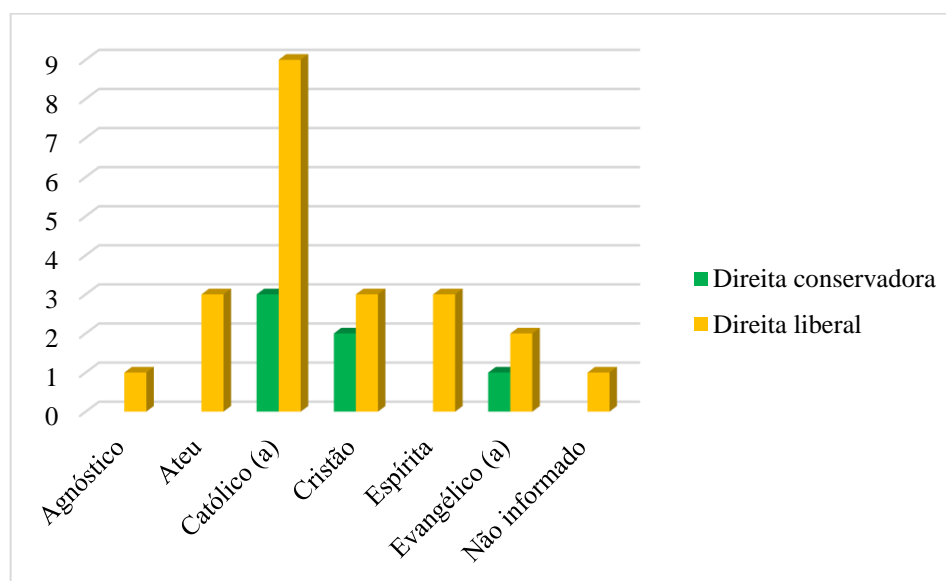
O nível de escolaridade também é algo que chama atenção. As lideranças, na sua maioria, têm no mínimo ensino superior incompleto. Assim, dos 28 entrevistados, 13 têm ensino superior incompleto, sendo que no período em que a entrevista ocorreu, apenas três deles tinham trancado o curso e dez estavam cursando. Seis entrevistados possuem especialização. Dois são mestres, dois são doutores e dois possuem nível técnico. Um possui ensino superior

completo e dois têm ensino médio completo. Identificamos que aqueles que possuem o nível de doutorado e mestrado atuam principalmente como conselheiros e apoiadores do movimento.

Já os demais que possuem um grau de escolaridade menor, principalmente que estão cursando o ensino superior, que tem ensino técnico ou ensino médio, estão à frente dos movimentos, coordenando, organizando protestos, investindo mais recursos em prol do movimento e da sua carreira como militante e ativista de pautas à direita. Isso foi observado tanto a partir das informações das entrevistas, quanto de conversas, documentos e observações participantes, em que foram identificados outros membros da coordenação dos movimentos que ainda estavam cursando o ensino básico ou que já tinham concluído, além de vários que estavam cursando o ensino superior em universidade pública ou particular.

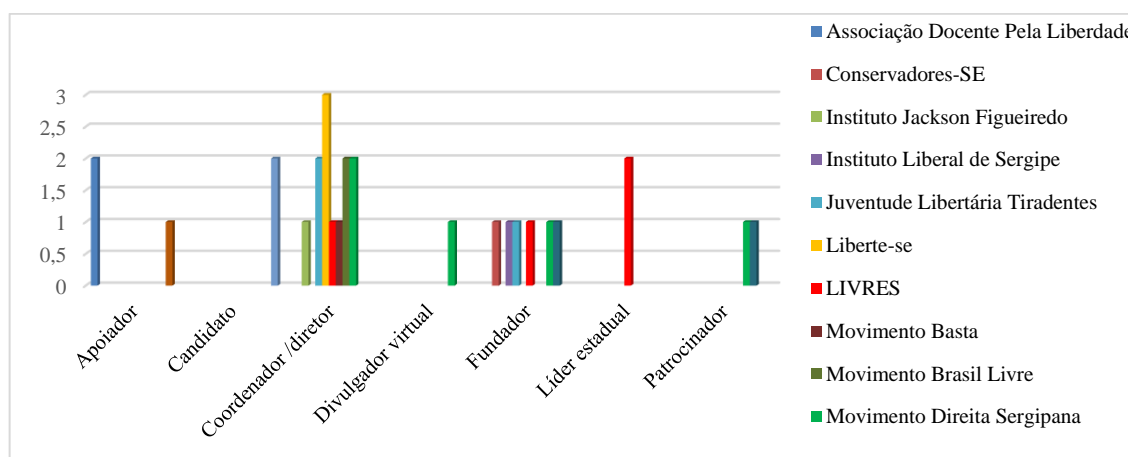
Entre as profissões, a que mais se destaca é a de estudante, representando oito pessoas no total da amostra. Três dos entrevistados são advogados, três são atendentes e três são funcionários públicos. Dois são empresários e dois professores do ensino básico. Salienta-se que entre aqueles que ainda estavam cursando o ensino superior, um deles, ao responder qual era sua profissão, não respondeu estudante. Entre aqueles que tinham mais de uma profissão, priorizamos aquela que eles destacaram como sendo a principal ou que queriam deixar registrado. Dos três que são funcionários públicos, dois são professores universitários federais e um é funcionário de uma empresa vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil. Apenas uma liderança não informou qual era sua profissão.

O gráfico seguinte tem como variáveis a religião e o campo ideológico. Como já foi apresentado nos capítulos anteriores, há uma heterogeneidade de movimentos sociais à direita, diante disso, definimos dois grandes campos ideológicos analisando estritamente as 28 entrevistas: o primeiro campo é o da “direita conservadora”, que agrega lideranças e movimentos conservadores que estão preocupados mais com a conservação dos valores e da moral cristã e os movimentos conservadores que são saudosistas do regime militar e pautavam a intervenção militar em eventos de protestos. O segundo campo ideológico é o da “direita liberal”, que integra lideranças e movimentos que se declaram libertários, conservadores liberais, liberais clássicos e liberais gradualistas.

Gráfico 6 – Religião e campo ideológico das lideranças entrevistadas

Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

A religião é uma variável bastante significativa no estudo sobre movimentos sociais à direita, principalmente entre os conservadores ou entre aqueles que se definem como conservadores-liberais. A religião predominante foi a católica, 12 dos 28 entrevistados se identificaram como católicos. Cinco se identificaram como cristãos, três como espíritas, três como evangélicos, três como ateus e um como agnóstico. Aqueles que se identificaram como agnóstico, ateus e espíritas, estão à frente de movimentos sociais liberais. Já aqueles que se identificaram como católicos, evangélicos e cristãos, estão à frente ou apoiam movimentos principalmente de vertente conservadora, de direita ou conservadora liberal.

Gráfico 7 – Função e vínculo militante das lideranças entrevistadas

Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Há uma diversidade maior de movimentos sociais no campo da direita liberal. Assim, gostaríamos de destacar que quatro lideranças estavam vinculadas ao Livres, quando este fazia parte do PSL. Três lideranças estavam vinculadas ao movimento estudantil Liberte-se UFS e três à Juventude Libertária de Sergipe. Das 28 lideranças, três estavam vinculadas à Direita Sergipana. Como veremos neste capítulo, algumas lideranças possuem mais de um engajamento, sendo que estas às vezes estão vinculadas a mais de um dos movimentos apresentados no gráfico, contudo não possuem a mesma função em todos.

Das 28 lideranças entrevistadas, seis fundaram movimentos sociais e continuam atuando como coordenadores desses movimentos. Doze atuam como coordenadores ou diretores dos movimentos aos quais são vinculados. Três atuam como apoiadores e duas foram candidatas nas eleições de 2018 pelo Partido Novo, bem como organizaram eventos de protestos e dão apoio a movimentos liberais, como a Juventude Libertária de Sergipe, por meio de palestras organizadas pelo movimento. Uma exercia a função de divulgador virtual, muito importante nos movimentos sociais à direita, pois as redes sociais virtuais são um dos recursos materiais mais valorizados entre essas lideranças. Por fim, duas lideranças atuavam como líderes estaduais de movimentos sociais nacionais e duas atuavam como patrocinadores.

Queremos chamar atenção especialmente para a função de “apoiador” e de “patrocinador”. Tanto as manifestações de rua quanto os eventos mais formais organizados pelas lideranças investigadas contaram com o financiamento de patrocinadores e com o conhecimento especializado de apoiadores. No grupo de apoiadores, se destacam os intelectuais, basicamente professores da Universidade Federal de Sergipe, economistas, lideranças nacionais e líderes religiosos com nível escolaridade elevado. Segundo Jasper (2016), os intelectuais são um dos aliados potenciais dos movimentos, ele inclui nesta categoria acadêmicos, escritores, artistas e outros atores que pensam e criam para viver e encontram um público para seus produtos. Para o autor:

Um tipo especial de *intelectual orgânico* cresce no movimento, elaborando os argumentos, panfletos e revistas que o ajudam a articular seus valores e debater suas táticas. Seu público é geralmente o próprio movimento, embora eles possam ser recrutados como porta-vozes da mídia e de outros públicos. (JASPER, 2016, p. 186, grifo do autor).

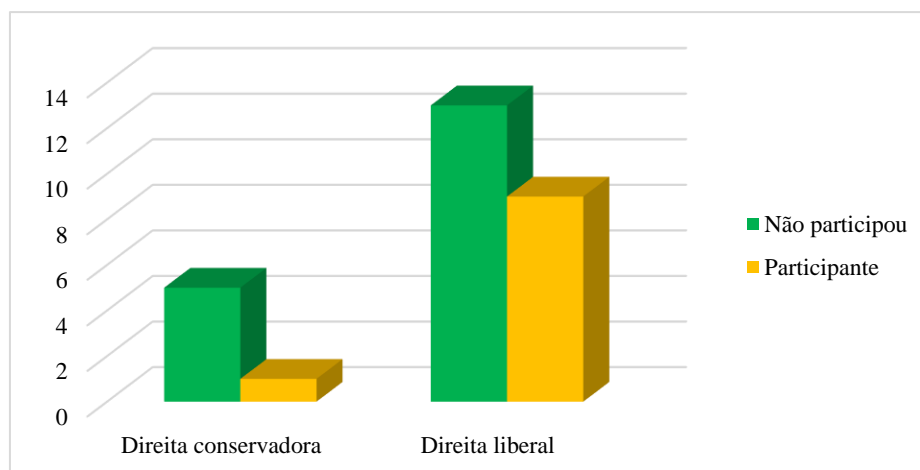
Das 28 lideranças entrevistadas, três responderam que davam apoio aos movimentos, mas que não tinham uma vinculação direta com nenhum deles. Ressaltaram a identificação ideológica e os ciclos de protestos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff como sendo um

contexto que promoveu a interação, especialmente com os movimentos estudantis liberais que atuavam nas universidades do estado de Sergipe. Os principais recursos disponibilizados pelos apoiadores eram o intelectual, as redes de relações que estavam integradas, principalmente aos profissionais, a *expertise* técnica e a experiência prática que adquiriram em engajamentos anteriores. Os apoiadores exercem também a função de legitimar os movimentos sociais e suas lideranças, legitimar discursos e recrutar novos apoiadores e novos membros para os movimentos.

Os ciclos de protestos ocorridos no Brasil em junho de 2013 e os ocorridos entre 2015 e 2016 se constituíram como palcos para a apresentação de novos atores, novas pautas e novas formas de fazer política e militância no país. De acordo com isso, “os ciclos trazem à cena uma variedade de novos atores, há possibilidades de agregação e interação que não são prováveis em épocas menos agitadas” (TARROW, 2009, p. 186). Nem sempre os atores que estão na manifestação compartilham de coisas em comum, mas este espaço se constitui também como um espaço de construção de redes de interação entre aqueles atores que ali estão. Neste sentido, os gráficos a seguir apresentam a participação das 28 lideranças entrevistadas em três ciclos de protesto: o ciclo das manifestações de junho de 2013; o ciclo pelo *impeachment* de Dilma Rousseff entre 2015 e 2016; e por fim, o ciclo de protestos pós-*impeachment* entre os anos de 2017 e 2018. Entendemos que os protestos são espaços que oportunizam uma identificação coletiva entre os atores que ali estão, que denunciam e anunciam problemas sociais e formação de novas coletividades. (GOHN, 2007b).

Desta maneira, o Gráfico 8 apresenta como variável a participação ou não dos entrevistados nas manifestações de junho de 2013 e o campo ideológico em que eles se situam.

Gráfico 8 – Participação nas manifestações de junho de 2013

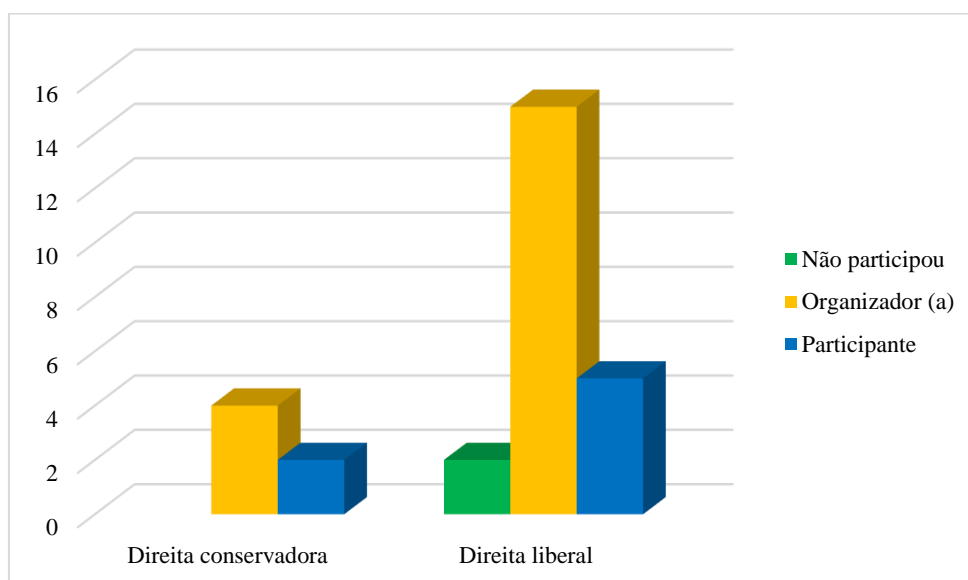


Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

As manifestações de junho de 2013 foram um ponto de inflexão na carreira de algumas das lideranças que entrevistamos. Dos 28 entrevistados, 18 não participaram das manifestações. Destes, cinco estavam vinculados ao campo da direita conservadora e 13 ao campo da direita liberal. Das dez que participaram, apenas um era do campo da direita conservadora. É característico das lideranças conservadoras não participarem ou organizarem protestos de rua, porém cabe salientar que é apenas a partir de junho de 2013 que se percebe uma organização de movimentos sociais se autodeclarando liberais, conservadores, de direita, e é apenas no final de 2014 que um movimento social se autodeclara de direita e passa a disputar espaços políticos em Sergipe. Este dado evidencia que algumas lideranças já estavam inseridas ou construíram redes de interação militante em junho de 2013.

No próximo gráfico incluímos a categoria de organizador. Diferentemente das manifestações de 2013, nos ciclos de protestos *pró-impeachment*, alguns dos entrevistados já estavam à frente de movimentos sociais à direita e outros estiveram à frente da organização dos protestos.

Gráfico 9 – Participação em manifestações 2015-2016



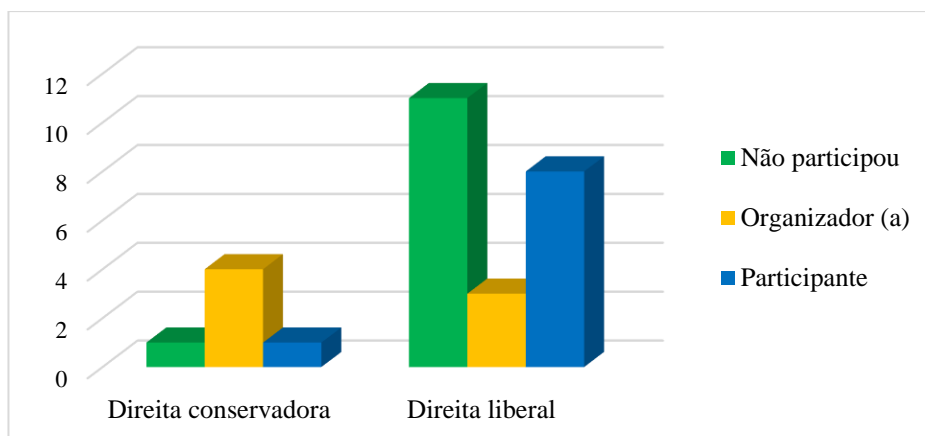
Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Das 28 lideranças, apenas duas não participaram das manifestações *pró-impeachment* entre 2015 e 2016, contra 19 que atuaram como organizadores e sete como participantes. Das seis que estão no campo da direita conservadora, quatro foram organizadoras e duas participantes. Das 22 lideranças que compõem o campo da direita liberal, duas não

participaram, 15 atuaram como organizadoras e cinco como participantes. Este dado demonstra como o período de 2013 até 2016 foi importante para o processo de engajamento dos nossos entrevistados em ações coletivas à direita. Destaca-se, nesse período, o pós-junho de 2013, as manifestações contra os gastos da copa em âmbito nacional, os resultados das eleições presidenciais de 2014, a instauração do *impeachment* de Dilma Rousseff e as eleições municipais de 2016. De forma complementar, entre 2015 e 2016 foram criados 16 movimentos sociais à direita em Sergipe, o que evidencia que o período entre 2013 e 2016 se constituiu como fundamental para entender as dinâmicas de emergência, desenvolvimento e consolidação dos movimentos sociais à direita no estado. Mas, também, tais dados revelam que ao olhar para os atores e acompanhar suas inserções militantes, é possível compreender também o desenvolvimento das direitas em Sergipe. Neste sentido, o aumento do engajamento das lideranças entrevistadas nos ciclos de protestos de 2015-2016 relaciona-se diretamente com os impactos que aqueles eventos ocorridos entre 2013 e 2016 tiveram em suas trajetórias individuais que os conduziram para o engajamento em ações coletivas.

O gráfico a seguir revela um desengajamento das lideranças na participação de manifestações de rua após o *impeachment* de Dilma Rousseff. Isso pode ser explicado por alguns fatores, entre estes, as lideranças e movimentos sociais que estavam à frente dos protestos de 2015 e 2016 de forma mais ampla atingiram seus objetivos e suas reivindicações foram atendidas; as lideranças passaram a investir esforços e recursos em outros repertórios de ação; as lideranças passaram a integrar novas redes de movimentos e organizações, diferentes daquelas que integraram inicialmente, nos ciclos de 2013 e entre 2015 e 2016; por fim, alguns dos eventos de protestos entre 2017 e 2018 vinculam-se diretamente à pré-campanha de Jair Bolsonaro.

O gráfico a seguir diz respeito à participação das lideranças em manifestações entre 2017 e 2018.

Gráfico 10 – Participação em manifestações (2017-2018)

Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Ao olhar o gráfico fica evidente a mudança na participação das lideranças em eventos de protestos. Das 28 lideranças, 22 estão vinculadas ao campo da direita liberal, destas, três atuaram como organizadoras, oito como participantes e 11 não participaram. Já das seis que se vinculam ao campo da direita conservadora, quatro atuaram como organizadoras, uma como participante e uma não participou. Além dos fatores que apontamos anteriormente para explicar esta mudança, queremos destacar que não houve alteração no número de organizadores do campo conservador. Este dado demonstra que entre as lideranças conservadoras, que estão vinculadas a redes de movimentos pró-Bolsonaro, há uma constância na posição de atuação das lideranças investigadas, bem como uma fidelidade às pautas de base bolsonarista e do campo conservador mais amplo.

O tipo de atuação e de engajamento também é influenciado por condições objetivas e por novos status sociais. Desta forma, é preciso considerar as imposições profissionais que podem afetar como o indivíduo vai se comportar e atuar na sua militância. Por exemplo, certos constrangimentos no ambiente de trabalho que podem promover um desengajamento ou um mascaramento da identidade militante naquele ambiente. Mas, da mesma forma que se pode ter implicações negativas para militância, determinadas profissões e espaços de trabalho podem ser utilizados pelos militantes e lideranças para legitimar os seus discursos e para mobilizar os recursos. Sobre isso, podemos destacar as lideranças que são professores(as) universitários(as), que são empresários(as), advogados(as), entre outros, que utilizaram recursos vinculados à sua esfera profissional e de trabalho para legitimar, sustentar sua atuação e promover as causas à direita. Além dos recursos, também experiências ligadas às esferas trabalhista e profissional podem ser motivadores do engajamento.

Segundo Sawicki e Siméant (2011), tanto a profissão, a renda financeira, as “obrigações sociais” vinculadas a cada sexo, quanto a mobilidade geográfica podem afetar o tipo de engajamento. Como vimos, as lideranças em questão residem majoritariamente na cidade de Aracaju. Isso possibilita a estas conseguir engajamento com maior facilidade e com menos custos financeiros e de tempo, estar nos eventos de protestos, em reuniões dos grupos, entre outras atividades que demandam a disponibilização de recursos. Neste sentido, para as lideranças que moram em cidades distantes da capital de Sergipe, o tipo de engajamento e atuação se limita predominantemente a uma atuação no espaço virtual e à articulação de redes quando tem algum evento de protesto nas cidades que residem.

Do mesmo modo, que a profissão e a mobilidade geográfica podem afetar o tipo de engajamento, o sexo, a religião e o estado civil também são elementos que influenciam nas lógicas de atuação e engajamento. Sobre isso, queremos destacar que entre as lideranças que são mulheres casadas, um dos motivadores para o engajamento era o desejo de proteger a família e a liberdade de educar os seus filhos, sem que houvesse interferência do Estado. Assim como as demais lideranças, havia o desejo para transformar o sistema político vigente e uma indignação com a corrupção política. Também entre as lideranças femininas, particularmente entre as católicas, houve uma mobilização da esfera religiosa para justificar o seu engajamento, o seu “espírito de liderança” e as pautas defendidas. Entre estas, a criminalização do aborto e a defesa da vida. Podemos visualizar as combinações dessas diferentes esferas, nos relatos a seguir:

Eu sempre tive o espírito de liderança, liderança de sala, liderando grupo de jovens da Igreja, eu sou católica, eu sempre estive em alguma coisa, sempre engajando pessoas, mas em partidos políticos eu nunca achei que era pra mim [...]. Eu nunca fui de movimento de rua, eu falo que sou aquela pacata cidadã brasileira, que só gostava de se manifestar pela internet, por que hoje a gente só tem brasileiro que só vive fazendo manifestação pela internet, o que é errado, por que hoje o que a gente precisa mesmo é de atitude, de atitude concreta. Realmente ir pra rua se for necessário, eu era o oposto do que hoje eu entendo de mais correto, aí eu não participava diretamente desses movimentos não. Eu participei no início de 2015, junto com a OAB e com a Igreja católica, a gente fazia coleta de assinaturas para reforma política. Teve uma proposta de iniciativa popular que chegou ao congresso para reforma política, mas infelizmente não foi esta que tá aí hoje. Aí sim, a gente ia pra rua fazer coleta de assinaturas, ia para o interior. (Entrevistada 19).

A Entrevistada 19 é advogada, partidária do Partido Novo e membro de grupo de casais da Igreja Católica. O relato demonstra como ela mobilizou seu vínculo religioso e seu vínculo profissional na sua atuação militante para promover uma ação coletiva a favor da reforma política.

Outro relato que demonstra a combinação de diferentes esferas de vida e de como determinadas experiências afetam a atuação e o engajamento individual é da Entrevistada 09. Questionamos ela sobre quando e como foi o seu primeiro engajamento, ao que ele descreve da seguinte forma:

Foi em 2014, eu sempre gostei de estudar, sobre diversas áreas. No meu curso de engenharia de produção não tinha muito essa discussão de política, por que não cabe, né? Fazia engenharia de produção na UFS. Aí eu percebia alguma coisa estranha assim, tendo o contato com as pessoas que era mais de esquerda. Aí eu tive o interesse de estudar sobre este assunto, aí conheci através da internet os livros, os vídeos de Olavo de Carvalho, que é o grande nome do conservadorismo no Brasil, da direita. Foi ele que começou a divulgar o que a esquerda estava fazendo, ele foi o primeiro e a partir dele vieram todos os outros. Foi por meio desses estudos que fui conhecendo outras pessoas que também estudavam. Aí fui pra manifestação pró impeachment com o meu irmão, na época eu ainda não estava enturmada com o pessoal, aí através também do [Entrevistado 12] ele me adicionou, a gente se conheceu, ele formou o grupo do MAE, a gente montou uma chapa pra concorrer, aí foi por essa época, concorrer do DCE, mas não conseguimos por que eles sempre têm um apoio muito grande de partidos políticos, e a gente não tinha nada, nem dinheiro, nem nada. Aí as experiências que eu tenho com a organização de eventos ligados à direita, ao liberalismo, hoje eu não concordo com liberalismo, mas como não é esquerda, a gente acaba defendendo junto. Aí nesses eventos, foi que eu tive contato com a hostilidade da esquerda, dos militantes que recebem pra isso. Eu já passei por umas experiências bem complicadas com meninas do movimento feminista, chegando a me ofender, porque eu sou mulher e negra e não concordo com o movimento feminista e o movimento negro. Aí eu acabei criando alguns inimigos dentro da universidade. (Entrevistada 09).

Olavo de Carvalho foi citado por três das cinco lideranças femininas, como sendo um autor/pessoa que foi significativo para o engajamento em movimentos à direita. Outro elemento comum entre as lideranças femininas, que o relato traz, é a reação aos movimentos feministas. Neste sentido, sua ação em certa medida é uma reação àqueles movimentos, os quais, na visão delas, só consideram as mulheres que concordam com suas pautas e com os padrões de mulher que eles defendem. Este ponto de vista é justificado pelas experiências de ofensas presenciais e *on-line* que a entrevistada sofreu. Deste modo, na visão da Liderança 09, a sua condição de mulher e de mulher negra não é um determinante para que ela se sinta oprimida socialmente e que tenha que ser a favor do feminismo e de suas pautas, bem como do movimento negro e das cotas raciais. Vale salientar que, em sua fala, ela deixa claro que é a favor da liberdade da mulher trabalhar onde quiser e de vestir-se como quiser e que repudia movimentos que normatizam o que a mulher deve vestir e que defendem que mulher não pode trabalhar. No tópico seguinte, veremos de forma detalhada algumas trajetórias que exemplificam padrões de atuação militante e as lógicas de engajamento à direita.

4.3 – “DESPERTAR PARA A POLÍTICA”

As frases “Despertar para a política”, “o despertar para o patriotismo”, “momento em que abri os olhos”, “foi quando me converti”, foram ditas por algumas lideranças durante sua resposta ao questionamento: “Quando e como foi seu primeiro engajamento na política?”. Estas indicam momentos de transformação de identidades e os mecanismos sociais que promoveram estas transformações. Neste sentido, questionamos quais fatores promoveram o despertar para a política, para o patriotismo? Em qual contexto estes atores sociais “abriram os olhos” para a política e se engajaram em movimentos sociais? Em quais redes eles estavam integrados antes de se converterem e se engajarem em movimentos sociais à direita? Desta maneira, numa perspectiva sincrônica, questionamos a pluralidade de lugares em que as lideranças entrevistadas estavam inseridas (movimentos sociais, partidos políticos, organizações e instituições); e de forma diacrônica, buscamos entender os fatores, eventos, acontecimentos, ao longo dos processos de socialização e dos itinerários individuais que foram importantes para o engajamento e atuação militante dos investigados.

Quando examinamos o conjunto dos entrevistados, alguns aspectos mostraram-se como centrais no processo de socialização e engajamento militante. Em primeiro lugar, a presença de indivíduos que atuaram como mediadores, como pessoas-ponte, em espaços em que os investigados estavam inseridos, por exemplo, universidades, mídias sociais, escola, grupos de amigos, igreja. Em segundo lugar, a utilização e apropriação de recursos escolares, acadêmicos, profissionais e das relações e experiências de sociabilidades em múltiplos contextos, espaços e momentos dos itinerários individuais dos entrevistados, para criar, sustentar e/ou acessar os movimentos sociais, mas também para criar uma performance de ativista à direita. Em terceiro, um conjunto de acontecimentos (mensalão, junho de 2013, eleições de 2014, *impeachment* de Dilma Rousseff, candidatura e eleição de Bolsonaro 2018, etc.) que marcam os itinerários individuais e coletivos dos investigados e que promovem espaços de socialização militante e marcos interpretativos sobre tais acontecimentos. Em quarto lugar, a socialização política e militante virtual destaca-se em alguns itinerários como um elemento prévio que possibilitou o primeiro contato com ideologias, pessoas, organizações e lideranças à direita. Para outros, o espaço virtual passa a ter um peso mais significativo nas suas carreiras militantes quando estes já estão inseridos nos movimentos e passam a utilizar aquele espaço não apenas para construir sua identidade coletiva, mas também sua identidade militante ativista e de político partidário à direita. Por fim, outro aspecto que se destacou entre os investigados nascidos particularmente

antes dos anos 2000, foi o desengajamento em movimentos sociais e partidos de esquerda. Em alguns casos, a participação em organizações à esquerda foi mais densa, em outros apenas uma identificação ideológica e a participação em eventos de protestos considerados à esquerda. Neste sentido, o aspecto do desengajamento se mostrou como um elemento que permite explicar a transformação na identidade militante e política de alguns investigados. Em todos os casos analisados, o sentimento de indignação, frustração e decepção em relação aos movimentos, partidos e políticos à esquerda apareceram nas narrativas dos investigados como um dos motivos para o engajamento e a defesa de causas à direita.

A partir dos dados apresentados no tópico anterior, bem como das entrevistas semiestruturadas e de um conjunto de dados etnográficos, criamos quatro categorias de classificação militante: a primeira categoria corresponde aos puristas; a segunda trata dos híbridos; a terceira, são engloba os apoiadores; e a quarta os patrocinadores. À luz dos estudos sobre carreiras militantes (AGRIKOLIANSKY, 2001; OLIVEIRA, 2005; 2010; FILLIEULE, 2001; 2003; FRETTEL, 2011; SEIDL, 2009), nosso objetivo foi exemplificar por meio de algumas trajetórias quais são os elementos individuais e coletivos que influenciam a atuação dos atores analisados. Para tanto, buscamos compreender como se articulam as disposições biográficas, as experiências cotidianas e os diferentes processos de socialização que conduziram os atores investigados a se engajarem em movimentos sociais à direita.

4.3.1 – Os Puristas

Os **Puristas** são caracterizados pela ausência de uma militância prévia em movimentos sociais e/ou em partidos políticos, por um forte comprometimento e fidelidade ideológica, por uma faixa etária entre 18 e 24 anos, por estarem ainda ingressando no mercado de trabalho, bem como cursando o ensino superior ou o ensino básico. O elemento que mais pesa na atuação do purista é o seu compromisso ideológico e/ou moral, sua fidelidade aos conceitos, às teorias e aos autores e princípios que orientam suas práticas, sua visão de mundo e seu engajamento. Desta forma, a socialização acadêmica e um autodidatismo, como também a ausência de uma socialização militante ou partidária densa, demarcam seu engajamento individual.

Os puristas nem sempre são vistos com “bons olhos” pelos seus aliados que não compartilham de uma mesma trajetória, são caracterizados como “inocentes”, “ingênuos”, “extremistas” que não sabem fazer o “jogo político” ou não sabem “fazer política”. Contudo, isso revela duas coisas interessantes sobre os puristas: primeira, eles ainda “não dominam” os

códigos “tradicionais” e as regras dos grupos e das redes de movimentos sociais ou partidos políticos em que estão inseridos; segundo, eles estão imprimindo uma “nova” forma de fazer militância e de recrutamento, que está alinhada, principalmente, a repertórios de ação associados à direita liberal, por exemplo, reuniões, seminários, congressos, encontros, fóruns, o que, por sua vez, com a fidelidade ideológica e a utilização de repertórios de ação “academicistas”, constroem uma identidade coletiva que os difere de outros grupos à direita.

Salienta-se que no dicionário o termo purista é definido como o indivíduo que é adversário de modificações de usos, normas, padrões, contrário a alterações de uma ortodoxia. Neste sentido, o militante ou ativista purista é aquele que não aceita ou tolera que suas vinculações ideológicas, que orientam sua militância, sejam comprometidas por conta de suas vinculações político-partidárias, que estabelece alianças apenas com aqueles que atuam no mesmo campo teórico, ideológico e/ou moral que ele, seja na arena da política partidária e/ou na associativa.

A trajetória do Entrevistado 10 exemplifica a atuação militante purista. Ele tem 20 anos, é filho único de pais separados. Seu pai é formado em Direito, Química e Ciências Contábeis, já sua mãe é formada em Ciências Contábeis, ambos possuem pós-graduação. Sua família em geral é espírita, quando criança estudou em colégio católico, mas na adolescência se tornou ateu. Em 2017, logo depois de concluir o ensino básico na rede particular de ensino, ingressou no curso de Direito, numa universidade particular. Quando tinha 14 anos, começou a se interessar por política, o motivo desse interesse foram as eleições presidenciais de 2014. Em 2015 criou um canal no YouTube chamado Portal 387, em 10/03/2020 o canal contava com 18 mil inscritos, 86 vídeos e um total de 2.971.726 visualizações. Em 2016 começou a participar do Núcleo Libertário de Sergipe, participou das manifestações pró-*impeachment* e de outros eventos, principalmente pra divulgar a causa libertária. Em 2017, quando ingressou no ensino superior, recrutou os seus amigos do curso de direito e fundou a Juventude Libertária da Tiradentes, que posteriormente se funde com o Núcleo Libertário de Sergipe, se transformando na Juventude Libertária de Sergipe (JLS). Entre 2017 e 2019, a liderança em questão realizou diversos eventos de cunho liberal, no meio estudantil e fora dele.

Em 2018, em São Paulo, participou do 1º Congresso Nacional UniLivres – Conauni, nesse mesmo ano e cidade participou do LibertyCon, já em 2019 recebeu uma bolsa para participar da Conferência Internacional e anual da Foundation For Economic Education, que ocorreu na Flórida/EUA, como um dos representantes brasileiros. Neste mesmo ano participou da VI Conferência de Escola Austríaca do Instituto Mises Brasil. Em 2018 organizou o Liberty

Open em Aracaju, em 2019 organizou a segunda edição deste evento na cidade de São Cristóvão/SE, nesse mesmo ano organizou o 1º Fórum de Liberdade Econômica na cidade de Lagarto/SE, e em 2020 organizou a segunda edição deste evento na cidade de Aracaju/SE. Em 2019 também participou da Assembleia Geral da Rede Liberdade como representante da JSL, nessa assembleia a JLS passou a integrar a Rede Liberdade, deixando de ser um grupo e passando a ser um Instituto da Rede. É colunista da Vox Brasilis, diretor de relações institucionais da UniLivres – Universidades Livres, gerencia as páginas O Libertário e UniLivres – Universidades Livres, e ainda é International Ambassador da Foundation For Economic Education.

Este múltiplo engajamento em *think tanks* e outras organizações liberais também exigiu da Liderança 10 um investimento maior de recursos individuais, bem como de um comprometimento com a causa liberal. Sobre isso, vale destacar uma advertência que Sawicki e Siméant (2011) fazem. Segundo os autores, “compreender o engajamento em uma organização supõe não apenas dar conta dos motivos e das motivações, mas também das estratégias da organização para manter e orientar essas motivações” (SAWICKI; SIMÉANT, 2011, p. 239). Entendemos que uma das estratégias utilizadas pelas redes de organizações patrocinadoras para manter os jovens engajados é retribuições que aumentam o capital intelectual, acadêmico, profissional e cultural dos seus membros. Isso pode ser exemplificado não apenas pelos cargos que o entrevistado passou a ocupar, pelas viagens a congressos e livros recebidos, mas também pelo sentido e o significado que participar de eventos com lideranças nacionais e internacionais do movimento liberal representa para os jovens militantes. Neste sentido, o destaque que a Liderança 10 faz no relato a seguir sobre o fato de que o seu movimento foi a única organização liberal do estado de Sergipe que esteve presente no LibertyCon em 2019, demonstra o significado que determinadas estratégias produzem na atuação militante e no senso de pertencimento à uma causa/ideologia.

Ele descreve da seguinte forma o seu engajamento político:

*Eu sempre gostei de política, sempre me interessei. Mas eu comecei a estudar mesmo em 2014, nas eleições de 2014, quando começaram alguns debates, algumas polêmicas. Aí foi quando eu comecei mesmo a me interessar, a estudar coisas da área de política, filosofia, economia, etc. **[Mas participou de alguma manifestação nesse período?]** Não, não, era mais debate nas redes sociais mesmo. Eu escrevia para o jornal O libertário, tinha um canal também no YouTube que eu organizava Hangouts, mas está meio parado, por falta de material humano. **[Como começou a JLT?]** A Juventude Libertária Tiradentes nasceu no primeiro semestre desse ano, eu procurei algumas pessoas que estudam aqui na Instituição, no caso Arthur, Enzo, Vilma, procurei essas pessoas aqui na Unit e disse ‘vamos criar um grupo de estudos aqui na Unit com esse viés libertário’, aí o movimento começou a crescer, aí eu expandi*

ele também pra virar um movimento estudantil e que não se limite apenas aqui à UNIT. Aí outras pessoas foram entrando, aí fizemos aquele evento Liberty Open, em parceria com o presidente do Ilise, também estamos fazendo todo mês o Liberdade em Pauta aqui na Unit. Aí também fomos eu e Enzo pra a LibertyCon, lá em São Paulo, representando a Juventude, por sinal foi a única organização de Sergipe que participou da LibertyCon. (Entrevistado 10).

A narrativa da Liderança 10 apresenta dois fatores que motivam e permitem que jovens se engajem e pratiquem a militância sem terem muitos custos e construam um conhecimento teórico e prático sobre o fazer militância. O primeiro fator é que foi comum, entre os relatos das lideranças investigadas, referir-se ao contato com literaturas, intelectuais e autores específicos que foram importantes para uma “mudança de mentalidade” durante sua trajetória. No caso do Entrevistado 10, assim como de outras lideranças já citadas, Olavo de Carvalho e os autores da Escola Austríaca de Economia, principalmente Ludwig von Mises e F. A. Hayek têm sido os principais autores que orientam sua visão de mundo e de militância. O segundo fator refere-se ao uso da internet como um meio de entrada na militância. Na trajetória em questão, seu primeiro espaço de socialização com a militância ou com práticas de ativismo foi o virtual. Neste sentido, a liderança inicia seu ativismo no meio virtual, organizando entrevistas e debates com outras pessoas que também compartilhavam ideias libertárias, liberais e conservadoras, de forma *on-line*. Depois dessa experiência inicial, ele se engaja no Núcleo Libertário de Sergipe, movimento que atuava de forma presencial e *on-line*.

As eleições federais de 2014 também constituíram outro fator importante para seu engajamento individual. Diferentemente de outras lideranças, o Entrevistado 10 não participou das manifestações de 2013, mas participou das manifestações *pró-impeachment*, sobre estas ele relata:

Na manifestação do dia 17 de abril eu lembro que eu fui lá, com o pessoal do Núcleo Libertário de Sergipe, mas o intuito era mais pra divulgar as ideias libertárias, obviamente a gente era a favor do impeachment, mas o impeachment nunca foi o principal pelo menos para mim, e sim a divulgação do nosso movimento, da nossa imagem. (Entrevistado 10).

O relato acima revela que nas manifestações *pró-impeachment* havia uma heterogeneidade de objetivos, de interesses e de diferentes grupos de direita. Neste sentido, os ciclos de protestos, para alguns manifestantes, serviram como um cenário para construir uma marca pessoal e uma marca coletiva. O relato do entrevistado demonstra que o seu empenho era o de construir uma identidade para o movimento libertário em Sergipe e para apresentá-lo em diferentes espaços e arenas políticas. Duas características que nos parecem fazer parte da

atuação militante purista são a autonomia e a espontaneidade de acessar redes de militância e redes partidárias, mas também a facilidade de romper com estas redes e articular novas. Desta maneira, por um lado, o padrão de carreira em questão é marcado por uma ausência da socialização política familiar militante, por outro, sua socialização escolar e acadêmica tivera um peso significativo para introduzi-lo em discussões e debates políticos, bem como para que ele pudesse recrutar potenciais militantes para a sua iniciativa de movimento.

Com 16 anos, quando já estava engajado em movimentos libertários de forma presencial e *on-line*, o entrevistado se filiou ao PSL/Livres. Sobre esta experiência ele relata:

Em 2016 eu tive a infelicidade de fazer parte do PSL/Livres e apoiar um de seus candidatos. Hoje em dia eu não teria apoiado ele, mas enfim. Eu diria que o Livres aqui em Sergipe, na verdade em todo lugar, mas principalmente aqui em Sergipe, é formado por oportunistas, que na prática eles não estão ligando para essa ideologia, para esse discurso, simplesmente há um crescimento destas ideias e eles se apropriam delas. (Entrevistado 10).

O entrevistado em questão continua relatando que o Livres em Sergipe não tinha um compromisso com as ideias liberais, que os seus membros estavam se “*aproveitando do momento*” de crescimento da direita liberal para conseguir mais filiados e eleitores:

Não, na verdade não estão. Essa é a grande verdade. Não dá pra dizer que eles estão querendo levar as ideias, quando você percebe que eles possuem lideranças que são conhecidos justamente nesse meio como buscando sempre se promover e não a promoção dessas ideias, visando sempre uma promoção, visando sempre mais filiados para o partido... ah mais votos para as eleições de 2018. Inclusive você pode perceber que o Movimento Liberal de Sergipe já está cansado desse tipo de gente, está com raiva desse tipo de gente, pois se sente traído por essas pessoas. (Entrevistado 10).

Os dois relatos revelam que a experiência no PSL/Livres promoveu não apenas rupturas e tensionamentos entre o entrevistado e lideranças que estavam à frente do PSL/Livres em 2016 em Sergipe, mas também tal experiência significou em sua carreira uma reafirmação da sua identidade militante e da sua forma de atuar politicamente. Observamos que no desenrolar das manifestações pelo *impeachment* de Dilma Rousseff, as redes de interação das lideranças e das organizações a que estavam vinculadas se modificaram. Isso se deve em parte às novas vinculações e engajamento, mas também à própria dinâmica dos protestos e dos interesses das lideranças. Desta forma, Tarrow (2009) chama atenção para o fato de que:

Durante os períodos de intensificação de confrontos, a informação flui mais rapidamente, aumenta a atenção política e as interações entre grupos de desafiantes e destes com as autoridades aumentam em frequência e intensidade. Os conflitos entre

as elites se ampliam em profundas divisões entre os grupos sociais; desenvolvem-se novos centros de poder – embora temporários e efêmeros – que convencem os revoltados que estão causando o colapso do antigo sistema e produzindo alianças novas e às vezes bizarras entre os desafiantes e alguns de seus ex-apoiadores. (TARROW, 2009, p. 187).

Vale destacar as “alianças bizarras” que foram realizadas durante os ciclos de protestos e eventos organizados em instituições privadas e públicas em defesa do *impeachment* de Dilma Rousseff. Essas alianças envolviam lideranças de movimentos libertários, movimentos da direita conservadora, movimentos liberais e movimentos de extrema direita. É bizarra na medida em que algumas lideranças, como a Liderança 10, criticam os movimentos de extrema direita, por considerarem que suas lideranças fazem apologia ao fascismo, mas demonstram como o fazer alianças com determinados movimentos e/ou organizações é algo que depende também do contexto político e de situações específicas. Contudo, a carreira em questão demonstra que nem sempre as alianças situacionais formadas promovem transformações significativas na ideologia, no engajamento e na atuação militante.

4.3.2 – Os Híbridos

Os **Híbridos** são caracterizados pela presença de uma militância prévia em movimentos sociais e partidos políticos à esquerda, por uma trajetória marcada por rupturas identitárias, por uma socialização política familiar à esquerda, e por uma visão da militância e da política que combina elementos que seriam característicos da militância à esquerda, como exemplo os ensinamentos de Gramsci sobre guerra política, guerra cultural, com elementos da militância à direita, outro exemplo refere-se aos ensinamentos dos autores da Escola Austríaca de Economia. Os híbridos estão numa faixa etária entre 25 e 34 anos e entre 35 e 44 anos, isso significa dizer que já estão inseridos no mercado de trabalho, já concluíram o ensino superior, já vivenciaram vários processos eleitorais, e que em alguns casos são casados e têm filhos.

Os híbridos, portanto, são classificados desta forma porque combinam uma socialização militante prévia em movimentos sociais e/ou partidos políticos à esquerda com a socialização militante atual em movimentos sociais e/ou em partidos políticos à direita. Esta combinação é o que mais pesa na carreira do militante híbrido. Ela implica em uma atuação que, no campo subjetivo, resgata memórias, experiências e habilidades que foram apreendidas em espaços de socialização anteriores, como também emoções e sentimentos de raiva, de frustração, de decepção, que são ressignificados e reconvertidos para um engajamento individual à direita. Já no campo objetivo, tenta modificar o *status quo* a partir de suas redes profissionais, militantes

e políticas, ao disputar eleições partidárias, cargos de chefia em instituições públicas e estabelecer alianças com organizações empresariais e se coligar a políticos e partidos que não são, necessariamente, do seu mesmo campo ideológico.

Na genética um organismo é híbrido quando ocorre o cruzamento de dois progenitores de raças, linhagens, variedades, espécies ou gêneros diferentes e que frequentemente é estéril. Na nossa análise, tomemos apenas a ideia de cruzamento ou de combinação de dois tipos distintos de socialização militante em espaços totalmente opostos, que resulta em um militante que desenvolveu habilidades, competências e *expertise* militante e política nos dois campos, à esquerda e à direita, e por isso consegue ter um melhor domínio em relação aos militantes puristas, dos códigos e das regras do jogo político. O militante é adaptável, flexível, em certas circunstâncias é “descomprometido” ideologicamente em virtude de alianças e articulações que podem promover os movimentos e as redes às quais ele se vincula. Três trajetórias exemplificam este padrão de carreira militante, a trajetória dos Entrevistados 01, 12 e 22:

A trajetória da Liderança 01 é marcada por uma atuação militante híbrida, com participação em movimentos e eventos de protestos à esquerda. É natural da cidade de Lagarto/SE, residente na cidade de Nossa Senhora do Socorro, no estado de Sergipe. É filho único de uma dona de casa aposentada e de um caminhoneiro. Sua mãe se interessava por política, quando morava na cidade de Lagarto/SE apoiava um dos grupos/famílias políticas que dominam a região. Tem um primo que é “*PT doente*” e atua como cabo eleitoral. Concluiu seu ensino básico em escola pública. Utiliza transporte público todos os dias para ir à Universidade Federal de Sergipe, onde cursa Ciências da Computação. É técnico em eletrônica pelo Instituto Federal de Sergipe (IFS).

Filiou-se ao DEM em 2007 e se desfilou em 2015. Seu primeiro engajamento foi em um movimento à esquerda, o Movimento Não Pago, no final de 2012. Participou das manifestações de junho de 2013, no final desse mesmo ano começou sua militância à direita, no movimento Estudantes Pela Liberdade. Esteve à frente de vários movimentos que atuaram na UFS e na cidade de Aracaju, como: Estudantes Pela Liberdade, Liberte-SE, Movimento Aliança Estudantil, Movimento Brasil Livre, Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro e Movimento Direita Sergipana. Define-se no Facebook como um liberal clássico.

Participou voluntariamente da campanha do candidato Aécio Neves à Presidência da República nas eleições de 2014. Organizou e promoveu as manifestações *pró-impeachment* em Sergipe, atuou na campanha do então deputado Jair Messias Bolsonaro para presidente nas eleições de 2018. Viajou até Brasília para participar de manifestações *pró-impeachment*. Esteve

com Jair Bolsonaro, quando ele ainda era deputado, duas vezes, em abril de 2015 em Brasília e outra em junho de 2018, quando o político veio fazer campanha em Sergipe. Muitas lideranças liberais, conservadores e de direita o destacam como uma referência do movimento à direita no estado de Sergipe, como alguém que se dedica ao máximo ao movimento.

É interessante salientar que o Entrevistado 01 entrou no Movimento Não Pago, em 2012, com o objetivo de melhorar a situação do transporte público gratuito de Aracaju. Era uma pauta que o tocava, tendo em vista que era usuário diário deste serviço. Seu primeiro contato com o movimento foi por meio do vídeo de apresentação do movimento no YouTube. Segundo ele, após ver o vídeo resolveu participar do movimento pelo caráter apartidário que este apresentava. A liderança percebeu que o movimento não era apartidário, que a atuação do movimento era orientada pelo PSOL. No período em que esteve no movimento, entre 2012 e 2013, contribuiu para a organização de manifestações de rua e participou de todas as manifestações de junho de 2013 em Aracaju. Sobre este engajamento, ele descreve:

Foram as manifestações de 2013 mesmo. As manifestações do Acorda Aracaju, mas ali eu ainda era do Movimento Não Pago, ainda eu era da militância de esquerda. Mas depois eu fui começando a estudar sobre mobilização, vendo outras formas de atuação, de luta. Aí foi quando eu decidi mesmo sair da militância do Não Pago, da militância da esquerda, para tentar achar outros meios de luta que não fosse da forma que atuava na esquerda. Foi quando eu entrei no EPL a convite de Pedro. (Entrevistado 01).

Nesse mesmo período, ele conheceu Pedro, que em 2014 se torna um dos fundadores do Movimento Liberte-se UFS. Segundo o Entrevistado 01, Pedro contribuiu com várias ideias, entre estas a ideia do Catraca Livre, que consistia em pular as catracas de ônibus e terminais, inclusive ele já pulou. Ele também afirma que Pedro chegou a ser um dos coordenadores do Movimento Não Pago. Tanto o entrevistado quanto Pedro saíram do movimento. A liderança relata que em uma plenária organizada pelo movimento, ele sugeriu algo diferente ao que o movimento achava que era o correto. O Movimento Não Pago defendia que o transporte público fosse totalmente controlado pelo Estado. A liderança defendia a ideia de que era preciso haver concorrência entre as empresas, só por meio da iniciativa privada era possível melhorar o serviço do transporte público. A liderança relata que quando colocou esta ideia foi bastante criticado, disseram que ele estava sugerindo favorecer o capitalismo, que a ideia dele era oriunda de uma visão capitalista.

Segundo o Entrevistado 01, Pedro era uma pessoa tímida, que não gostava de falar muito, agia dessa forma dentro do movimento, mas no dia da plenária falou e apoiou sua ideia, dizendo que a concorrência entre as empresas era algo que melhoraria o transporte público. A

liderança relatou que, depois deste fato, se afastou do movimento. Percebeu que “*não valia a pena*” estar no movimento, pois o este tinha “*um discurso de esquerda que não deixava ver o que era melhor para a população, que a ideologia dele estava acima do que era o melhor para o transporte público*”. Comunicou a Pedro de sua saída, e este decidiu sair do movimento também.

A gramática utilizada pelo Entrevistado 01 durante a entrevista demonstrava sua passagem pelos movimentos de esquerda. Os termos “formas de luta”, “militância”, “meios de luta” e “mobilização” normalmente não são utilizados pelos militantes e ativistas à direita para descrever suas ações e suas estratégias de organização. Essa gramática revela que durante a socialização militante em movimentos de esquerda, o entrevistado incorporou e aplicou, na sua atuação em movimentos à direita, narrativas, práticas e ações organizativas que são geralmente associadas à militância em movimentos sociais de esquerda.

Assim, o ponto de inflexão em sua carreira militante ocorre em 2014, quando entrou no movimento Estudantes Pela Liberdade a convite de Pedro. Pedro foi um dos mediadores que recrutou vários estudantes da UFS para participar de movimentos estudantis liberais. Nesse mesmo período, Pedro era responsável pelo setor jovem do Partido Novo no Estado. Apesar de ter sido uma figura-chave na fundação do movimento estudantil liberal e na ala jovem do partido citado, ele se afastou destes dois espaços e passou a investir na militância religiosa católica.

A participação e relação com partidos políticos é algo publicamente criticado entre militantes e ativistas do movimento estudantil de esquerda e direita. O Entrevistado 01, quando participava do movimento Liberte-SE que concorreu às eleições do Diretório Central dos Estudantes, para gestão de 2015 da UFS, foi bastante criticado pela sua vinculação partidária. A oposição “denunciou” sua filiação nas redes sociais virtuais. Sobre sua filiação ele descreve: “*Eu nunca tive nenhuma atividade em partido, eu sou filiado desde 2007 ao DEM, pra ver o que tinha, mas me filiei mais por curiosidade, nunca fui chamado pra participar de nada. Nunca participei ativamente em nada*”. A sua filiação ao DEM parece não ter tido um impacto significativo na sua trajetória, pois não teve uma participação ativa e não construiu redes de relações densas neste espaço.

A socialização familiar não foi um elemento fundamental para sua entrada na militância à direita, mas foi importante para o seu interesse pela política. Seu pai não teve nenhum tipo de engajamento, já sua mãe, quando era jovem, como dito anteriormente, se envolveu com a

política partidária. Além do interesse da mãe por política, um dos seus tios atuou como cabo eleitoral e era filiado ao PT.

Meu pai eu tenho pouco contanto, eu não tenho uma relação afetiva muito próxima com ele. Meu pai é caminhoneiro, ele passa mais tempo fora do que em casa, aí eu tenho pouco contato com ele... Aí eu não converso muito com ele, até por que eu sei que ele é cabeça dura, não adianta falar com ele sobre política, é perda de tempo pra mim. Minha mãe ela concorda com minha visão política, pelo menos em partes, com minha visão política. Agora sobre minha militância, ela não tem muito detalhe do que eu faço no movimento. (Entrevistado 01).

A relação com os pais não mudou depois que começou sua militância à direita. Durante a escola secundária, nunca se envolveu com movimento estudantil, mas se interessava por geografia e por entender a sociedade e os seus aspectos políticos. Em período eleitoral, tentava influenciar os seus colegas, que já votavam no candidato que ele queria. Desta forma, as redes de relações de amizade e as experiências prévias na militância de esquerda, com destaque para as manifestações de junho de 2013, foram elementos-chave para sua entrada em movimentos sociais à direita.

Uma questão que apareceu durante conversas, e nas entrevistas com as lideranças e membros, foi a aversão ao termo militante para definir os membros dos movimentos sociais à direita. Assim, durante uma conversa com Entrevistado 01, perguntamos se ele tinha algum problema em ser chamado de militante, ele riu. Mencionamos o caso de outros dois colegas dele, integrantes do movimento Liberte-se UFS, que não gostavam de ser chamados de militantes. Segundo ele, isso realmente acontecia entre os membros dos movimentos à direita, porque “quando fala militante as pessoas pensam logo em movimento das esquerdas e eles têm uma aversão à esquerda” (Entrevistado 01). Mas, na opinião do entrevistado, ser chamado de militante não significa dizer que é de esquerda, é apenas um termo que já é socialmente associado à esquerda. Contudo, isso revela as percepções deles sobre o que é ser militante e o que é ser ativista. Neste sentido, observamos que eles procuram mostrar que a militância e/ou ativismo que eles fazem é independente, autônoma, que não há aparelhamento político e partidário, que defendem a liberdade individual e as individualidades, etc.

A segunda trajetória é a da Liderança 12. Ele tem 31 anos, é filho de uma dona de casa e de um motorista, que não concluíram a primeira fase do ensino fundamental, nunca participaram de nenhuma manifestação, não gostavam quando o filho ia para as manifestações. Tem um irmão que finalizou o ensino médio e trabalha no serviço de segurança privada. É natural da cidade de Nossa Senhora de Socorro, localizada no estado de Sergipe. Antes de ser

professor de inglês no ensino básico da rede particular de ensino, já tinha trabalhado como carregador, garçom e design gráfico (não formado) e comediante.

Depois de terminar o ensino médio, ficou alguns anos trabalhando antes de entrar no ensino superior. Foi no espaço do ativismo estudantil, em 2016, que conheceu sua namorada, que também frequentava os mesmos espaços, tinham amigos em comum e era ativista do movimento conservador e do movimento religioso católico. Sua então namorada era residente na cidade de Barra dos Coqueiros/SE. Ela liderou uma iniciativa de movimento à direita chamado Damas de Ferro, acompanhava o movimento Conservadores SE e é integrante do Instituto Jackson de Figueiredo, uma instituição que representa o movimento conservador católico em Sergipe.

Ao longo dos últimos anos, entre várias participações em eventos de protestos e a construção de uma imagem de ativista político liberal, eles noivaram em 2018 e em 2019 se casaram. É católico, assim como sua esposa, que diferentemente dele estudava em escola particular no ensino básico. Fez sua graduação (formou-se em 2015) e sua especialização em instituição particular, já sua segunda graduação, em Ciências Sociais em 2013 (trancou e depois desistiu em 2017), estava sendo cursada em instituição federal, na UFS, mesma instituição que sua namorada (na época) cursava a graduação em Engenharia de Produção, que resolveu trancar por um período para estudar para concurso público.

Antes de se engajar em movimentos estudantis e institutos liberais e na política partidária, atuou no Movimento Não Pago, assim como outras lideranças já mencionadas neste capítulo. Participou das manifestações de 2013, fez parte da organização de eventos e manifestações *pró-impeachment* e de outras manifestações contra a corrupção e em defesa de outras demandas. Começou a se integrar em novos espaços e em novas redes a partir de 2016, período em que se torna coordenador estadual dos EPL. Ainda naquele mesmo ano, esteve à frente de diversos eventos *pró-liberais* na UFS, fundou o Instituto Liberal de Sergipe e em 2017 se tornou diretor da Juventude Libertária de Sergipe.

Participou da seleção e foi aprovado no processo seletivo do RenovaBR, filiou-se em 2020 ao partido político Patriota e nesse mesmo ano lançou-se como candidato a vereador da cidade de Aracaju/SE. É atuante nas mídias sociais. Suas redes sociais pessoais: Instagram, Facebook, Twitter, blog e seu canal no YouTube, são espaços em que publica conteúdo da sua esfera pessoal, profissional, militante e político-partidária. Leitor de Olavo de Carvalho, de Ayn Rand e dos autores da Escola Austríaca de Economia.

Apesar de seu engajamento religioso na infância e em parte de sua adolescência, no ensino médio se tornou ateu, chegando a ser presidente da Associação dos Agnósticos e Ateus de Sergipe. Esta mudança é atribuída ao seu contato com a disciplina de filosofia, momento em que começa a questionar a existência de Deus. Após passar por alguns acontecimentos, que colocaram sua vida em risco (assaltos), passou por mais um momento de reflexão sobre a existência de Deus, e retornou à religião católica, indo pelo menos uma vez por semana à missa.

A mudança para um pensamento ideológico à direita, o primeiro “despertar”, foi após trabalhar em uma empresa fazendo trabalho de design gráfico, quando, segundo ele, ao olhar seu contracheque percebeu os vários descontos e o que a empresa pagava de imposto. Segundo o Entrevistado 12, havia “uma amizade” entre ele e o patrão, o que lhe dava liberdade para perguntar se o patrão poderia, em vez de pagar para o Estado o valor dos descontos, pagar para ele. O patrão disse que sim, que desta forma o funcionário trabalharia com mais alegria. Após esse evento, ele começou os estudos no ensino superior, onde teve seu primeiro contato com algumas leituras e professores liberais. Um símbolo que marca sua adesão ao liberalismo é a sua tatuagem da filósofa Ayn Rand, autora da obra *A Revolta de Atlas*: “*Pra mim, o maior marco que eu falei que sou liberal de fato, foi quando eu fiz esta tatuagem, que é da Ayn Rand, que é uma autora liberal*”. (Entrevistado 12).

Seu primeiro engajamento como membro de um movimento social foi no Movimento Não Pago, assim como a Liderança 01. Ele não vê esta participação como positiva, tendo em vista que era um movimento de esquerda, mas destaca com orgulho sua participação nas manifestações de junho de 2013. Quando questionado sobre seu primeiro engajamento em movimentos sociais, partidos políticos e outros espaços de militância, ele descreve:

Eu recebi convites para a política partidária, mas não topei, mas em relação ao movimento estudantil, foi 2013/2014, logo após aquelas manifestações, eu percebi que aquelas manifestações eram certamente meio que uma janela para mudar o Brasil, pelo menos todo mundo acreditava nisso, todo mundo torcia para isso. Então aqueles momentos coincidiram com a minha entrada na Universidade Federal de Sergipe no curso de Ciências Sociais, e logo nos primeiros dias de aula, eu já não era mais de esquerda, não usava mais camisa de esquerda, confirmei o que eu suspeitava, nas aulas de sociologia I, política I, quando eu pegava a ementa da disciplina só tinha autores alinhados com o pensamento de esquerda, e aquilo me incomodava porque eu já tinha acesso a outras leituras. Se o professor quer dar Marx, dê Marx, mas também apresente os críticos de Marx, não tinha. [...] E vinha compartilhando esses pensamentos com alguns colegas de curso e com alguns colegas que a gente se encontrava nos corredores da UFS, ia surgiu a ideia, foi na mesma época que estava tendo as eleições para o DCE, aí eu disse “gente vamos se juntar, vamos montar uma chapa, vamos fazer um movimento, vamos criar uma coisa e tal” aí surgiu o MAE, Movimento Aliança Estudantil. (Entrevistado 12).

As manifestações de 2013 foram um dos principais eventos – principalmente para aqueles que estão nas faixas etárias de 18 a 24 anos e de 25 a 34 anos – que promoveram uma inflexão na carreira dos atores sociais analisados. A trajetória do entrevistado 12 exemplifica isso, as manifestações de 2013 representaram o momento do “despertar” para a possibilidade de uma organização liberal. Mas este despertar se consolida com sua entrada na Universidade Federal de Sergipe, onde ele passa a identificar outras pessoas que compartilham da sua mesma visão política e ideológica, bem como a discordar das referências bibliográficas das disciplinas de Sociologia I e de Política I do curso de Ciências Sociais. Salienta-se que nesse período a liderança cursava Letras-Inglês numa universidade particular, na qual ele já tinha tido acesso à literatura liberal e a professores que compartilhavam de ideias liberais. É interessante destacar que o argumento de que nos cursos de Ciências Humanas e Sociais só é passada literatura marxista, e que os cursos dessa área estão repletos de docentes e discentes esquerdistas, é recorrente entre aqueles militantes à direita que já têm acesso ao nível superior e entre aqueles que ainda estão no ensino médio. Neste último caso, além da crítica aos cursos universitários de humanas, o enfrentamento maior ocorre nas disciplinas de Sociologia, Filosofia e História.

O Entrevistado 12 se define como liberal conservador. Este posicionamento é demarcado em vários espaços de disputa política, entre estes, o das redes sociais virtuais. Neste sentido, na biografia do seu perfil no Instagram, a Liderança12 destaca sua profissão, sua vinculação partidária, sua religião, sua posição como colunista em um jornal local, seu estado civil e seu canal no YouTube. Em todos esses espaços ele produz também conteúdo com viés liberal e conservador. Ao acompanhar seu perfil nas redes sociais virtuais, percebemos que estas são utilizadas como uma espécie de “vitrine virtual”, na qual a liderança apresenta seus produtos. Neste caso, a própria liderança é também um dos produtos, que expõe uma fachada de ativista político em defesa das liberdades individuais, da liberdade econômica, da família e dos princípios cristãos. Essa fachada é mantida pelos seus seguidores virtuais e presenciais. O outro produto da vitrine é o movimento social que lidera, que tem o próprio perfil no Instagram. Assim, o perfil da liderança, o perfil do movimento que lidera e os perfis dos movimentos sociais apoiadores, e suas respectivas lideranças, se retroalimentam e fazem a manutenção da fachada, bem como da propagação dos seus produtos e das ideias liberais e, em outros casos, das ideias conservadoras e libertárias.

Camila Rocha (2019), em seu artigo sobre o papel de movimentos ultraliberais na convocação e direção dos primeiros protestos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff, traz uma

reflexão interessante sobre redes sociais virtuais e os efeitos da retroalimentação de ideias na internet:

A popularização da internet provocou, nos últimos anos, um aumento expressivo no surgimento de contrapúblicos à esquerda e à direita (Downey e Fenton, 2003). Por um lado, esse aumento aponta para uma democratização da esfera pública, na medida em que permite que mais pessoas possam participar e influenciar o debate público. Por outro, pode também ter efeitos deletérios ao aumentar a fragmentação dos públicos (Sustein, 2017), e facilitar a formação do chamado “efeito bolha” – processo de retroalimentação de ideias e informações pelos usuários da internet, por meio de filtros e algoritmos (Pariser, 2011), que pode levar à radicalização política (Downey; Fenton, 2003). (ROCHA, 2019).

As redes sociais *on-line* e o aplicativo de comunicação WhatsApp são destacados como meios que possibilitaram a organização e a divulgação das ideias conservadoras, liberais e libertárias entre as pessoas de diferentes classes sociais e posicionamentos ideológicos. Neste sentido, estes meios aparecem como os mais democráticos quando comparados aos meios de comunicação tradicionais e às universidades que, nas perspectivas dos pesquisados, são espaços hegemonicamente dominados pela esquerda. De acordo com isso, o Entrevistado 12 relata o seguinte sobre o papel das mídias sociais:

A gente percebe o seguinte: as redes sociais têm um engajamento muito mais real, é aquela coisa se você não pode participar ativamente indo pra rua, mas se você compartilha, divulga, você está fazendo sua parte. Eu até chamo dos militantes virtuais. Não querem, não desejam, mas são ativistas políticos virtuais, no Facebook, no Twitter, no Instagram. Você percebe que os movimentos liberais, conservador, e tal, têm utilizado muito as redes sociais. Muito, muito. Muito. Hoje em dia você já tem várias páginas no Facebook, no Instagram e canais liberais e conservadores no YouTube. Graças àquelas manifestações de 2013, nós percebemos a força das redes sociais. Se você for olhar quais são os políticos que hoje em dia têm mais engajamento virtual, são os políticos conservadores e liberais. Por que? Por que nós fazemos a nossa parte, compartilhando, divulgando. E você vê as ideias se espalhando pelos quatro cantos do Brasil. (Entrevistado12).

É atribuído às novas mídias sociais, em particular às redes sociais virtuais, um poder de comunicar e de engajar maior do que aquele atribuído aos meios de comunicação tradicional. Como falado anteriormente, os movimentos sociais e lideranças políticas liberais, conservadores e de direita se retroalimentam, “fazemos a nossa parte”, ou seja, é o modelo e a estratégia de organização no ambiente virtual que permitem reforçar e propagar discursos, desde aqueles mais moderados até os mais radicalizados. Assim como nas formas de ação presencial, no ambiente virtual não há organização isolada. Apesar da autonomia e da individualidade de cada militante ter seu próprio perfil e poder “falar o que quiser” para que ele

tenha visualização, engajamento, seguidores, é preciso que uma rede de seguidores prévios, oriundos do presencial, contribua para esse impulsionamento nas redes sociais virtuais.

A visão de que a esquerda sabe engajar e recrutar pessoas para seus movimentos, utilizando estratégias moralmente inadequadas, é uma visão compartilhada pelos grupos aqui investigados. Sobre isso, o Entrevistado 12 enfatiza:

Isso é uma coisa que a direita ainda peca, a gente ainda não consegue engajar tantas pessoas como a esquerda, como a esquerda, porque a esquerda faz o quê? Evento com bebida, com sexo, com drogas, a direita (conservadores e liberais) não consegue, não tem mão de obra, não tem recurso, não tem tempo, eles são muito mais fáceis de engajar. (Entrevistado 12).

A comparação entre as estratégias de recrutamento e dos recursos que os movimentos e lideranças conservadores, de direita e liberais detêm, com aqueles que, na percepção deles, a esquerda dispõe, é algo recorrente na fala dos entrevistados e de outros militantes com quem conversamos. Ao continuar sua fala, o Entrevistado 12 enfatiza:

Minha namorada faz parte de alguns grupos católicos, eu digo a ela direto, a gente briga às vezes, até por conta disso – “vocês poderiam fazer mais” – mas eu entendo né! Ela é conservadora, 100% conservadora, eu sou liberal 100% também. Conservador para algumas questões é óbvio, mas liberal por aquilo que te falei, proatividade. O conservador espera acontecer para reagir, nós não, nós liberais não, nós estamos fazendo, e pelo menos eu e algumas pessoas que são minhas amigas, vamos continuar fazendo. [...] Ela é conservadora de fato, e ela faz parte de alguns grupos católicos aqui em Aracaju, até os grupos de Olavo de Carvalho, que são mais conservadores, e ela me mostra “ôi a gente se junta pra boicotar uma página”. Os grupos que minha namorada faz parte, são pelo WhatsApp, é como eu disse pra você, eles não realizam eventos, a iniciativa deles é muito mais fraca que a [sic] de nós. (Entrevistado 12).

O fragmento acima revela algo que é recorrente quando analisamos a carreira de militantes e o engajamento individual: a interdependência e sobreposição das esferas de vida. Isso pode ser ilustrado na frase, “a gente briga às vezes, até por conta disso”, um conflito é gerado na esfera amorosa por conta de pontos de vista divergentes na esfera militante. Além disso, outro ponto que se destaca nesse fragmento é a percepção que o entrevistado tem sobre a forma que ele atua e que os conservadores atuam. Desta forma, é perceptível que ele busca elementos de distinção entre os conservadores e os liberais. Assim, para ele os liberais são “proativos”, são aqueles que “fazem”, que se “expõem”, enquanto os conservadores são “passivos”, esperam acontecer o fato para reagir a ele e “não se expõem”. Contudo, é interessante notar que a Liderança 12 fala de um dos repertórios que os conservadores utilizam: o boicote virtual. Assim, podemos compreender que os conservadores se manifestam

principalmente no meio virtual e se organizam utilizando também recursos digitais, como o WhatsApp. Já os liberais combinam a organização no meio virtual com formas de ação mais contestatórias no ambiente presencial.

O movimento liberal, ou melhor, os movimentos liberais são bastante diversificados e conflituosos. Há uma gama de correntes filosóficas e economicistas sobre as quais nem sempre as lideranças dos diferentes movimentos convergem ideologicamente e organizacionalmente. Esta convergência ainda é mais complexa quando é preciso estabelecer alianças com os movimentos conservadores. A respeito disso, o Entrevistado 12 relata:

Você perguntou como é que é nosso engajamento, nossa participação. É difícil, porque a gente tem um trabalho e outro, um afazer e outro, é difícil. [...]. O brasileiro está percebendo que o maior problema dele é o Estado. Aí você percebe, graças a esta mudança política, que é positiva, mas tem seus pontos negativos, uma briga dos próprios movimentos liberais e conservadores. Normal. A esquerda briga até hoje entre ela. A diferença é que quando tem um problema maior, elas se juntam igual Power Rangers, vamos se juntar aqui e tal, né. Os liberais e conservadores tem esse problema ainda, por nós sermos muito individualistas, eu quero fazer o meu e não sei o quê. Mas não vai retroceder, movimento liberal, movimento conservador. Que eu acho que o movimento conservador sempre existiu, essa é a verdade. (Entrevistado 12).

O individualismo, ou melhor, a defesa da individualidade é uma característica que define o ativista liberal e que implica na sua dedicação à causa e ao movimento. Como mencionado na narrativa acima “*a gente tem um trabalho e outro, um afazer e outro, é difícil*”, ou seja, diferentemente dos “*militantes profissionais de esquerda*” que eles criticam, os ativistas liberais constroem uma narrativa que não dedica a maior parte do seu tempo à esfera política e militante, ou seja, não são militantes profissionais. Contudo, percebemos duas questões em relação a isso: primeira, a dedicação à militância entre os liberais, conservadores ou militantes de direita varia conforme seu nível de engajamento e as redes estabelecidas nesse engajamento, ou seja, quanto maior é a rede de relações que você tem e que está vinculada ao movimento, maior é probabilidade do militante investir mais tempo e outros recursos no movimento; segunda, o grau de importância que é dado a cada esfera de vida pode interferir na dedicação e em um investimento mais orgânico no movimento.

Identificamos que entre aqueles militantes em que a esfera escolar, acadêmica e profissional tinha um peso forte, em que o principal objetivo era concluir o ensino superior e entrar no mercado de trabalho ou seguir carreira acadêmica, houve um desengajamento nos movimentos dos quais faziam parte ou uma diminuição na participação presencial, limitando-se a um engajamento e participação virtual. Por outro lado, percebemos que entre aqueles que

passaram a ver a militância e a política como um espaço profissional, ou seja, fazer carreira na política partidária ou associativa, o investimento de tempo e de outros recursos aumentou no decorrer dos últimos anos analisados.

A terceira trajetória que exemplifica o padrão de carreira militante híbrida é a da Liderança 22. Ele tem 32 anos, é filho de uma pedagoga e de um psicólogo e funcionário público. Até os 20 anos frequentava o centro espírita, como seus pais e demais familiares, mas não se considera hoje espírita, acredita apenas que existe algo superior. Mora em Aracaju. É advogado e pós-graduado em direito tributário. Começou a trabalhar na empresa de sua mãe, depois passou em um concurso público do Estado para oficial administrativo, após concluir o curso de Direito, passou a advogar e abriu o seu próprio escritório, mas manteve o emprego concursado.

Já foi casado, sua ex-esposa foi candidata à vereadora pelo PCdoB. Sua atual noiva é formada em engenharia de petróleo pela UFS, tem 28 anos. Nas eleições de 2012 apoiou a campanha de um candidato do PSB. Nos anos seguintes, até 2015, fazia parte do Partido Novo. Em 2016 começou a fazer divulgação do PSL/Livres. Chegou a ocupar cargos de confiança em órgão público. Iniciou sua militância no movimento estudantil de esquerda na UFPE, onde iniciou o curso de engenharia florestal, mas não concluiu. Quando retornou para Aracaju, começou a cursar Direito numa faculdade particular, onde, junto com seu pai, que já tinha fundado o Centro Acadêmico de Psicologia, criou o Diretório Central dos Estudantes e o Centro Acadêmico de Direito.

Seu primeiro contato com a política partidária foi nessa mesma época, quando um amigo que já advogava se candidatou a vereador e o convidou para contribuir com sua campanha. Nesse período se filiou ao PSB. Entre os motivos que fizeram com que saísse do PSB estavam as divergências ideológicas. Mas seus pais, seus tios, todos apoiavam o Partido dos Trabalhadores, “*eram petistas*”. Entre 2013 e 2014 fundou o Partido Novo em Sergipe. Influenciou a emergência do Movimento Estudantil Liberte-se UFS.

Em 2013 participou das manifestações de junho. Foi o primeiro coordenador do Movimento Brasil Livre em Sergipe. Em agosto de 2016, assumiu a presidência do PSL/Livres em Sergipe e lançou-se como candidato a vereador nas eleições municipais. Em 2019 iniciou o processo seletivo do RenovaBR, se tornando um dos bolsistas da rede e pré-candidato a deputado estadual pelo PMN. Já viajou para vários países e palestrou sobre a emergência do movimento liberal no Brasil e em Sergipe.

A socialização familiar e a socialização universitária foram importantes para seus engajamentos à esquerda. Seu ponto de inflexão na trajetória e sua guinada à direita, em

particular, em partidos e movimentos sociais liberais, foram resultado de suas experiências prévias, mas também de suas relações amorosas e de sua socialização profissional.

Minha namorada de certa forma foi uma das responsáveis pelo início do meu pensamento liberal atual. Ela não era liberal não, sabia o que era liberalismo, mas quando eu comecei a namorar com ela, eu era do PSB e ela apesar de não ser liberal a família dela sempre foi muito de direita. Aí quando eu conheci ela, eu pensei: como é que alguém volta em João Alves? Porque toda minha família é de esquerda e não acredito que existe um jovem que vote em João Alves. Nas conversas, como ela é muito inteligente, ela argumentava. E eu respondia: nunca tinha pensado por aí. O pai dela também é muito inteligente, de direita e dizia: rapaz, leia os comentários de Rodrigo Constantino, por exemplo. Mas eu também comecei a procurar uns caras, Ricardo Amorim e tal. Comecei a procurar e pensei: rapaz, o que esse cara está falando, ele tem razão. Aí eu fui na internet comecei, comecei e me abrir um leque de pensadores liberais. E quando eu descobri Mises foi como se eu tivesse encontrado Jesus. Tô salvo, graças a Deus! Encontrei tudo que eu pensava. Nunca achei que isso fosse de direita e depois eu vi que não era. Isso que as pessoas pensam assim, porque eu vivia naquele mundo, meu pai era petista, minha mãe era petista, meus tios eram petistas e eu era do movimento de esquerda. Eu tinha um pensamento de que foi a esquerda que salvou o mundo. Essa minha namorada foi uma das responsáveis de me dizer: olhe! (Entrevistado 22).

Entre as lideranças dos movimentos liberais, foi comum que o seu “despertar” para a política à direita fosse associado à literatura liberal. Além disso, as formas de entrada neste campo aconteceram principalmente pelo convite de um amigo ou por uma iniciativa individual na internet. Nessa trajetória também fica claro o peso das relações familiares de extensão, neste caso o papel da namorada na época e do sogro em mostrar para a liderança uma visão política diversa por meio de livros e conversas.

A mudança de campo ideológico e de agrupamento político pode ter custos altos, desde um conflito de emoções, um ajustamento e/ou transformações de identidade até uma modificação das redes de amizades. Entre aquelas lideranças que tinham uma carreira híbrida, os custos em relação à perda de amigos e de redes de contatos era maior do que as lideranças puristas, que geralmente não estavam previamente integradas em redes que tinham um posicionamento ideológico diferente do delas. Neste sentido, a Liderança 22 argumenta que:

Meus amigos da época, a maioria eu perdi durante o caminho quando eu fiz essa migração esquerda/direita e 80% do convívio diminuiu muito. Então, a maioria das pessoas que militavam comigo continuaram no PT, PSB. Hoje eu encontro, mas não tenho relacionamento. E pensamos diametricamente diferente. Eu tenho daquela época do movimento estudantil que tá hoje, ninguém. Eles continuam fazendo política. Uma delas foi candidata a vereadora comigo pelo PSB e foi muito bem votada também, um deles é presidente do DCE hoje. Então, todo mundo faz política de alguma forma e a gente se encontra nos ambientes, mas a gente não tem a mesma relação que tinha antes não. Hoje o meu grupo político é um grupo que eu conheci dentro do movimento liberal. (Entrevistado 22).

Além do conflito com os amigos, foi comum entre os entrevistados o relato de conflitos com parentes por intermédio de grupos de WhatsApp, durante encontros familiares e em conversas cotidianas. Assim como a Entrevistada 04, a Liderança 22 também divergia com um parente próximo, neste caso o pai. Sobre sua relação com o pai e a participação nas manifestações pelo *impeachment*, a Liderança relata:

Não! Meu pai não, meu pai ainda era petista. Meu pai dizia que era golpe. E minha mãe, apesar ter sido petista e ter votado no PT, ela me escuta muito e quando eu chegava em casa e dizia as coisas que eu tinha lido ela me dizia: meu Deus! Ela me acompanhou nas manifestações. A gente foi desde a primeira que foi gigantesca até a última. As últimas ela deixou de ir porque ela tinha medo de briga e essas coisas, mas sempre me acompanhando. (Entrevistado 22).

Especialmente as lideranças cuja carreira militante e ativista é híbrida e seus pais e familiares têm um envolvimento com política partidária ou associativa na esquerda, há o desafio da persuasão. Estas lideranças buscam mobilizar seus parentes próximos, para os novos espaços que estão integrados, por exemplo, em eventos de protestos organizados por eles e seus aliados e em partidos políticos. Como dito anteriormente, o conflito familiar gera no militante um desgaste emocional e uma avaliação sobre os custos e benefícios do engajamento, o resultado desta avaliação pode ser tanto um estímulo maior para continuar engajado, como também pode promover o desengajamento.

4.3.3 – Os Apoiadores

Já os **Apoiadores** são caracterizados por não terem um vínculo direto com o movimento social, ou seja, não são apresentados como membros ou coordenadores daqueles movimentos que apoiam. São apresentados como apoiadores ou conselheiros. Mas disponibilizam diferentes recursos a favor do movimento. Neste sentido, os recursos mais disponibilizados são: de conhecimento, o burocrático, o profissional, o simbólico e o técnico. Tais recursos se relacionam diretamente com as suas profissões, que são, em sua maioria, a de professor universitário, economista, advogado e pastor/religioso. A faixa etária dos apoiadores é variada, indo de um intervalo entre 25 anos e 54 anos, considerando o nosso recorte de entrevistados, mas obviamente é possível ter apoiadores que não se encaixam nesse intervalo.

A carreira de alguns apoiadores é marcada por processos anteriores de engajamentos e desengajamentos em movimentos sociais, partidos políticos, institutos, associações profissionais e sindicatos à esquerda. Três elementos são fundamentais para caracterizar a

atuação do apoiador: primeiro, ele se torna um apoiador mediante o convite direto de algum membro ou coordenador do movimento, ou a convite das suas próprias redes de amigos, colegas de trabalho e/ou por meio das redes sociais virtuais; segundo, disponibiliza recursos diversificados para promover, manter e legitimar o movimento; terceiro, a relação entre o apoiador e os membros, principalmente com as lideranças, é de reciprocidade. Os apoiadores também têm um retorno/benefício em troca daquilo que disponibilizam para o movimento. Esse retorno, por exemplo, pode vir em forma de apoio em ações promovidas pelo apoiador.

O verbo apoiar, segundo o dicionário, significa dar apoio a alguém ou a algo. Significa, ainda, aprovar, aplaudir, sustentar alguém ou algo. Desta forma, empregamos o mesmo sentido na nossa análise, tendo em vista que a função do apoiador é a de dar o apoio intelectual, burocrático, às vezes material, profissional, simbólico e técnico às lideranças e membros do movimento. Os apoiadores que identificamos são conservadores, liberais e de direita. Foi muito comum, entre os apoiadores, se enquadrarem como conservadores nos costumes e liberais na economia, e se identificarem como direita no espectro político.

A trajetória que exemplifica este tipo de carreira é da Liderança 26. A Entrevistada 26 tem 49 anos. É católica, professora universitária do departamento de direito da UFS desde 1996. É filha de funcionário público e de uma professora, um dos seus irmãos é oficial de justiça da Justiça Federal. Se considera uma conservadora liberal. Estudou seu ensino básico em escola particular, na infância estudou em colégio de freiras progressistas. Sua graduação, mestrado e doutorado foram feitos em instituições federais. Sua tese foi finalizada em 2012, e versou sobre a corrupção e o julgamento do mensalão. É casada, seu marido também é professor da UFS, do departamento de fisiologia, mas é menos envolvido com política. É mãe de um filho e uma filha.

Já lecionou em duas instituições particulares de nível superior na cidade de Aracaju. É natural da cidade de Picos, do estado do Piauí. Atualmente mora em Aracaju/SE. Sua primeira participação em manifestações de rua foi pelo *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, quando ainda era graduanda do curso de Direito, na Universidade Federal do Ceará. Participou das manifestações pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff entre 2015 e 2016, com seu esposo e outros colegas e amigos de trabalho. Contribuiu com a organização de mesas-redondas sobre a democracia no Brasil e o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, na universidade em que leciona. Sobre este período, ela descreve:

Eu fui a quase todas as manifestações, teve aquela primeira que ainda a participação foi bem excipiente, aí a gente começou a perceber que vinham crescendo, mas que

não contou com grande adesão que foi aquela primeira, que aconteceu nos arcos da orla, então fui com meu esposo que é também professor daqui da universidade, fomos, eu tinha entrado em contato com alguns colegas professores daqui da universidade, inclusive até marcamos para se encontrar e depois quem sabe sair tomar uma cerveja, quem sabe almoçar. A gente foi naquele misto de curiosidade, entre um sentimento de urgência, de tomar posição diante do quadro generalizado do Brasil, que combinava má gestão e altos índices de corrupção, um quadro realmente muito preocupante. E dessa forma, foi esta primeira, depois ocorreram outras no calçadão da 13 de Julho, também estive presente. Fui motivada principalmente por isso, percebia que no momento era de tomar uma posição diante do que eu via, como uma situação incontornável, a então presidente Dilma, não tinha menor condição de governabilidade, acho que era em certa medida uma maneira de mostrar que a população começava a se libertar, digamos assim, de algumas tutelas, que emergiam novos movimentos, mas , em que pese certo protagonismo, mas eu vi muito desse anseio de se manifestar enquanto cidadão, não necessariamente atrelado à pauta de um movimento, que este movimento pudesse ter vinculações com lideranças políticas, tanto que nunca me portei em saber quem estivesse por trás, se era MBL, se era Vem Pra Rua se era OAB, quem estava por trás eu achava a pauta legítima, cheguei levar até minha filha. (Entrevistada 26).

Desde 2016 tem palestrado e dado entrevistas em vários espaços (igrejas, associações profissionais, universidades, etc.) sobre a crise democrática no Brasil, sobre os desafios e a liberdade nas universidades públicas. É membro da Associação Docentes Pela Liberdade, sendo uma das representantes da associação na instituição que trabalha. É uma das docentes que apoia os movimentos estudantis liberais e conservadores que se organizam nas universidades. Sua conversão à direita é atribuída em partes há um processo de frustração com os governos petistas e pelos escândalos de corrupção desde o Mensalão em 2005. Quando questionada sobre como entrou na política, ela descreve da seguinte forma:

Eu sou de uma geração, eu meio que brinco que sou cria da teologia da libertação, a igreja aí também fez dobradinha com movimentos de esquerda, com certo engajamento político-ideológico, então o bispo da minha infância em Picos era o vice-presidente da Pastoral da Terra, então eu cresci ouvindo, lendo, estudei em colégio de freiras progressistas também. Eu lia História da Tortura no Brasil, Brasil Nunca Mais, Olga, então assim, eu nunca fui de uma militância aguerrida, mas esta parte lá da família que mora em Picos, lá no Piauí, foram fundadores do Partido dos Trabalhadores lá em Picos, uma amiga da minha mãe foi candidata à prefeita da cidade. Então assim, convenci meus pais a votar em Lula, eles sempre muito resistentes, refratários, minha mãe até hoje, brincando, passa na minha cara, dizendo: “Eu não disse, eu não disse, que não gostava da cara de Lula”. Então assim, eu fui eleitora do PT, comprei broche, coloquei estrelinha, mas eu sempre fui reticente a vestir a camisa, empunhar a bandeira de forma mais aguerrida. Eu sempre tive medo de uma vez engolfada, absorvida, o risco da cegueira e dessa dívida, eu sempre “pera aí, eu tenho de defender”. (Entrevistada 26).

A narrativa acima é exemplar de um grupo de professores da UFS que, assim como a Entrevistada 26, teve uma passagem ou uma longa história em movimentos sociais de esquerda e/ou no PT e em algum momento passaram por um processo de conversão à direita. Esses professores estavam presentes em boa parte dos eventos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff

que ocorreram na UFS, como também nas manifestações de rua em defesa do *impeachment*. Desta maneira, há um investimento por parte da Liderança 26 na carreira associativa, em especial em organizações de representação profissional e em organizações de cunho ideológico, mesmo quando não era à direita. Neste sentido, ela descreve:

Meu esposo assim nunca foi de se envolver muito, talvez pelas disciplinas que ensina, pelo perfil mais pacato ele nunca foi assim de se envolver muito com sindicatos. Eu já atuei aqui no sindicato dos professores, já fui suplente numa época anterior a minha saída para o doutorado, se eu não me engano na gestão do professor Airton. Conheci vários professores, uma experiência muito rica. Como eu disse, eu sou de uma época que o número de professores era muito reduzido, aumento partiu exatamente do governo Lula, com o Reuni, com a implementação de novos cursos, a gente teve um boom de contratação de novos professores, eu conheço muitos professores das antigas, mas tem muitos professores novos que eu não conheço, realmente a gente triplicou, quadruplicou o quadro de docentes que integram a UFS. (Entrevistada 26).

Como apresentado nos relatos da Entrevistada 26, em 2019 ela iniciou sua campanha para ocupar o principal cargo de chefia da universidade pública em que é vinculada. Nunca foi filiada a partidos políticos, mas parte de sua família e amigas próximas da mãe foram fundadoras do PT na sua cidade natal, inclusive ela fez campanha para o ex-presidente Lula e utilizou símbolos do partido, como broches. Ela, assim como seu esposo, é leitora de Olavo de Carvalho e já fez o seu curso *on-line* de filosofia. Neste sentido, por um lado, o seu gosto pela política e seu engajamento militante e partidário inicialmente foram influenciados tanto por uma socialização familiar quanto por redes de amigos próximas à sua família; por outro lado, seu processo de desengajamento na política partidária e militância à esquerda e seu engajamento na militância à direita foram influenciados por uma socialização profissional e acadêmica, o que lhe permitiu acessar obras de autores conservadores e liberais, bem como conhecer pessoas que estavam integradas a redes de organizações à direita.

4.3.4 – Os Patrocinadores

Assim como os Apoiadores, os **Patrocinadores** se mostraram fundamentais para consolidação e sustentabilidade das organizações à direita em Sergipe. Estes são caracterizados pela relação de apoio financeiro e material com o movimento e suas lideranças. Classificamos como patrocinadores tanto atores sociais, como os empresários, políticos e profissionais liberais, quanto atores organizacionais, como associações profissionais, associações empresariais, *think tanks* regionais, nacionais e internacionais. Em relação aos atores sociais,

identificamos que as doações em dinheiro eram reinvestidas tanto para organização de eventos, como protestos e mesas-redondas, quanto para formação política e intelectual das lideranças dos movimentos. Já sobre as organizações patrocinadoras, além das doações em dinheiro, para custeio de despesas com eventos, passagens e hospedagens das lideranças, também identificamos o patrocínio material e de infraestrutura, por exemplo, local para realização de eventos e impressão de material de divulgação das ações dos movimentos.

O patrocinador é definido no dicionário como sendo um indivíduo, ou empresa, que arca com os custos da realização de um evento ou programas em meios de comunicação, com objetivos de publicidade ou *marketing*. Adotamos o mesmo sentido na pesquisa. Acrescentamos a ideia de **rede de patrocinadores**, que definimos como um conjunto de organizações ou indivíduos que apoiam financeiramente ou materialmente causas, indivíduos ou movimentos, com o objetivo de promover um determinado tema, visão de mundo ou, simplesmente, se autopromover por meio da publicidade e do *marketing* que é gerado com seu patrocínio.

A figura do patrocinador, além de ter um peso forte para as condições de manutenção e expansão dos movimentos sociais, também tem um peso sobre a carreira militante ou ativista das lideranças, bem como para a condução desses em novos engajamentos militantes e político-partidários. Neste sentido, chamamos atenção para as mudanças que as lideranças passam, que vão desde uma mudança estética (mudança na forma de se vestir, no corte de cabelo, nos acessórios, etc.) até uma ampliação do capital cultural e intelectual dessas lideranças. De acordo com isso, percebemos uma diferença no destino do patrocínio que vai para lideranças e movimentos sociais conservadores e de direita e lideranças de movimentos sociais liberais/libertários. No primeiro caso, foi percebido que há um investimento maior no movimento em si e menos na formação cultural e intelectual das lideranças. Mesmo quando o patrocínio é destinado à liderança, ele visa o movimento ou a causa. Um exemplo disso foi o pagamento de curso na área de mídias sociais, para que algumas lideranças aprendessem a divulgar o movimento nas redes sociais virtuais com uma maior assertividade. No segundo caso, identificamos que o investimento dos patrocinadores ocorre tanto no movimento quanto na formação cultural e intelectual das lideranças. Um exemplo disso é o repasse de verba para organização de eventos promovidos pelo movimento e bolsas para viagens internacionais, bem como livros que são enviados gratuitamente para as lideranças.

A trajetória que exemplifica este tipo de atuação nos movimentos sociais à direita é da Liderança 24. Fortemente alinhado com o lema da campanha de Jair Bolsonaro “Brasil acima

de tudo, Deus acima de todos”, patrocinou movimentos sociais que apoiavam o presidente. Ele declara:

Eu não tenho problema nenhum em convergir com a pessoa do Rede, com a pessoa do PT, essas pessoas de esquerda que têm esses valores que eu não aceito, mas que tenho de respeitar. Mas se a proposta for muito boa, e se for para o povo, abaixo as bandeiras partidárias, quem tem de ganhar é o povo, eu vou convergir, agora se eu ver que é alguma proposta para manobra escusa para prejudicar o povo, eu vou divergir sempre. Eu quero lá saber se é do PSOL, do PT ou do PCdoB, que é um partido comunista coisa que eu abomino, agora se eu perceber que eles têm uma ideia boa, por que não convergir? [...]. O que eu penso é o seguinte: que bom que se está existindo estes movimentos, que bom que as pessoas estão querendo se envolver, estão preocupadas com a política do nosso Brasil. A política do nosso Brasil está numa descendente muito grande, o nosso Brasil está em uma iminência de se tornar a Venezuela, isso não é uma coisa grotesca que eu esteja falando. O Brasil é um país muito rico pra aguentar estes absurdos que aguentamos até hoje. Eu estou muito feliz por estar existindo esses movimentos, que os jovens cada vez mais estão interessados pela política. Isto é muito bom, é muito bom, isto é primordial, é a renovação, a oxigenação. O que eu estou sentindo é que estamos passando por um momento de transformação, é aquela coisa do limão fazer uma limonada, que foi gerada pelo próprio sistema corrupto do PT que as pessoas estão indignadas, as pessoas não aguentam mais e que realmente nós estamos em um processo de melhoramento do nosso país, social e político. (Entrevistado 24).

A Liderança em questão tem 45 anos, se formou em Publicidade e Propaganda numa universidade particular, tem pós-graduação em Marketing e Merchandising. É filho de uma pedagoga aposentada do Estado e de um funcionário aposentado da Petrobrás, que cursou até o 4º ano do ensino fundamental (pai já falecido). Sua religião é a católica, fez alguns sacramentos, como a primeira comunhão e a crisma, mas também tem um envolvimento com a religião do Candomblé, por ter tido a participação de uma mãe de santo na sua criação. É solteiro.

Seu primeiro emprego foi vendendo manga em Maceió, ganhava o dinheiro e ia gastar no shopping com lanche, depois conseguiu um trabalho como motoboy, foi promovido algumas vezes nessa empresa, trabalhou um período no segmento da indústria farmacêutica, depois entrou no ramo das telecomunicações, foi gerente de empresa de distribuição de internet e depois abriu sua própria empresa na área. Concluiu o ensino básico em escola particular. Faz trabalho social. Até as eleições de 2018 era apoiador financeiro e conselheiro do Movimento Direita Sergipana e do Movimento Sergipe Com Jair Bolsonaro.

Foi candidato a deputado estadual de Sergipe pelo PSL nas eleições de 2018, após rupturas continuou apoiando o Movimento Sergipe Com Jair Bolsonaro, mas deixou de apoiar o Movimento Direita Sergipana. Saiu da presidência estadual do PSL, migrando para o Patriotas, onde se lançou para candidato a vereador do município nas eleições de 2020 em Aracaju. Participou das manifestações pelo *impeachment* de Fernando Collor de Mello, em

1992, fez parte da organização de algumas das manifestações pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff entre 2015 e 2016. Já apoiou a candidatura de vários políticos em diferentes municípios de Sergipe.

Em sua trajetória nunca se engajou em movimentos sociais, se envolveu sempre com partidos políticos e com trabalhos sociais. Quando questionado sobre seu engajamento político, ele relata:

A política está presente em tudo na nossa vida, no shampoo que você lavou o cabelo, na gasolina que me trouxe aqui, no batom que você passou no lábio hoje, está presente em tudo, a política nos cerca de todas as formas. Eu sempre tive uma preocupação, acompanhei sempre a política do nosso país. Sou da época onde se existia as disciplinas educação moral e cívica e organização social e política brasileira que tinha na grade curricular. Eu sinto muito de terem tirado estas duas matérias da grade curricular. Mas já existe um projeto para estas disciplinas voltarem, as pessoas precisam saber como funciona a política do nosso país. Eu acho que existe um projeto que vem há décadas de idiotização das massas, das pessoas se tornarem cada vez mais menos esclarecidas e entenderem cada vez menos a política, para se tornarem manobráveis. Sempre pesquisei, sempre assisti muitos programas políticos, acompanho muitos políticos daqui e de fora, especialmente do Nordeste, inclusive aqui do nosso estado. (Entrevistado 24).

A liderança em questão se envolveu com os movimentos sociais à direita, após ter tido sua loja assaltada pela segunda vez, sendo que a primeira teve um prejuízo de milhares de reais e na segunda vez o assalto não se concretizou. Após este ocorrido, a liderança gravou um vídeo de “desabafo” e publicou no Facebook. O vídeo acabou ganhando uma audiência significativa. Em suas palavras: “*hoje eu me encontro pré-candidato a deputado de forma espontânea, após ter tido minha loja assaltada pela segunda vez, na primeira tive um prejuízo de quase 50 mil, na segunda fraguei o meliante cometendo o delito*”.

Além desse episódio, a socialização política familiar também foi um elemento que influenciou seu gosto e sua entrada na política partidária e associativa. Sobre isso, a Liderança 24 destaca:

Meu pai tinha pouco estudo, mas entendia muito de política. Pode até ter sido por isso que eu gosto de política. Quando começava o programa A Hora do Brasil era como se fosse uma missa pra ele, parava tudo para ouvir. E ele me chamava, me explicava como funcionava a política no Brasil, me falava sobre o regime militar. (Entrevistado 24).

O Entrevistado 24 é saudosista do regime militar, ele está integrado a uma rede de contatos políticos e empresariais extensa, que abrange vários municípios de Sergipe. Essa rede de contatos foi mobilizada para patrocinar as manifestações pró-*impeachment* da presidente

Dilma Rousseff, bem como de movimentos que emergiram do processo de *impeachment*. Com relação a este apoio, ele ressalta: “*eu fui um dos maiores doadores financeiros do Direita Sergipana, vários amigos meus abraçaram o projeto, Francisco doou o prédio e gastamos quase 15 mil reais com reformas*”.

Além da Liderança 24 mobilizar sua rede de amigos para fazer doações financeiras para patrocinar protestos e os movimentos Direita Sergipana e Sergipe Com Jair Bolsonaro, também era um dos conselheiros desses movimentos. Segundo Jasper (2016, p. 188, grifo do autor), “os **doadores** são um tipo especial de aliado, fornecendo recursos úteis – principalmente dinheiro, mas também conselhos, escritórios, locais para as assembleias e outros elementos convenientes”. Além de pessoas físicas, também os movimentos e algumas lideranças recebem patrocínio para organizar eventos, fazer cursos de formação política e participar de eventos nacionais e internacionais, como já dito anteriormente.

4.4 – “VAMOS ENDIREITAR SERGIPE”: REDES DE RELAÇÕES E IDENTIDADE MILITANTE

Como vimos, o processo de engajamento e de desengajamento em um movimento social relaciona-se diretamente ao equilíbrio entre as diferentes esferas da vida dos atores (PASSY; GIUGNI, 2000; OLIVEIRA, 2005), estes mobilizam recursos de diferentes esferas e disponibilizam para o movimento, avaliam os custos e benefícios em participar dos movimentos e de suas ações. Segundo Passy e Giugni (2000, p. 122), “quanto mais frequentemente uma esfera de vida é ativada, mais provável que ela se torne importante na vida de uma pessoa. Além disto, a hierarquia das esferas de vida muda de acordo com o momento no ciclo de vida”. Desta forma, esta ativação da esfera de vida depende dos espaços em que os indivíduos estão inseridos e das suas redes de relações. Assim, as redes sociais constituem-se como uma variável importante para compreender os processos de engajamento e desengajamento, mas também a própria dinâmica dos movimentos sociais e das mobilizações (PASSY; GIUGNI, 2000; MISCHE, 1997; 2008). Neste sentido, as redes sociais têm, por um lado, a função de promover a conexão entre militantes potenciais e seus recrutadores, e por outro, de criar estruturas de significados compartilhados que criam identificações entre os potenciais militantes que ajudam a criar e sustentar mobilizações. (SILVA; RUSKOWSKI, 2016). Nesta linha, as redes sociais atuam como mecanismo de socialização e de recrutamento, conforme Passy e Giugni:

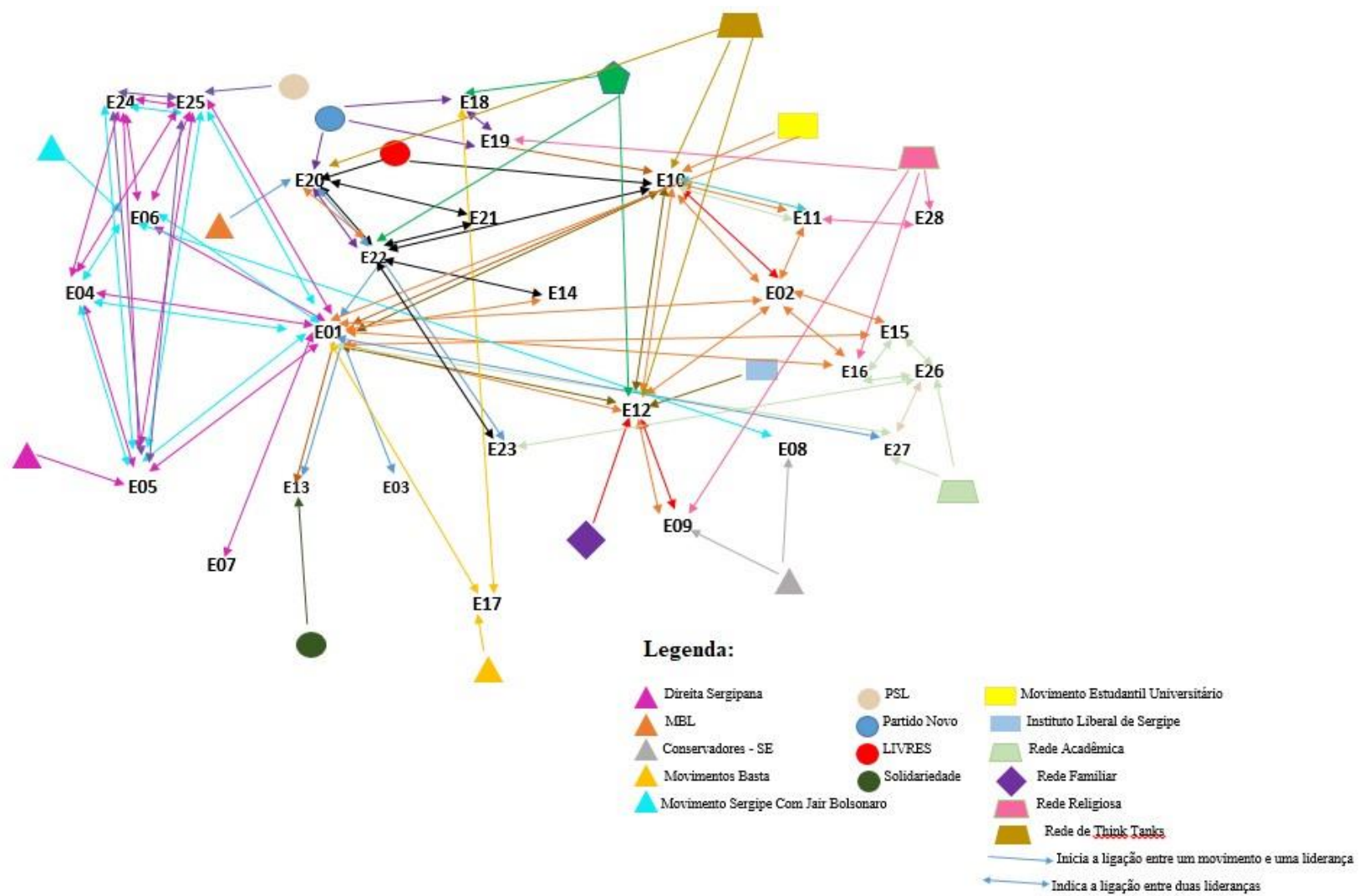
Nós podemos pensar a socialização como o papel cultural das redes, enquanto o recrutamento pode ser visto como seu papel estrutural. [...] redes sociais como “mecanismos de socialização” concorrem para a formação de um potencial de mobilização e proporcionam ou reforçam a consciência política para um determinado tema de protesto. De outro lado, a função de conexão estrutural atua ao final do processo, criando um contato entre os participantes potenciais e o movimento (PASSY; GIUGNI, 2001, p. 128).

Portanto, o objetivo deste tópico foi refletir sobre as redes sociais, os múltiplos engajamentos e a construção da identidade militante à direita. Como já evidenciamos em outros momentos, há uma diferenciação quanto à posição social que os atores investigados ocupam na sociedade, bem como os investigados estão em momentos da vida diferentes. Neste sentido, ao levar em conta a variável atuação profissional e vínculo empregatício, podemos classificar três grupos entre os entrevistados: os estudantes; os profissionais liberais / empresários; e os concursados. Considerando os espaços de militância e de organização política mais ampla, aos quais eles se vinculam, podemos classificar quatro espaços: movimentos estudantis universitários, principalmente com viés liberal; partidos políticos, em particular os surgidos a partir de 2010, como o Partido Novo; organizações de representação profissional e empresarial (associações, conselhos, etc.); por fim, *think tanks* nacionais e internacionais.

Já quando consideramos os espaços de inserção universitária como demarcadores de posições, a Universidade Federal de Sergipe e a Universidade Tiradentes aparecem como sendo espaços de disputa política e de construção de redes de relações e da expansão dos movimentos sociais e das lideranças, por meio dos movimentos estudantis oriundos desses espaços. Já em relação aos espaços religiosos, como apresentado anteriormente, temos cinco representações: os evangélicos, os católicos, os cristãos e os agnósticos e ateus. É importante ressaltar que mesmo entre os agnósticos e os ateus, houve uma socialização religiosa na infância e adolescência. Neste sentido, a socialização religiosa tem um peso não apenas no processo de engajamento, mas também de identificação entre os atores investigados. Esta identificação ocorre mediante símbolos, rituais, narrativas e tradições vinculadas ao espaço religioso.

A figura a seguir tem como objetivo ilustrar a rede de relações entre as lideranças entrevistadas, os seus vínculos com os movimentos e organizações e seus múltiplos engajamentos. A rede de relações foi construída predominantemente a partir das informações coletadas nas entrevistas semiestruturadas, porém utilizamos de forma complementar informações disponibilizadas pelas lideranças nos seus perfis virtuais na internet e nas observações participantes, com o intuito de validar informações coletadas nas entrevistas. As informações apresentadas na figura também buscam evidenciar como as redes funcionam como mecanismos de socialização e de recrutamento a partir de determinados atores-chave.

Figura 27 – Rede de relações entre as lideranças



Fonte: Figura elaborada pela autora.

O espaço universitário desempenhou um papel central no engajamento e na construção de redes de militância à direita no estado de Sergipe. De acordo com isso, quando observamos as ligações entre as lideranças que estão relacionadas ao Movimento Estudantil Universitário, fica evidente a concentração em três lideranças: a E01, E10 e E12. A primeira estudava na UFS e esteve à frente do Estudantes Pela Liberdade, do Liberte-se UFS e do MAE; a segunda estudava na Unit e fundou a Juventude Libertária de Sergipe; e a terceira estudava nas duas instituições, integrou os movimentos já citados e fundou o Ilise, movimento que também era formado pelas lideranças E01 e E10. O fato de essas lideranças ocuparem a posição de estudantes naquelas instituições e terem previamente uma participação em eventos de protestos e nas redes virtuais à direita, bem como atuarem como “pioneiros” na promoção de movimentos estudantis à direita em IES particular e pública em Sergipe, mobilizando diferentes recursos escolares, militantes, partidários, familiares, acadêmicos, possibilitou que eles se tornassem referência para novas iniciativas de organizações à direita no estado.

Já os E07 e E08 se conectam há algumas outras lideranças apenas por meio dos movimentos aos quais são vinculados. Estas duas lideranças têm características comuns que influenciam a pouca vinculação e a inserção em outros espaços de militância. As duas lideranças residem em cidades do interior de Sergipe, o que já dificulta sua participação em eventos e manifestações à direita, que geralmente ocorrem na capital. As duas são casadas e já atuam profissionalmente, ou seja, há uma avaliação sobre os custos de um investimento maior na militância. Cabe salientar que os cônjuges das lideranças não são militantes e não estão integradas a redes político-partidárias. Por fim, queremos destacar que essas duas lideranças praticam seu ativismo principalmente pelas redes sociais virtuais. Um exemplo disso, o E07, durante a entrevista definiu-se como “divulgador virtual”, mas atuava também como coordenador de núcleo do movimento Direita Sergipana no município em que residia.

O E08 tem uma conexão direta com duas outras lideranças. Com a liderança 06, fundador da página do Facebook e do Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro, essa conexão ocorreu por meio do contato da Liderança 06 para integrar a página do movimento que ele fundou com a página Conservadores-SE, que a liderança E08 criou. A segunda conexão é com a E09, ela é seguidora da página criada por E08, como também atua fortemente no movimento conservador da Igreja Católica. Esta liderança é esposa do E12 e estudava na UFS, ou seja, se conecta a outras redes tanto por meio de uma rede privada (rede familiar, cônjuge), quanto por uma rede pública (rede de estudantes conservadores, militância religiosa, etc.). Uma relação de parentesco se repete entre as lideranças E02 e E10, eles são primos. Além disso, os dois

estudavam na mesma instituição de ensino superior, porém o E02 por um certo período também estudava na UFS, espaço onde iniciou sua militância no movimento estudantil de direita liberal.

O E02 se conecta a várias outras lideranças a partir dos movimentos estudantis Liberte-se UFS, EPL e MAE, entre essas lideranças estão: E16, E15 e E23. A característica em comum entre elas é que eram estudantes do curso de direito da UFS e em algum momento da formação foram alunos da apoiadora e liderança E26, que era professora naquela instituição. Assim, é importante ressaltar que a integração de E26 e E27 à rede de movimentos à direita se deu por meio das redes acadêmicas e da militância estudantil. Essas duas lideranças se tornaram fundamentais para o desenvolvimento e sustentabilidade dos primeiros movimentos estudantis à direita na UFS, por conta da posição estratégica que ocupavam. Essa posição facilitava a reserva de sala e de auditório para a realização de eventos e também para o recrutamento de outros professores para apoiar as ações. Mas as lideranças 26 e 27 tinham seus próprios interesses pessoais e coletivos, como, por exemplo, a divulgação de livro de autoria do E27 e a disputa por cargo de chefia na instituição por parte da entrevistada E26, mas também o objetivo de demarcar debates e causas ligadas a movimentos sociais e partidos políticos conservadores dentro da Universidade.

Em relação aos patrocinadores, os E24 e E25 estão integrados de forma mais direta aos movimentos sociais, porque além de patrocinar financeiramente os movimentos, eles influenciavam também a integração de outras lideranças a outros espaços políticos, por exemplo, nos partidos políticos. Como exemplo disso, estão o E01 e o E06, que além da ligação por meio dos movimentos, se ligam às Lideranças 24 e 25 a partir da rede partidária na qual tentavam fazer carreira política. Esta ligação com movimentos sociais e partidos políticos pode ser observada nas conexões e múltiplos engajamentos das lideranças E18, E19, E20, E21 e E22. Com exceção do E25, as demais se candidataram nas eleições municipais de 2016 ou nas eleições federais de 2018 e todas participaram de eventos *pró-impeachment* de Dilma Rousseff.

Outro dado importante que a análise das redes de relações entre as lideranças nos mostrou é de que, com exceção da liderança 01, as lideranças que estão engajadas nos movimentos Direita Sergipana e Sergipe com Jair Bolsonaro não estão engajadas em outras redes. Isso pode ser explicado por alguns dados que já foram apresentados em outros momentos da tese: em primeiro lugar, há uma rejeição a partidos políticos, principalmente entre os movimentos estudantis à direita; segundo, as lideranças 06 e 04 não eram estudantes universitários e a liderança 05 cursava ensino superior em IES particular que não tinha movimento estudantil à direita; há uma predominância em Sergipe de movimentos sociais e

ativistas à direita que se identificam como liberais e libertários, deste modo, posições mais radicais e conservadoras tensionam e em alguns casos provocam rupturas nas redes de relações formadas por lideranças liberais/libertárias e lideranças conservadoras ou de extrema direita.

As redes sociais permitem perceber a interação entre as macro e microestruturas. Neste sentido, as conexões apresentadas entre as 28 lideranças entrevistadas revelam tanto redes de ordem privada quanto de ordem pública. Assim, “amigos pessoais, parentes, colegas, vizinhos, cônjuge, podem afetar a decisão de se envolver em um movimento ou na política partidária”. (MELO, 2014, p. 71). Algumas situações e experiências específicas, vivenciadas no âmbito familiar ou em grupos de amigos, podem ser um precedente para um processo de mudança tanto das redes sociais como dos espaços de engajamento. O relato abaixo, de um dos entrevistados sobre quando passou a gostar de política, revela a influência direta do seu pai sobre o seu engajamento e em redes político-partidárias:

Comecei na política em 94 eu acho. Tinha dois anos de idade, tava em São Cristóvão. Lá tem um local que chama Bica dos Pintos. Meu pai é candidato a vereador, foi candidato a vereador lá em São Cristóvão. E tinha um monte de gente, tava lá no trio elétrico, meu pai me pegou no meu braço e falou lá no microfone. Falando: “ah, pretendo ser político pra dar um futuro melhor pras crianças, inclusive pro meu filho, como as outras crianças daqui também”. E aquilo foi... O povo batendo palma e falando o nome do meu pai. E me apaixonei por aquilo. Muitas vezes tento largar e não consigo. (Entrevistado 13).

Esta socialização na política partidária por intermédio do pai desde a primeira infância criou disposições para a participação, não apenas na política partidária, mas também para o assistencialismo social e para o engajamento em movimentos sociais. Essas disposições, criadas no âmbito da socialização familiar, foram reforçadas com a socialização escolar e a socialização profissional. Neste sentido, a liderança destaca:

Eu também tipo, desde pequeno eu também fazia projeto de ajuda social, assistência social e tal com minha avó, lá em São Cristóvão mesmo, o povoado. A gente sempre fazia doação, Natal, Ano Novo e ajudei as crianças. Sempre fez. Aí assim que eu acabava envolvido em política. Ia político lá, pra querer oferecer ajuda e eu sempre fui gostando daquilo também. Tinha os movimentos de São Cristóvão e depois no colégio mesmo. Eu estudei pelo Colégio Patrocínio de São José, lá tinha os grupos também. Colégio militar também tinha, que fiquei bem atuante também, e a acabei ali já participando de grupinhos de política. Algumas vezes liderava, algumas ajudava. E acho que o primeiro grupo mesmo, definitivo mesmo, acho que foi no colégio militar mesmo. (Entrevistado 13).

O Entrevistado foi candidato nas eleições municipais de 2016 para vereador de Aracaju, mas não foi eleito. As redes de amigos do entrevistado também tiveram uma influência no seu

engajamento e desengajamento de alguns movimentos e partidos, como podemos perceber nos dois próximos relatos:

Eu voltei pra o PSDB, mas vou sair. Não vou ficar muito tempo, não. Só vou só pra reconstruir mesmo, ajudar o meu amigo mesmo. Eu vou sair. Já tinha passado pelo PMDB, fui candidato a vereador pelo PSDC e tô pra ir talvez pro Solidariedade. Ou pro Democratas, que é o partido que eu vejo que mais... sei lá, mais afastado disso. (Entrevistado 13).

O convite de um amigo que participa da rede de amigos da faculdade, do bairro ou do ensino básico, às vezes é apenas o início para se inserir em um novo espaço de socialização militante ou partidária. A permanência depende também de fatores ideológicos, estruturais, institucionais, que se relacionam e que podem entrar em conflito com interesses que estão ligados a outras esferas de vida. Isso pode ser exemplificado com o relato do entrevistado:

Eu nunca estive à frente do Liberte-se, nem no MAE, eu ajudei a fundar. Só que acabou tendo problemas internos mesmo entre a gente lá e acabei saindo. Acho que talvez colegas meus por serem mais da parte teórica e eu ser pela parte prática, acho que acabava misturando as coisas. Todo prático não gosta de só teoria. Eu leio. Leio, claro que eu leio a nossa história. Eu leio, eu gosto muito de teoria, mas só que eu acho que se não colocar na prática, se não na prática não resolver pra mim não vale nada. É por isso que eu não sou de esquerda, não sou socialista, não sou comunista porque eu acredito que na prática não funciona. Porque em vários lugares se é implantada e não funcionou, então não funciona. Diferente do liberalismo. O liberalismo tem em vários lugares e funcionou. (Entrevistado 13).

As redes das lideranças não são estáticas, elas se modificam e se ajustam também conforme as estruturas de oportunidades políticas. Neste sentido, os ciclos de protesto de junho de 2013 e do *impeachment* de Dilma Rousseff, entre 2015 e 2016, oportunizaram o encontro de simpatizantes e de pessoas que já estavam integradas a espaços de militância e partidários à direita. Deste modo, ao analisar os relatos dos entrevistados, identificamos que um denominador comum para mobilização e, posteriormente, para a inserção e engajamento por parte de alguns manifestantes daqueles protestos, refere-se às emoções e sentimentos que tinham em relação aos governos do PT.

Entre as lideranças com carreira militante e ativista híbrida, os sentimentos mais latentes eram o de frustração, arrependimento e de indignação. Isso porque todos eles já tinham em algum momento de suas trajetórias apoiado e/ou votado para candidatos do PT, no nível municipal, estadual ou federal. Neste sentido, eles confiaram e se sentiram traídos após os escândalos de corrupção iniciados com o mensalão em 2005. Entre os puristas, percebemos que o principal sentimento era o de indignação ante os casos de corrupção em que os políticos

vinculados ao PT estavam envolvidos. Segundo Jasper (2016, p. 24), “baterias e choques morais abrem as pessoas para o recrutamento inicial de um movimento social”. De acordo com isso, nem sempre as redes sociais são o ponto inicial para o engajamento. Determinados eventos podem provocar um processo de reflexão sobre os valores, sobre práticas e princípios morais que os condicionam para a defesa de causas e a integração em organizações e movimentos.

Em consenso com isso, “as redes são caminhos ao longo dos quais se move a ação, e são particularmente essenciais para a mobilização”. (JASPER, 2016, p. 20). Deste modo, podemos compreender a entrada dos indivíduos em movimentos por meio das redes privadas: “o melhor indicador de quem vai se envolver num movimento é se a pessoa conhece alguém que já faz parte dele”; e por meio das redes públicas: “as redes não são constituídas simplesmente de amigos e familiares, em muitos casos, baseiam-se na participação de protestos formais”. (JASPER, 2016, p. 20). Neste sentido, podemos encontrar, em dois relatos do Entrevistado 11, como as redes privadas (rede de amigos, rede familiar, etc.) e públicas (rede religiosa) influenciaram seu engajamento. Ele tem 20 anos, é estudante do curso de direito em uma universidade particular, filho único, seu pai é advogado e sua mãe trabalha com relações públicas, é noivo e evangélico:

Eu era com uns 12, 13 anos, eu era comunista. Eu sempre me interessei por essas coisas como filosofia, por sociologia, enfim. Sempre fui um cara que gostava dessas aulas na escola. E o meu pai também sempre me incentivou. Meu pai até hoje é sindicalista, e eu comecei a me interessar por isso. Debatia muito nas aulas e acabei meio que indo pelo caminho do autodidatismo na questão política. No começo eu virei comunista. Então depois eu fui para a igreja me converti evangélico, e a partir daí minha visão política mudou totalmente foi bem gradual assim. Primeiro foi uma questão moral, uma moralidade sobre a questão do papel da moral e da ética no governo, na esfera pública como um todo. Aí inicialmente eu me afeiçoei mais pelos movimentos conservadores, etc., e também posteriormente, ainda no ensino médio, isso eu comecei foi no nono ano mais ou menos, aí foi na última série. E durante o ensino médio isso foi amadurecendo. Ao passo que eu fui amadurecendo na fé e ia conhecendo mais as coisas eu ia também me aprofundando nas coisas que a minha fé implicavam na política e na esfera pública, principalmente. Até hoje o que me levou e o que me mantém de algum modo militando nessa causa é porque eu faço isso por convicções que estão além do plano físico, são convicções morais e religiosas que me levam a ter a minha posição política. Foi basicamente com a igreja que começou isso. (Entrevistado 11).

Ele continua relatando como foi sua entrada no movimento estudantil libertário:

Quando eu entrei na faculdade e conheci e [E10] eu já conhecia ele pela internet. E aí pela providência de Deus a gente caiu na mesma sala e aí nós gostamos das mesmas coisas e conversamos começamos a conversar então ele disse que estava com uma ideia de já estava montando a Juventude Libertária ele já era atuante nessa área. E mesmo eu não me identificando com o libertário, mas sim com ideias muito próximas, eu comecei a ficar junto dele apoiando e ajudando na divulgação, nos

eventos e nas panfletagens. Então foi isso. Foi mais com [E10] essa parte mais prática, porque na escola eu não tinha tanta abertura para isso. O movimento político na escola é meio que inexistente. (Entrevistado 11).

Segundo Jasper (2016), a posição que o ator ocupa na rede é apenas o começo: “as redes só são importantes em função do trabalho cultural que fazem, por meio dos sentimentos que as sustentam e da informação que flui através delas”. (JASPER, 2016, p. 121). Os ativistas e simpatizantes devem ajustar suas emoções e alinhar seus quadros previamente construídos para atender às novas expectativas e novos temas e problemas sociais que estão vinculados ao movimento e rede que passaram a integrar. Desta feita, a “disponibilidade biográfica não é uma limitação estrutural, mas uma interpretação dos custos da participação”. (JASPER, 2016, p. 123).

Como vimos em um dos relatos da Entrevistada 26, ela descreve que marcou com seus colegas de trabalho e foi com sua família para as manifestações *pró-impeachment* em 2015 e 2016. Levar os filhos para os protestos, ou seja, envolver a família é uma forma de envolvê-los em uma rede de significados culturais e morais que também constroem as manifestações, em especial as manifestações à direita. No caso específico daquele ciclo de protestos, havia a defesa da ética na política, mas também a defesa dos princípios cristãos, a defesa da família, a pauta do antiaborto, bem como, ainda, durante e ao final de algumas manifestações era feita uma oração, conforme mencionamos no capítulo 3.

Ao analisar as redes das lideranças, percebemos como elas se conectam a partir de pessoas específicas, organizações e partidos políticos. Identificamos que alguns entrevistados estão mais conectados que outros, revelando, assim, múltiplos engajamentos. Para Goirand (2009), é preciso compreender a dinâmica de interações múltiplas entre os atores da política contestatória. Neste sentido, é possível confirmar este múltiplo engajamento e as interações múltiplas dos militantes observando tanto seus percursos individuais quanto sua multiposicionalidade, ou pela convergência da contestação para certas organizações. (MELO, 2014).

Nessa mesma linha, ao analisar os percursos individuais das lideranças aqui investigadas, identificamos que as estruturas de oportunidades políticas ao ativismo à direita têm uma relação, em primeiro lugar, com o desgaste dos governos do PT, provocado especialmente pelos escândalos de corrupção envolvendo o partido e pelas medidas econômicas adotadas no governo de Dilma Rousseff; em segundo, com um aumento e difusão de movimentos sociais temáticos à esquerda (LGBT, raciais, *pró-aborto*, etc.), em especial no

espaço universitário e no espaço religioso; e em terceiro lugar, com os resultados das eleições de 2014 e com as eleições municipais de 2016 e as eleições federais de 2018.

Assim, os espaços múltiplos de inserção das lideranças investigadas são principalmente os movimentos sociais estudantis e movimentos sociais conservadores. A vinculação aos partidos políticos, entre aqueles investigados que não possuíam vínculos densos previamente com a política partidária, ocorre por meio de mediadores e de forma situacional, ou seja, aqueles atores não estabelecem um compromisso e uma identificação com o partido, mas com os mediadores. Quando as relações com esses mediadores são comprometidas, tensionadas ou rompidas, aqueles se desengajam do partido. É situacional porque o vínculo indireto com o mesmo partido pode ocorrer novamente, conforme as mudanças nas redes de mediadores do partido e dos interesses em jogo. Deste modo, percebemos que entre as lideranças que fundaram movimentos sociais à direita, esta participação é precedida por uma filiação ou um apoio a partidos políticos, bem como a uma socialização familiar que promoveu disposições para a política. Já entre as lideranças que estão fora do espaço universitário e estão à frente de movimentos que apoiam diretamente o presidente Jair Bolsonaro, percebemos que suas inserções para além do movimento ao qual estão vinculadas são menos diversificadas. Entre as lideranças que atuam como apoiadores, suas redes se limitam às redes acadêmicas e profissionais. Por fim, entre os patrocinadores, suas inserções ocorrem nos movimentos que patrocinam e nos partidos aos quais são vinculados.

Para Fillieule (2001), ninguém nasce militante, torna-se um. Levando isso em conta, alguns movimentos se tornam militantes por um tempo curto e outros fazem da militância ou do ativismo um projeto de vida pessoal e profissional. Neste sentido, as condições sociais de engajamento, que levaram as lideranças investigadas a se engajarem em movimentos sociais à direita, se relacionam com a socialização secundária. Deste modo, um exemplo da formação de disposições e do gosto para a defesa de causas à direita pode ser encontrado em um dos relatos do Entrevistado 20, que tem 35 anos, foi um dos fundadores do MBL nacional e do Livres, é solteiro, foi filiado ao PSL até 2018 e depois se filiou ao Partido Novo, se elegeu como deputado estadual nas eleições de 2018.

Meu envolvimento com a política partidária é mais recente. Se deu aí em especial a partir de 2013 quando eu fundei no Rio Grande do Sul o núcleo Estadual do partido, do partido que eu estive filiado até meados de 2015. Ingressei no PSL no final de 2015. Meu envolvimento com ideias de entidades associativas e com grupos de estudantes e etc., elas vêm um pouquinho de antes. O primeiro grupo de estudos de divulgação do pensamento liberal que eu participei e eu fundei foi em 2006, na faculdade de Direito da UFRGS. Era um projeto em conjunto com alunos da faculdade de Direito e da faculdade de economia da UFRGS (universidade federal

daqui). A partir daí eu fui me envolvendo com outros projetos, após formado eu fui o diretor, nós fomos fundadores da rede de estudantes pró liberdade, deve saber sou fundador do MBL (apesar de hoje não estar acompanhando o movimento). Comecei a me envolver, como disse ali, a partir de 2006, quando eu consolidei um pouco mais a minha formação liberal, que tinha começado já no início da faculdade, quando eu entrei na faculdade eu tinha alguns visões mais de esquerda, mas basicamente porque eu não sabia o que era ser liberal, no que consistia o pensamento liberal... Mas quando entrei na faculdade, felizmente tive acesso a um escopo mais variado de ideias, e acabei conhecendo as ideias liberais, acabei estudando economia, acabei entendendo um pouco mais do funcionamento das instituições e isso serviu para que... Eu sempre fui muito cético, eu sempre fui muito questionador, não tinha especialmente uma, não vim de uma família especialmente politizada, sou a única pessoa na minha família inteira afiliada a partido político, na escola fui a primeira pessoa a sair candidata, mesmo não tendo muita influência política de casa, nem no colégio, professores de história, aquela coisa toda... mas quando entrei na faculdade acabei tendo acesso a ideias um pouco mais amplas e acabei conhecendo as ideias liberais e me identificando um pouco mais. (Entrevistado 20).

O relato do Entrevistado 20 também revela elementos que dão unidade e uma identidade coletiva entre os militantes e ativistas à direita. Segundo Mische (1997, p. 138), “é necessário analisar as redes interpessoais e organizacionais nas quais os jovens se encontram, e como as estruturas diferenciadas dessas redes influenciam na articulação de projetos pessoais e sociais”. Mas também na transformação de sua identidade individual e na formação de uma identidade coletiva. As redes podem ser abaladas após eventos ou acontecimentos, tanto de ordem privada (ex. casamento), quando de ordem pública (ex. eleições municipais, estaduais e federais).

Neste sentido, Naujorks e Silva (2016) analisam a dimensão pessoal, social e coletiva da identidade individual e a correspondência entre elas no processo de engajamento. Os autores argumentam que:

o engajamento relaciona-se não apenas com a convergência entre a identidade individual e a identidade coletiva, mas, e fundamentalmente, com a produção de correspondência entre as múltiplas dimensões no interior da identidade individual. Ou seja, sustenta-se que os processos de correspondência entre a identidade individual e a identidade coletiva precisam ser acompanhados, em alguma medida, de processos de correspondência entre as dimensões que [sic] compõe a identidade individual: as dimensões pessoal, social e coletiva da identidade individual. (NAUJORKS; SILVA, 2016, p. 146).

Assim, a identidade pessoal pode ser compreendida como um processo de reflexão e autodescrição que o indivíduo faz sobre si mesmo como uma pessoa única e a sentimentos associados ao reconhecimento pessoal. (NAUJORKS; SILVA, 2016). De acordo com isso, o conhecimento e a percepção que o indivíduo tem de si mesmo é mediado pelo sistema cultural ao qual pertence e que contribui para a formação da sua personalidade, para o sentimento de sentir-se único. Como dissemos anteriormente, a identidade individual não é estática, ela se transforma em virtude de experiências, das redes de relações e de situações que ocorrem em

diferentes dimensões da vida. Desta forma, “as experiências afetivas produzidas ao longo da existência de cada um intervêm na percepção do mundo e nas relações entre esses indivíduos e os outros (indivíduos, grupos e coletividades)” (NAUJORKS; SILVA, 2016, p. 141). Neste sentido, a identidade pessoal deve ser compreendida “como um senso de si construído ao longo do tempo envolve a pessoa e seus projetos como derivados dela mesma e não de algo que lhe seja colocado pela sociedade”. (NAUJORKS; SILVA, 2016, p. 142).

A dimensão social da identidade individual é formada pelas relações sociais, pelas posições sociais e os papéis sociais que o indivíduo ocupa na sociedade. Desta forma, a identidade social pode ser compreendida como “as maneiras pelas quais indivíduos e coletividades são diferenciados, a partir de suas relações sociais, de outros indivíduos ou coletividades” (JENKINS, 1996, p. 4 apud NAUJORKS; SILVA, 2016). Segundo Naujorks e Silva (2016), a identidade social envolve um processo de diferenciação e categorização social. Neste sentido, categorias como gênero, raça, classe social, estado civil e grau de escolarização demarcam uma posição na estrutura social e o desempenho de comportamentos sociais específicos vinculados à posição social que ocupam. Envolve, portanto, uma congruência entre a visão que o indivíduo tem de si mesmo e a visão que os outros têm dele. (NAUJORKS; SILVA, 2016).

Por fim, a dimensão coletiva da identidade individual. A noção de identidade coletiva está diretamente vinculada à literatura de movimentos sociais e de movimentos identitários. (NAUJORKS; SILVA, 2016; JASPER, 2016; GOHN, 2007b; MELUCCI, 2001). Ela envolve o processo de sentir-se pertencente a um grupo. Este pertencimento envolve um conjunto de significados e identificações com os outros pertencentes ao grupo. Neste sentido, a construção da identidade coletiva ocorre no curso da ação, na integração do militante nas ações cotidianas do movimento. O militante e ativista passa apreender e incorporar as regras, o estilo de comunicação, a gramática, a estética, que caracterizam o indivíduo pertencente àquele movimento. Assim, “o ator individual transforma-se em membro de um ator coletivo no processo da ação coletiva, ganha identidade nova, que não é só sua mas ganha existência enquanto parte do coletivo”. (GOHN, 2007b, p. 158). Desta forma,

a identidade coletiva é uma definição interativa e compartilhada, produzida por certo número de indivíduos (ou grupos em níveis mais complexos) em relação à orientação de suas ações e ao campo de oportunidades e constrangimentos onde estas ações têm lugar. (MELUCCI, 1996, p. 70).

De acordo com isso, a identidade coletiva envolve três mecanismos para a sua constituição:

A definição cognitiva concernente a fins, meios e campo da ação; a rede de relacionamentos ativos entre os atores que interagem, comunicam-se, e influenciam uns aos outros, negociam e tomam decisões; e, finalmente, a identidade coletiva requer um certo grau de investimento emocional, no qual os indivíduos sintam-se, eles próprios, parte de uma unidade comum. (MELUCCI, 1995, p. 44-45).

Em suma, a identidade coletiva envolve um processo de aprendizagem dos códigos e regras que regem um grupo, das interações entre os indivíduos e organizações que estruturam as redes de relações do movimento, como também do compartilhamento de emoções e sentimentos que são comuns ao grupo. Exemplo disso são os sentimentos de indignação em relação aos casos de corrupção política e frustração em relação ao PT que eram compartilhados por todos os entrevistados.

Naujorks e Silva (2016) utilizam o conceito de correspondência identitária de Snow e McAdam para mostrar que o engajamento individual em movimentos sociais ocorre quando há a congruência entre as três dimensões da identidade social, ou seja, a dimensão pessoal, social e coletiva. Desta forma, os autores argumentam que:

Os processos de correspondência identitária ao nível individual, ou seja, a relação entre as dimensões pessoal, social e coletiva da identidade individual, pressupõe uma congruência entre os significados presentes em cada uma dessas dimensões identitárias que dispõe ao engajamento. Ou seja, uma congruência entre as estruturas de significado que compõe cada dimensão identitária. (NAUJORKS; SILVA, 2016, p. 146).

Assim, para os autores é possível pressupor que na identidade militante haverá não apenas uma congruência entre os quadros de sentidos que conformam os quadros interpretativos do indivíduo, “mas também uma correspondência entre os referentes presentes nas diversas dimensões identitárias do indivíduo”. (NAUJORKS; SILVA, 2016, p. 146). Concordando com esta literatura, salientamos que os nossos investigados passam a ter uma visão do “nós”, de coletividade, quando passam a inserir-se em redes de militância e em ações coletivas à direita, até então, esta inserção ocorre principalmente por meio de redes pessoais, escolares, universitárias e na participação de eventos de protestos. Deste modo, como vimos no tópico anterior, as motivações para que estas lideranças se engajassem envolveram tanto experiências coletivas, participação nos protestos de junho de 2013 e pelo *impeachment* de Dilma Rousseff em 2015 e 2016, quanto situações, experiências e emoções que promoveram um choque moral,

em que os atores refletiram sobre seus valores, seus princípios, sobre si. Mas, ainda, o envolvimento em instituições sociais, a posição que cada um ocupava na sociedade, bem como sua integração em determinadas redes sociais, tudo isso influenciou o engajamento em movimentos e em defesa de causas à direita.

Deste modo, esta identidade militante ativista à direita também precisa ser mais bem construída à luz dos símbolos, gramáticas, visões de mundo, valores, emoções e concepções de coletividade que são produzidas, reproduzidas e compartilhadas entre os indivíduos que aderem a movimentos sociais à direita. Sobre isso, destacamos a própria concepção que em geral as lideranças de movimentos sociais à direita têm sobre o termo “militante”. Um dos resultados a que chegamos é o de que entre lideranças que classificamos como puristas e que têm um viés liberal e libertário mais latente em sua trajetória, há uma aversão ao termo militante e preferem ser identificados como ativistas políticos. Concluímos também que há uma visão diferente sobre o fazer militância, entre os conservadores, entre os que se denominam apenas como de direita e os liberais (inclusive os libertários). As lideranças conservadoras fazem uma “militância de bastidores”, que pode ser tão contestatória quanto uma “militância de palco”. Um exemplo disso refere-se aos ataques virtuais que os militantes conservadores fazem por meio do aplicativo WhatsApp. Já a “militância de palco” é mais comum entre as lideranças de movimentos liberais e de movimentos que se definem como de direita. Um exemplo disso concerne às manifestações de rua e os congressos, fóruns e encontros normalmente organizados em hotéis, universidades e sedes de associações empresariais.

Em suma, a identidade militante e ativista à direita também é caracterizada por uma visão de mundo que é influenciada por determinados intelectuais e obras, bem como pela defesa da liberdade individual e da primazia do indivíduo sobre o coletivo. Isso tem uma relação também com a incapacidade de as direitas mobilizarem recursos humanos para contribuir organicamente com os movimentos sociais. Neste sentido, há um investimento e a construção de que o indivíduo sozinho pode fazer a diferença, pode de forma independente confrontar seus opositores e reivindicar suas demandas, utilizando, como ferramenta principal para tal, a internet. A construção desta visão individualizada da ação contestatória relaciona-se também com uma visão empreendedora de fazer militância. Isso pode ser exemplificado a partir das parcerias com sociedades empresariais, com o financiamento de organizações internacionais para formação política e econômica das lideranças, como, ainda, a partir dos autores e obras que as lideranças leem, como Mises e Hayek.

O nosso argumento neste capítulo foi o de que, a partir da análise dos itinerários biográficos dos atores investigados, era possível compreender como tais atores tiveram um peso significativo para a emergência e consolidação dos movimentos sociais à direita no estado de Sergipe. Ao analisar suas disposições biográficas, os espaços de socialização e suas redes de relações, concluímos que cada liderança investigada foi importante para a emergência, consolidação, expansão e/ou sustentabilidade dos movimentos sociais à direita, uma vez que estas mobilizaram seus recursos individuais, e os disponibilizaram para o movimento. Sobre isso, destacamos o papel que alguns dos atores tiveram na articulação de redes locais e nacionais para criação de movimentos sociais e eventos de protestos à direita em Sergipe, bem como o apoio intelectual e material de alguns e o patrocínio de outros.

Com a análise de carreira, concluímos que há quatro tipos de atuação militante: os puristas, os híbridos, os apoiadores e os patrocinadores. Tais trajetórias são marcadas por processos de socialização que se assemelham e que se diferenciam. Desta maneira, no caso dos puristas predomina um engajamento e atuação militante mais autônoma e espontânea, muito por conta de uma ausência de uma socialização política e militante prévia; entre os híbridos, em alguns casos, observamos que as experiências profissionais, a socialização política familiar e os engajamentos prévios em movimentos sociais e/ou em partidos políticos à esquerda tiveram um peso significativo no seu engajamento e no seu tipo de atuação militante; já a trajetória dos apoiadores é marcada por uma atuação híbrida e por momentos de transformações biográficas e identitárias. A socialização escolar e acadêmica, os múltiplos engajamentos prévios, bem como a esfera profissional, se constituíram como espaços que criaram disposições para o engajamento em organizações à direita; por fim, a trajetória dos patrocinadores é marcada por uma socialização política partidária densa, por redes empresariais e assistencialistas.

Também neste capítulo, a partir dos relatos, evidenciamos como as mídias sociais, determinadas obras e intelectuais, bem como os ciclos de protestos iniciados em junho de 2013 no Brasil, promoveram o primeiro “despertar para a política”. Estes espaços também promoveram interações e trocas que possibilitaram redes de sociabilidade e sentimentos de pertencimento e de uma identidade coletiva e militante. A circulação de símbolos, frases típicas, literaturas específicas, líderes e intelectuais nesses espaços, foram elementos que construíram o “nós” à direita. Um “nós” que passou a ser reivindicado nas universidades, na rua, nas eleições, sem constrangimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2016, quando iniciamos esta pesquisa, os protestos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff já estavam em curso. De lá para cá, os movimentos sociais à direita em Sergipe se expandiram e ganharam mais adeptos com a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018. Tentamos ser fiéis ao objeto de estudo e aos dados coletados essencialmente por meio de entrevistas em profundidade, observação participante, pesquisa documental e etnografia, durante os anos de 2016 e de 2017, para que pudéssemos compreender o processo inicial de emergência dos movimentos sociais em questão, mas também para entender o processo de expansão e as dinâmicas de organização desses movimentos ao longo do período investigado. Portanto, a tese que defendemos aqui é, antes de tudo, um exercício sociológico inicial, que buscou compreender a emergência dos movimentos sociais à direita no estado de Sergipe a partir da articulação das dimensões macro, meso e micro sociológica. Neste sentido, fez parte da nossa proposta apresentar um panorama de possibilidades, caminhos e de apontamentos investigativos sobre o objeto em questão, pois, como explicitamos ao longo dos capítulos, os diferentes elementos que caracterizam e formam os movimentos sociais à direita ainda carecem de estudos e muitos dos aspectos apresentados nesta tese, como, por exemplo, aqueles que constroem a identidade militante e coletiva à direita, precisam ser mais bem compreendidos e aprofundados.

O argumento principal defendido ao longo da tese foi que o surgimento e a consolidação dos movimentos sociais à direita em Sergipe, entre os anos de 2014 e 2019, só foram possíveis devido à convergência de três fatores: primeiro, um contexto político favorável, que oportunizou a entrada de novos atores na política institucional e na política associativa; segundo, recursos de comunicação de baixo custo e de alto alcance, em especial Facebook e WhastApp, estes meios contribuíram para a redução dos custos e riscos do engajamento individual em movimentos sociais, em eventos de protestos e foram fundamentais para a mobilização e para o recrutamento de potenciais militantes; terceiro, a disposição biográfica e as redes sociais prévias dos atores, que permitiram a construção de uma identidade coletiva à direita e de um sentimento de pertencimento ao grupo, bem como para a criação e a sustentabilidade dos primeiros movimentos.

Deste modo, a tese defendida foi a de que o surgimento e a consolidação dos movimentos à direita no estado só foram possíveis devido à articulação desses três fatores: contexto político favorável, recursos de comunicação de baixo custo e de alto alcance e a

disposição biográfica e as redes sociais prévias de determinadores atores. Para tanto, buscamos, ao longo dos quatro capítulos, articular conceitos que dessem conta dos níveis de análise micro, meso e macro, a fim de demonstrar diferentes aspectos que conformam o surgimento dos movimentos sociais à direita, bem como evidenciar o caráter plural e diversificado dos grupos que enquadrados como à direita. Desta maneira, no primeiro capítulo, a partir de uma perspectiva histórica e processual, buscamos demonstrar como a pluralidade e as imbricações ideológicas são algo que caracteriza a formação do Estado e da política brasileira. Concluímos que entender as bases destas imbricações ideológicas e pluralidade no campo das direitas é essencial para interpretar as alianças que são formadas entre movimentos sociais que se declaram conservadores, liberais, libertários, liberais-conservadores e de direita, atualmente. As conciliações e rupturas no interior desses movimentos também decorrem de divergências ideológicas. Neste caso, o que parece importar é o entendimento acerca de em quais contextos estes movimentos à direita se conciliam e em quais eles rompem a aliança. Neste sentido, vimos a conciliação e união entre os diferentes movimentos à direita durante os ciclos de protestos *pró-impeachment* entre 2015 e 2016, e um rompimento e fragmentação maior durante e após as eleições de 2018.

Além das imbricações ideológicas e pluralidade, outro aspecto que se constituiu como básico para entender o surgimento e expansão dos movimentos à direita atualmente foi a atuação, desde a década de 1980, dos institutos liberais. Estas organizações desempenharam e desempenham um papel fundamental na construção e formação de lideranças liberais à direita. Como apontado no capítulo 1, organizações como Instituto Tancredo Neves, Instituto Liberal do Brasil e, mais recentemente, o Instituto Mises Brasil, distribuíam materiais educativos, como livros, gratuitamente para quem solicitava. Além dessas, organizações internacionais, como a FEE, também desempenham um papel singular na formação de lideranças liberais no país, especialmente nas universidades. Concluímos que a atuação dessas organizações teve, no passado, e ainda tem influência sobre a formação do espaço universitário como espaço de atuação, principalmente dos jovens liberais e libertários que frequentam a universidade. Um exemplo disso refere-se aos movimentos Estudantes Pela Liberdade e Juventude Libertária de Sergipe. Estas organizações também têm um papel importante sobre a manutenção das motivações e do engajamento individual e militante dos jovens. Entre as estratégias utilizadas mais evidentes para isso estão os investimentos feitos por elas na formação intelectual e política desses jovens e a integração deles em redes de relações nacionais e internacionais formadas por ativistas, empresários e intelectuais liberais, libertários e conservadores.

Como vimos, vários estudos nacionais e internacionais fazem uma crítica à carência de pesquisas sobre movimentos sociais à direita e sobre a crença de que não existe militância à direita. Neste sentido, quando iniciamos esta pesquisa, confirmamos esta ausência. Todavia, estudos aos quais o nosso se assimila, como de Janaína Cordeiro (2009), de Camila Rocha (2018), de Alexia Barbieri (2018) e de Tatiana Salles e de Monica Franch (2019), lançam luz sobre uma investigação mais qualitativa e profícua sobre a militância à direita no Brasil, baseando-se não apenas em dados estatísticos e aspectos objetivos, mas buscando compreender o cotidiano, as trajetórias, as experiências, as percepções, daqueles atores que fazem e constroem a militância à direita.

Nossa contribuição para este campo de estudo refere-se a uma análise mais abrangente que foca nos movimentos sociais e em suas dinâmicas de organização e atuação como sendo um ponto de partida para investigar quem são os atores sociais que constroem estes movimentos, quais são suas redes sociais prévias, quais são as alianças, os conflitos e as estratégias utilizadas em diferentes arenas políticas. Desta feita, no capítulo 2 focamos no surgimento, nas formas de organização e como os movimentos investigados usaram a internet. Concluímos que alguns acontecimentos foram fundamentais para emergência dos movimentos investigados, além das manifestações de junho de 2013, que para algumas lideranças foram o primeiro “despertar para política”, nos parece que as eleições de 2014, que culminaram na reeleição de Dilma Rousseff, as eleições de 2016, que elegeram vários candidatos à direita em diferentes municípios do país, e as eleições de 2018, que resultaram na eleição de Jair Bolsonaro pra presidente da República, ter criado um contexto favorável no que se refere às oportunidades políticas para que novos atores entrassem em cena. Neste sentido, este contexto favorável reduziu os constrangimentos em se posicionar publicamente enquanto “direita”, “liberal” e/ou “conservador” e ainda promoveu um reconhecimento mútuo, coletivo, entre estes novos atores sociais. Não é por acaso que várias lideranças e militantes com quem tivemos contato ressaltam o fato de que, a partir de 2014, perceberam que não estavam sozinhos, ou seja, que não eram únicos liberais, conservadores e/ou de direita que existiam no seu estado, na universidade que frequentavam e na sua região.

Concluímos, ainda, que as alianças entre determinados atores, movimentos sociais e partidos políticos exerceram uma forte influência para o surgimento de alguns movimentos e para os desdobramentos das dinâmicas de atuação e organização dos movimentos aqui investigados. Sobre isso, ressaltamos a influência que o Partido Novo teve para o surgimento do Liberte-se UFS e das relações estreitas entre os movimentos Direita Sergipana, Sergipe Com

Jair Bolsonaro e Ilise, e o PSL, Patriotas e o projeto de partido Aliança Pelo Brasil. No capítulo 3, buscamos exemplificar como estas relações são mutuamente constitutivas a partir da análise dos eventos de protestos e das candidaturas de lideranças à direita nas eleições municipais de 2016 e nas eleições federais e estaduais de 2018. Neste capítulo, também buscamos compreender como determinadas arenas políticas, como as eleições, a universidade e a rua, se constituíram como os principais espaços de disputa, conflito, mobilização e recrutamento. Concluimos que estes espaços também foram espaços de socialização, de reconhecimento e de constituição de experiências que construíram uma identidade coletiva e militante à direita. Neste sentido, ressaltamos como sendo também elementos desta construção: a) a leitura de autores e o debate de determinadas obras de viés conservador e liberal; b) o cotidiano e os bastidores da construção dos eventos de protestos de rua; c) a reação e os sentimentos de indignação, frustração e decepção em relação aos movimentos sociais e partidos políticos à esquerda; d) o ativismo virtual, “independente” e “espontâneo”, que possibilitou a formação de redes de interação *on-line* e presencial.

Ao longo dos capítulos, pontuamos os usos que os atores investigados e os movimentos fizeram da internet. As redes sociais virtuais aparecem como sendo um dos principais recursos para organização dos movimentos sociais à direita. Conforme relatos de algumas lideranças, sem este recurso não teria sido possível a existência daqueles movimentos. Deste modo, foi por meio também desse recurso que as lideranças à direita conseguiram imprimir uma identidade coletiva diante dos opositores e seus potenciais adeptos. O deboche, a piada, o humor, a linguagem polarizada e dialética utilizada nas publicações no Facebook, Instagram e nos grupos de WhatsApp, são elementos que demarcam o estilo de narrativa militante à direita utilizada nos diferentes espaços que atuam. Desta feita, tal narrativa não é construída apenas no espaço virtual. Como demonstramos no capítulo 3, ela se estende aos eventos de protestos presenciais, assim ela não faz parte apenas da lógica das estratégias de atuação e interação no espaço virtual, mas da lógica geral de atuação dos movimentos sociais e lideranças à direita.

Concluimos também que a atuação dos movimentos sociais – como eles se organizam, quais os repertórios utilizados e como atuam na internet – também resulta da influência de lógicas externas aos movimentos. Sobre isso, ressaltamos as regras que são impostas quando organizações passam a patrocinar os movimentos. Estes passam a condicionar e enquadrar suas ações conforme as regras previstas pelas organizações financiadoras. No espaço virtual, é importante ter em vista que há uma lógica própria que o rege, uma vez que Facebook, Instagram e WhatsApp são empresas e possuem suas próprias regras e interesses comerciais. Neste

sentido, ainda que os dados trazidos nesta tese, sobre como as lideranças de movimentos sociais à direita utilizam-se das ferramentas de impulsionamento e de metrificação no Facebook, careçam de aprofundamento e de uma interpretação mais sistemática, podemos apontar como os movimentos que utilizam essas ferramentas reforçam suas publicações para um público específico, ou seja, homens jovens. Deste modo, ao comparar os dados sobre sexo e idade dos seguidores das páginas de Facebook, com os dados coletados nas 28 entrevistas, evidenciamos que o padrão predominante entre seguidores e lideranças, considerando aquelas duas variáveis, são pessoas do sexo masculino, que tem entre 25 e 34 anos. Também utilizam esses meios e ferramentas de impulsionamento como uma estratégia para deslegitimar seus opositores e para construir uma imagem negativa destes entre seus seguidores e potenciais seguidores.

Outros estudos sobre as direitas, mencionados ao longo dos capítulos, também apontam como elas utilizam estrategicamente a internet para divulgar suas ideias, suas causas, construir redes locais, nacionais e internacionais. (CAIANI; KRÖLL, 2015; GOBBI; VILAÇA, 2016; MACHADO; MISKOLCI, 2019; SALLES, 2017). Nesta perspectiva, buscamos argumentar que o uso deste recurso, aliado a outros fatores, constituiu-se como um fator importante para o surgimento dos movimentos à direita em Sergipe. Queremos ressaltar que este argumento busca promover possibilidades de pesquisa acerca de algumas figuras e repertórios que fazem parte da performance dos movimentos no espaço virtual. Entre estes, ressaltamos a figura do divulgador virtual que atua principalmente divulgando, gerando conteúdo, interagindo com seguidores e opositores nas redes sociais virtuais do movimento. Também é preciso ainda uma análise mais apurada acerca dos repertórios de ação no espaço virtual, por exemplo, o boicote virtual que consiste em um conjunto de respostas e interações desaprovando um determinado conteúdo produzido por movimentos sociais e partidos políticos à esquerda, empresas, ativistas, entre outros.

Um dos maiores desafios que tivemos durante a interpretação dos dados e da escrita desta tese foi o de compreender a pluralidade e as concepções que nossos interlocutores tinham sobre militância, ativismo, protestos, mobilizações, etc. Diante disso, no capítulo 4, buscamos apreender, por meio das entrevistas em profundidade com as 28 lideranças, possíveis padrões de atuação militante, a partir da análise de carreira militante e de redes sociais. Classificamos quatro padrões de carreira militante à direita, que são eles: a) os **puristas**, que consistem naqueles militantes que têm uma carreira marcada geralmente por uma ausência de engajamento militante prévio e por uma fidelidade aos princípios ideológicos e teóricos que regem sua atuação militante e política; b) os **híbridos**, que são aqueles que têm uma carreira marcada por

um engajamento prévio em movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos à esquerda e têm certa dominância sobre as dinâmicas práticas que regem a política partidária e o associativismo; c) os **apoiadores**, que são aqueles atores que não participam organicamente dos movimentos, mas apoiam dando sustentação a estes por meio da disponibilização de recursos técnicos, de infraestrutura, etc.; d) por fim, os **patrocinadores**, que geralmente não têm uma atuação orgânica nos movimentos sociais, mas disponibilizam recursos financeiros próprios e de terceiros, para o movimento e para formação de lideranças, com o intuito de ganhar visibilidade e de propagar determinados temas/causas.

Chegamos a estes quatro tipos de atuação, todavia, é importante destacar que os apoiadores e os patrocinadores geralmente têm uma trajetória marcada por uma atuação em movimentos sociais e/ou em partidos políticos à esquerda, ou seja, sua trajetória também é marcada por uma atuação híbrida. Insistimos em demarcar a atuação do apoiador e do patrocinador como sendo padrões de atuação militantes que não se pode confundir com a atuação híbrida ou purista, uma vez que os atores que têm este tipo de atuação se constituíram como figuras fundamentais para expansão e sustentabilidade dos movimentos sociais investigados, como também para a promoção das ideias conservadoras, liberais e de direita no estado de Sergipe, a partir das posições sociais que ocupam, nas esferas profissionais, empresariais, religiosas e/ou partidárias em que estão vinculados.

Foi no capítulo 4 que buscamos evidenciar nosso argumento de que as disposições biográficas e as redes sociais prévias dos atores se constituíram como um fator importante para o surgimento dos movimentos à direita. Assim, no que se refere às disposições biográficas, podemos ressaltar a formação religiosa, escolar e acadêmica, bem como um conjunto de experiências e socializações que resultaram em sentimentos de frustração, arrependimento, indignação em relação ao PT, ao ex-presidente Lula e à ex-presidente Dilma Rousseff, uma trajetória acadêmica marcada por uma adesão a literaturas liberais e conservadoras, entre outros aspectos, que convergiram para um engajamento em níveis variados em movimentos sociais estudantis, institutos liberais, “movimentos sociais partidários”. Já com relação às redes sociais prévias, vimos que uma das principais formas de entrada do engajamento individual das lideranças investigadas foi por intermédio de amigos e colegas do espaço de trabalho, de espaços de militâncias prévios, da universidade, entre outros. Neste sentido, a falta de recursos humanos é um dos desafios apontados pelos nossos interlocutores, assim a rede de amigos, parentes e conhecidos foi acionada tanto para o momento do surgimento do movimento, ou seja, para construir o movimento e organizar as primeiras atividades, quanto para sustentar o

movimento. Ao analisar a rede de relações entre as 28 lideranças, evidenciamos os vínculos de parentesco entre alguns, os vínculos profissionais em comum, os múltiplos engajamentos e as redes partidárias, e ainda demonstramos como algumas lideranças se conectavam e centralizavam múltiplas ligações com lideranças vinculadas a movimentos estudantis, partidários, religiosos, entre outras, enquanto outras reduziam seus vínculos a um único espaço de engajamento, por exemplo, as redes de movimentos e lideranças pró-Bolsonaro, e não se conectavam diretamente aos movimentos estudantis universitários.

Em suma, nossa intenção nesta tese foi apresentar um panorama mais geral de como emergiram e se organizaram os movimentos sociais à direita em Sergipe, no período de 2014 a 2019. Para isso, nos esforçamos em trazer, a partir de uma perspectiva de nível micro, meso e macrosociológico, elementos teóricos e dados empíricos que permitissem entender minimamente este universo complexo que é objeto em questão. Entendemos que esta complexidade se amplifica com a falta de análises disponíveis nas Ciências Sociais brasileiras sobre o tema, mas também por ser um objeto que está em movimento e em constante mudança em um contexto político extremamente polarizado. Assim, esperamos que este trabalho tenha evidenciado as dinâmicas locais de atuação dos movimentos sociais analisados e que ele possa despertar o interesse e curiosidade de outros pesquisadores, para que possamos avançar teoricamente e empiricamente sobre o objeto de estudo em questão, bem como para romper com pré-noções e estereótipos limitantes a respeito dos movimentos sociais à direita e aos atores que os constroem.

REFERÊNCIAS

- AGRIKOLIANSKY, Eric. *Carrières militantes et vocation à la morale: les militants de la Ligue des droits de l'homme dans les années 1980*. **Revue Française de Science Politique**, v. 51, n. 1-2, p. 27-46, 2001.
- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, São Paulo, v. 76, p. 49-86, 2009.
- ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. **Revista Sociologia & Antropologia**, v. 2, n. 3, 2012. p. 21-41.
- ALONSO, Angela. A política das ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer. **Novos Estudos**, São Paulo, jun. 2017, p. 49-58.
- BARBIERI, Alexia Oliveira. Engajamento liberal no Brasil contemporâneo: repertórios e performances políticas. *In: I SIMPÓSIO DIREITAS BRASILEIRAS*. USP, novembro 2017. **Anais...** São Paulo: USP, 2017. Disponível em: <http://conferencias.fflch.usp.br/SDB/simposiodireitas/paper/view/2189/0>. Acesso em: 07 jun. 2018.
- BARBIERI, Alexia Oliveira. **A nova onda liberal: uma etnografia do protagonismo e engajamento pró-liberalismo no Brasil contemporâneo**. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre/RS, 2018.
- BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Chauvinismo e extrema direita: crítica aos herdeiros do sigma*. São Paulo: Edunesp, 2015.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. Hucitec, 4. ed. São Paulo, 1999.
- BECKER, Howard. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 232p.
- BEZERRA, Marcos Otavio. Corrupção e produção do Estado. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 14, n. 27, p. 99-130, 2017.
- BEZERRA, Marcos Otavio. Estado, representação política e corrupção: um olhar antropológico sobre a formação de fronteiras sociais. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**. v. 2, n. 2, Dossiê Cultura e Política, dez. 2012, p. 64-80.
- BIANCHI, Álvaro. A guerra que estamos perdendo. *In: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (org.) A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Muad, 2016. p. 121-124.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 2001.

BORN, C. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 240-265, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas/SP: Papirus, 1994.

CAIANI, Manuela. Extremism. In: SNOW, David; DELLA PORTA, Donatella; KLANDERMANS, Bert; MCADAM, Doug, (eds.) **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013, p. 440-442.

CAIANI, Manuela. Radical right-wing movements: Who, when, how and why? **Sociopedia**, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/205684601761>. Acesso em: 8 abr. 2019.

CAIANI, Manuela; KRÖLL, Patricia. The transnationalization of the extreme right and the use of the Internet. **International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice**, [S. l.], v. 39, n. 4, p. 331–351, 2015. Disponível em: Acesso em: 20 maio. 2020. <https://doi.org/10.1080/01924036.2014.973050>.

CAIANI, Manuela; PARENTI, Linda. The Dark Side of the Web: Italian Right-Wing Extremist Groups and the Internet. **South European Society and Politics**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 273-294, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13608740903342491>. Acesso em: 20 maio. 2020.

CALDEIRA NETO, O. Frente Nacionalista, neofascismo e “novas direitas” no Brasil. **Faces do Clio**, Juiz de Fora/MG, v. 2, p. 20-36, 2016.

CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. In: GALLEGOS, Esther Solano (org.); **O ódio como política**: A reinvenção da direita no Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados**: O Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CEFAI, Daniel. et. al. (org.), **Arenas públicas**: Por uma etnografia da vida associativa. Niterói-Rio de Janeiro, EdUFF, p. 67-102, 2011.

CEFAI, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas**, v. 2, n. 4, p. 11-48, 2009.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **internet & sociedade**, v. 1, n. 1, p. 30, 2020.

CESARINO, L. Identidade e representação no bolsonarismo. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, p. 530–557, 19 dez. 2019.

CHAIA, Vera. Internet e eleições: as comunidades políticas no Orkut nas eleições de 2006. **Logos**, v. 14, n. 2, p. 127-140, 2007.

CHALLOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retórica e prática política. *In*: 39º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. **Anais [...]**. Caxambu/MG, 2015.

CLEMENS, Elisabeth S. Repertórios organizacionais e mudança institucional: grupos de mulheres e a transformação da política nos EUA, 1890-1920. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 3. Brasília, p. 161-218, 2010.

CONSTANTINO, Rodrigo. **Confissões de um ex-libertário**: salvando o liberalismo dos liberais modernos. Record, 2018.

CORDEIRO, Janaina Martins. **Direitas em movimento**: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

COSTA, Joana D’Arc. **Dos movimentos sociais às funções institucionais**: a consolidação de uma geração política em Sergipe. 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

CRISTHIAN, A. Grupo de seguidores de Bolsonaro inaugura ponto de apoio em Aracaju. **Cinform on line**. 2017. Disponível em: <https://www.cinform.com.br/2017/08/26/bolsona-ro-agora-tem-ponto-de-apoio-em-aracaju>. Acesso em: 7 set. 2017.

CRUZ, José Vieira da. Da autonomia à resistência democrática: Movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1985. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, UFBA, 2012.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. **Megaeventos Esportivos no Brasil**: um olhar antropológico. Porto Alegre: Armazém do IPE, 2014.

DANTAS, José Ibarê Costa. **Os partidos políticos em Sergipe** (1889-1964). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

DANTAS, José Ibarê Costa. **A tutela militar em Sergipe, 1964-1984**: partidos e eleições num estado autoritário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

DANTAS, José Ibarê Costa. **Eleições em Sergipe**: 1985-2000. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DELLA PORTA, Donatella. A judges’ revolution? Political corruption and the judiciary in Italy. **European Journal of Political Research**, v. 39, n. 1, p. 1-21, 2001.

DELLA PORTA, Donatella (org.). **Global diffusion of protest: riding the protest wave in the neoliberal crisis**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2017a.

DELLA PORTA, Donatella. Anti-Corruption from Below. Social Movements Against Corruption in Late Neoliberalism. **Partecipazione e Conflitto**, v. 10, n. 3, p. 661-692, 2017b.

DIANI, Mario. The concept of social movement. **Sociological Review**, n. 40, 1992, p. 1-25.

DIANI, Mario; BISON, Ivano. Organizações, coalizões e movimentos. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 3, p. 219-250, jan.-jul. 2010.

DIBAI, Priscila Cabral. **Direita radical no Brasil pós-redemocratização: o caso de Jair Bolsonaro**. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Salvador/BA, 2018.

FERNANDES, Eduardo Georjão. Desafios contemporâneos para o estudo dos movimentos sociais: entrevista com Donatella della Porta. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 19, n. 45, p. 382-390, ago. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000200017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 ago. 2020.

FILLIEULE, Olivier. Propuestas para un análisis procesual del compromiso individual. Intersticios. **Revista Sociológica de Pensamiento Crítico**, v. 7, n. 1, 2013.

FILLIEULE, Olivier. Some Elements of an Interactionist Approach to Political Disengagement. **Social Movement Studies**, v. 9, n. 1, p. 1-15, 2010.

FILLIEULE, Olivier. Post-scriptum: Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel. **Revue Française de Science Politique**, v. 51, n. 1-2, p. 199-215, 2001.

FRETEL, J. Qual sociologia para o estudo dos partidos políticos conservadores? **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 5, 2011, p. 321-349.

FUKUYAMA, F. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GAXIE, Daniel. Rétributions du militantisme et paradoxes de l'action collective. **Revue Suisse de Science Politique**, v. 11, n. 1, p. 157-188, 2005.

GENTILE, Fabio. A direita brasileira em perspectiva histórica. **Plural – Revista de ciências sociais**, USP, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 92-110, 2018.

GOBBI, Danniell. **Identidade em ambiente virtual: uma análise Rede Estudantes Pela Liberdade**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – UnB, Brasília, 2016. 128f.

GOBBI, Danniell; VILAÇA, Luiz. Dos protestos às instituições: tecnologias digitais e o Movimento Brasil Livre. ST 08 - Internet e Política. In: II ENCONTRO INTERNACIONAL PARTICIPAÇÃO, DEMOCRACIA E POLÍTICAS PÚBLICAS (PDPP), **Anais [...]**. Vitória/ES, 2017. ISSN: 2527-0133, pp-1-21.

GODECHOT, Olivier. Interpretar as redes sociais. *In*: PAUGAM, Serge. **A pesquisa sociológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GOHN, Maria da Glória. A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 431-441, Maio/Ago. 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2007a.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. Loyola: São Paulo, 6. ed., 2007b.

GOHN, M. G. Teorias sobre a participação social: Desafios para a compreensão das desigualdades sociais. **Caderno CRH**. Salvador, v. 32, n. 85) p. 63-81. 2019.

GOIRAND, C. Movimentos sociais na América Latina: elementos para uma abordagem comparada. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Dez. 2009, v. 22, n. 44, p. 323-354.

GOLDSTONE, Jack A. More social movements or fewer? Beyond political opportunity structure to relational fields. **Theory and society**, v. 33, p. 333-365, 2004.

GROS, Denise. **Institutos Liberais e neoliberalismo no Brasil da Nova República**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (Teses FEE; N 6), 2003, 252pp.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferentes escalas. **Campos – Revista de Antropologia**, v. 12, n. 1, p. 9-29, 2011.

GUTIERREZ, Daniel. O engajamento militante enquanto prática social: ciclos de adesão, comprometimento e deserção. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 51, n. 1, mar./jun., p. 223-248, 2020.

HIRSCH-HOEFLER, S.; MUDDE, C. Right-wing movements. *In*: SNOW, D. A.; DELLA PORTA, D.; KLANDERMANS, B.; MCADAM, D. (ed.). **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements**. London: Blackwell, p. 1-8. 2013.

JASPER, James M. **Protesto: uma introdução aos movimentos sociais**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

KALIL, Isabela Oliveira (coord.). Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. out. 2018.

KAYSEL, André. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. *In*: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (ed.). **Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**, 2015, p. 49-74. DOI: <https://doi.org/10.1007/s13398-014-0173-7.2>.

KLANDERMANS, B; MAYER, N. Radical right Activists in Europe: Through the magnifying glass. London and New York: Routledge, 2006.

LAMOUNIER, B. Bases do autoritarismo revisitado: diálogo com Simon Schwartzman sobre o futuro da democracia brasileira. *In*: SCHWARTZMAN, L. F. et al. (org.). **O sociólogo e as políticas públicas**: ensaios em homenagem a Simon Schwartzman. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 53-66.

LAMY, Cláudia; PEREIRA NETO, Pedro. Movimentos Sociais e Redes Sociais Virtuais em perspectiva comparada. Lisboa, v. 12, n. 3, p. 272-294, set. 2018. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-59542018000300014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 14 abr. 2020.

LEME, Og Francisco. Dois modelos extremos de organização social e política. São Paulo: Massao Ohno Ed., 1998.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 945-970, Dec. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2238-38752019v9310>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sant/v9n3/2238-3875-sant-09-03-0945.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.

MADEIRA, Rafael Machado; QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. Da “direita envergonhada” às bancadas “evangélica” e “da bala”: os caminhos da representação política do conservadorismo no Brasil. *In*: 41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, GT 5 - Comportamento, Opinião Pública e Cultura Política, **Anais [...]**, Caxambu/MG, 2017, p. 1-24.

MAIA, Rousiley C. M. Atores da sociedade civil e ação coletiva: relações com a comunicação de massa. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 76, p. 87-118, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a04.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MAITINO, M. E. “Direita, sem vergonha”: conformações no campo da direita no Brasil a partir do discurso de Jair Bolsonaro. **Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, v. 25, n. 1, 2018, p. 92-11.

MARINHO, Marco Antonio Couto. Trajetórias de Vida: um conceito em construção. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, [S. l.], v. 13, n. 17, p. 25- 49, nov. 2017. ISSN 2359-0017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/15710>. Acesso em: 11 abr. 2018.

MARTINS, André Silva. **A direita para o social**: a educação da sociabilidade no Brasil contemporâneo. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

MATTOS, Marcelo Badaró. **De junho de 2013 a junho de 2015**: elementos para uma análise da (crítica) conjuntura brasileira. *In*: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (org.) *A onda*

conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Muad, 2016. p. 93-106.

MCADAM, Doug. **Political Process and the Development of Black Insurgency**, 1930-1970. Chicago, Um. Chicago Press, 1982.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney. Movimentos sociais e eleições: por uma compreensão mais ampla do contexto político da contestação. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 18-51, 2011.

MCADAM, D.; TARROW, S.; TILLY, C. **Dynamics of contention**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELO, Demian. A direita ganha as ruas: 67 elementos para um estudo das raízes ideológicas da direita brasileira. In: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (org.) **A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Muad, 2016. p. 67-76.

MELO, Marcos Ribeiro. Redes sociais, trajetórias e oportunidades político-culturais na mobilização. In: OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. (org.). **Engajamento e militância política em Sergipe: contexto político, engajamento individual e atuação profissional**. 1. ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2014, p. 5-85.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELUCCI, Alberto. **Challenging codes: collective action in the information age**. Cambridge: University Press, 1996.

MELUCCI, Alberto. The Process of Collective Identity. In: KLANDERMANS, Bert; JOHNSTON, Hank (org.). **Social Movements and Culture**. Minneapolis, Un. Of Minnesota Press, 1995, p. 41-63.

MENDONÇA, Clarice; FUKS, Mario. Privação relativa e ativismo em protestos no Brasil: uma investigação sobre o horizonte do possível. **Opin. Pública**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 626-642, Dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-01912015213626>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762015000300626&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 out. 2020.

MERCADANTE, Paulo. **A consciência conservadora no Brasil: contribuição ao estudo da formação brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.

MESSENBURG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, set/dez 2017.

MEZA, H.; TATAGIBA, L. Movimentos sociais e partidos políticos: as relações entre o movimento feminista e o sistema de partidos na Nicarágua (1974-2012). **Opinião Pública**, v. 22, n. 2, p. 350-384, 2016.

MILAN, Chiara. “Sow hunger, reap anger”: From neoliberal privatization to new collective identities in Bosnia-Herzegovina. *In*: DELLA PORTA, Donatella (org.). *Global diffusion of protest: riding the protest wave in the neoliberal crisis*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2017, p. 167-190.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, v. 6, p. 134-150, 1997.

MISCHE, Ann. Activist cohorts and trajectories, 1977 to 1996. *In*: **Partisan Publics: Communication and Contention across Brazilian Youth Activist Networks**. Princeton University Press, New Jersey, 2008.

MORENO, Rosângela Carrilo; ALMEIDA, Ana Maria F. “Isso é política, meu!” Socialização militante e institucionalização dos movimentos sociais. **Pró-Posições**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 59-76, maio/ago. 2009.

MORRESI, S. La difícil construcción de uma derecha democrática em América Latina. Lutas, Experiências e Debates na América Latina. *In*: IV JORNADAS INTERNACIONAIS DE PROBLEMAS LATINO-AMERICANOS. **Anais [...]**. Fox do Iguaçu, p. 1103-1125. 2015.

NAUJORKS, Carlos José; SILVA, Marcelo Kunrath. Correspondência identitária e engajamento militante. **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 136-152, jan./mar. 2016.

NOBRE, Marcos. **Choque de democracia: razões da revolta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a.

NOBRE, Marcos. **Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao governo Dilma**. Companhia das Letras, São Paulo: 204p. 2013b.

NOBRE, Marcos. 1988 + 30. **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 135-149, Jul. 2016. DOI: <https://doi.org/10.25091/s0101-3300201600020008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/nec/v35n2/1980-5403-nec-35-02-135.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira. de. A arte de resistir às palavras: Inserção social, engajamento político e militância múltipla. *In*: SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor Gastal (org.). **As ciências sociais e os espaços da política no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013, v. 1, p. 141-178.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira. Engajamento político, competência e elites dirigentes do movimento ambientalista. **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, p. 167-186, 2008.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira. Anti-corruption protests, alliance system and political polarization. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 3, 2020. No prelo.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira. de. **Paixão pela natureza**: atuação profissional e participação na defesa de causas ambientais no Rio Grande do Sul entre 1970 e início dos anos 2000. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 3. Brasília, janeiro-julho de 2010, p. 49-77.

OLIVEIRA, Wilson José F.; SANTOS, Adrielma Silveira dos. Eventos de protestos e dinâmicas de construção de causas públicas: a campanha do transporte coletivo como um problema público. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, XVII. **Anais...** UFRGS, Porto Alegre (RS), 2015.

OLSON, M. **A lógica da ação coletiva**: Os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais. 1 ed. 2. reimp. São Paulo: Edusp, 2015.

PASSY, Florence; GIUGNI, Marco. Life-Spheres, Networks, and Sustained Participation in Social Movements: A Phenomenological Approach to Political Commitment. **Sociological Forum**, v. 15, n. 1, p. 117-144, 2000.

PASSY, Florence; GIUGNI, Marco. Social networks and individual perceptions: explaining differential participation in social movements. **Sociological Forum**, v. 16, n. 1, p. 123-153, 2001.

PEREIRA, Matheus Mazzilli. Oportunidades políticas em um presidencialismo de coalizão. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 105, p. 217-252, set. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-217252/105>. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452018000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 set. 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova**, São Paulo, n. 100, p. 119-153, Jan. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-119153/100>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452017000100119&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 out. 2020.

POLLETTA, Francesca; JASPER, James M. Collective identity and social movements. **Annual Review of Sociology**, v. 27, p. 283-305, 2001.

RÉMOND, R. **Les droites em France**. Paris: Editions Aubier Montaigne, 1982.

RIBEIRO, Márcio Moreno. Antipetismo e conservadorismo no Facebook. *In*: GALLEGO, Esther Solano (org.); **O ódio como política**: a reinvenção da direita no Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

ROCHA, C. Passando o bastão: a nova geração de liberais brasileiros. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, v. 1, p. 1, 2014.

ROCHA, C. A nova direita brasileira surge na onda anti-PT e quer se descolar da velha direita desenvolvimentista. [Entrevista cedida a] Patricia Fachin. 15 setembro 2016. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/560085-entrevista-especial-com-camila-rocha>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ROCHA, C. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? *In*: GALLEGOS, Esther Solano (org.); **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

ROCHA, C. '**Menos Marx, mais Mises**': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI:10.11606/T.8.2019.tde-19092019-174426. Acesso em: 30 maio 2020.

RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. **Levante juventude, juventude é pra lutar: a relação entre esferas de vida e identidade na constituição do engajamento juvenil**. Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16892>. Acesso em: 28 maio 2020.

SADER, E. **O anjo torto: Esquerda e direita no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SALLES, T.; FRANCH, M. “Liberais por inteiro”: uma análise sociológica sobre a emergência de identidades políticas juvenis em torno do liberalismo na Paraíba. **Revista Abordagens**, João Pessoa, v. 1, n. 2, ago. /dez.2019 Edição Comemorativa – 40 anos do PPGS/UFPB.

SALLES, T.; FRANCH, M. A nova onda liberal: acordos e conflitos de uma geração. *In*: 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, Que sociologias fazemos? Interfaces com contextos locais, nacionais e globais. 2017, Brasília. **Anais...** 2017.

SANTOS, Adrielma Silveira dos. **Movimento Não Pago: emergência e condições de representação no cenário público de Aracaju/Se**, 2014. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2014.

SANTOS, Adrielma Silveira dos. Repertórios organizacionais e engajamento individual: eventos de protesto em defesa da causa do transporte público. 2015. *In*: SEMINÁRIO DE SOCIOLOGIA & POLÍTICA, 6º. 2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba (PR), 2015, v. 1, p. 1-17.

SANTOS, Adrielma Silveira dos. Emergência de movimentos de direita e liberais em Sergipe e sua relação com partidos políticos. **Paraná Eleitoral**, v. 5, n. 1, 2016a, p. 65-92.

SANTOS, Adrielma Silveira Fortuna dos. **Movimento estudantil universitário de Sergipe: modelos de organização, redes sociais e engajamento individual (2000-2015)**. 2016. 233 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – PPGS, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2016b.

SANTOS, Adrielma Silveira Fortuna dos. O militantismo estudantil universitário: uma análise sobre as carreiras militantes de dirigentes do DCE/UFS (2000-2015). *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS, 1, 2016c, São Cristóvão/SE. **Anais [...]**. São Cristóvão/ SE: PPGS/UFS, 2016c. p. 356-374.

SANTOS, Adrielma Silveira dos; OLIVEIRA, Wilson José F. de. Etnografia política das gramáticas de construção do transporte público e gratuito como uma causa pública. *In*: 39º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2015, Caxambu. **Anais...** Caxambu/MG, 2015.

SANTOS, Adrielma Silveira dos; OLIVEIRA, Wilson José F. de. Jovens e militantes: movimento estudantil universitário, juventudes partidárias e “improvisação” como forma de ação coletiva. *In*: 39º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2015, Caxambu. **Anais...** Caxambu/MG, 2015.

SANTOS, Adrielma; OLIVEIRA, Wilson; SANTOS, Jonatha. Jovens e militantes: movimento estudantil universitário, juventudes partidárias e “improvisação” como forma de ação coletiva. *In*: 39º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2015, Caxambu. **Anais...** Caxambu/MG, 2015.

SANTOS, Adrielma Silveira dos; SANTOS, Jonatha Vasconcelos. Movimentos estudantis na Universidade Federal de Sergipe: um reflexo do novo e do tradicional nas formas de socialização política dos jovens. *In*: IX COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 2015a. São Cristóvão. **Anais...** São Cristóvão (SE). 2015a.

SANTOS, Adrielma Silveira dos; SANTOS, Jonatha Vasconcelos, S. O espaço universitário, movimentos sociais e partidos políticos: por uma perspectiva relacional do campo político. *In*: IX COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. 2015b. **Anais...** São Cristóvão, 2015b.

SANTOS, Fabiano; TANSCHKEIT, Talita. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. **Colombia Internacional**, Bogotá, n. 99, p. 151-186, jul. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.06>. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-56122019000300151&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 set. 2020.

SANTOS, Jonatha Vasconcelos. **Juventudes partidárias em Sergipe**: organização, formas de atuação e engajamento militante. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2015.

SANTOS, Jonatha Vasconcelos. **“As manifestações de junho de 2013 pra gente não acabou”**: um estudo sobre as formas de contestação no Coletivo Debaixo em Aracaju. 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2017.

SAUNDERS, Clare. Activism. *In*: SNOW, D. A.; DELLA PORTA, D., KLANDERMANS, B.; MCADAM D. (ed.). **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements**. London: Blackwell, 2013, p. 1-2.

SAWICKI, Frédéric & SIMÉANT, Johanna. Inventário da sociologia do engajamento militante. Nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 200-255, set/dez 2011.

SCHEEFFER, Fernando. Esquerda e direita: velhos e novos temas. *In*: 38º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. **Anais [...]** Caxambu/MG 2014.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de Rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 417-429, Maio/Ago. 2014.

SCHWARTZMAN, Simon. **Bases do autoritarismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, [1982], 2007.

SCRUTON, Roger. **O que é conservadorismo**. São Paulo: É Realizações, 2015.

SEIDL, Ernesto. Disposições a militar e lógica de investimentos militantes. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 21-39, ago. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000200003>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072009000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2020.

SILVA, Marcelo Kunrath. De volta aos movimentos sociais? Reflexões a partir da literatura brasileira recente. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 46, n. 1, p. 2-9, jan/abr, 2010.

SILVA, Marcelo Kunrath. Sociedade civil e construção democrática: Do maniqueísmo essencialista à abordagem relacional. **Sociologias**, v. 8, Porto Alegre, 2006, p. 156-179.

SILVA, Marcelo K.; ARAÚJO, Gabrielle O.; PEREIRA, Matheus M. Análise de Eventos de Protesto no Estudo de Repertórios Associativos. *In*: ROBERTT, Pedro; RECH, Carla M.; LISDERO, Pedro; FACHINETTO, Rochele F. **Metodologia em Ciências Sociais Hoje**, Vol. 2: práticas, abordagens e experiências de investigação. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 311-330.

SILVA, Marcelo Kunrath; COTANDA, Fernando Coutinho; PEREIRA, Matheus Mazzilli. Interpretação e ação coletiva: o “enquadramento interpretativo” no estudo de movimentos sociais. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 25, n. 61, p. 143-164, Mar. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-987317256102>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782017000100143&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2020.

SILVA, Marcelo Kunrath; OLIVEIRA, Gerson de Lima. A face oculta(da) dos movimentos sociais: trânsito institucional e intersecção Estado-Movimento – uma análise do movimento de economia solidária no Rio Grande do Sul. **Sociologias** (UFRGS. Impresso), v. 13, p. 86-124, 2011.

SILVA, Marcelo K.; PEREIRA, Matheus M.; SILVA, Camila F. As Raízes do Ativismo Conservador Contemporâneo no Rio Grande do Sul: as manifestações públicas de empresários e profissionais liberais gaúchos - 1970-2010. *In*: 40º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. **Anais [...]**. Caxambu, MG, Brasil, 2016.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** Brasília, n. 21, p. 187-226, dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-335220162106>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522016000300187&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2020.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos Cebrap**, v. 97, p. 23-40, 2013.

SNOW, David A.; BENFORD, Robert D. Ideology, frame resonance, and participant mobilization. *In*: KLANDERMANS, B., KRIESI, H.; TARROW, S. (ed.) **International Social Movement Research**: v. 1. London: JAI Press, 1988.

SNOW, David; MCADAM, Doug. Identity work processes in the context of social movements: clarifying the identity/movement nexus. *In*: STRYKER, Sheldon; OWENS, Timothy; WHITE, Robert. **Self, identity, and social movements**. Minnesota: University of Minnesota Press, 2000. p. 41-67.

SNOW, David; ROCHFORD, E. Burke; WORDEN, Steven K.; BENFORD, Robert. Frame alignment processes, micromobilization and movement participation. **American Sociological Review**, v. 51, p. 464-481, 1986.

TARROW, S. **O poder em movimento**: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 13, n. 28, Set./Dez. 2014.

TATAGIBA, Luciana. Os protestos e a crise brasileira. Um inventário inicial das direitas em movimento (2011-2016). **Revista Sinais Sociais**, v. 11, p. 71-98, 2017.

TATAGIBA, Luciana; PATERNIANI, Stella Zagatto; TRINDADE, Thiago Aparecido. Ocupar, reivindicar, participar: sobre o repertório de ação do movimento de moradia de São Paulo. **Opinião Pública**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 399-426, Nov. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762012000200007. Acesso em: 15 out. 2020.

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. **CorruPTos**: um ensaio sobre protestos à direita no Brasil (2007-2015). Núcleo de Pesquisa em Participação, Movimentos Sociais e Ação Coletiva (Nepac- Unicamp), Campinas (SP): Unicamp, 2015.

THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F. (1918-1920) **The Peasant Family; Economic Life; The Peasant Letter; Correspondence between Husbands and Wives**: Borkowski series; Social Disorganization; Social Reorganization; Organization of the Immigrant: The Polish-American Community; Disorganization of the Immigrant; Life Record of an Immigrant in The Polish Peasant in Europe and America. University of Illinois Press, Urbana, 1984.

TILLY, Charles; TARROW, Sidney. **Contentious politics**. Boulder, Paradigm Publishers, 2007. 224p.

TILLY, Charles. **From mobilization to revolution**. Boston: Wesley Publishing Company, 1978.

TILLY, Charles. Movimentos sociais como política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 3, 2010.

TURNER, Jonathan H. **Sociologia:** conceitos e aplicações. São Paulo: Makron Books, 1999.

ANEXO A – Pesquisadora é fotografada



Fonte: Arquivo cedido pela Liderança 01, 2016.

ANEXO B – Pesquisadora em uma manifestação



Fonte: Arquivo cedido pela Liderança 01, 2016.

APÊNDICE A – Roteiro de referência para Entrevista Semiestruturada

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Nome: _____

Sexo: _____

Data de nascimento: _____

Endereço: _____

Movimento Estudantil no qual milita ou já militou: _____

Estado civil: _____ -

1. Engajamento militante e político

1. Gostaria de saber como e quando foi seu primeiro contato com a política, seja ela partidária e/ou associativa.
2. Em relação aos Movimentos Muda Brasil/Vem Pra Rua/Partido Novo, como você se tornou membro e de que forma atua?
3. Gostaria de entender como vocês organizavam o protesto, o que era preciso para que o protesto acontecesse e se havia uma comunicação com os movimentos nacionais.
4. Como era feita a mobilização, o recrutamento de novos militantes/membros tanto para os protestos quanto para o movimento?
5. Na sua visão, qual o papel que as mídias sociais tiveram e têm para organização de movimentos conservadores, liberais e de direita, movimentos que você faz parte hoje?
6. Na sua opinião, qual o perfil das pessoas que faziam ou fazem parte dos movimentos Vem Pra Rua, Muda Brasil, MBL, etc.?
7. Você participou de todas as manifestações *pró-impeachment* organizadas pelo movimento no estado? Como foi esta experiência?
8. Nas eleições de 2016 você apoiou algum candidato, qual?
9. Você tem interesse em se candidatar algum dia? Para qual cargo?
10. Como você vê a atuação e organização dos movimentos liberais, conservadores e de direita no estado?
11. Como você define ideologicamente e politicamente os movimentos de que você faz ou fez parte?

2. Esfera escolar

Escolaridade

- () Ensino Fundamental
- () Ensino Médio
- () Ensino superior incompleto
- () Ensino superior completo
- () Especialização
- () Mestrado
- () Doutorado
- () Pós-doc

13. Onde foi que você estudou durante o ensino básico? Você teve nesse período algum tipo de engajamento associativo ou partidário?
14. Tem algum evento, pessoa ou experiência que te marcou durante o ensino básico, que influenciou sua entrada na política?
15. Em relação ao ensino superior, onde você estudou? Qual ou quais cursos você fez? Fez pós-graduação?
16. Seu curso lhe ajuda de alguma forma na sua vida política-militante? Como?

17. Você atuou no movimento estudantil secundarista ou universitário? Como foi esta experiência?
 18. Você tem amigos ainda do tempo do ensino básico e superior? Eles também atuam na política partidária e/ou associativa? Pode citar os nomes deles?

3. Esfera Familiar

19. Quem faz parte da sua família? Você mora com seus pais?
 20. Qual a profissão dos seus pais e o nível de escolaridade?
 Mãe _____ Pai _____
 21. Seus pais, irmãos ou algum outro parente faz parte e/ou já fez da política partidária ou associativa?
 22. Você se relaciona amorosamente com alguém? A pessoa faz parte da política partidária e/ou do associativismo?
 23. Alguém da sua família te influenciou para participar da política? Quem?
 24. Seus familiares participaram das manifestações *pró-impeachment*?

4. Esfera Religiosa

25. Você tem alguma religião? Qual?
 26. Em sua vida você já teve algum engajamento religioso? Me fale como foi esta experiência.
 27. Se fosse para definir o gradual de engajamento religioso que você tem hoje, qual alternativa você marcaria?
☐ Nenhum (não participada de nenhum rito religioso)
☐ Fraco (participa esporadicamente)
☐ Moderado (participa com regularidade de ritos religiosos)
☐ Forte (participa de ritos religiosos com regularidade e é engajado em grupos religiosos)
 28. Sua experiência em grupos religiosos te ajuda de alguma forma na sua militância político-partidária e associativa? Como?
 29. Alguma experiência, evento ou pessoa marcou sua vida religiosa? Me fale um pouco disso.

5. Esfera Profissional

30. Quando você começou a trabalhar? Onde foi? Como foi esta experiência?
 31. Atualmente, onde você trabalha?
 32. Qual a média de salários mínimo que você ganha atualmente?
☐ 1 a 2 salários mínimos
☐ 3 a 4 salários mínimos
☐ 5 a 6 salários mínimos
☐ 7 a 8 salários mínimos
☐ 8 a 10 salários mínimos
☐ Outros

6. Esfera Cultural

33. O que você gosta de fazer nos finais de semana?
 34. O que você gosta de ouvir, assistir, ler?
 35. Quantas vezes por mês você vai ao cinema?
☐ 0
☐ 1-2
☐ 3-4
☐ 5-6
 36. Quantas vezes por mês você vai ao teatro, exposição de artes, concerto?
☐ 0
☐ 1-2
☐ 3-4
☐ 5-6

37. Você já viajou e/ou fez intercâmbio internacional? Para onde? E como foi a experiência?

7. Para concluir

38. Como você definiria a relação do Ilise e da JLT com os seguintes movimentos: Juventude Livres, DS, MSJB, JCS?
39. Cite até cinco nomes de pessoas com quem eu poderia fazer esta entrevista.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A senhora está sendo convidada a participar de forma voluntária, da pesquisa intitulada *Política institucional e Política Contenciosa: uma investigação sobre as condições de emergência dos movimentos de direita, liberais e conservadores do estado de Sergipe (2014-2018)*, que tem como pesquisadora responsável **Adrielma Silveira Fortuna dos Santos**, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe, orientada pelo Prof. Dr. **Wilson José Ferreira de Oliveira**, que podem ser contatados nos e-mails: adrielmac.s@gmail.com e etnografia.politica@gmail.com. A pesquisa tem por objetivo geral: investigar as condições de emergência e as formas de organização dos movimentos sociais e organizações de direita, liberais e conservadoras do estado de Sergipe. Ressalta-se que a qualquer momento da pesquisa e durante a entrevista o participante pode desistir de participar. Em relação aos riscos da pesquisa, é importante informar que determinadas perguntas podem causar desconforto, como também o participante poderá ser solicitado mais de uma vez para esclarecer informações que não ficarem claras em um primeiro contato, demandando mais tempo do que o informado inicialmente. Em relação aos benefícios da pesquisa para os participantes, será publicado um estudo científico sobre a temática no estado de Sergipe, como ainda a pesquisadora se colocará à disposição para orientar de forma gratuita os participantes com base nos resultados alcançados com a pesquisa, por exemplo, resultados sobre formas de organização no associativismo. Receberão a tese em formato de PDF via e-mail. Ressalta-se ainda que na escrita da tese os nomes de todos aqueles que participarem de forma direta ou indireta serão trocados, caso o participante deseje, como forma de preservar sua identidade, o que não ocorrerá com os nomes dos movimentos que eles participarem ou liderarem, uma vez que se tratam de movimentos e organizações públicas. Observa-se ainda que todo material coletado e fornecido pelos participantes durante a pesquisa será utilizado exclusivamente para esta pesquisa e publicações (artigos, livros, resumo, etc.) geradas a partir dela.

Eu _____ concordo em participar, mas não autorizo o uso do meu nome nas publicações científicas geradas a partir desta pesquisa. Minha participação consistirá em fornecer dados sobre minha vida militante, aspectos relativos às vivências familiares, religiosas, escolares e profissionais, bem como sobre minha vida acadêmica, profissional, cultural e política. Fornecerei informações também sobre o movimento social e/ou organização de que faço parte, nos seguintes aspectos: origem do movimento, formas de organização e atuação, interação entre os membros do movimento e entre estes e outras organizações políticas. Compreendo que este estudo possui finalidade de pesquisa, que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa. Sei que posso abandonar a minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Nome

Data

Assinatura